PORTUGAL E BRAZIL

NACIONALIDADE, LINGUA E LITTERATURA

DE

PORTUGAL E BRAZIL

POR

J.-M. PEREIRA DA SILVA

DO CONSELHO DE S. M. O IMPERADOR DO BRAZIL

PARIZ

GUILLARD, AILLAUD E Cᴬ,

LIVREIROS DE SUAS MAGESTADES O IMPERADOR DO BRAZIL
E EL-REI DE PORTUGAL

47, RUA SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47

1884

AO PUBLICO

O Sñr Conselheiro Pereira da Silva effectuou, no anno de 1880, na escola publica da Gloria, no Rio de Janeiro, um curso de historia da nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil, perante S. M. o Imperador e numerosissimo concurso de espectadores.

Sobre as notas tachygraphicas corrigio-o o autor, tirando-lhe tudo quanto se referia á occasião e aos ouvintes, deixando-lhe, todavia, a phisonomia propria da oratoria e do improviso da tribuna.

D'ahi procede o novo livro que os editores offerecem ao illustrado publico, esperando para elle o fervoroso acolhimento que no Brazil tem sempre dispensado ás obras do conhecido escriptor.

Os Editores.

OBRAS PUBLICADAS DO MESMO AUTOR

Historia da Fundação do Imperio Brazileiro (1808 a 1825); 2ª edição... 3 vol. in-8º

Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brazil (1825 a 1831); 2ª edição... 1 —

Historia da minoridade de D. Pedro II no Brazil (1831 a 1840)... 1 —

Curso da historia dos descobrimentos, conquistas, colonisação e civilisação da America... 1 —

Varões illustres do Brazil dos tempos coloniaes; 3ª edição.. 2 —

Memorias politicas e litterarias........................... 2 —

Discursos parlamentares................................. 2 —

Jeronymo CorteReal, chronica do seculo XVI............. 1 —

Manuel de Moraes, chronica do seculo XVII............... 1 —

Aspasia, romance contemporaneo......................... 1 —

Gonzaga, poema .... 1 —

EM FRANCEZ:

Situation sociale, politique et économique du Brésil......... 1 vol in-8º

Littérature portugaise, son passé, son état actuel.......... 1 —

NACIONALIDADE, LINGUA E LITTERATURA

DE

PORTUGAL E BRAZIL

I

Inicio hoje uma serie de conferencias ácêrca da historia da nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e Brazil. Da peninsula Iberica procede a nação portugueza, e d'esta a brazileira. Ao principiar o seculo XII destacara-se Portugal do tronco hespanhol para formar um estado independente. No XVI, descobrio as terras do Brazil e principiou a colonisa-las e povoa-las com sua raça. No XIX, proclamou o Brazil sua emancipação politica e social, e tornou-se egualmente imperio autonomo.

Nenhum estudo me parece mais interessante e instructivo para Portuguezes e Brazileiros. Indagar suas origens, apreciar sua historia passada, conhecer o desenvolvimento e progressos de suas patrias respectivas, é uma necessidade para que ambos os povos europeo e americano avaliem

suas circumstancias actuaes, prevejam seu futuro, e mais se estimem, considerem e respeitem reciprocamente.

Devem os Portuguezes commetter todos os sacrificios para manterem illesa sua independencia de Hespanha. Possuem todos os elementos e condições indispensaveis para a firmarem e perpetuarem. Não podem, porém, deixar de prezar os seus visinhos da peninsula Iberica, oriundos como todos são da mesma familia. Identico procedimento cabe aos Brazileiros em relação a seus maiores de Portugal, a cuja historia se prende a sua propria, durante o tempo do regimen colonial, com todas as suas venturas e desastres, perigos e calamidades.

É hoje sabido que a Europa recebeu da Asia seus primeiros habitadores. Sinão simultanea, quasi simultaneamente, duas correntes d'emigração se foram derramando; uma pelo Norte, que inundou a Europa septentrional, Allemanha, Scandinavia, França, terras do Danubio, Paizes Baixos, Inglaterra e Hespanha. Dividida em familias ou grupos, com a denominação generica de Celtas, tomaram varias denominações em cada um solo que occuparam: aqui Gallos, ali Aquitanios, mais alem Bretões, Belgas, Lusitanos, Galaicos, Asturios, Helvecios, Sequanos, etc.

A segunda corrente transferio-se do Egypto e Syria para a Grecia, as costas septentrionaes da Africa e ilhas do Mediterraneo. D'esta ultima derivam povos que se illustraram pelo commercio, navegações, guerras, lettras e sciencias: Phenicios, Carthaginezes, Romanos, e Gregos particularmente.

Foram essas tribus de homens expellidas da Asia, ou sentiram expontaneamente necessidade de emigrar? Pontos ainda não perfeitamente esclarecidos, posto que se não duvide que ambas as correntes transbordadas da Asia para a Europa pertenciam á familia Aryana, que habitava os

territorios situados entre o mar de Aral e as montanhas de Hindo-ko.

De toda essa descendencia dos antigos invasores foi o povo romano, o mais notavel conquistador e colonisador. Dominou o Oriente, o Occidente, o Norte e o Sul, submettendo com suas armas e curvando a seu jugo quantas nações encontrara, de modo que a maior parte da Allemanha chamada pelos Romanos Germania, e da Inglaterra denominada Britannia, todos os paizes do Danubio, a França então conhecida pelo titulo de Gallia e comprehendendo os Paizes Baixos, a Italia, as Hespanhas, os estados da Africa banhados pelo Mediterraneo, até o extremo da Mauritania Tingitana ou Marrocos, o Egypto, a Syria, a Grecia, a Asia menor e vastos territorios até a Arabia, a Persia, a Armenia e o mar Negro; tudo Roma avassallou, tudo avassallou a seu imperio, tudo obrigou a obedecer a suas leis e subordinar-se a seu sceptro.

Podia-se dizer romano o mundo conhecido durante os tres primeiros seculos da era christã. Roma governava as colonias numerosissimas que submettera e as desenvolvia á sua imagem, impondo-lhes sua lingua, suas leis, suas instituições, seus costumes, suas tradições: assim se assimilava os vencidos e os fundia na sua propria nacionalidade.

Cada uma cidade, cada um estado se administrava pela mesma forma que a propria sede do colossal imperio, que a pouco e pouco foi concedendo a todos os povos subjugados os foros e titulos de cidadãos romanos, e formando assim como que uma unificação da sua sociedade. A lingua latina tornou-se portanto universal, lutando apenas com a grega, que sempre cultivada fora e até pelos Romanos que com ella se educavam e d'ella recebiam luzes proveitosas.

Nada ha de mais curioso que a marcha e transformação

paulatina do imperio romano. Extincta a republica por Cesar, reinaram alguns membros da sua familia. Passou depois o trono aos romanos predilectos dos soldados e lictores. Espalhado o direito de cidadão aos varios povos conquistados, estes eguaes em tudo aos Romanos, collocaram a corôa na cabeça ao principio de Italianos, depois de Hespanhoes. Gallos e Africanos se seguiram, e por fim Orientaes europeos e da Asia, e até Arabes, que começavam a apparecer.

Tornou-se assim o imperio não já romano, mas universal, e occuparam egualmente empregos importantes civis e militares Gallos, Hespanhoes, Africanos, Gregos, Asiaticos e Germanos.

Escreveram obras litterarias e scientificas na lingua latina, e honraram a patria commum, tanto Italianos e Romanos, como os nascidos em vastos territorios em que predominava o imperio. Não são desconhecidos Trajano, Theodosio, Aureliano, Septimio Severo, Constantino, Marco Aurelio, imperadores, e Seneca, Lucrecio, Marcial, Quintiliano, Lucano, Belisario, Narsez, Columella e muitos outros vultos notaveis, que enriqueceram as paginas da historia romana.

Erguida ao apogeo de sua grandeza e magnificencia, eis que pelas partes septentrionaes europeas do imperio romano começaram a irromper e precipitar-se hordas de novos povos invasores, que se haviam transferido egualmente da Asia. Sentiram-se as convulsões e presentiram-se os perigos antes ainda de terminar o seculo III.

O imperador Constantino tratou de segurar e garantir melhor a sede de seus estados. Roma, geographicamente, achava-se muito exposta aos riscos de invasões subitas. O Oriente offerecia mais elementos de defeza ao imperio. Por outro lado Roma inspirava-se de reminiscencias re-

publicanas e de saudades e vestigios do culto pagão. Correndo os olhos pelo mappa dos seus estados, descobrio o local de Bysancio ás margens do Bosphoro, dominando a Europa e a Asia, com todos os recursos necessarios. Para lá transplantou a capital dos seus estados, abandonando a antiga cidade do Lacio.

Consumou-se com este acto uma grande revolução. O christianismo tornou-se a religião dominante. Apoiado em suas doutrinas, fortificou-o o imperador, estabelecendo sua residencia em Constantinopla, adornada já com todas as riquezas d'arte que mandou ir de Roma e das provincias, habitada pelas mais importantes familias que preferiram desamparar a Italia para acompanhar o monarca, enriquecida com monumentos publicos e templos soberbos que se mandaram construir.

As tribus barbaras se foram no entanto precipitando do Norte para o Occidente e sul da Europa entre o IV e o V seculos. De origem em geral germanica, dividiam-se em Francos, Godos, Vandalos, Alanos, Suevos, Allemães, Saxões, Borgonhezes, Lombardos, que se empurravam umas ás outras, e submettiam a suas armas as antigas populações das Germanias, Gallias, Hespanhas, Britannia e Italia septentrional, arrancando-as ao imperio romano e reduzindo-as a escravidão.

O imperio romano se foi assim desmoronando na Europa occidental. Até a propria Roma abandonada da sua corte e reduzida a cidade de provincia, não escapou ao cataclisma que desabara sobre o mundo. Assaltada por diversas vezes, destacou-se por fim de sua submissão ao Oriente e a Constantinopla. Nas margens do Bosphoro e até o seculo XV pode ainda resistir o imperio dos Cesares, mais ou menos atribulado de sustos e cercado de perigos temerosos, amoldado porém já aos usos e luxo asiatico e aos

vicios que corroiam populações gastas e desmoralisadas; ainda que conservou a religião christã, proclamou como chefe espiritual um novo pontifice independente do romano, e trocou por fim a lingua latina pela grega, que fallavam a maxima parte dos povos que se lhe conservaram adhesos e obedientes.

No entanto, como a intelligencia governa sempre o universo e se impõe á força e aos homens, as tribus teutonicas que se apoderaram do mundo romano occidental se deixaram influenciar pelas doutrinas do culto catholico, e o adoptaram bem como a lingua latina que a Egreja cultivava e fallava, desapparecendo ante a pureza e inspiração da religião de Christo os dogmas extravagantes dos povos barbaros, e ante a lingua latina os seus selvagens idiomas.

Apezar d'estes dois factos salutares para a civilisação, a anarquia espalhou-se, a barbaria cobrio o mundo do Occidente, as trevas de uma noite tenebrosa substituiram a luz do dia que abrilhantara o imperio romano.

Os restos de lettras e sciencias esconderam-se e aninharam-se nos conventos, que se espalharam por toda a parte, e no seio da Egreja catholica de Roma, que continuou a cultivar os campos proveitosos da intelligencia. Talentos superiores contou gloriosamente a Egreja christã tanto latina como a grega entre seus sacerdotes, que se nobilitaram pelas lettras e sciencias, e exerceram benefica influencia pelas suas virtudes e genio. Commemoram-se com jubilo e gratidão esses Padres illustrados, que em grego e latim fallavam e escreviam, ensinando os povos e contendo nucleos importantes de população no respeito ás leis e instituições, na fé do christianismo e na pratica das virtudes. Curvemos a fronte ante os Basilios, Athanasios, Chrisostomos, Agostinhos, Gregorios e Jeronymos, que sabiam

alliar os melhores exemplos da vida pratica á sciencia e á inspiração eloquente.

Para annuvear todavia a athmosphera, após as tribus germanicas mostraram-se as hordas slavas, que se apoderaram das margens do Danubio, da Bohemia, da Polonia e dos paizes do Norte. Foram ainda seguidas de outras familias de selvagens, que assaltaram a Hungria, onde se conservaram, e depois as Gallias, Germania e Italia, que tiveram de abandonar pela resistencia efficaz que encontraram; denominavam-se Hunos e Bulgaros.

Durante os seculos V, VI até o VIII, erupções sobre erupções de povos novos se espalharam assim pela Europa, baralhando-se e combatendo-se mutuamente, quando um governo, e poderoso governo, tentou organisar-se.

Carlos Magno, de raça franca, investindo-se do titulo de imperador de Occidente, reunio sob seu sceptro todas as Gallias, a melhor parte da Allemanha até o Danubio, e a propria Italia. Apezar, porém, da altivez do seu espirito, e das providencias que sabiamente resolvera, a epocha não estava preparada para conservar sua obra, e apenas desceu no sepulchro na sua capital de Aix-la-Chapelle, todo o seu imperio se foi desmoronando e desmembrando, como cartas de jogar sopradas pelo vento. Os Godos tinham conseguido, no entanto, do seculo V em diante, apoderar-se de todas as Hespanhas, e ahi estabelecer sobre as ruinas das colonias romanas uma nação mais ou menos regularisada, com monarquia electiva, representação de assembleas, abraçando a religião christã, e preferindo a lingua latina ao proprio idioma que costumavam fallar.

Mas eis que pelo Sul irrompeu nova inundação de povos novos, sahidos tambem da Asia, ao decorrer o seculo VII para o VIII. Eram os Arabes, creados, por assim dizer, pelo genio de Mahomet, que se constituira chefe guer-

reiro, politico e religioso, e que pelo fanatismo concentrou sob sua direcção e mando varios povos asiaticos, formando uma nação que conquistou toda a Asia desde o mar de Aral e o do Indostão até o mar Vermelho e o Mediterraneo, estendeu seu poderio sobre toda a costa africana desde o Egypto até o cabo Noun no oceano Atlantico, e d'ahi transferindo-se para as ilhas da Sicilia, Sardenha, Corsega, Chypro e Baleares, e para Hespanha, conquistou toda a Iberia, e ousou passar os Pyreneos, apoderar-se da parte meridional de França e aproximar-se por um lado de Lyão e por outro de Tours. Uma grande derrota, porém, que supportaram os Arabes nas visinhanças do rio Loire, repellidos pelos Francos ás ordens de Carlos Martel, os constrangeu então a retroceder para os Pyreneos, abandonados os seus primeiros designios de assenhorar-se de mais terras europeas do Norte.

Era, todavia, differente o povo arabe dos outros invasores, teutonicos, hunos, hungaros e slavos. Estes não passavam de barbaros, e por isso, posto que vencedores e dominadores, deixaram-se fundir mais ou menos com as nações primitivas, e muitos lhes adoptaram até os costumes, leis, instituições, lingua e religião. Os Arabes, illustrados e herdeiros litterarios e scientificos dos Gregos, representavam a civilisação antiga e transplantavam aos paizes, que domaram, luzes, brilhantismo e fausto extraordinario. Como os Romanos, conseguiram formar um grande imperio devido á força das armas e á conquista sistematica, e fazê-lo durar alguns seculos, brilhante e radioso, porque impunham apenas com a obediencia dos vencidos suas instituições, costumes, leis e lingua, concedendo-lhes a liberdade de religião, para os conterem pelo laço mais forte da gratidão, que é o da consciencia.

Fundaram os Arabes lyceos, academias, bibliotecas,

escolas, estabelecimentos scientificos e litterarios, monumentos artisticos em varias cidades da Asia, da Africa e das Hespanhas, convertendo em pontos luminosos os seus territorios ao lado e no meio das trevas que escureciam o Occidente christão, que se estorcia na barbaria. Apenas os Gregos de Constantinopla poderiam então emparelhar com elles em civilisação, posto que corruptos de vicios hediondos e incuraveis, quando os Arabes se mostraram illustrados e moralisados.

Foi um glorioso imperio o dos Arabes, tanto mais digno de admiração quanto florescêra em eras tão barbaras, e entre povos submergidos na maior ignorancia. Em Bagdad, capital do estado, governava o Califa, herdeiro do legislador, do propheta, do estadista, do guerreiro Mahomet, todos os terrenos que se estendem das serras de Himalaya até os fins da Mauritania sobre o Atlantico, abrangendo as ilhas do Mediterraneo e a peninsula Iberica. Formou um povo rico, agricola, industrioso, navegante, emprehendedor, conquistador.

Aroun Al-Raschide, no seculo VIII, chamou á sua corte sabios gregos, e fomentou o estudo das litteraturas grega e orientaes, reunindo os seus thesoiros em bibliotecas importantes, onde se encontravam os originaes ao lado de traducções cuidadosameute effeituadas. Imitaram-lhe o exemplo seus successores, e em pouco tempo Badgad, Bassoura, Damasco, Ispahan, na Asia; Cairo, Fez, Marrocos, na Africa; Sevilha, Cordova, Malaga, Granada, nas Hespanhas, tornaram-se centros de luzes, e resplandeceram com o ensino da medicina, pharmacia, chirurgia, mathematicas, astronomia, geographia, agricultura, historia, sciencias naturaes e bellas lettras.

Em quanto o mundo mussulmano esteve unido sob o sceptro dos califas asiaticos, e mesmo depois que Hespa-

nha e Africa formaram um imperio independente com seu califa, por causa das dissenções das duas familias Abassides e Omayadas, pelas quaes se dividiram os povos varios de raça, mas que todos abraçavam o Alcorão, eram tudo progressos e vantagens para elle. Na Hespanha dividio-se todavia depois a nação mussulmana em varios estados independentes com emires particulares, uns de pura raça arabe, outros sarracenos e moiros da Africa, que haviam auxiliado a conquista da terra e depois attrahidos a ellà pela sua riqueza, mas que entre si travaram guerras civis, que causaram egualmente o desmoronamento do imperio arabe nas Hespanhas.

Posto que em guerra com os christãos, foram a estes na Europa proveitosos os Arabes, porque receberam d'elles o gosto das lettras e sciencias, o espirito cavalheiroso, a adopção de melhoramentos moraes e de progressos materiaes, e muitos outros beneficios de immensa importancia. Quantas invenções industriaes e scientificas foram introduzidas na Europa pelos Arabes? O relogio para fixar as horas, a bussola para a navegação, o papel de algodão e linho para a escripta, a polvora para a guerra, os algarismos para a contabilidade, as irrigações para a fertilidade das terras e os estudos de historia natural e conhecimentos de substancias mineraes e vegetaes applicaveis á medicina e pharmacia. Foram os Arabes que aperfeiçoaram a arithmetica, crearam a algebra, applicaram a mechanica a instrumentos chirurgicos, e deram grandes desenvolvimentos ás mathematicas e astronomia.

Do seculo XII em diante foi que começou a raiar na Europa uma athmosphera mais auspiciosa. Ainda que aos governos brutaes dos chefes teutonicos se seguio a organisação politica dos feudos, isto é, de mil pequenos soberanos, que se trucidavam mutuamente, uma nova potencia

sobrepujou a todas as influencias da terra, reconhecida e aceita geralmente, potencia espiritual, mas que se convertera, pelo impulso de Carlos Magno, em temporal, e podia assim á palavra e mandamento moral ajuntar o emprego das armas materiaes para coagir pela força quem não quizer obedecer-lhe á decisão espiritual. Era o bispo de Roma, que como successor de são Pedro, se havia elevado á thiara pontificia e á corôa temporal, e se considerava o soberano dos soberanos do Occidente, como chefe da Egreja catholica, que se intitulava universal.

Si muito ganhou a Europa com o contacto do dominio arabe nas Hespanhas, para rasgar as trevas que a cobriam e preparar-se para um futuro de civilisação, concorreu egual e poderosissimamente com sua influencia para aperfeiçoamento dos costumes, propagação das luzes, reconhecimento do direito, moralisação da sociedade, liberdade e a egualidade dos homens, a magnifica instituição do Papado romano, que no Occidente preponderava, abandonado o Oriente ao Pontifice grego.

Era a força, a idea moral contra as violencias e brutezas da epocha. Amparava o fraco contra o forte, o pequeno contra o grande, os humildes contra os soberbos. Curvava reis, senhores feudaes, magnates, despotas, com o temor das penas espirituaes, com o influxo da religião, com os sustos que os anathemas e excommunhões produziam nas consciencias, e que eram poderosas armas da Egreja catholica. Quantos serviços á humanidade não prestou o energico pontifice Gregorio VII, resistindo e combatendo os chefes germanicos, que alardeavam haver herdado a corôa imperial de Carlos Magno, e ambicionavam subjugar com braço de ferro as nações do Occidente e o proprio solio de são Pedro?

Ao mesmo tempo a Egreja catholica, por meio de seus

sacerdotes e de seus conventos, fomentava no Occidente o culto das lettras, promovia a sciencia do ensino, abrindo escolas por toda a parte, e guardando em deposito os thesouros da litteratura e lingua latina, que podera salvar do seio das tempestades politicas e das guerras barbaras que se travavam!

No correr do seculo XIII, dos conventos passaram-se para edificios publicos as escolas de ensino; instituiram-se universidades, como a de Pariz en França, Oxford em Inglaterra, Padua em Italia, Salamanca em Hespanha, para se cultivarem a theologia, os canones, a jurisprudencia, a medicina e alguns ramos litterarios. Os Papas as iniciaram por meio de breves e bullas, e a lingua latina foi a unica admittida para os estudos, que bem mais theologicos que litterarios e scientificos, começaram todavia a produzir os mais proveitosos fructos. Este movimento dos espiritos se foi posteriormente derramando e mais tarde outras universidades instituidas, como as de Coimbra, Cambridge, Valença, Bolonha, Tolosa, Napoles e Roma.

Posto que a edade denominada media pelos historiadores finde unicamente ao transpor-se o seculo XV para o XVI, que é quando as sociedades europeas modernas parecem regularisar-se e firmar-se, cumpre com tudo advertir que do seculo XII começa o renascimento litterario; em umas nações melhor se desenvolve, em outras mostra-se mais lento e vagaroso.

Foi no seculo XII que na Allemanha se dividira o solo por senhores feudaes leigos e ecclesiasticos, verdadeiros e reaes soberanos, bem que um por elles nomeado se intitulasse imperador, e se constituisse por dois seculos a tres a primeira potencia e força temporal, dizendo-se successor de Carlos Magno. Retalhara-se a França em varias porções, tocando uma das mais importantes ao denominado

rei, e outras aos chamados duques e condes soberanos, da Normandia, Bretanha, Borgonha, Tolosa, etc. Na Italia, levantaram-se algumas republicas independentes ao lado de estados da Egreja e de diversos chefes temporaes. De França partiram os Normandos para conquistarem Inglaterra, subjugando os Anglo-Saxões e reduzindo-os a escravos da gleba, para ali transferiram as suas instituições feudaes, como as exercitavam na parte da França que lhes continuou a pertencer. Hespanha partilhava-se em estados arabes ao Sul, já tambem separados e independentes com emires proprios; no reino de Aragão e parte da Catalunha, que estendera seu dominio alem dos Pyreneos até Montpellier; no condado livre e soberano de Barcelona, que mais tarde se unio ao Aragão; no reino de Navarra, encostado ás abas das montanhas; nas provincias vascongadas de Guipuzcôa, Alava e Biscaia, occupando a antiga Cantabria ainda não ligada por tratados, como depois o effectuaram com Castella; ahi prevalecia a antiga lingua dos primitivos habitadores das Hespanhas, a ibera, a basca, que parece de origem turanica e possue semelhanças com a dos Hunos ou Mongols, e que resistira a todos os invasores, Celtas, Romanos, Godos e Arabes; e por fim se levantara e estendera o reino de Leão e Castella, formado sobre o antigo das Asturias e Galiza, com os christãos escapos da invasão mussulmana e que se esconderam e aninharam por muito tempo nas serras agrestes do Norte.

O imperio do Oriente sustentava-se no entanto contra as ondas de barbaros que pela Asia já o assaltavam, e pelo Norte irrompiam cada vez mais desesperadas, em quanto o resto da Europa se não havia ainda regularisado convenientemente.

Nada ha mais confuso e desordenado do que a situação

da Europa durante a edade media, porque tudo se acha em ebullição e anarchia; é sua perfeita imagem uma cathedral gothica com suas torres esbeltas e pittorescas, seus vidros multicores, a infinidade de suas columnas, sua escuridão meditativa, e ao mesmo tempo as figuras grotescas dos relevos, as caricaturas indecentes nos portaes, e pinturas, e tão variados matizes que uns se podem considerar sublimes, outros escandalosos e repulsivos.

Assim ao lado de costumes cavalheirosos, de sentimentos de generosidade que honram e ennobrecem, barbaria atroz, vinganças horriveis, fanatismos cruentos; reis, senhores feudaes, servos da gleba, communas com liberdades e privilegios, escravidão, e no meio de tantas irregularidades uma grande influencia, que ora tudo domina, ora se prostra tambem e cahe, o Pontificado romano. Essa potencia, felizmente, por diversas vezes resistio aos revezes e contratempos, pela grande força moral e religiosa que a amparou constantemente.

Restringindo agora nossas observações ás Hespanhas, para nos encaminharmos ao fim que nos propuzemos, achamos ahi ao principiar o seculo XII a luta permanente dos christãos e moiros, essa luta gigantesca que durou desde a invasão arabe na Peninsula no seculo VIII até fins do seculo XV, em que os mussulmanos foram de uma vez repellidos do sólo e coagidos á repassar-se para a Africa, de onde oito seculos antes haviam sahido.

Após os Iberos, primeiros habitadores de que reza a tradição, invadiram Celtas que se apoderaram de todo o paiz encerrado entre os Pyreneos e o mar, divididos em varios grupos. Não tardaram Phenicios e Gregos, que ahi formaram colonias e estabelecimentos; os Carthaginezes passaram o Mediterraneo e dominaram diversas partes, até que os Romanos d'ali os expelliram e subjugaram toda

a Hespanha. Salvara-se sómente o paiz basco, que conservara sua independencia nos asperos rochedos, onde se aninhara.

Hespanha fundira-se em Roma, convertera-se em uma parte d'ella, com as mesmas instituições, direitos, costumes, lingua e religião: haviam de todo desapparecido as tradições, e poderiamos quasi dizer a raça dos possuidores antecedentes do solo.

No seculo V mostraram-se Alanos, Suevos, Vandalos, de raça germanica, e eis o paiz subordinando-se a novos donos que se diriam antes exterminadores que povoadores e cultivadores do solo. Felizmente após d'elles chegaram os Godos, que os curvaram, destruiram e exterminaram, conseguindo apenas salvar-se na Africa fronteira os Vandalos assustados. Os Godos tomaram conta do paiz, e reduziram todos os habitadores a suas leis e costumes. Como os Godos haviam já abraçado a religião christã, não tiveram difficuldade em harmonisar-se com os Romanos vencidos e prostrados, misturando as raças, preferindo-lhes a lingua, e um só povo formando em todo o solo, com excepção das provincias vascongadas, que permaneceram independentes.

Foi no seculo VIII que se precipitaram da Africa os Arabes, anciosos de conquista. Nada lhes resistio ao valor, á pericia, á actividade. Com excepção ainda das provincias vascongadas, e da lingua de terra nas Asturias que corre entre morros alcantilados e o mar cantabrico, onde se occultaram e asylaram os restos christãos, foi toda Hespanha, subjugada pelos Arabes, que ali formaram um imperio brilhante e civilisado. Toledo escolheu-se para sua primeira capital, como havia sido dos Godos. Mas logo depois Cordova lhes obteve a preferencia como mais apropriada ao governo de todo o estado.

Com o correr dos seculos e as guerras dos Arabes tanto civis como extrangeiras contra os Francos, os christãos das Asturias ganharam força, e augmentaram suas posses territoriaes, retomando-as a pouco e tempo aos invasores, e restaurando seu reino com a capital de Oviedo. Pelo lado do Oriente, Carlos Magno com suas victorias formara a independencia da Catalunha, e um novo estado na Navarra. Em quanto Catalunha se reune ao Aragão, e formam juntos um importante reino christão, os christãos das Asturias marcham para diante egualmente, fortificando-se e accrescentando-se não só em terras como em população : assim recuperaram Galiza, Leão, a nova e velha Castella. A capital sahio de Oviedo para Leão, depois para Toledo e Valhadolid, mudando-se á proporção que se engrossava e avolumava o estado.

Assim se achava ao terminar o seculo XI sob o reinado de Affonso VI em Leão e Castella.

Os principes christãos de Hespanha nas suas guerras permanentes contra Arabes recebiam continuados e efficazes soccorros dos Francos ou Francezes, já assim denominados. Entre os nobres extrangeiros que auxiliaram Affonso VI, dois jovens, descendentes da casa Capeta, valerosos, intrepidos, lhe prestaram relevantes serviços militares. O conde D. Raymundo e seu primo, o conde D. Henrique de Borgonha. Casou-os Affonso VI com duas filhas; Urraca, a legitima, tocou ao primeiro e mais velho, e Theresa, a natural, ao segundo.

De conformidade com os costumes da epocha, creou senhorios feudaes para os genros. Tirou da provincia de Galiza a parte meridional que formava um territorio já chamado Portucale, e que ia do rio Minho ao Mondego, onde encontrava os povos moiros : coube este estado a D. Henrique, em quanto que a porção septentrional e mais

importante da Galiza destinara ao conde D. Raymundo.

A autonomia do condado de Galiza não durou muito tempo, porque á morte de Affonso VI passou a corôa de Leão e Castella a D. Urraca, e volveu então o feudo ao reino. Posto que reconhecido vassallo de Leão e Castella, mais ou menos independentemente se conservou, todavia, o de Portucale, ou Portugal, sob o governo de D. Henrique, e por seu fallecimento, de sua viuva D. Theresa.

Levantadas contestações entre os partidarios de D. Theresa, que eram quasi exclusivamente fidalgos da Galiza, e os do seu joven filho, D. Affonso Henriques, portuguezes já, e orgulhosos de sua tal qual nacionalidade, travou-se guerra civil, e triumphou o Infante, tomando conta da administração dos seus estados, e expellindo de Portugal a mãe e os seus partidarios.

Ao passo que Affonso Henriques resistia heroicamente aos Gallegos, Leonezes e Castelhanos, que sustentaram e soccorreram a sua mãe, sentio o joven infante que lhe era indispensavel ganhar novas terras e novos subditos, com que engrossasse seu poder e força e podesse mais efficazmente combater os partidarios da mãe e os de Castella, organisando uma nação mais vasta e robusta.

Era costume na peninsula guerrear Moiros, e tomar-lhes territorios. Não era difficil conservar estes, logo que adquiridos, porque grande parte da população pertencia á raça goda, e de religião christã. Nenhum povo conquistador fôra mais tolerante que o arabe. Deixava aos vencidos o uso e praticas de seus cultos religiosos, o exercicio de suas leis e os seus proprios juizes e tribunaes; exigia, apenas, obediencia inteira no civil, administrativo e politico, tributos e serviços pessoaes segundo as precisões

do estado. Assim no meio da população arabe conservaram-se tranquillamente os christãos, que nunca renegaram suas crenças religiosas e seus habitos tradicionaes, e se apellidavam Mosarabes, apezar de terem perdido até o uso da lingua de seus maiores. Folgavam sempre que as irrupções dos christãos do Norte e do Oriente conseguiam victoria, pois que volviam a reunir-se á antiga familia. Poucas se contam as batalhas campaes d'essa epocha; repetidos e incessantes se travavam assaltos e algaras, quer entre moiros e christãos, quer entre si proprios pelas lutas civis que levantava o menor capricho.

Affonso Henriques conseguio attrahir a seus estados soccorros de Francezes, allegando sua ascendencia. Em paga garantio-lhes terras e privilegios; aproveitou-se egualmente de auxilios de cruzados normandos, inglezes, francos, flamengos e allemães que seguiam por mar para as guerras da Terra Santa, e que attrahio á sua causa mediante favores particulares. Pôde assim tomar Santarem, Lisboa, Cintra, e invadir o Alemtejo, depois de dominar a Beira e parte da Estremadura, expellindo d'ali os moiros. Considerou-se em muito curto espaço de tempo, tão poderoso que se aproveitou das brigas e desordens que se suscitaram no reino de Leão e Castella, por causa de pretensões aos tronos respectivos, para declarar sua patria independente e proclamar-se rei de Portugal. Conseguio do Papa de Roma uma sua declaração formal a fim de ser reconhecido e respeitado como novo soberano, compromettendo-se D. Affonso Henriques a considerar o chefe do catholicismo como seu senhor soberano, e a pagar-lhe em qualidade de subordinado um imposto annual em dinheiro.

Organisou-se, portanto, a nacionalidade portugueza, ao principiar o seculo XII, pelos dois meios, revolução e

conquista; o primeiro empregado contra Leão e Castella, e o segundo contra os Moiros possuidores do solo meridional da peninsula. Para melhor garantir a seguridade do novo reino, transferira Affonso Henriques a capital de Guimarães, que fôra a sede do feudo de seu paiz, para Coimbra, como local mais apropriado ás necessidades do seu governo.

Passou tranquillamente a corôa portugueza, por morte de D. Affonso Henriques, para seu filho Sancho I. Tanto este segundo monarcha, como seus descendentes até Affonso III, puderam não só conservar illesa a independencia do paiz, e respeitada pelos visinhos, como continuar para o Sul as conquistas contra terras de Moiros, de modo que, cem annos depois, occupava o reino de Portugal todo o solo até os confins dos Algarves, situados á beira do Oceano, e de fronte das costas africanas, comprehendendo o seu estado as provincias do Douro, Traz dos Montes, Beira, Estremadura, Alemtejo e Algarves, como ainda hoje as possue.

Conhecida a origem e nascimento da nacionalidade, cumpre examinar a lingua que fallavam os povos portuguezes.

Pensa-se com algum fundamento que a lingua primordial, de que procederam os varios idiomas fallados na Europa nos tempos antigos, durante a edade media, e na epocha moderna, fora a sanskrita, ou ariana do mar de Aral. Na morphologia, ou estructura e construcção grammaticaes, mais ainda que na phonologia, ou natureza dos sons dos vocabulos, é que por meio do estudo acurado e da comparação respectiva das linguas se descobrem sua origem e affinidades. Mil circumstancias inexplicaveis, o tempo, as relações, o isolamento, as necessidades da vida, as guerras, tudo concorre para modificar os idiomas,

sacerdotes e de seus conventos, fomentava no Occidente o culto das lettras, promovia a sciencia do ensino, abrindo escolas por toda a parte, e guardando em deposito os thesouros da litteratura e lingua latina, que podera salvar do seio das tempestades politicas e das guerras barbaras que sè travavam!

No correr do seculo XIII, dos conventos passaram-se para edificios publicos as escolas de ensino; instituiram-se universidades, como a de Pariz en França, Oxford em Inglaterra, Padua em Italia, Salamanca em Hespanha, para se cultivarem a theologia, os canones, a jurisprudencia, a medicina e alguns ramos litterarios. Os Papas as iniciaram por meio de breves e bullas, e a lingua latina foi a unica admittida para os estudos, que bem mais theologicos que litterarios e scientificos, começaram todavia a produzir os mais proveitosos fructos. Este movimento dos espiritos se foi posteriormente derramando e mais tarde outras universidades instituidas, como as de Coimbra, Cambridge, Valença, Bolonha, Tolosa, Napoles e Roma.

Posto que a edade denominada media pelos historiadores finde unicamente ao transpor-se o seculo XV para o XVI, que é quando as sociedades europeas modernas parecem regularisar-se e firmar-se, cumpre com tudo advertir que do seculo XII começa o renascimento litterario; em umas nações melhor se desenvolve, em outras mostra-se mais lento e vagaroso.

Foi no seculo XII que na Allemanha se dividira o solo por senhores feudaes leigos e ecclesiasticos, verdadeiros e reaes soberanos, bem que um por elles nomeado se intitulasse imperador, e se constituisse por dois seculos a tres a primeira potencia e força temporal, dizendo-se successor de Carlos Magno. Retalhara-se a França em varias porções, tocando uma das mais importantes ao denominado

rei, e outras aos chamados duques e condes soberanos, da Normandia, Bretanha, Borgonha, Tolosa, etc. Na Italia, levantaram-se algumas republicas independentes ao lado de estados da Egreja e de diversos chefes temporaes. De França partiram os Normandos para conquistarem Inglaterra, subjugando os Anglo-Saxões e reduzindo-os a escravos da gleba, para ali transferiram as suas instituições feudaes, como as exercitavam na parte da França que lhes continuou a pertencer. Hespanha partilhava-se em estados arabes ao Sul, já tambem separados e independentes com emires proprios; no reino de Aragão e parte da Catalunha, que estendera seu dominio alem dos Pyreneos até Montpellier; no condado livre e soberano de Barcelona, que mais tarde se unio ao Aragão; no reino de Navarra, encostado ás abas das montanhas; nas provincias vascongadas de Guipuzcôa, Alava e Biscaia, occupando a antiga Cantabria ainda não ligada por tratados, como depois o effectuaram com Castella ; ahi prevalecia a antiga lingua dos primitivos habitadores das Hespanhas, a ibera, a basca, que parece de origem turanica e possue semelhanças com a dos Hunos ou Mongols, e que resistira a todos os invasores, Celtas, Romanos, Godos e Arabes ; e por fim se levantara e estendera o reino de Leão e Castella, formado sobre o antigo das Asturias e Galiza, com os christãos escapos da invasão mussulmana e que se esconderam e aninharam por muito tempo nas serras agrestes do Norte.

O imperio do Oriente sustentava-se no entanto contra as ondas de barbaros que pela Asia já o assaltavam, e pelo Norte irrompiam cada vez mais desesperadas, em quanto o resto da Europa se não havia ainda regularisado convenientemente.

Nada ha mais confuso e desordenado do que a situação

cahio o proençal por falta de cultivo, e preponderou o wallon; uma só lingua formou-se então: o francez moderno, que se tornou official e do governo.

Em Italia diversos eram egualmente os dialectos, até que o florentino servindo de instrumento no grandioso poema de Dante Alighieri, do XIII ao XIV seculo, e logo depois ás canções enternecedoras de Petrarca, e ás narrativas pittorescas de Boccaccio, foi aceito e adoptado geralmente, convertendo-se em lingua italiana.

Em Hespanha, ao principiar o seculo XII, encontramos fallada a lingua arabe nas Andaluzias, Murcia, Valença, Estremadura, Alemtejo e Algarves, que formavam o imperio mussulmano: a catalã, muito parecida com a proençal, e com mais ou menos modificações usada no Aragão, Catalunha e Navarra; a castelhana, nas Asturias, Leão e duas Castellas; a galiziana ou galega em toda a antiga provincia romana assim denominada e que chegava ao rio Mondego. Não vale a pena minuciar outros idiomas ou dialectos de que em varias localidades se servia o povo, nem particularmente o basco ainda hoje usado, mas que nunca attingio as qualidades de litterario.

Todos estes dialectos ou idiomas de Hespanha procediam da lingua latina, com excepção do basco dos Pyreneos. Não se póde, todavia, negar que, posto affins, congeneres e com ares pronunciados e phisionomia de familia, se differençavam por alguns modos de dizer e variados vocabulos, já porque mais ou menos se haviam estes ou aquelles mesclado com os dos Carthaginezes, Phenicios, Gregos, antigos Celtas e Teutonicos; os Arabes exerceram extraordinaria influencia na lingua, particularmente da Andaluzia, até mesmo porque não consentiam quasi aos vencidos o uso da antiga romana. Quando Affonso VI recuperou Toledo, e São Fernando no seculo immediato se apossou de Cadix,

Sevilha e Cordova, viram-se ambos obrigados a fazer traduzir a Biblia e os Santos Evangelhos em arabe para poderem ser lidos e entendidos pelos seus novos subditos, os Mosarabes, que ali encontraram conservando pura e illesa a religião catholica, transmittida de paes a filhos, desde a conquista, com quanto houvessem esquecido a lingua primitiva de seus antepassados.

Existia alguma litteratura na Europa de então? Havia cultivo d'esses idiomas chamados neolatinos, isto é, oriundos do latin, bem como nos de origem teutonica ou slava?

Litteratura propriamente só possuiam os Arabes, abundante, opulenta, admiravel. Apenas no imperio grego se conhecia civilisação, herdada das tradições romanas, e portanto se praticava o cultivo das lettras e sciencias, bem que inferior já ao dos Arabes. Nos demais paizes christãos ou pagãos tudo eram trevas, e os idiomas populares se fallavam unicamente, e não se empregavam senão para se comunicarem os povos nas suas necessidades intimas da vida.

Os Arabes escreviam, no entanto, livros scientificos, chronicas, poemas, canções, tratados de rhetorica e philosophia; haviam traduzido autores gregos, e foi de uma traducção arabe das obras de Aristoteles por Averohes que os christãos as trasladaram para o latim, a fim de as tornarem conhecidas da Europa e das universidades que se installavam: a traducções arabes se deve ainda o conhecimento das obras de Euclides, Ptolomeu, Hipocrates, e varios autores gregos que elles haviam egualmente traduzido e de que a Europa d'aquelles tempos não tinha conhecimento; por quanto só á Egreja catholica, guardara os manuscriptos litterarios latinos e muito poucos hellenicos.

Dos Arabes partio egualmente o gosto poetico, por meio

de versos rimados para a toada musical, transferindo-se aos mais proximos visinhos, catalães, proençaes, castelhanos e galizianos. Mais que nenhum povo christão e antes de nenhum d'elles brilhou o proençal por seus canticos e rimas, que repetiam os trovadores, e com que allegravam a existencia guerreira dos senhores feudaes, a humilde choupana dos servos da gleba e o travalho monotono das classes medias que residiam nas cidades. Depois do proençal, nobilitaram-se os catalães e wallões, até que a gloria d'elles desappareceu diante da luz esplendida de Dante e de Petrarca. Resulta d'ahi para a lingua italiana a gloria de ser a primeira litteraria da Europa moderna, erguendo desde o seculo XIII monumentos de poesia sublime, que nada invejam aos antigos Gregos, ao mesmo tempo que firmaram a linguagem em prosa com os escriptos elegantes e formosos de Boccaccio.

Em relação ao norte de Hespanha disputavam primacia a castelhana e a galiziana ou galega. A primeira mais official, a segunda considerada mais doce e propria para a poesia, para a rima e para a expressão dos affectos ternos e maviosos. Quasi que exclusivamente eram ao principio os canticos populares e os da propria Corte castelhana na lingua galiziana.

Foi, portanto, a lingua galiziana ou galega a fallada no condado de D. Henrique de Borgonha e do novo reino que D. Affonso Henriques seu filho inaugurou com o nome de Portugal.

Convem aqui dizer que além do arabe e grego alguns idiomas neolatinos na Europa passavam dos usos domesticos da vida para exprimirem paixões e sentimentos em versos e canticos; do teutonico, slavo, e hungaro que tanto se assemelha ao huno, ao finlandio, ao wasconio e ao turco, não se conhecem documentos escriptos até essa

epocha. Quanto á lingua propriamente official para communicações dos governos, leis, deliberações, actos judiciaes, contractos publicos e particulares, cartas, ensino escolar, era a latina exclusivamente empregada como lingua universal, entendida por quantos sabiam ler, mesmo entre os povos teutonicos e slavos, por ser a lingua da Egreja e dos sacramentos divinos, e a dos homens illustrados.

Tem-se suscitado duvidas sobre a procedencia da lingua portugueza, sob o especioso pretexto de que examinados hoje e confrontados, apparecem differenças e contrariedades enormes entre o galiziano e o portuguez moderno.

Basta, para desfazer essas duvidas e esclarecer o ponto historico, lembrar que o territorio propriamente hoje denominado Galiza continuou e viveu sempre no estado de provincia de Leão, Castella e depois de Hespanha, em quanto que o condado da Portugal, elevado a reino independente e autonomo, marchou e progredio por si e desassombradamente; que a lingua ficou estacionaria na Galiza, em quanto que em Portugal enriqueceu-se, opulentou-se, desenvolveu-se com a nacionalidade; que em Hespanha o idioma castelhano tornou-se o official e portanto geral da nação, em quanto que o galiziano, e até mesmo o catalão mais florescente anteriormente, se reduziram ás necessidades locaes e particulares das povoações que os fallavam; que emfim o portuguez e o castelhano se converteram em litterarios pelos escriptos, publicações, leis, communicações officiaes, obras de sciencias e ensino, em quanto que o catalão, o galego, o proençal, e mil outros se conservaram apenas no povo como dialectos particulares e localisados.

Como se distanciou o portuguez do galego? Naturalmente, com o andar dos tempos, com a independencia da

patria, com as novas necessidades, guerras, vicissitudes da nacionalidade, acquisição de novos vocabulos que lhe introduziram principalmente Francezes, com os quaes se abriram relações estreitas politicas e particulares. Progredio a lingua como a nacionalidade. Não ha tão pouca analogia actualmente entre a provincia da Galiza e Portugal, quanto a costumes, tendencias, habitos, civilisação, riqueza, desenvolvimento material e moral? Assim como a nação portugueza marchou a lingua : d'ahi a distancia que hoje se observa. Entretanto Portugal foi um ramo da provincia de Galiza, e a lingua egualmente procedera da Galiza.

D. Affonso Henriques descendia de raça franceza; casou-se com uma princeza de Saboia; recebeu em sua corte e nos seus estados, concedeu propriedades, empregos e privilegios a muitos nobres francezes, e terras a emigrantes extrangeiros do Norte que preferiram fixar-se em Portugal a proseguirem para as guerras da Terra Santa. Os descendentes de D. Affonso Henriques promoveram relações particularmente com Francezes. D. Affonso III fôra muitos annos estabelecido em França, e alliado a familias importantes francezas. Trouxe em sua companhia numerosa corte. D. Diniz, seu filho, educado por sabios extrangeiros, ao organisar a universidade de Lisboa, que depois se transferio para Coimbra, attrahio a seu ensino muitos extrangeiros. D. João I desposara-se com uma princeza normanda da casa regia de Inglaterra, e concedeu terras e privilegios a nobres normandos e flamengos para se fixarem em Portugal. Não deviam concorrer todas estas circunstancias para se modificarem os costumes, habitos e aspirações nacionaes, e ao mesmo tempo alterar-se e modificar-se a lingua pela connexão de tantos e tão variados idiomas? Não devia a lingua tender á maior correcção e perfeição, flexibilidade e propriedade para

acompanhar os progressos incessantes da nação, e exprimir as novas necessidades e vicissitudes, por que passava o reino independente, autonomo, e que se tornou emprehendedor, navegador, conquistador?

Expondo na seguinte conferencia a historia do desenvolvimento da nacionalidade portugueza, trataremos egualmente de mostrar a marcha da lingua, para se apreciar o modo por que ella se foi formando, tornando-se autonoma, distanciando-se e separando-se da galiziana, com rapidez egual ao do novo reino creado e solidificado pela ambição e genio de Affonso Henriques, pelo espirito patriotico e esforços valerosos dos seus naturaes, e pela fortuna que lhes sorrio desde o principio, e os coadjuvou a levantar uma obra tão grandiosa, como era a independencia e a liberdade da patria.

II

Felicito-me por ter emprehendido este curso de historia da nacionalidade, lingua e litteratura. O concurso extraordinario de ouvintes que têm attrahido, o benevolo acolhimento da imprensa, tudo prova que se comprehende geralmente sua utilidade e importancia.

Nossa educação litteraria tem sido até hoje mais extrangeira, particularmente franceza que nacional. Aprendemos tudo o que se escreve e se publica em Pariz, estudamos o que se passa em outros paizes. De casa pouco sabemos.

Dir-se-ia que a nossa historia e a nossa lingua nada valem, e d'ahi procedem grandes males. Ao passo que se deturpa e corrompe a lingua pela acquisição de neologismos desnecessarios, e de feições e indole improprias de uma lingua tão bella como é a portugueza, tão elegante, harmoniosa e suavemente preparada para a expressão de todos os sentimentos e paixões, desnacionalisam-se os espiritos, com a perda da originalidade e espontaneidade, aureola gloriosa de um povo e de uma litteratura.

João de Barros dizia já com muita razão: « Não devemos louvar os homens que dão razão de toda a historia grega e romana, e si lhes perguntardes pelo rei passado do reino, em que vivem, não lhe sabem o nome. »

Não se póde contestar a utilidade de saber-se o que se passa no extrangeiro; melhor, porém, nos parece conhecer o que vai pelo paiz. Apropriar-se do que fôr bom e proficuo, sem o abandono das tradições e titulos honrosos domesticos, eis a verdadeira maxima para o aperfeiçoamento do individuo, da lingua, da litteratura e da nacionalidade.

Estudemos o que produz e honra o extrangeiro, sem deixar de aprender o que nos pertence, e procuremos tirar vantagens e conseguir progressos do confronto e apreciação.

Proclamada a independencia de Portugal no seculo XII, foi-se a sua nacionalidade desenvolvendo e firmando com os successores de D. Affonso Henriques, n'essa peninsula então dividida em sete estados diversos, provincias bascas, Moiraria, condado soberano de Barcelona, Navarra, Aragão, Castella e Portugal, cada um d'elles falando quasi que um idioma particular, posto que os ultimos com semelhanças e caracteristicas de parentesco por haverem *procedido* da lingua latina. Com o andar dos tempos e o

correr dos successos, que reduziram todo o territorio peninsular a dois unicos reinos, só duas linguas sobreviveram tambem, e se aperfeiçoaram e opulentaram litterariamente : a castelhana e a portugueza. Desappareceram o galego e o catalão, por permanecerem localisados e não se escreverem mais litterariamente, absorvendo-os o castelhano, como o idioma official do paiz, que sob seu sceptro concentrara o resto da peninsula. O portuguez, que acompanhou tambem a sua nacionalidade, aperfeiçoou-se e desenvolveu-se com ella, e formou a outra lingua official da peninsula, que é ainda fallada e cultivada.

Á proporção que o reino portuguez se firmava e engrandecia em territorio e população, iam-se tambem destacando e separando costumes, tendencias, indole e aspirações do povo, enraizando-se no seu espirito a idea de uma nacionalidade propria, á qua estavam reservados destinos particulares do resto de Hespanha, da qual odios de lutas, scismas e despeitos cada vez mais recrudesciam. Seguia-lhes a lingua os progressos, promovidos pelo correr dos acontecimentos, pelas novas necessidades, pela introducção de extrangeiros, particularmente normandos, que de todos os habitantes de França e Inglaterra, se mostraram mais activos, intelligentes e emprehendedores. Estabelecidos ao principio em França, e tomando terras aos Francos, tornaram-se depois conquistadores de Inglaterra e tão audazes se mostraram que chegaram a avassallar por algum tempo Sicilia e Napoles. Cooperavam poderosamente para este resultado as allianças da casa real reinante, e a vinda a Portugal de muitos fidalgos, homens livres e prelados normandos, que adoptaram nova patria no novo reino, onde encontraram abrigo, empregos de vida e esperanças de melhor fortuna.

A organisação politica, administrativa e civil do reino

não podia senão com vagar distinguir-se tambem das dos estados de Hespanha, dos quaes destacara territorio, população, habitos e governo. Não se podem dizer inteiramente semelhantes as instituções de Castella, de Aragão, de Navarra, e das provincias wascongadas. Cada um d'estes povos dividia-se em modos de administração interna, mais ou menos livres, mais ou menos aristocraticos, mais ou menos arbitrarios. Em quanto o califa ou emir arabe era exclusivamente absoluto, quasi republicanamente viviam as provincias wascongadas; um tal qual governo representativo, uma autoridade popular chamada Justiça maior, encarregado de vigiar a execução das leis e sustentar os privilegios da nação e nomeado pelas Cortes, vigorava no Aragão e Catalunha; um simulacro de Côrtes funccionava em Navarra; e em Castella e Leão, tão poderosos foram ao principio os nobres e o clero, e empeciam tantas vezes com sua influencia nas Cortes a propria força da corôa, que esta se viu obrigada para resistir-lhes a conceder privilegios municipaes ás cidades, a fim de que os populares lhe servissem de guarda e garantia, e se tornassem preponderantes nas Cortes, compostas pelas tres classes em que se dizia a nação dividida. Data, porém, esta expansão de liberdade politica dos reinados de Affonso VIII e termina no reinado de Carlos I, ou V da Allemanha, que subjugou com seu guante de ferro todas as communidades e privilegios de Castella; e por fim no Aragão, logo Felipe II suffocou os restos de regimen livre que ainda ali se conservava.

De Castella herdara Portugal disposições legislativas mais que de outros estados da peninsula. Assim o clero e a nobreza formaram desde o principio da monarchia as classes preponderantes, o povo não pesava nos negocios publicos, e o proprio soberano era, muitas vezes, coagido

a desembainhar a espada contra fidalgos rebeldes e feudaes, bispos e abbades orgulhosos, e ou os curvava ou se lhes submettia coberto de opprobrio. Sancho II chegou a ser deposto da corôa pelo clero e nobreza, que apoiados na curia romana, chamaram de França o irmão Affonso III que ali residia, estabelecido e casado, e o elevaram ao trono portuguez, refugiando-se o rei legitimo para Hespanha, onde em um claustro de Sevilha acabou seus ultimos dias de vida.

Nos fins do seculo XIII e começo do XIV reinava em Portugal D. Diniz, que fôra educado por mestres abalisados francezes, que seu pae, Affonso III, attrahira de proposito ao reino para instruirem o filho, e que cumpriram com galhardia sua missão honrosa. Dedicava-se o joven monarcha a estudos litterarios, applicava seu espirito ás licções de politica e procurava no seu governo imprimir á sua patria uma acção progressiva e civilisadora.

Ao passo que animava a agricultura, promovendo e fomentando seus adiantamentos com premios e auxilios, tratou de organisar a instrucção publica, creando algumas escolas civis destacadas das ecclesiasticas, que eram as unicas que até então existiam no reino, para que o seu povo aprendesse a lingua nacional. Andava atrazadissima a nação em tudo quanto se refere á intelligencia. O clero concentrava todo o saber, e formava a unica classe illustrada. A nobreza só sabia batalhar, brilhar em torneios, formar conjurações, perseguir vassallos, e inquietar o monarcha e seu governo. Quasi que geralmente não sabia ler nem escrever, mais notavel pela ignorancia que pelos seus feitos d'armas.

Attendera egualmente o rei para o estudo secundario e superior, no intento de poupar aos seus subditos viagens em paizes extrangeiros, em busca de sciencia. Fundou

uma universidade, e confiou-a a sabios dominicanos e franciscanos, que mandou vir de França e Italia, e que se reputavam possuidores de grande instrucção e proprios para o ensino. Aprovada pelo santo pontifice de Roma, segundo os planos das de Salamanca e Padua, já existentes em Hespanha e Italia, começou a funccionar com aulas de direito canonico, grammatica, lingua latina, logica, philosophia, rhetorica, medicina e decretaes ecclesiasticos. Servio muito para incitar o gosto litterario no reino, e abrir novos horizontes aos Portuguezes que aspirassem a adquirir luzes e sciencia.

Relativamente a seu governo e administração, muito espinhosa se tornava a tarefa do soberano, para se libertar do jugo, desgostos e incommodos que não raro lhe davam a nobreza e o clero. Começou D. Diniz por chamar populares, ad instar dos reis castelhanos, a seus conselhos e ás Cortes, formando um braço ou ramo d'elles nas assembleas nacionaes; para conseguir este proposito concedeu privilegios a certas municipalidades do reino, que existiam desde o dominio dos Romanos, e haviam atravessado, ainda que enfraquecidas, as diversas phases e transformações, por que a peninsula passara. Ainda que com pouca importancia ainda, porque os nobres e o proprio clero dispunham de riquezas, de privilegios antigos, de numerosos vassallos sobre os quaes exerciam jurisdicção absoluta, e de propriedades territoriaes, onde não chegava a acção regia nem magistrados administrativos ou cobradores de impostos da corôa; devia resultar todavia do novo elemento introduzido nas Cortes, por eleição de procuradores de municipalidades, apoio e auxilio aos monarchas. Cumpre accrescentar que a propria nobreza sobrepujava o clero, posto que menos importante pelo numero de vassallos e quantidade de solares e propriedades

territoriaes, pois que o clero manejava ainda as armas espirituaes, que em todos produziam temores e assustavam os mesmos reis com imminentes perigos, caso pretendessem arcar, por quanto Roma nunca deixava de acudir aos representantes da Egreja, em qualquer paiz, ou questão, que provocasse a luta. Não produziam durante toda essa edade media e por toda a terra effeitos terriveis as escommunhões pontificaes? Não se arrancavam aos reis as corôas? Não se haviam destruido povos inteiros como os Albigenses, por se não mostrarem orthodoxos como Roma os queria?

Aos pedidos do braço popular animado e inspirado pelo Rei, respondia D. Diniz com providencias legislativas, assegurados de antemão os recursos materiaes e moraes para as fazer cumprir exactamente,

Prohibio aos seus subditos o direito de testarem, com detrimento de seus herdeiros legitimos, em favor de conventos, mosteiros e estabelecimentos ecclesiasticos, que já possuissem riquezas e propriedades, a fim de lhes não augmentar o poderio e importancia; abrogou egualmente o direito que tinham os clerigos e ordens ecclesiasticas de comprar bens de raiz, e ordenou-lhes que dentro de um anno alienassem os adquiridos sem especial permissão regia. No intuito de poupar luta com a Curia romana, entendeu-se particularmente com o clero portuguez, e com elle pacteou, dando-lhe compensações equivalentes, como foram os dizimos e varias immunidades e regalias, pelo que o clero se lhe declarou obediente e submisso em todas as materias temporaes.

Socegado por parte do clero, tratou D. Diniz de continuar as tradições de seu pai, para com a nobreza, fazendo rigorosamente praticar-se as chamadas inquirições, a fim de lhe cohibir os abusos e arbitrios contra os povos e o proprio fisco.

Concedeu ás partes interessadas appellação para si directamente, ou para seus sobre-juizes, de todas as sentenças dos alcaides dos coutos dos donatarios, marcando as jurisdicções d'estes; mandou demolir muitos solares, cujos donos condemnava; tirou-lhes o direito de poder armar cavalheiros; revogou doações de terras anteriormente feitas a pretexto de subrepticias.

D. Affonso IV, successor de D. Diniz, occupou-se com lutas internas e externas, sem ter tempo de continuar a sua obra. Mas D. Pedro I, chamado Justiceiro por seu povo, e Crú pela nobreza e clero, porque tenaz e energicamente defendia a causa d'aquelle contra estas classes, foi mais adiante ainda que seu avô D. Diniz nos designios tendentes a firmar os direitos regios. Teve que curvar á força varios membros do clero, e a fortuna o favoreceu no prelio. Instituio o bemplacito regio, pelo qual nenhuma bulla, rescripto, ou lettras pontificias podessem executar-se em Portugal sem o assentimento do soberano, para que Roma por si e directamente não podesse incitar o clero e atemorisar o povo. O clero não era só poderoso pelos bispos, principaes officiaes da Egreja, que nas suas dioceses e feudos desenvolviam todo o seu poderio. Havia abadias, priores de mosteiros, dignitarios ecclesiasticos, que não gozavam de menor prestigio, influencia e força que aquelles, e era mister affronta-los todos, resistindo-lhes ás opposições francas ou occultas. Fundou ainda o direito de recurso á Corôa contra as sentenças e decisões das autoridades e tribunaes ecclesiasticos, mesmo em assumptos espirituaes que se mesclavam com interesses temporaes, procurando levantar o espirito popular contra o susto das excommunhões injustas. Suspendeu o censo pecuniario, que a titulo de feudo pontificio pagava annualmente o reino de Portugal á Curia romana, estipulado por D. Affonso Henriques nos

seus tratados com o Papa, quando o Pontifice o reconhecera soberano independente.

A energia do seu caracter, a severidade e crueza de castigos que infligia, a força de que se rodeou para se fazer respeitar e obedecer, tornaram D. Pedro I tão temido da nobreza e do clero, que depois de inuteis e sempre desastrados tentamens de sublevação, que foram seguidos de execuções de muitos dos mais audaces no patibulo, não tiveram remedio senão curvar-se e resignar-se.

Apezar de suas excellentes qualidades do coração, foi desgraçadissimo rei o bello e esbelto Fernando I. Trocou pela submissão á indigna mulher, Leonor Telles, a dignidade da sua corôa, e a conservação de sua propria honra, e ao findar o seculo XIV despedia-se do mundo, deixando Portugal exposto a rivalidades, competencias e anarchia produzidas pela falta de herdeiro legitimo e portuguez, por quem o povo se devotasse e sacrificasse.

Até D. Fernando governaram Portugal nove reis da casa de Borgonha em pouco menos de tres seculos. O reino ganhara muito n'esse periodo, desenvolvendo-se progressivamente. A nacionalidade progredira sempre, posto que as ambições de Castella continuassem a inquieta-la, porque jamais se abandonava em Hespanha a idea fixa de recuperar seu territorio e reuni-lo de novo ao tronco iberico do qual se destacara, incitando de quando em quando nobres e clero para se sublevarem, coadjuvando suas tramas contra a corôa portugueza, e guardando para occasião conveniente a pratica de suas aspirações.

Examinemos agora a marcha parallela que segue a lingua, e o que pode o paiz n'esses tres primeiros seculos produzir que se deva denominar litterario.

Ao iniciar-se a nacionalidade reinava a lingua galiziana ou gallega; era o idioma fallado e empregado vulgar e fa-

miliarmente. Até fins do seculo XIV continuava sempre official o latina para todos os actos da Egreja, da governança, da administração, das correspondencias, dos contrato civis, dos documentos historicos. Não devia ser o latim puro como o de Salustio, estava, pelo contrario, muito deturpado e corrompido: mais era a lingua latina ainda que modificada na orthographia, na pronuncia e na sintaxe.

A lingua vulgarmente empregada se não podia converter em litteraria, porque se applicava apenas aos usos caseiros e familiares, a trovas e versos, que serviam para alegrar e amenisar o espirito. Fora d'este campo quasi não se escrevia: pelo menos nenhuns documentos se descobriram até nossos tempos de qualquer pequeno valor ou importancia.

A litteratura não se compõe sómente do verso, que é uma forma particular que sóe empregar a imaginação quando incendiada e inspirada: a poesia faz parte da litteratura, e parte importante; mas a litteratura comprehende tudo quanto o pensamento humano produz; é o complexo, o reflexo de todos os conhecimentos de uma epocha, e por isso n'ella se encerram as sciencias, a philosophia, a historia, a eloquencia, as artes, a critica, a civilisação de um povo.

Não existindo a litteratura, não podemos conhecer a lingua senão pelo verso, e para apreciar a marcha da portugueza, applicaremos nossa attenção aos cancioneiros da epocha, que podermos encontrar.

A copla, a trova, o cantar na lingua vulgar provam que em Portugal como em todos os paizes a poesia precedeu á prosa. Esta exige mais instrucção e reflexão; o verso carece de regras para se formar e fixar em quanto que é a linguagem do povo nas suas noites de descanso, nos seus

dias de trabalho; é o seu allivio nas dôres, o seu hymno nas alegrias, a sua esperança no futuro. Brota dos seus instinctos, das suas magoas, dos seus contentamentos. Basta-lhe uma toada musical, que lhe preste um echo sonoro, embora falte a inspiração, o pensamento, a idea, a poesia verdadeira. Ahi corre a jorros, cadenciando como gotas de agua da cascata, mas que transborda do coração, suavisando a alma do camponio, do pegureiro, do mareante, da velha fiando á roca, ou cantando para adormecer a criança, da filha cosendo os vestidos e aprendendo de cór as canções que se transmittem de gerações a gerações, como lembranças de seu tempo. Facilmente se prestava a lingua portugueza a essas pequenas phrases que exige o verso, por ser harmoniosa. suave e doce, e ao mesmo tempo o uso da rima adoptado dos Arabes, e que da Catalunha e Proença passara a Castella e Galiza, terminava o verso com uma egualdade melodiosa e um som musical que extasiavam.

N'esses cantares do povo dos primeiros tres seculos da monarchia portugueza revela-se de alguma sorte tambem a voz, o sentimento, a aspiração, a vida da sociedade da epocha. Sejam fructos de espiritos cultivados, ou de animos rudes, interessam porque explicam e esclarecem os horisontes passados.

Descobre-se nos primitivos cantares dos Portuguezes uma imitação arabe, como foi a de todas as nações meridionaes da Europa, antes que uma consequencia do gosto latino, porque a civilisação romana fôra sugeitada, e o imperio arabe em contacto com os christãos seus visinhos, transmittira-lhe ideas, usos e tendencias, á Proença, Catalunha, Castella, Italia, e a Portugal. A reacção latina só mais tarde appareceu e preponderou, extinguindo, é verdade, certa expontaneidade e originalidade que tinham

graças e encantos peculiares, mas imprimindo á Europa elementos mais grandiosos e profundos e uma educação mais robusta, além de aperfeiçoar e locupletar-lhes as linguas de modo a se desenvolverem com galhardia como instrumentos da intelligencia e das necessidades novamente sentidas.

Assim na poesia a rima, e até a monorima, que é a rima egual seguidamente, que se nota nos versos catalães, italianos, castelhanos e portuguezes até o seculo XV e mesmo o XVI, prova quanto os Arabes influiam no gosto. Apuraram-se no verso as linguas neolatinas das nações meridionaes da Europa, antes que a prosa empregada lhes restaurasse a energia, fortaleza e virilidade de que careciam, e que lhe trouxeram os estudos posteriores e mais profundos da litteratura latina.

A poesia d'essa epocha ou se denunciava satyrica e amorosa nos romances proençaes e catalães, ou entusiastica e sublimada em Dante, ou cavalheirosa no idioma wallon da França septentrional e da Inglaterra, ou conceituosa e de fausto oriental na castelhana, ou terna e melancolica, quasi pastoril, na portugueza.

São do tempo de Affonso Henriques coplas que chegaram a nosso conhecimento e que se attribuem a Gonsalo Henriques e a Egas Moniz, cavalheiros da corte portugueza.

Diz a tradição que Gonsalo Henriques denominava-se Traga Moiros, por ser um dos mais valentes companheiros do rei guerreiro, sempre que fazia correrias em terras de Moiros do sul, assaltava-os, expellia-os do solo, e ganhava augmentos e accrescimos do solo, que devia formar a nação nova, que lhe cumpria criar e firmar.

Depois da conquista de Lisboa, Affonso Henriques atravessara o Tejo, e se estabelecia no lado meridional do rio. Em uma de suas excursões e algaras, e em dia de S. João,

uma phalange de cavalheiros christãos, percebendo que os Moiros se consideravam tranquillos em Alcacer do Sal, atacaram repentinamente a povoação, trucidaram muitos habitantes e retiraram-se, roubando-lhes as mulheres mais formosas que encontraram.

Entre as donzellas figurava uma beldade, que encantou o cavalheiro Gonsalo Henriques, e que elle, conseguindo baptisar, desposou com o maior contentamento. Chamava-se Oriana.

Parece que os prazeres e doçuras do matrimonio roubaram o valente Traga Moiros aos exercicios militares, porque se não envolveu mais em guerras, e acabou seus dias em um mosteiro como penitente, logo que a morte cortou os fios da vida á esposa idolatrada. Attribuem-lhe os romanceiros os seguintes versos na lingua de sua epocha, que era a propria galiziana ainda sem modificações e progressos.

Tinhera-bos, non tinhera-bos
Tal á tal cá assoma;
Tinherades-me, non tinherades-me,
De lá vinherades, o cá ficaredes,
Ca andaba todo em soma.

Por mil goibos trebelhando
Oy — oy — bos lombrego;
Algorceme de ca la folgando
Asme ei per que do terrenho
Nom ha hé tal perchego.

Ouriana — Ouriana — oy tem per certo
Que tinha bida biber.

Não é este idioma o verdadeiro gallego, que por estacionario dialecto ali ficou, e se conserva ainda hoje na provincia hespanhola, e se fala em Vigo e Tuy?

Seu contemporaneo Egas Moniz, cavalheiro tambem da

corte de Affonso Henriques, era reputado egualmente como trovador pelas suas cantigas e romances. Encontramos d'elle nos romanceiros varias trovas, que dirigira a uma bella que amara e que o abandonara, fugindo para Castella.

Bien satisfecha ficades
Corpo d'oiro :
Alegrades á quien amades,
Que ei moiro.
Granai-me per castejano
E pertinigue,
A chantaes-me vinte enganos
Que vos sigue.
Ei tengo o arcaboiço
Sem feiçon.
Mas bos bejo e bos oiço
No coraçon.

Bedes-me bos descaïndo
N'esta hora ;
Bos amor ficade rindo
Mucho embora.
Bedes que moiro, que moiro,
Birbante ;
E legaes moirer un triste
Por delante.
Bai-se o vulto do mei corpo,
Mas si non,
Que os çocos bos finca morto
O coraçon.

Em quanto ainda aqui se mostra nas suas feições proeminentes a lingua gallega dos primeiros tempos da monarchia, eis outra trova já un pouco destacada da epocha da independencia, posto ainda proxima, attribuida a um Guesto Ausures, que vivera em tempo do rei Mauregato, usurpador do trono das Asturias e Galiza. Ou aquelle cavalheiro a compoz e escreveu elle proprio no idioma do seu tempo, e os cancioneiros a reproduziram depois adulterada e revestida de linguagem já modificada da nova

monarchia, ou ella pertence a outro poeta e ao reinado de Sancho I, ou de Affonso II, successores de Affonso Henriques.

Seguindo a tradição, Mauregato, filho natural de Affonso o Catholico e de uma amazia moira, para conseguir auxilios dos Arabes, arrancar a corôa das Asturias e Galiza a seu sobrinho Affonso o Casto, e colloca-la em sua propria cabeça, compromettera-se com o califa de Cordova a entregar-lhe annualmente cem donzellas formosas, como tributo estipulado. Um cavalheiro da Galiza, d'entre Douro e Minho, por nome Guesto Ausures, que tomou depois o nome de Figueredo, que se lhe perpetuou na familia em Portugal, encontrou uma vez em terras proximas ás suas muitos officiaes asturianos, empregados no recrutamento de donzellas destinadas a Cordova, que já se haviam apoderado de seis lindissimas meninas, e descansavam á sombra, tendo-as encerrado presas em um miseravel alvergue. Desesperado com o melancholico espectaculo, corre a ajuntar companheiros, e ousa salvar as donzellas do poder dos Asturianos, cahindo sobre elles com todo o valor e resolução. Conseguio derrota-los, afugenta-los, e soltar as infelizes meninas, posto que não empregasse outras armas senão um grosso tronco de figueira, que unica na occasião encontrou, e que soube manejar com maestria.

É este feito que o romance reconta em versos ás vezes tocantes.

No figueral figueredo
Ei no figueral entré :
Seis niñas encontrara,
Seis niñas encontré.
Lhorando as achara,
Lhorando as aché.
Quien las maltratara
Á tão mala lé ?

Uma me repricara :
Ei, infançon, non sé.
Mal hovesse la terra
Que tien o malo Ré !
Si ei armas usara
Já á mi fé non sé
Si homo me levara
D'aquella mala lé ?
Bos, adeus, bos vades,
Infançon, ei non sé.
Ei le replicara :
Á mi fé non iré :
Cá ojos dessa cara
Caros los compraré.
Ás las longas terras
Entra bos me iré :
Las cumpridas vias
Per bos andaré :
Lingua d'Aravia
Ei la fallaré ;
Moros si os bisse,
Moros os mataré.

No figueral figueredo
No figueral entré.
Moro que las guardava
Cerca lo aché.
Troncon desgalhara
Troncon desgalhé :
Las niñas furtara
Las niñas furté :
La que á mi fallara
N'alma la canté.

Observemos agora como se achava já alterada a lingua no tempo de D. Diniz, fins do seculo XIII e começos do XIV. Poeta era o soberano, e muito dedicado ás lettras; deixou de lavra propria um enorme cancioneiro, que reune cantares, romances, silvas e coplas de todas as especies e variedades.

Apparece o portuguez de D. Diniz tão afastado já do gallego primitivo, que é força reconhecer que corre mais galante, suave e coberto de galas novas, que só progressos

visiveis e sensiveis da nacionalidade, da sociedade e do povo; o contacto, as relações, as communicações com extrangeiros; necessidades novas e modificações de costumes, indole, tendencias e aspirações; mais luzes em fim e mais civilisação, podem e soem imprimir a um idioma.

Quem se não admirará da differença que a lingua soffrera desde o principio da monarchia, ouvindo a seguinte canção?

Oy ei cantar d'amor
Em um formoso vergeu:
Uma formosa pastor
Que no parecer seu
Jamás nunca li par vi,
E porém disse-lhe assi:
— Senhor, por vosso eu. —
Sornou-me sanhuda enton,
Cuando me esto oye diser;
E disse: — Ide-vos, varon,
Quen vos foi aqui trouquer,
Para me irde de estorvar? —
E ei disse: — Á questo cantar
Que fez quem vi bem querer.

Ahi vai outra, com mais perfeição de metro, e em estylo muito differente, que o rei trovador escreveu tambem, e que reforça a prova do que asseveramos.

Non chegou, madre, o meu amigo,
E hoje é o prazo sahido.
Ai, madre! Moiro de amor.

Non chegou, madre, o meu amado,
E hoje este prazo passado.
Ai, madre! moiro d'amor.

Por que mentio o desmentido,
Que o prazo é hoje sahido?
Ai, madre! Moiro de amor,

Por que mentio o perjurado,
E é hoje o prazo passado?
Ai, madre! moiro de amor.

Comfrontem-se estes cantares com os que nos restam de um poeta quasi contemporaneo, por nome Massias, que como cavalheiro servia ao Mestre de Calatrava. Si pouco sentimento notamos nos poesias citadas, e apenas um conjunto mais ou menos harmonioso de palavras reduzidas a verso, rolando sobre um pensamento simples e singelo, em Massias depararemos mais paixão e mais arrebatamento, talvez porque lhe sangrava deveras o coração, e exprimia mais profundo echo de soffrimentos internos e proprios.

Celebrava Massias as bellezas do salão de seu amo poderoso, cantando ao som de uma rustica taborda, que era uma especie de guitarra, em uso do tempo. Como trovador grangeara fama, como guerreiro era celebrado.

Infelizmente, no meio d'essa corte, que elle deleitava, enamorou-se o poeta de uma dama casada, revestida dos maiores attractivos. Assaltado de zelos tratou o marido de vingar-se, ou porque lhe não agradassem as declarações amorosas que o poeta rimava, e dirigia directa ou indirectamente á dama idolatrada, ou porque talvez elle percebera vehementes indicios de correspondencia criminosa. Em vez de provocar o offensor de seus brios a um duelo, conforme os estylos da epocha, batendo-se como cavalheiro, preferio queixar-se ao Mestre de Calatrava, e reclamar sua justiça e severidade.

Não admittio o senhor feudal desculpas no poeta, mandou-o recolher preso á torre de um castello que possuia nas visinhanças.

Não se evaporou com o ar frio do carcere o amor ardente do poeta. D'ali mesmo enviava elle suas endechas á dama dos seus cuidados, e espalhava-se por toda a parte a noticia d'essas missivas e canticos, que mais exasperavam os ciumes do fidalgo offendido.

Resolve-se por fim a tomar por suas mãos a necessaria reparação de sua dignidade. Cobre-se de armas, e parte para o castello. Vagueia-lhe em torno, procurando descobrir o rival, que o irrita e exaspera. Ei-lo ali o vê recostado a uma jelosia, cantando suas trovas melancholicamente, e acompanhando o som da voz enternecida com os suaves e monotonos accentos da taborda. Espalhava o trovador seus olhares pela campina, bebia pelos sentidos a athmosphera perfumada que os horisontes respiravam, e pedia ao ceo, aos astros, ás aves, ás florestas, ao vento que sussurrava, inspirações que lhe suavisassem as magoas e saudades, que lhe torturavam o coração e o espirito.

Não espera mais o furioso marido; arma o arco, colloca-lhe a seta, dispara, e eis que a flexa rapida e obediente penetra no peito do trovador, e o precipita no chão, banhado em sangue e perdida a vida.

Os cancioneiros conservam-nos alguns cantares do desgraçado Massias, cuja linguagem é já portugueza, posto que ainda conserve todavia algumas parecenças com a gallega. D'entre seus versos repassados de um sentimento suave e melancholico, que não possue nenhum outro trovador do seu tempo, encontram-se alguns que se podem intitular canticos do cisne, porque demonstram terem sido compostos na prisão, onde fôra assassinado.

Apresentaremos um pequeno especimen para completo esclarecimento.

Cativo, de minha tristura
Já todos tomam espanto,
E perguntam que ventura
Foi a que me atormenta tanto.
Mas não vi ao mundo amigo
O que mais do meu quebranto
Diga que esto que vos digo,
Que subir nunca devia
Á pensar no que é folia.

Cuidei subir em alteza
Por cobrar maior estado,
E cahi em tal pobreza,
Que moiro desamparado;
Com pezar e com dezejo
Que vos dirá malfadado!
Lo que em lei bem o vejo
Cuando o louco vai mais alto
Subir, cahe de maior salto.

E quão pobre e quão saudoso
Por que me dou á penar!
Minha loucura assi crece
Que moiro por entonar
Pois nunca mais a verei!
Si; non ver é desejar.
E portanto assi direi,
Quien em carcel sole viver
Em carcel se veja moirer!

Minha ventura em demanda
Me puzo e tão denudada
Que mi coração me manda
Que seja sempre negada:
Pero mas non saberão
De minha cinta ladrada.
E porém assi dirão,
Cão raivoso e coisa brava,
De seu vahor vei que trava.

Do reinado de D. Diniz em diante encontram-se nos romanceiros muitos cantares e trovas de diversos poetas. O rei D. Pedro Crú, o infante D. Affonso Sanches, e mais que todos D. Pedro conde de Barcellos, mostram-se cultivadores do verso, seguindo o exemplo do rei lavrador. A linguagem ainda é todavia muito singela, pouco variada em vocabulos, a sintaxe incorrecta, a rima defeituosa, e ao mesmo tempo o pensamento, a idea, monotonos. Parece que uma só corda desfere a lyra, a do amor e sua ternura, com certos resquicios campestres, que não podia abandonar a musa rasteira, humilde e timida.

Vai-se, no entanto, organisando a lingua, segregada

cada vez mais da gallega, que fica estacionaria, em quanto a portugueza marcha e progrede. Caminha a par da nacionalidade, que ganha egualmente forças, vigor e prestigio.

Si não consegue até o seculo XV todas as galas e aperfeiçoamentos, que merecia e que mais tarde adquirio, é porque a lingua portugueza até subir ao trono D. João I, não passou das communicações e relações intimas do povo e apenas se póde applicar ao verso para os cantares e trovas vulgares; quanto se escrevia em prosa era exclusivamente redigido na latina; faltavam-lhe, portanto, a correcção da prosodia e da sintaxe, e os caracteres em fim de uma lingua civilisada. Não podia, pois, ser appellidada ainda litteraria, como já começava a ser a italiana desde o seculo XIII, e logo depois a castelhana e a franceza. Aquella se formara e fixara por meio dos talentos poderosos de Dante, Bocacio, Petrarca e Villani. A castelhana, desde que são Fernando, no correr do seculo XIII, ordenou que se podessem escrever cartas, contratos civis, correspondencias, chronicas na lingua vulgar: desde que fez traduzir em castelhano o codigo wisigothico, por que se regia a sua monarchia, com o titulo de Fuero Juzgo: o movimento e progressos da lingua castelhana mais sensiveis e rapidos se mostraram depois que Affonso X, em 1260, prohibio até redacção em latim dos actos officiaes e particulares.

Procedeu d'estas resoluções de são Fernando e de Affonso X que a lingua castelhana, suffocada logo a gallega, desenvolveu-se rapidamente, e antes de raiar o seculo XV ornamentava-se com uma tal qual litteratura pela abundancia de poetas, chronistas e escriptores differentes, inclusive de sciencias, como foram as Taboas astronomicas extrahidas dos livros arabes, que o rei castelhano

mandou traduzir, o tratado de jurisprudencia castelhana, conhecido pelo titulo de Sete Partidas, e a Biblia sagrada. Lopes d'Ayola publica as chronicas dos reis castelhanos, Berceo canta milagres religiosos. João Lourenço Astorga os feitos de Alexandre, em quanto fulgura e electrisa esse poema de grande merecimento, de autor desconhecido, que se intitula do Cid, e de que Hespanha se gloria justamente.

A supremacia do idioma wallon sobre o proençal, e a unidade que os reis de França prestam á lingua vulgar, e que é a egualmente fallada pelos Normandos, conquistadores de Inglaterra, foram causa que já desde o seculo XIII obtinha ella visiveis progressos, e dava nascimento pouco tempo depois a uma especie de litteratura. Brilha antes de todos Villehardouin na prosa, de companhia com os poetas de romances rimados; logo depois Joinville, companheiro e historiador de São Luiz ás Cruzadas, no seculo XIV, e por fim Froissart nas chronicas, em quanto uma nuvem de poetas trinam canticos mais ou menos apreciaveis, porque a lingua vulgar era já empregada officialmente; e a latina se reduzira aos actos da Egreja e ás obras de controversia e doutrina canonicas e theologicas.

Mesmo em Inglaterra a lingua anglo-saxonica modificada pelo Normando conquistador, que fallava o wallon, logo que pelo rei Eduardo III foi mandada escrever e servir officialmente, principiou a ser cultivada litterariamente, e nos fins do seculo XIII já um poeta de merecimento, Chaucer, e outros autores de somenos nota, escreveram poemas e satyras, precedendo assim estas litterariamente á portugueza,, como já a todas precedera a catalã com seus trovadores e com a chronica de Montander, que é um monumento curioso.

Muito se adiantara, todavia, Portugal, porque creara

e sustentava a sua nacionalidade, defendendoa com energia contra Castella, cada vez mais poderosa. Após a tomada de Toledo por Affonso VI, ao findar o seculo XI, eis que são Fernando. no XIII, de commum accordo com seu visinho, o rei de Aragão, apertaram por tal forma os Arabes e Moiros que os reduziram aos pequenos territorios de Granada e Malaga. O Aragão apoderara-se de Valença, Murcia e ilhas Baleares, e depois dominara egualmente em Napoles e Sicilia; tornando os Catalães na navegação e commercio rivaes dos Venezianos e Genoveses. Castella curvou e submetteu a Estremadura, Jaen, Sevilla, Cadix e Cordova, recuperando para os Godos terras de um valor immenso, e coagindo o reino granadino, unico que restava aos Arabes, a considerar-se feudatario, repellidos para Fez, Marrocos e solo d'Africa os Sarracenos e Moiros, que de lá sahidos, tantos seculos antes, haviam assaltado e subjugado a peninsula Iberica. Não alcançara egualmente bastante o reino de Portugal durante os seculos XII, XIII e XIV sob o dominio dos onze soberanos da casa de Borgonha? Á custa dos Moiros, Portugal, Castella e Aragão e estenderam e locupletaram em solo, população e riqueza, ao mesmo tempo quasi, seguindo todos o mesmo nobre exemplo, e inspirando-se no sentimento da fé catholica, e no odio de raça, que separava christãos de mussulmanos.

III

A morte de D. Fernando, em 1383, ameaçou submergir Portugal na anarchia, ou extinguir-lhe a nacionalidade de que gozava, é que se não podia considerar inteiramente

solidificada diante do reino de Castella que se accrescentava cada vez mais em importancia e poder. D. Fernando fôra casado com uma hespanhola, Leonor Telles. Uma filha resultara do matrimonio, e esta fôra casada com El-Rei de Castella, D. João I.

Os Portuguezes odiavam a rainha, attribuiam-lhe crimes hediondos, e propagavam que a filha não pertencia a D. Fernando.

Apenas desceu ao tumulo o rei portuguez, a rainha tomou conta do governo do reino, que ás vezes dizia pertencer-lhe directamente, e ora se proclamava apenas regente em nome da filha ausente e rainha de Castella.

Os Portuguezes dividiram-se em bandos, a maior parte da nobreza e clero em favor da rainha, o povo em geral contra Castella.

A não se querer a rainha de Castella por soberana de Portugal, quem se elevaria ao trono de Affonso Henriques?

Dois irmãos restavam a D. Fernando, ambos naturaes, filhos de D. Pedro e da famosa Ignez de Castro. Ambos achavam-se ausentes de Portugal. Além d'esses dois filhos illegitimos, um terceiro bastardo deixara ainda D. Pedro, o infante D. João, devido a suas relações illicitas com uma mulher do povo, Theresa Lourenço,e conhecido pelo titulo de Mestre de Aviz. Era um joven agradavel, cortesão, popular, estimado geralmente.

Para D. João virou-se o povo, e quantos desejavam rei portuguez, afim de se não perder a nacionalidade e autonomia de Portugal, e nem voltar o paiz á situação de provincia de Castella.

Não seria possivel corromper Leonor Telles, casandoa com D. João, e reconhecendoos soberanos de Portugal?

A Rainha viuva andava, porém, apaixonada ha muito tempo por um castelhano, o conde Andeiro, que fruia em

Portugal importancia extraordinaria, já pelos favores de D. Leonor, já por uma familia poderosa, que fizera vir de Castella, se enriquecera, prestigiara e privilegiara no reino.

O povo de Lisboa atemorisou a rainha, que abandonou a capital. D. João apresentando-lhe suas homenagens, matou com seu braço o conde Andeiro nos proprios paços, e quasi á vista de Leonor Telles. A revolução começava, o povo de Lisboa proclamou governador do reino o Mestre de Aviz. A Rainha reclamou soccorros de Castella para sustentar seus direitos de regente e os de sua filha como herdeira da corôa portugueza.

D. João I de Castella invadio Portugal com um exercito numeroso e perfeitamente preparado. O exercito castelhano não encontrou resistencia quasi até as portas de Lisboa, em cujos muros se encerrara o Mestre de Aviz. Tudo quanto era castelhano e gallego se declarara contra Portugal; na propria nobreza portugueza, e no seu clero, grande parte, a maioria talvez, tomou partido por Castella, porque representava o principio da legitimidade.

A idea de que as instituições portuguezas excluiam do trono os principes extrangeiros não estava fixada e nem reconhecida em Lisboa. A fabula de Cortes de Lamego, ao proclamar Affonso Henriques a independencia, fôra só inventada muito tempo depois e pela primeira vez publicada pelo chronista Antonio Brandão. D. Affonso Henriques nunca convocara Cortes; foi seu neto D. Affonso II o que iniciou este costume em Lisboa, reunindo-as em Coimbra em 1281, e seus successores uma ou outra vez e irregularmente as chamavam quando tinham necessidade de seus serviços: antes do tempo do Mestre de Aviz, poucos quasi nenhuns populares eram convidados para ellas; em geral se compunham da nobreza e clero até essa epocha. Para

se repellir a reunião de Portugal com Castella, só uma revolução, e essa propagava-se entre os Portuguezes.

O Mestre de Aviz conseguio não só defender victoriosamente Lisboa, como obrigar os Castelhanos a abandonar o cerco da capital da monarchia. Attrahindo a seu partido varios guerreiros famosos, entre os quaes Nuno Alvares Pereira, atirou-se sobre os Castelhanos com a maior galhardia. Coroou-lhe a fortuna os esforços. Derrotou seu rival D. João I de Castella na famosa batalha de Aljubarrota, expellio-o por fim de Portugal, bem como a Rainha viuva Leonor Telles.

Reuniram-se então Cortes, de clero e nobreza ; foram convocados tambem por seus feitos, e pela primeira vez, muitos populares. Até ali a espada vencera, cumpria agora á sciencia crear o direito, que resultava da revolução. Cartas de convocação largamente distribuidas pelas communas deram grande preponderancia em numero ao elemento popular, como o desejava o Mestre. Um famoso jurisconsulto, chamado João das Regras, discipulo de Bartholo, e que frequentara varias universidades da Europa, expoz á assemblea, apoiado em textos latinos, o direito que assistia aos Portuguezes de escolher novo rei, mas rei que fosse portuguez de origem e de sentimentos. Invocando muitos deputados, principalmente da nobreza, preferencia em favor de um dos filhos de Ignez de Castro, João das Regras demostrou que eram tão bastardos como o Mestre de Aviz, e que um servia em Castella, e do outro quasi não havia noticia, desde que D. Fernando o desterrara de Portugal, a instigações de Leonor Telles, entretanto que o terceiro se achava em Portugal e batalhando pela causa da patria.

Os argumentos de João das Regras convenceram as Cortes reunidas em Coimbra em 1385. Representavam a na-

ção. Para tão urgente necessidade qual era decidir a sorte do reino, quem se não ellas se revestia de um caracter regular? As Cortes de Coimbra decidiram e proclamaram rei de Portugal o Mestre de Aviz, que tomou o nome e titulo de D. João I. Instituio-se de então um tal qual governo representativo regular, em cujo maquinismo pesaram por vezes as Cortes com influxo notavel; particularmente o braço popular, que maiores esforços empregara na revolução. Inicia-se, pois, o governo do Mestre de Aviz sob um sistema differente de instituições politicas, e elle tratou de organisar conselho de administração e casa regia, conforme as necessidades do momento. Concedeu empregos do mais subido influxo a João das Regras com o titulo de Chanceller, e a Nuno Alvares Pereira com o de Condestabre do reino.

D'ahi por diante tudo foi progredir em Portugal, e com tal rapidez e celeridade, que o seculo XV se tornou para o reino o da maior gloria, graças ao desenvolvimento e expansão, que se adquiriram. Respeitado, temido, e por fim reconhecido por D. João I de Castella, pode o Mestre de Aviz empregar o seu animo grandioso e vasta e intelligente iniciativa a tudo quanto considerava de honra e prosperidade do reino, e felizmente para Portugal governou-o D. João I até 1433.

Cumpre, antes de tudo, declarar que foi o Mestre de Aviz tão afortunado como particular quanto como soberano. Consorciando-se com uma princeza da casa regia ingleza, e de familia normanda, do ramo de Lancastre, rodeou-se de filhos os mais distinctos, os mais intelligentes, os mais honestos dos homens de seu tempo, que esmerada educação haviam recebido de sua mãi, D. Fellipa de Vilhena, senhora dotada de espirito elevado, caracter generoso, animo esclarecido, e virtudes singulares. D. Duarte, que

foi excellente rei; D. Henrique, duque de Viseu, o instigador das navegações e descobrimentos maritimos; D. Pedro duque de Coimbra, que se considerava um dos maiores sabios e philosophos da epocha, e exercera a regencia do reino; D. Fernando, o glorioso Infante denominado Santo que morrera prisioneiro de Moiros na cidade de Fez; onde encontrar em qualquer familia vultos mais notaveis?

D. João I de Portugal pretendeu corte apparatosa, a semelhança da normanda de Inglaterra. Além dos titulos de Condes, adoptados em Castella e que elle espalhou em Portugal, instituio Ducados, agraciando com elles e com privilegios e feudos correspondentes os cidadãos que mais o haviam coadjuvado na guerra da independencia, afim de supprir a lacuna que deixara a antiga nobreza de Portugal, que se transferira para Castella. Seus filhos receberam as honras de duques, e um filho do Condestabre Alvares Pereira, que se casara com uma filha natural que o rei tivera de Inez Peres, alcançou egualmente o titulo de duque de Bragança: eis ahi a origem da casa de Bragança, que actualmente reina em Portugal e Brazil.

Ao passo, porém, que creava titulos para ornar sua nobreza, coarctava-lhe os privilegios, para acautelar difficuldades e perigos futuros ao governo do soberano, e estabelecia em suas terras e contos empregados fiscaes da Corôa para a administração da justiça e a percepção de impostos; pacteava concordatas com o clero, para o coagir a não exercer intervenção na administração civil e politica, e reconhecer vassalagem á Corôa; libertava a Egreja nacional do jugo que até então lhe pesava, em relação á Egreja castelhana, pois que os bispados de Lisboa, Evora, Lamego e Guarda eram suffraganeos do de Compostella, e o de Silves do de Sevilha. Conseguio D. João I salvar a independencia dos bispados portuguezes, cedendo

a homenagem que alguns castelhanos rendiam ao de Braga. Procurava ao mesmo tempo elevar o povo e educa-lo politicamente; tratando de favorecer escolas para instrui-lo; dando-lhe importancia no regimen das communas e nas resoluções das Cortes, e chamando mesmo a seu conselho e corte os populares mais habilitados, e particularmente os que haviam recebido graus academicos, quando mesmo descendessem das classes mais humildes.

Reorganisou D. João a universidade de Coimbra, fundando cadeiras de direito romano para contrabalançar a influencia do canonico, e augmentando varios outros estudos, particularmente da lingua grega, para o qual mandou vir de Italia mestres abalisados.

Dando carta de alforria á lingua portugueza, ordenou que d'ahi em diante tudo se escrevesse em portuguez; quer relativo aos negocios publicos, quer ás correspondencias particulares, ficando concentrado o idioma latino na Egreja, e nos actos sacramentaes que se celebrassem.

Nomeou commissões de jurisconsultos e encarregou-as de codificar a legislação do paiz, espalhada confusamente em actos isolados. Foi este trabalho terminado unicamente sob a regencia posterior de D. Pedro, duque de Coimbra, e publicado com o titulo de Ordenações Affonsinas.

A revolução de 1385 produzio em Portugal os mais importantes beneficios. Tudo se reanimou, modificou-se, alterou-se, para maiores progressos. As instituições, as leis, os costumes, a indole dos povos, a iniciativa para grandes emprezas, as luzes e civilisação que incremento tomaram!

Suavisaram-se e poliram-se os usos e tendencias dos animos com a introducção da cavalherismo normando. Justas, torneios, divertimentos para mostrar valentias, estabeleceram-se por toda a parte, promovidos pelo rei e

pela rainha, e o respeito e acatamento e galanteria para com as damas foram estabelecidos como regras inalienaveis da boa sociedade. A influencia do grande feito nacional tornou-se tão social, como civil e politica.

São romanticas as chronicas domesticas d'esse tempo; d'ellas procede a lenda que faz ir a Inglaterra, convidados pelas damas inglezas doze portuguezes a justas e torneios, os quaes espantaram os proprios Normandos com seus feitos heroicos. Um d'elles, o Magriço, posto chegasse mais tarde, com tal denodo e galhardia venceu seus rivaes, que elles proprios o saudaram pelo mais valeroso. Não deixa de ser curioso saber-se que no exercito portuguez de D. João brilhava uma ala de cavalheiros com o titulo de namorados, que se batiam como leões, trazendo cada um ao braço as côres de suas damas predilectas. Attrahem a admiração as tradições da epocha sobre cavalherismos entre guerreiros, no seio mesmo das pugnas, e suspendendo-se a luta para se commetterem actos de cortesania e galanteria.

O bello sexo acompanhava o movimento. Donna Fellipa de Lancastre cercava-se de corte de damas, que porfiavam, a seu exemplo, em tomar parte nos torneios, acoroçoar os guerreiros, applaudir seus actos de valor e heroismo, e exercer por este feitio um esforço salutar ao progresso moral, intellectual e material, que se desenvolvia a olhos vistos.

Não tendo D. João I mais inimigos a combater no seu paiz, não lhe sendo possivel arcar com Castella, que limitava em toda a extensão de terras o solo portuguez, e que se achava poderosissima, curvando até á sua submissão o ultimo estado arabe concentrado dentro da pequena orla que de Granada corre para o mar, entendeu que o unico meio de conservar a autonomia portugueza ao lado de tão

forte arvore como era a castelhana de que se desgarrara como um galho, era ter a arma ao hombro, e conservar vigilancia acurada e rigorosa; pensou, portanto, em perpetuar nos seus subditos o espirito militar e a tendencia a emprezas gloriosas. Quando Portugal conseguisse augmentar-se em forças, não resistiria mais seguramente á Castella, que não deixava de lançar vistas de reconquista sobre sua perdida provincia?

Faltavam Moiros em Hespanha para combater, e terras a arrancar-lhes. Porque escaparia a Africa fronteira a arrojos portuguezes? Não se haviam d'ali passado no seculo VIII os Arabes, coadjuvados por Moiros e Sarracenos, a conquistar Hespanhas? Que theatro mais apropriado a emprezas portuguezas que o de Africa, e porque se não levaria lá a guerra, e se não apoderariam das cidades e campos Agarenos? Não ganharia egualmente a religião de Christo subordinando a seu culto tantas almas perdidas n'aquelles paizes desconhecidos?

Preparou-se secretamente, armou navios, embarcou-se, e salteou Ceuta, assentada á beira do Mediterraneo e perto do estreito que o comunica com o Oceano. Crespa e sanguinolenta foi a batalha. O rei, seus filhos e seus guerreiros mostraram-se rivaes no ardor e na valentia. Ceuta cahio no poder de D. João I, o estandarte portuguez desfraldou-se sobre seus muros e castellos, e a cruz de Christo substituio nas torres e mesquitas mussulmanas ao culto de Mahomet.

Fôra tão arrojado o feito que a victoria espantou o mundo. Tão pequeno reino como era Portugal, tão inferiores forças, como haviam curvado exercitos poderosos de emires de Fez e Marrocos, no proprio coração dos estados Mussulmanos? A Africa septentrional começou então a sorrir para os Portuguezes, chamando-os a seus sitios pittorescos.

Mas a conquista de Ceuta trouxe outros maiores e mais beneficos resultados. O duque de Viseu fôra seu primeiro governador, rodeara-se de sabios judeus e arabes que por ali encontrara, e considerára. Obteve d'elles noções importantes de astronomia, de geographia, de navegações, recebeu mappas mais ou menos informes da costa africana sobre o Atlantico, que os Moiros conheciam até quasi ó Senegal, e de volta a Portugal, procurou empregar em utilidade pratica os seus conhecimentos assim adquiridos. O duque de Coimbra viajara a Europa para se illustrar, e alcançara em Veneza exemplares de obras que tratavam de viagens do Oriente, uma copia do escripto de Marco Polo que estivera nas Indias, e mappas importantes do mar Vermelho, e do golfo Persico. O Infante duque de Viseu retirou-se a um promontorio elevado de Sagres, ali instituio uma academia de mathematicos, e abrio de ahi communicações e relações scientificas com quantos espiritos illustrados e audaciosos lhe podessem coadjuvar os designios de effectuar descobrimentos das terras africanas correndo ao sul de Marrocos.

Á sua custa pagava viagens a Genoveses, Catalães, Venezianos, Arabes e Judeus para se passarem a Sagres, e travar com elle palestras illustradas. Quando se achou preparado, esquipou navios, e entregando-os a pilotos e navegantes em quem confiava, ordenou-lhes percorressem as costas africanas para o Sul, cabendo-lhes mais ousadia com o facto de conhecer-se a bussola, de melhorar-se o astrolabio, e de applicar-se a barquinha para se apanhar as distancias percorridas.

Foram difficilimas as primeiras emprezas maritimas ordenadas e dirigidas pelo Infante D. Henrique. Muitos de seus collaboradores desanimaram ; o publico começou a acredita-las sonhos da phantasia. O duque de Viseu conti-

nuou, todavia, porque gastava á sua custa, e contava com o appoio de seu pai, o glorioso Mestre de Aviz.

Tambem, á excepção talvez dos Arabes, nenhum outro povo antigo ou moderno ousara arriscar-se n'aquellas paragens, e os proprios Arabes preferiam ás viagens por terra em caravanas, collocando-se por este feitio em relações com os povos d'aquelles sitios. Não haviam mappas regulares que fixassem ao certo as ilhas, os cabos, os rios, que pela costa se encontravam. Dos escriptos geographicos e cosmographicos dos Arabes se infere que elles além do cabo Bojador suppunham a existencia de correntes de aguas vedadas á navegação, e sobre as terras apenas se colhiam conhecimentos vagos e conjecturas de que eram habitadas por pretos, e possuiam grandes minas de oiro e prata.

Os Venezianos, Pisanos, Genoveses, Catalães e Gregos de Constantinopla eram monopolisadores da navegação do Mediterraneo e do seu commercio; os Normandos e Flamengos navegavam á vista das costas de França, Hespanha e Portugal, e penetravam o estreito de Gibraltar para irem a Napoles e Sicilia e ao Oriente. Ahi nada podiam os Portuguezes rivalisar com estes povos seus antecessores na arte da navegação; era-lhes mister affrontar novos mares, mares nunca d'antes conhecidos, para adquirirem riquezas, forças e gloria.

A ilha de Porto Santo e logo depois a Madeira descobertas levantaram o animo de D. Henrique. Gil Ramires, um dos seus pilotos, avistou d'ahi a pouco tempo o cabo Bojador, e as ilhas dos Açores e Cabo Verde. A ignorancia era tal na epocha que as ilhas dos Açores se consideraram costas do Cathay, de que fallava em seus escriptos Marco Polo, e designara em seus mappas Martim Behaim como a India fronteira á Europa.

Em 1442 entraram pela primeira vez em Lisboa pretos, que os navegantes trouxeram das terras africanas que iam descobrindo, e com elles veio o oiro de Guiné de que se haviam apoderado. O caminho estava traçado, e a morte de D. João I não fez esmorecer nem ao Infante emprehendedor, e nem a D. Duarte que subira ao trono como primogenito do Mestre de Aviz.

Continuaram as navegações, e já a Serra Leoa, a costa de Benin, e o Congo mandavam a Portugal especiarias, pimenta e drogas, que até então recebera a Europa das Indias por intermedio do Egypto e Syria.

D. Duarte apenas reinara cinco annos, deixando, todavia, a memoria de um soberano illustrado, justiceiro e virtuoso, posto que fosse infeliz no assalto de Tanger, que na Africa pretendera unir a Ceuta, legada por seu pai, ao reino de Portugal.

Tocou a corôa a seu filho menor D. Affonso, e a regencia ao Infante duque de Coimbra, que soube dar desenvolvimento a todas as forças que podiam ser proficuas ao estado. Proseguia, no entanto, em seus descobrimentos maritimos o duque de Viseu, e augmentava com elles o nome e dominio de Portugal, e ao mesmo adiantava as sciencias mathematicas, as geographicas e cosmographicas.

Posto que fallecera o duque de Viseu, não cahiram em esquecimento suas emprezas maritimas. D. Affonso V, ao passo que tomava aos Moiros Tanger e Arzila, promovia a continuação de descobrimentos maritimos, enviando a expensas do real erario expedições destinadas a effectua-las.

Que glorioso seria o reinado de Affonso V, denominado o Africano, si não houve tisnado sua reputação com a morte de seu tio e sogro, o duque de Coimbra, que regera o estado durante sua minoridade, e si por fim uma louca am-

bição de se apoderar da corôa de Castella o não houvesse arrastado a guerras infelizes, em que succumbio vencido?

Foi Affonso V quem mais que ninguem fomentou os progressos do archivo publico e da bibliotheca nacional; apenas soube que se inventara a imprensa em Moguncia, e em Valença se estabelecera uma officina, coadjuvou a fundação de outra em Leiria, para onde attrahio Allemães e Italianos a fim de se empregarem nos seus trabalhos.

Infelizmente predominava em D. Alfonso V uma desmarcada ambição. Henrique IV governava Castella; fôra casado com uma princeza portugueza, e tivera uma filha, D. Joanna. Os Castelhanos nutriram a seu respeito e ácêrca da legitimidade da princeza os mesmos sentimentos que os Portuguezes em relação a D. Fernando I e á filha de Leonor Telles. Não admittiam os nobres e o clero castelhano que ella podesse reinar.

Accesa a luta d'estas duas classes da sociedade contra seu soberano, entenderam deve-lo depor, e elevar ao trono o irmão, o principe D. Affonso, com exclusão da filha de D. Joanna.

Reuniram-se nas planicies de Avila em 1465, e formaram uma assemblea ou Cortes, exclusivamente de clero e nobreza. Sobre o trono haviam collocado um manequim com os adornos da realeza, e figurando Henrique IV. Declarou-o a assemblea decahido do trono, e o arcebispo de Toledo, como o mais elevado grande de Castella, despedaçou o manequim, atirou-o ao chão, e declarou Henrique IV deposto. Logo depois foi pela assemblea declarado rei de Castella o principe D. Affonso, que estava no meio dos conjurados, e se prestou a receber o sceptro e a corôa.

Mas Henrique IV encontrou no povo partidarios, empregou as armas contra os revoltosos, bateu-os em varios

encontros, e sustentou seu governo. Pacteou então com Affonso V de Portugal casa-lo com a princeza D. Joanna, herdeira de Castella, logo que o Papa de Roma concedesse as dispensas necessarias, que sanassem os impedimentos de parentesco, afim de que assim se reunissem e fundissem os dois estados da peninsula.

Fallecendo, no entanto, o Infante castelhano, D. Affonso, Izabel, sua irmã, levantou pretensões á coroa, com exclusão da sobrinha D. Joanna, em virtude da deliberação das famigeradas Cortes de Avila.

A nobreza e clero castelhano a sustentaram em maioria, ainda que D. Henrique IV continuasse a governar como rei. Desposando-se Izabel com Fernando, herdeiro do Aragão, podiam assim unir-se poderosamente os partidarios de Castella e Aragão, e é o que succedeu, apenas D. Henrique IV cerrou os olhos á vida.

Correu a defender a causa de sua noiva D. Affonso V de Portugal. Penetrou em Hespanha, apoderou-se de Zamora, Madrid, Baeza e outras cidades. Formou em torno de D. Joanna um exercito para defender-lhe os direitos. Mas Fernando de Aragão coadjuvou sua consorte, e uma grande batalha se deu em Toro, combatendo Aragonezes e Castelhanos contra Portuguezes, e resultando uma derrota completa para D. Affonso V.

Voltou D. Alfonso V para Portugal, trazendo em sua companhia a noiva desditosa. Toda a Castella reconheceu Izabel e Fernando como seus soberanos. Percebendo Affonso V que não dispunha de elementos para voltar a combater em Castella, entregou a regencia de Portugal a seu filho D. João, deixou a patria, e embarcou-se para França, no proposito de pactear com Luiz XI guerra commum contra Castella e Aragão.

Mas Luiz XI ajuntava a astucia ás maneiras : acolheu

excellentemente a D. Affonso V e entreteve-o com promessas vagas, a pretexto de que lidava em guerra com Carlos o Temerario, duque de Borgonha. Affonso V procurou concilia-los em vão, até que desenganado de que perdia seu tempo, e receloso de cahir em ridiculo, regressando a Portugal, publicou que partia de França a peregrinar na Terra Santa, onde acabaria seus dias de existencia em qualquer mosteiro, e communicou esta resolução ao filho D. João. Em vez de executar, porém, o designio que annunciara, occultou-se em um arraial da Normandia. Não o quiz ali Luiz XI, fe-lo embarcar em navios francezes de proposito esquipados, e seguir para Lisboa. Em 1478 desembarcou D. Affonso, espantando o filho, que já se considerava rei, e retomando-lhe o governo. Tratou de terminar suas questões com Fernando e Izabel, afim de não complicar Portugal em novas guerras, desistio de seu promettido casamento com a princeza Joanna, abandonou a sustentação de seus direitos á corôa castelhana, e coagio-a a recolher-se ao convento de Santa-Clara em Coimbra, onde até sua morte se intitulou constantemente Rainha de Castella.

Provaram os desastres de Affonso V, nos tempos ultimos de seu reinado, que os povos tem mais espirito patriotico que os reis, e por isso são ciosissimos de sua autonomia, e não dão ouvidos a desejos ambiciosos de principes de augmentarem seus estados. Os de Portugal não auxiliaram como deviam a seu rei porque temiam jogar na guerra sua independencia. Os de Castella e Aragão uniam ao enthusiasmo de defeza nacional a causa de principes proprios, que repelliam extranhos. Nada mais arriscado que invasões em terra alheia; os de casa, postos que inferiores, dispõem de maiores recursos para a defensa. Foi o que aconteceu a Portugal quando D. João I de Castella pene-

trou em seu solo para impor-lhe sua consorte, filha de D. Fernando e de Leonor Telles. Com egual direito repelliam actualmente Castelhanos pretensões loucas de um rei portuguez.

No entanto caminhava o seculo, que devia terminar a edade media, e fixar o cyclo das ideas que predominavam depois da queda do imperio romano; adiantava-se nova era de luz e civilisação, quando um estrondoso acontecimento maguou em extremo aos Christãos: os Turcos que na Asia e parte da Africa se haviam substituido aos Arabes, adoptada a mesma religião de Mahomet, que concentra no poder e acção do chefe toda a direcção politica, civil e religiosa, se tinham apoderado de Constantinopla, destruido o imperio grego, e estendido seu dominio por toda a Grecia, Illiria, Dalmacia, estados do Danubio, do Balkan e Bulgaria, ameaçando a Hungria e a Europa oriental.

Sentio quasi toda a Europa o abalo produzido pela invasão terrivel dos mussulmanos, quando poucos ainda restavam na Hespanha, e esses fracos e impotentes, dos que haviam commettido a irrupção do seculo VIII. Cada um dos soberanos christãos tratou de corrigir e modificar sua politica, assustados todos com os progressos do islamismo.

D. João II de Portugal, apenas succedeu a seu pae, firmou politica internacional de modo a ser respeitado, deixando a Castella e Aragão fundir-se em um só reino e estado com o accrescentamento da Navarra, que o Aragão absorvera, e Granada e Malaga, que por fim Castella e Aragão subordinaram a suas armas, expellidos de todo os Moiros. O que elle pretendeu foi estabelecer solidamente a independencia de Portugal, conseguindo-lhe posses ultramarinas, que o podessem robustecer e amparar contra pretensões de visinhos ambiciosos. No tempo, pois, de D. João II de Portugal e de Fernando e Izabel de Castella

e Aragão, toda a Hespanha se concentrou, com excepção de Portugal, em um só estado e reino. Desappareceu, por esse motivo, a lingua catalã, a gallega, e quantos dialectos ainda existiam em Hespanha, para reinar absoluta e exclusivamente a castelhana, como official e dominadora.

D. João II de Portugal soube ser rei : não tratava senão do bem de seu povo. Ninguem, todavia, camponio, nobre, peão, cavalheiro, rei, foi mais desditoso do que João II na sua vida intima e domestica. Teve um unico filho, perdeu-o ainda joven. Odiado por todos os parentes, que lhe não approvavam a politica de egualar diante da nação, da lei e da justiça, a todas as classes da sociedade, viveu assustado no seio de seus palacios, e exposto continuamente a trahições e tentativas de assassinato. Mas o vigor do caracter, a extensão da intelligencia, a vontade firme, e o espirito rigoroso de justiça, o tornaram um dos reis mais admirados e queridos do povo portuguez. É o ultimo soberano da raça directa de Aviz, e por muito tempo seu nome se guardou puro e idolatrado na memoria e saudade do vulgo.

Os nobres que sob o governo de Affonso V haviam obtido titulos honorificos, até então não adoptados em Portugal, marquesados, viscondados e baronatos, em paga de acompanha-lo lealmente em suas guerras, e derramar seu sangue nas aventuras planejadas, entenderam que deviam aproveitar o reinado de D. João II para rehaverem privilegios extinctos, ou conseguirem novos da Corôa. D. João II, porém, manifestou-se-lhes implacavel, e com severidade fez cumprir nos seus coutos e honras inquirições que os prejudicaram, e mandou arrasar certos solares e castellos, que lhe pareceram mais proprios de ninhos de salteadores que de vivenda da nobreza portugueza.

Conjurações se tentaram contra o poder regio, e n'ellas

figuraram os primeiros fidalgos, parentes do soberano. D. João II não trepidou em castiga-las. Mandou levantar cadafalsos, e o duque de Bragança e varios nobres, depois de um summario brevissimo e secreto, ahi perderam as vidas como reos de lesa magestade. Seu outro parente, o duque de Viseu, cunhado e primo, mereceu morte mais digna na sua opinião. Aos proprios paços de Setubal o chamou, e exprobrando-lhe seu procedimento desleal, o matou com suas proprias mãos, mandando cortar pelo algoz e em publico as cabeças de D. Fernando de Menezes e de D. Pedro de Athayde, e enterrar vivo em uma cisterna do castello de Palmela o bispo de Evora, cumplice de tramas politicas.

Extinguio D. João II parte da jurisdicção civil e criminal de que fruiam em suas terras os nobres e o clero : estabeleceu juizes permanentes da Corôa com instrucções claras, positivas e energicas, e alçada bem definida. Exigio que lhe exhibissem as cartas de mercês e doações, para as examinar, e approvar aquellas que estavam regulares, não admittidâ a posse ou prescripção. Ordenou se prendessem os culpados em qualquer parte onde fossem encontrados, sem respeito a immunidades nobres ou ecclesiasticas.

Pretendeu à Curia romana involver-se em negocios de Portugal, incitando o clero á resistencia. Communicou-lhe officialmente El-Rei que não entenderia com privilegios da Egreja, mas estava firmemente resolvido a não augmenta-los ; reprehendeu publicamente o cardeal Costa, arcebispo de Lisboa, e ameaçou-o de coagi-lo em suas opiniões e actos contrarios a uma inteira submissão á Corôa. O cardeal abandonou de subito o reino, e foi acabar seus dias em Roma.

Exercia salutar vigilancia sobre a magistratura, e castigava rigorosamente prevaricações, ao passo que na admi-

nistração sabia egualmente distribuir justiça e premiar os benemeritos.

Mais ainda que seus antecessores, fomentou os progressos da navegação, dos descobrimentos maritimos e conquistas ultramarinas. Na Africa septentrional domou e juntou ás suas outras possessões a praça de Azamor e outras de importancia, apertando e prejudicando os Moiros. Enviou varias expedições, seguindo o sistema do duque de Viseu, para estender os conhecimentos geographicos e levantar padrastos ao dominio de Portugal.

Ha quem pense e sustente que o Infante D. Henrique iniciara o movimento de navegação e descobrimentos maritimos, no intuito só de ganhar gloria a seu nome, adquirir riquezas para Portugal, desenvolver a influencia da religião catholica, e incitar os progressos das sciencias mathematicas. Documentos se nos mostram hoje que demonstram que o duque de Viseu meditou desde o principio abrir caminho aos Portuguezes para o commercio das Indias, que só então se fazia pelo Egypto e Syria, e monopolisado se achava pelos Venezianos, Genoveses e Catalães, que aos Arabes haviam substituido na navegação do Mediterraneo.

Dos estudos profundos, a que se applicara, e do que colhera dos Arabes e Judeus illustrados, de mappas, posto que confusos e incompletos, que adquirira, se persuadira que logo após o rio Senegal parava a Africa e estava aberto o mar para as Indias; se convencera que nas ribas do mar Vermelho, que separa Africa da Asia, existia o reino christão da Abyssinia, com cujos habitantes devia Portugal contar em auxilio da empreza gigantesca de mais facilmente trazer á Europa as mercadorias das Indias. Para conseguir a realisação de seus planos, carecia de fazer correr e reconhecer a costa occidental da Africa, e é o que

praticara em todo o correr da sua vida e no que foi seguido por D. Affonso V e D. João II.

D. João II adiantou-se mais porque conseguio fazer reconhecer o cabo das Tormentas denominado então por elle da Boa Esperança como termo da Africa, enviando em sua descoberta e posse a Bartholomeu Dias comandando tres velas possantes. Para maiores esclarecimentos conseguir nas suas futuras investigações, enviou a Palestina dois homens habilitados, Pedro de Covilhã e Affonso de Paiva com cartas e ordens para percorrer a Arabia e a Abyssinia e attingir as costas das Indias, informando-o miudamente de quanto podesse interessar a navegação que para aquellas paragens se encaminhasse.

Paiva morreu no Oriente, mas Covilhã alcançou chegar a Gôa e percorrer a costa asiatica, de onde se passou para o Egypto, e de lá avisou por vezes a El Rei de negocios importantes. Em quanto El Rei de Portugal se preparava para fazer dobrar o Cabo por uma armada, que seguisse rota das Indias, procurando abrir relações com Prestes João, que assim se denominava o rei christão da Abyssinia, appareceu em sua corte o genovez Christovam Colombo a offerecer-lhe seus serviços no intuito de seguir directamente para as Indias e Cathay. Assegurava o Genovez que as ilhas dos Açores pertenciam já á Asia, bem como as de Madeira e Porto Santo, e que os meios de communicação entre as Indias e a Europa se tornariam mais faceis e baratos.

D. João II ouvio o seu conselho de homens habilitados, e seguio-lhes o parecer, desprezando o offerecimento do Genovez por impraticavel, quando contava certo ir ás Indias torneando a Africa, onde egualmente se encontrariam povos e commercio de importancia e valia. Dirigio-se então Colombo a Izabel e Fernando, de Castella e

Aragão, e por elles protegido descobrio a America para a Hespanha, suppondo, todavia, que era a costa da Asia virada para a Europa.

Quando proseguia em Portugal reinado tão fecundo como o de D. João II, um acontecimento teve lugar em Hespanha, que poderia ser proveitosissimo para o reino visinho, si o espirito da epocha lhe não nullificasse os effeitos, cegando a razão dos homens com as doutrinas de uma fé intolerante e de um fanatismo exagerado.

Começara a perseguição dos Judeus desde os reinados de Vespasiano e Tito, imperadores romanos; exilados de Jerusalem, e com suas familias obrigados a procurar abrigo em diversas partes do mundo, espalharam-se os Judeus por quasi todas as nações e povos, maltratados e desprezados sempre como raça amaldiçoada, ora captivos, ora libertos, consentidos as vezes como cidadãos. Formavam na Europa, na Asia e na Africa, sociedades e familias particulares e isoladas, sem gozarem de direitos politicos, e sem quasi de garantias civis, mais pela tolerancia que por effeitos de legislação propria. Activos, intelligentes, economicos, industriosos, tornaram-se os israelitas possuidores de grandes propriedades e riquezas, que não raro particulares e governos lhe roubavam, quando d'ellas tinham necessidade. Não foi sómente o polytheismo dos Romanos que detestava o hebraismo; a propria religião de Christo, e a que depois fundara Mahomet, não lhe applicavam senão o desprezo e a perseguição.

Descanso poucas vezes encontravam no mundo tantas familias israelitas dispersas e emigradas, e que se propagavam com espantosa fecundidade, posto que victimas errantes, e muitas vezes trucidadas com a maior barbaria. Não perdiam todavia a religião de Moysés, e nem suas tradições e costumes nacionaes, ainda que sem patria va-

gando pelo mundo. Arabes e Sarracenos, Italianos, Francezes, Inglezes, Hespanhoes e Allemães, Turcos e Egypcios, todos os maltratavam e odiavam.

Exerciam, no entanto, a medicina, a pharmacia, a chirurgia; estudavam as sciencias e a astronomia, a chimica e a phisica; applicavam-se ao commercio e á industria; aprofundavam as finanças, e agglomeravam fortunas que espantavam e causavam invejas incessantes e permanentes aos christãos e aos Moiros.

Nas Hespanhas habitavam numerosas familias israelitas desde o tempo dos Romanos; o povo que menos cruelmente os tratava havia sido o arabe, não o moiro ou sarraceno, seu auxiliar da Africa, mas o arabe de origem asiatica, que fôra o mais tolerante e cavalheiroso dos conquistadores.

Aos judeus recorria a plebe, a nobreza, os reis, sempre que tinham precisões de dinheiro, posto que o odio de raça e de religião lhes incitava desprezo pelos israelitas, como assassinos de Jesus Christo.

Em Castella, no Aragão, na Navarra, em Portugal muitas vezes gozaram de importancia alguns hebreus pelas suas fortunas, pelos auxilios e serviços poderosos que prestavam aos reis e á nação, sem que todavia conseguissem estima e consideração. Em Portugal, sob varios soberanos, e nomeadamente durante os governos dos ultimos reis da casa de Borgonha, e primeiros de Aviz, administravam as finanças da Corôa, e percebiam os direitos pecuniarios que aos povos cumpria pagar á Corôa. Esta situação, porém, lhes acarretava maior indisposição do publico, porque zelavam as cobranças, e não perdoavam as dividas. Cada vez que o destino lhes soprava favoravelmente para obterem uma posição mais aceitavel, mais incorriam na animadversão dos populares e do clero catholico, que

não cessava de clamar e agitar as massas vulgares contra os filhos miseraveis de Jerusalem.

As Egrejas, na qualidade de obras dos homens, são sempre intolerantes, e não raro perseguidoras. Exigem crentes decididos e orthodoxos, e combatem tudo o que a razão póde oppôr-lhes de duvidas. Como todas, a catholica, apezar de mais pura na sua origem e nos dogmas do seu divino creador, não faltou a esta regra invariavel de intolerancia e fanatismo, sempre que lhe sobraram meios de ostentar sua força, e extinguir pela violencia, pelo fogo, pelo sangue, pelos cadafalsos, as doutrinas que considerava hereticas.

Ao principiar o seculo XIII nenhuma parte da Europa era mais perfeitamente cultivada, mais esmeradamente industriosa, mais agradavelmente civilisada e illustrada, que a orla de terra que dos Pyreneos segue para o condado denominado particularmente de Proença. Abrangia muitas cidades, povoações ricas e importantes e animava-se de um espirito cavalheiroso e galante que celebrisavam seus trovadores em versos maviosos de uma lingua doce e suave, que fôra a primeira litteraria da Europa, o proençal, e que desde a derrota dos Albigenses e ruina completa do paiz, com a autonomia e independencia da patria perdidas, desappareceu egualmente com a nacionalidade.

Uma seita ali se declarara que não obedecia em tudo á Curia romana, e se denominava dos Albigenses. O papa Innocencio III não a pode supportar. Chamou a uma cruzada os reis e senhores feudaes das visinhanças, promettendo-lhes partilha do solo e augmentos de propriedades, fallando-lhes á cobiça; aos povos e servos affiançou perdão dos peccados, salvação na outra vida, fortunas que podessem adquirir nos saques, a fim de os animar a entrarem

na santa cruzada contra os hereges Albigenses: no intuito de que ninguem faltasse ao appello da Egreja, ameaçou com escommunhões e castigos severos quantos não empunhassem as armas em favor da pureza da fé catholica.

Foram derrotados e exterminados os hereges Albigenses, talados os seus campos, roubados os seus bens, arrasadas suas habitações e povoações; e a fogueira e o cadafalso decimaram as familias que ainda restavam das guerras santas.

Não contente com a victoria, mandou ainda o Papa legados que nas localidades syndicassem dos sentimentos religiosos das povoações que restavam; organisou tribunaes ecclesiasticos, que condennassem immediata e summariamente, e obrigassem as autoridades temporaes a executar-lhes as sentenças. A ordem monastica instituida por são Domingos foi a incumbida de formar os tribunaes, e o proprio auctor, canonisado pela Egreja como sancto do calendario, não poupou perseguições, mostrando-se severo e inexoravel juiz, excitado pelo fanatismo religioso.

Denominou-se este tribunal de syndicancia e punição das heresias a Santa Inquisição, e o Pontifice romano lhe concedeu estatutos com privilegios e attribuições particulares. Do paiz dos Albigenses estendeu seu poder a algumas localidades da Italia e da Allemanha, e ao reino do Aragão, onde um famoso juiz, Pedro Arbues, que a Egreja venera, commetteu tão horrorosas barbaridades, que foi victima do punhal dos vingadores d'aquelles que elle condemnara ao cadafalso e á fogueira.

São Fernando de Castella adoptou em parte para seus estados a Inquisição, a fim de que se não levantasse scisma religioso entre seus povos. Fernando de Aragão tanto instou com sua consorte, Izabel de Castella, que conseguio fazelo fundar em Castella. Não apparecendo hereges propria-

mente, isto é, christãos que não acceitassem inteiramente a orthodoxia de Roma, empregou-se a arma contra os suspeitos de descendentes de Judeus, que se proclamavam catholicos mas que se suspeitavam guardar incolumes suas tradições e culto Que messe abundante encontrou o tribunal, e seu execrando primeiro chefe, o celebre Thomaz Torquemada, n'esses desgraçados, embora já de ha muitos tempos reconhecidos bons hespanhoes e catholicos, alguns consorciados nas mais nobres e importantes familias, mas que testemunhos falsos e conjecturas duvidosas suppunham descenderem do povo israelita? Aceitaram-se todas as denuncias, secretos se tornaram os processos, as victimas arrastadas sem defeza ás masmorras, condemnadas sem piedade, ignorando ellas mesmas quem eram os seus accusadores e quaes as suas culpas!

Sómente no anno de 1478 cerca de quatro mil pessoas foram queimadas nas fogueiras da Inquisição em Castella, e mais de trinta mil jaziam carregados de ferros e soffrendo torturas do polé e de atrozes tormentos em hediondos calaboiços, á espera do dia em que deviam morrer. Desenvolveu-se no povo um furor fanatico contra quantos com ou sem o menor fundamento qualquer inimigo denunciava como christão novo, converso, marrano. O governo e o clero que ganhavam na partilha dos bens, que se confiscavam aos condemnados, aproveitavam e incitavam com gosto esta lamentavel cegueira dos espiritos! Attribuiam-se aos Judeus que tentavam de envenamento de fontes ou depositos de agua e de comedorias para extinguirem a raça dos christãos, roubar crianças para as cruxificarem, e espalharem a peste, e tudo o vulgo rude e ignorante acreditava piamente.

Não contente com o Santo Officio para se libertarem dos christãos novos, Fernando e Izabel estenderam perseguições

aos mesmos judeus que se conservavam ostensiva e fielmente adherentes á sua religião e crenças, no intuito de se apropriarem de seus bens e riquezas que eram immensos. Publicaram em 1492 um decreto ordenando que todos os judeus não convertidos ao catholicismo, qualquer que fosse sua edade ou sexo, residentes nas Hespanhas, se retirassem do reino em o prazo de tres mezes, podendo antes vender seus bens e levar comsigo a importancia do que possuiam em lettras de cambio, não em oiro, prata ou objectos preciosos, sob pena de serem condemnados a morte, mesmo no caso de regressarem á Hespanha.

É impossivel descrever as angustias e soffrimentos do malaventurado povo israelita, que para sua gloria e respeitabilidade havia conservado a travez de tantos seculos, de tantos povos inimigos, e em perpetuo exilio, seu culto, suas tradições, seus costumes, seu Talmud e seu caracter intacto!

Que remedio se não abandonarem de novo a patria, que patria lhes era já Castella, visto que não queriam renegar sua religião! A maior parte dos bens perderam e desampararam pela impossibilidade da venda, pela realisação do producto em letras de cambio e mil outras circunstancias difficeis do momento. Uns se transferiram para Italia, Allemanha ou França; outros para Fez, Argel e Marrocos, pedindo asilo e misericordia. Calcula-se o numero d'estes emigrados em cerca de duzentos mil. Muitos dirigiram-se para Portugal, contando-se talvez oitenta mil, que se precipitaram aos pés de D. João II implorando sua piedade.

Acolheu-os benignamente D. João II e concedeu-lhes permissão para se estabelecerem provisoriamente em Portugal e exercitarem suas industrias, pagando-lhe um tributo por cabeça, e compromettendo-se, passados dois annos, a se transferirem para outro paiz, porque não dese-

java travar questões diplomaticas e desagradaveis com os reis visinhos.

Estudadas as ideas que vigoravam na epocha, considerada a posição de Portugal, pequena nação e reconhecida a força e grandeza de Hespanha, porque já Hespanha era, e um só governo reunia, sob sua direcção, toda a peninsula, tendo-se fundido Navarra e Catalunha, ligado por contractos o paiz wasconso e succumbido o ultimo resquicio de Arabes e Moiros que se aninhara em Granada e Malaga; mostrava D. João II grande energia em admittir em seu reino e conceder certas liberdades aos judeus exilados de Hespanha; e de feito, não tardaram os reis catholicos em iniciar correspondencia azeda accusando o rei de Portugal de estorvar-lhes os planos de apurar a fé e a raça dos homens, como era proveitoso para o christianismo.

No intuito de conseguirem seus intentos fanaticos, convidaram os reis catholicos ao de Portugal a aceitar e estabelecer um tribunal do Santo Officio da Inquisição ad instar do de Hespanha, que na opinião dos dois monarchas hespanhoes commettia serviços os mais importantes na perseguição da heresia, e na salvação das almas.

Recusou-se D. João a aprovar-lhes votos tão ardentes e pios, allegando que não conhecia heresia em Portugal, e tinha muito amor a seus subditos para puni-los tão rigorosamente; que bastava que elle considerasse eguaes quantos se diziam catholicos, sem procurar saber de que origem provinham. Em relação particularmente aos judeus que persistiam em seus erros religiosos, elle não dispunha da justiça divina, e a humana exigia apenas que os coagisse a pagamentos de impostos mais pesados, á habitação em bairro particular para não contaminarem com suas continuadas relações os outros cidadãos, e a sua apresentação

em publico com um distinctivo que os fizesse logo reconhecer por israelitas.

Tanto é mais para admirar a tolerancia e elevação do espirito de D. João, quanto seu povo começava a incitar-se contra os judeus, já pelos exemplos de Hespanha que transpunham as raias e fronteiras e creavam proselytos, já pelo odio que contra os israelitas o' clero nutrira sempre, e constantemente tratava de communica-lo ás massas populares, arrastadas de ordinario pela ignorancia e fanatismo, de que aproveitavam os padres e frades nas confissões, nas conversas, no pulpito, nas praças publicas, a fim de as curvarem a suas ideas e instinctos. Já nas Cortes celebradas em Evora, em 1487, tanto o braço ecclesiastico como o popular, haviam tomado resoluções pedindo ao rei providencias contra os judeus, a pretexto de ricos e pois perigosos no estado, e que além de tudo eram inimigos natos e irreconciliaveis da religião e dos christãos.

No entanto não esquecia D. João II os preparativos para ir a India, dobrado o cabo da Boa Esperança ; era uma idea fixa que o não deixava de atormentar tanto mais vehementemente quanto de volta de seu descobrimento das Antilhas aportara a Lisboa Christovam Colombo, e recebido pelo rei de Portugal com toda a amabilidade, expôz-lhe sua feliz jornada, e pintou as terras que avistara como partes do Cathay e das Indias, sob côres as mais deslumbrantes que dessem arrependimentos a D. João II de ter desprezado seu offerecimento de servir a Portugal de preferencia a qualquer outro reino. Já D. João II se havia lembrado do almirante Vasco da Gama, celebridade maritima do seu tempo, para commandar a expedição, quando uma cruel molestia lhe patenteou francamente que se aproximava o momento de descer ao sepulchro.

Isolado da familia, vivendo solitario nos seus paços, no

meio apenas de alguns amigos que protegia, ou que o estimavam, via a morte tocar-lhe sem que os braços de parentes tão numerosos que tinha o apertassem pela ultima vez. Querendo deixar ordem no reino e na administração, fez testamento, instituindo herdeiro da corôa seu primo D. Manuel duque de Beja, filho do duque de Viseu, que elle assassinara com sua propria mão em Setubal, e mandou-o chamar a seu leito de dôres. Abrindo-lhe o peito, dando lhe conselhos de pai e avisos de rei, entregou-lhe o testamento, declarando que o sceptro lhe cabia, e com elle recommendações particulares cujo cumprimento lhe exigia sob juramento. Em 1495 morreu o grande rei portuguez, em varios traços semelhante a Luiz XI de França, com excepção das qualidades moraes, em que tão diversos se manifestaram, porque Luiz XI fora um perverso, malvado e trahidor, em quanto que D. João II, bem que severo, era leal e justiceiro; dispunham ambos de egual sagacidade para conhecer os homens, e aproveita-los; trataram ambos de engrandecer seu paiz, e a ambos coube a missão de abater e curvar as pretenções audaciosas dos nobres do seu tempo. Procede d'estas ultimas circunstancias o amor que lhes tributava o povo, porque o rei plantava o principio de egualdade entre todos os seus vassallos sem distincção de classes ou cathegorias.

IV

Observámos, na antecedente conferencia, como durante o seculo XV e sob o dominio da casa de Aviz, não só melhor se firmara, como tomara espantoso incremento,

adquirira rapidos progressos e egualava a todas as outras nacionalidades a nacionalidade portugueza, que, no tempo dos Burgonheses, acompanhava mas delonge a marcha de Castella e Aragão.

Apreciaremos hoje como este movimento da vida politica, social e civil do povo foi correspondido pelo da lingua que elle fallava, e notaremos os effeitos produzidos pelo decreto de D. João I, ordenando que d'ahi em diante só no idioma vulgar ou já portuguez se escrevessem todos os actos, correspondencias, resoluções, leis, contractos, quer publicos, quer particulares, reservado exclusivamente o latim para os sacramentos da Egreja e para as obras de theologia.

Equivaleu este acontecimento a uma revolução, semelhante á que elevara o Mestre de Aviz ao solio regio. Firmou-se a lingua portugueza e creou-se uma litteratura que até então não existia : porque não formam uma litteratura coplas, canções, trovas, cantares do povo para divertir-se, alegrar-se, consolar-se. Depende a litteratura do apparecimento e desenvolvimento de todos os ramos scientificos, litterarios e artisticos, que entre si rivalisando, alargam o campo dos conhecimentos humanos e são proficuos á civilisação.

Si até D. João I não se patentea a lingua fallada em Portugal senão em versos, a maior parte sem poesia, parecendo mais palavras rimadas e phrases que acabam em toada quasi musical para os sentidos, que expressão de um pensamento, de uma imagem, de uma idea, de um sentimento qualquer, posto que em uns ou outros lá se vislumbrem indicios tocantes, sons melancholicos, iniciou-se de D. João I em diante a prosa, e a prosa é a que organisa e firma a lingua, com regras, prosodia, sintaxe e feições caracteristicas de idioma civilisado.

E era tempo, porque já Italia, Inglaterra, Castella e França apontavam com orgulho para escriptores proprios que lhes poliam e aperfeiçoavam as linguas.

Os documentos que se conheciam até então haviam sido escriptos em um latim, não raro corrupto e abastardadissimo, e se guardavam nos claustros, conventos, abbadias e collegiadas, como preciosidades : dos tres primeiros seculos da monarchia portugueza chegou a nossos tempos unicamente uma carta de Affonso III ao rei de Castella, pela qual se lhe reconhecia feudatorio dos Algarves. Em vulgar, ou lingua fallada, só appareciam os numerosos versos dos differentes cancioneiros, a que egualmente nos referimos.

Não tivera tempo a Commissão de jurisconsultos nomeada por D. João I de apromptar, em vida do monarcha, a codificação das leis portuguezas que o Mestre de Aviz desejara fosse o primeiro monumento litterario da sua epocha. Mas não tardaram a ser conhecidos um romance cavalheiroso escripto por um cavalheiro que se batera valentemente em Aljubarrota, na ala dos enamorados, e um escripto semi-philosophico, semi-politico, devido ao filho primogenito do rei, o Infante D. Duarte; e estas duas obras podem-se considerar os primeiros documentos em prosa da lingua portugueza.

O *Leal conselheiro* de D. Duarte resume maximas sensatas e politicas, que o autor dedica a sua consorte, e que provam a perspicacia e o animo pensador do principe : a lingua é rude ainda, mas separa-se cada vez da usada anteriormente no verso, porque é de um homem illustrado que cultivava a lingua e litteratura latina, e procurava aproximar seu idioma patrio á origem latina, na etimologia, na phrase, no vocabulo, na grammatica, tornando-o assim neo-latino. Compoz egualmente o mesmo principe

segunda obra, a *Arte de bem cavalgar*, destinada aos cavalheiros do seu tempo. D. Duarte não se pode orgulhar, todavia, de ser o unico escriptor da familia. Seu irmão, D. Pedro duque de Coimbra, que viajara a Europa, aprendera diversas linguas, estudara o arabe, aprofundara as sciencias mathematicas, e trouxera para sua patria livros, documentos e mappas geographicos desconhecidos, e que muito serviram ao irmão, D. Henrique duque de Viseu, para as emprezas maritimas e descobrimentos de novas terras, redigiou tambem um tratado de moral, additamentos ao escripto de D. Duarte, e collecções de trovas e cantares.

Notava-se por este feitio o incentivo dado ao desenvolvimento das letras e das sciencias, com o emprego da lingua vulgar, ao passo que se purificava, enriquecia e opulentava o idioma que se fallava. Por meio de melhoramentos introduzidos nos estudos da Universidade, que infelizmente desde sua fundação por D. Diniz se mudara por vezes de Lisboa para Coimbra e de Coimbra para Lisboa, até que definitivamente descansou em Coimbra; dos ramos de mathematicas, particularmente astronomia, geographia e nautica, cuja escola principal o duque de Viseu assentara no promontorio de Sagres, com filiaes em Lisboa, era impossivel que a instrucção publica se não espalhasse por maior quantidade de cidadãos, passando as fronteiras dos conventos para as casas populares, e incitando os espiritos para commettimentos e emprezas gloriosas.

Não foram só professores para a universidade e aulas de humanidades, que mandara D. João I vir do extrangeiro, entendera tambem que a gloria do reino não attingiria tanto a seu zenith com sciencias e lettras, como pela assimilação e applicação das artes liberaes. Pintores, esculptores, gravadores, arquitectos, contractara em Italia e outros

paizes, onde as artes se cultivam com esmero. Devem sua fundação ao genio elevado de D. João I o monumento admiravel da Batalha, que é um dos mais completos e sublimes do genero gothico, a egreja de Santa Maria de Guimarães, curioso vestigio da epocha. Datam de seu tempo esboços importantes e trabalhos estimaveis de gravura, de pintura, de ornamentação de livros religiosos, que provam os progressos que tão facilmente alcançara Portugal na applicação das artes.

Voltando á lingua que parecia cultivada então com esmero, pena é que os originaes de algumas das obras do principio do seculo XV se perdessem, restando-nos só a memoria; mais que de todas devemos lamentar a do romance *Amadis de Gallia*, composição de Vasco da Lobeira, do tempo em que ainda se não conhecia a imprensa, e que nunca em portuguez se chegou a imprimir depois que a arte typographica foi descoberta, quando traducções d'elle castelhanas, italianas, francezas e inglezas foram dadas a conhecer ao mundo, pelos prelos de Guttenberg de Moguncia.

Resultou d'ahi que escriptores francezes o reclamam como seu, e nacional, quando sua primeira publicação pela imprensa foi em castelhano em 1526, de que se extrahiram as versões francezas e italianas, posteriormente dadas á luz. Nem vale a pena combater a pretensão franceza, que até a invenção dos balões aerosticos attribue a seu compatriota Montgolfier, quando mais de cincoenta annos antes o brazileiro Bartholomeu de Gusmão fizera um elevar-se ao ar, no terreiro do paço de Lisboa, perante D. João V e a corte e povo que concorrera ao expectaculo.

Não admira que castelhanos attribuam á sua nação o romance *Amadis de Gallia*, calando o nome do autor verdadeiro, porque foram os primeiros a publica-lo em sua lingua, para a qual o haviam vertido do original por-

tuguez. A primeira publicação, de 1526, feita por Ordonnes Montalvo declara positivamente que são traduzidos do portuguez os quatro primeiros capitulos, sem designar o autor, mas que os seguintes e immediatos são proprios do idioma castelhano.

Si as publicações francezas, posto se não declarem traduzidas, são copias perfeitas do castelhano, e muito posteriores em data, como se ousa chamar o romance picardo ou normando?

É verdade historica que existio o portuguez Vasco da Lobeira, que os documentos da epocha fallam d'elle como excellente guerreiro, muito estimado cavalheiro da corte de D. João I, poeta e autor do romance *Amadis de Gallia* A tradição guardou sua memoria e a de seu livro, e João de Barros, Antonio Ferreira e varios escriptores do seculo XVI o mencionam e certificam. Cervantes, o famoso autor de *D. Quichote de la Mancha*, que viveu nos fins do seculo XVI, tratando de *Amadis de Gallia* que muito aprecia e elogia, chama-o composição portugueza e de Vasco da Lobeira. O conde da Ericeira, no seculo XVII, affirma em suas obras que vira ainda copias de *Amadis* de Vasco da Lobeira em portuguez, em algumas livrarias e bibliothecas de Lisboa, e implora a sua impressão, que infelizmente nunca se effectuou, e ou o terremoto, ou outras circunstancias causaram o desapparecimento até hoje de uma composição tão interessante, até sob o ponto de vista do estado da lingua portugueza no principio do seculo XV, comparada a linguagem de Vasco da Lobeira com a de D. Duarte e de outros litteratos da epocha.

E que importa que as principaes façanhas das personagens se passassem em Inglaterra, França, Escocia, Oriente, e varios paizes da Europa? Não procedia do norte da Europa o gosto que se introduzia por toda a parte pelo ro-

mance cavalheiroso? Não eram as cortes de Arthur de Inglaterra e de Carlos Magno, que haviam produzido os costumes das cavallerias e aventuras de correr o mundo, bater-se pelas bellas, affrontar gigantes e ousar galhardias estrondosas e nunca vistas?

Diria um francez que a Bretanha era separada de Pariz por mares? Que para ir de França para Inglaterra se gastavam dez dias de navegação, reinando mesmo vento favoravel? Um francez declararia que El-Rei de Inglaterra convocara Cortes de riccos homens e homens bons do povo? Inglaterra tinha suas Cortes de barões. França não conhecia taes assembleas. Em Portugal é que D. João I organisara Cortes com maior quantidade de homens bons do povo, que antes d'elle quasi exclusivamente eram de clero e riccos homens, isto é, fidalgos, porque até João I não haviam propriamente titulares em Portugal, posto a fidalguia gozasse de privilegios feudaes e se compuzesse de riccos homens, infanções e cavalleiros.

Não era natural que Vasco da Lobeira preferisse Inglaterra para theatro principal das aventuras de seu heroe, quando poderia ahi considerar-se uma cortezia e homenagem á rainha Fellipa de Lancaster, ingleza, e o que é mais, da raça dos duques de Normandia, oriundos de França e que ainda em França possuiam grandes feudos territoriaes, já senhores do throno de Inglaterra?

Demais, com D. Fellipa de Lancaster tinham vindo em Portugal estabelecer-se muitos cavalleiros e ecclesiasticos normandos de Inglaterra, e o romance cavalleiroso mais deve aos Normandos, posto que invasores de parte de França depois dos Francos, aos quaes tiraram grandes territorios, mas com quem se alliaram e fundiram inteiramente em religião, lingua, costumes e nacionalidade. Mostraram-se mais habilitados para as lettras os Normandos, e

o idioma que adoptaram tornou-se lingua official para toda a França, desde que fóra o sul subjugado, e extinctos os feudos e estados independentes de Proença, Tolosa, Gasconha e outros paizes. Não haviam sido tão estimados, tão apreciados e admirados os fildagos inglezes pelo povo de Portugal? Não exerciam sobre elle influxo sensivel pela superioridade da instrucção?

Como não deviam ser escolhidas a corte e a terra inglezas para theatro de aventuras do heroe de Vasco da Lobeira? Não encontrava echo mais extenso, reflexo mais brilhante, curiosidade mais exitada, collocar-se Amadis de Gallia em Inglaterra que em Portugal, quando se tratava de pintar justas, torneios, façanhas assombrosas, labyrintos inexplicaveis de aventuras, quando a fama de Ricardo Coração de Leão e de outros normando-inglezes portentosos enchia o mundo de espanto?

O *Amadis* é uma collecção de aventuras maravilhosas, com cavalleiros andantes, damas feiticeiras, encantadoras, como foram depois e com mais merecimento o Orlando furioso de Ariosto e o Amoroso de Boyardo; lido na versão castelhana, são mais simples, menos extravagantes e mais poeticos os quatro primeiros capitulos originaes portuguezes que os que completam o romance, accrescentados pelo traductor castelhano.

Como quer que seja, produzio as delicias do seculo XV e mesmo dos seguintes em toda a Europa, e mereceu as honras de ser poupado á fogueira pelo cura de D. Quichote que pretendia reduzir a cinzas os romances numerosos de cavalleria de seu tempo que tantos males causavam pelo transtorno das ideas e do bom senso dos castelhanos.

Com o progresso das luzes tornou-se vulgar o estudo e a applicação da lingua portugueza, e assim as composições

em prosa, de que temos tratado, podemos accrescentar um tratado de milicia segundo o antigo uso de batalhar de Affonso V; um discurso scientifico do mesmo rei mostrando que a constellação denominada *Cão celeste* constava de 29 estrellas; e um regimento que publicou, escripto todo por sua mão, para o ensino dos officiaes e officios de guerra.

Não é, porém, n'esses escriptos que pretendemos demorar-nos para mostrar os progressos a que attingira a lingua portugueza, cada vez mais distanciada da gallega, polindo-se, melhorando, harmonisando e locupletando com o estudo, e similitude da latina, á qual seus cultivadores illustrados a aproximavam gradual e energicamente, como á sua origem, para a ornamentarem com mais agradaveis e formosas roupagens e estructura de orthographia, sintaxe e prosodia adequada e propria.

É nosso autor favorito da epocha Fernão Lopes, nomeado guarda do archivo publico, que D. João I recommendava para n'elle se depositarem todos os documentos officiaes, e que D. Duarte seu filho fundara com tanto cuidado quanta intelligencia. Fernão Lopes foi incumbido de escrever em lingua vulgar as chronicas ou historias dos reis anteriores, a fim de se conservarem seus feitos gloriosos. O que elle deixou redigido demonstra o acerto da escolha, e testemunha que Portugal com Fernão Lopes não deve ter receio de affrontar França com Froissart, Aragão com Ramon Montander, Italia com Villani, e Castella com Lopes d'Ayala. Formam todos uma familia que com suas historias e chronicas crearam e aformosearam seus idiomas nacionaes e levantaram a suas patrias padrões de verdadeira e eterna gloria. A Inglaterra resplendia com poetas de merecimento, mas não conseguira ainda effeiçoar sua prosa, que só mais tarde se pode desenvolver, porque por muito

tempo pretenderam impor-lhe os Normandos a lingua wallon, á que o anglo-saxão resistia tenazmente, até que por fim esta prevaleceu, com quanto modificada em grande parte. Continuou, é verdade, o latim a illuminar o mundo, não na lingua, que se reduzia aos actos da Egreja, mas no seu espirito, e nas suas reminiscencias litterarias, bem que se começasse a escrever nos idiomas vulgares.

Não é Fernão Lopes um simples chronista : não. É um historiador de valia, um poeta e um philosopho estimavel; espanta-nos a reunião de tantas qualidades em epocha ainda tão carregada de ignorancia e barbaria. Ha nas suas chronicas linguagem singela, expressiva, infantil ainda; mas brilham rasgos poeticos, admiram-se scenas dramaticas, pintam-se ao vivo caracteres, desenvolvem-se descripções admiraveis, ligam-se e interessam os factos referidos, e nota-se a photographia fiel e exacta de toda a sociedade do seu tempo, nas suas differentes escalas, e nos seus matizes diversos e variados, pintando o rei, os clerigos, os fidalgos, as paixões e interesses que os animam como um quadro historico, ao qual não escapa a mais minuciosa circunstancia.

Não bastam palavras, nem vale minha opinião para vos convencer ao certo. Dar-vos-hei, portanto, exemplos, expondo a vossos olhos especimens e extractos de Fernão Lopes; por vós mesmos o avaliareis como merece, e estou certo de que meu sentimento e opinião serão abraçados pelo auditorio. Não encontrareis a linguagem portugueza de hoje, nem a do seculo do Padre Vieira, nem a da era de Luiz de Sousa, nem a classica anterior de João de Barros : todas as linguas mudam, alteram-se, transformam-se imperceptivel e progressivamente, perdem uns vocabulos e lucram outros ; abandonam umas expressões e admittem outras ; mas guardam e conservam mais ou menos

intactos os caracteristicos, as feições, a indole, que são a sua face nacional, o seu distinctivo autonomo.

Possuimos de Fernão Lopes as chronicas de D. Pedro I, de D. Fernando, e de D. João I. Talvez outras houvera egualmente escripto e que se perderam. Bastam-nos, todavia, estas para licção, e lidas ainda hoje, causam-nos prazer intenso, e nos são do maior interesse e utilidade, tanto pela louçania do dizer e pelo estylo elegante, eloquente ás vezes, expressivo e pittoresco sempre, como pela elevação do pensamento.

Quereis conhecer o condestabre Nuno Alvares Pereira? Descreve-o Fernão Lopes com phrases succintas, tão vivo e animado, todavia, como si fôra um retrato do pintor hespanhol Velasquez :

« Elle — diz Fernão Lopes — foi luz clara em sua ge-
» ração, de honesta vida e honrosos feitos. Parecia reluzir
» os avisados costumes dos antigos e grandes barões, seus
» gestos e qualidades. Na guerra mostrava tal autoridade
» que nenhum era ousado andando em sua companhia
» de amparar mais os inimigos do que si por elle man-
» dado era. »

E o que nos refere do famoso doutor João das Regras, a cuja sciencia devia o throno D. João I, tanto como á espada do amigo Condestabre? Descreve Lopes a assemblea reunida em Coimbra, a ordem de se collocarem seus membros, os nomes dos que compareceram pelos tres braços do estado, as paixões que os animaram, e o sistema das discussões e deliberações.

« Elles todos convocados no paço — reconta Fernão Lo-
» pes — postos em socego e boa ordenança. Era ahi um
» notavel barão, homem de perfeita autoridade e cum-
» prido de boa sciencia; muito grande letrado em leis,
» chamado João das Regras, cuja utilidade e clareza de

tempo pretenderam impor-lhe os Normandos a lingua wallon, á que o anglo-saxão resistia tenazmente, até que por fim esta prevaleceu, com quanto modificada em grande parte. Continuou, é verdade, o latim a illuminar o mundo, não na lingua, que se reduzia aos actos da Egreja, mas no seu espirito, e nas suas reminiscencias litterarias, bem que se começasse a escrever nos idiomas vulgares.

Não é Fernão Lopes um simples chronista : não. É um historiador de valia, um poeta e um philosopho estimavel; espanta-nos a reunião de tantas qualidades em epocha ainda tão carregada de ignorancia e barbaria. Ha nas suas chronicas linguagem singela, expressiva, infantil ainda; mas brilham rasgos poeticos, admiram-se scenas dramaticas, pintam-se ao vivo caracteres, desenvolvem-se descripções admiraveis, ligam-se e interessam os factos referidos, e nota-se a photographia fiel e exacta de toda a sociedade do seu tempo, nas suas differentes escalas, e nos seus matizes diversos e variados, pintando o rei, os clerigos, os fidalgos, as paixões e interesses que os animam como um quadro historico, ao qual não escapa a mais minuciosa circunstancia.

Não bastam palavras, nem vale minha opinião para vos convencer ao certo. Dar-vos-hei, portanto, exemplos, expondo a vossos olhos especimens e extractos de Fernão Lopes; por vós mesmos o avaliareis como merece, e estou certo de que meu sentimento e opinião serão abraçados pelo auditorio. Não encontrareis a linguagem portugueza de hoje, nem a do seculo do Padre Vieira, nem a da era de Luiz de Sousa, nem a classica anterior de João de Barros : todas as linguas mudam, alteram-se, transformam-se imperceptivel e progressivamente, perdem uns vocabulos e lucram outros ; abandonam umas expressões e admittem outras ; mas guardam e conservam mais ou menos

intactos os caracteristicos, as feições, a indole, que são a sua face nacional, o seu distinctivo autonomo.

Possuimos de Fernão Lopes as chronicas de D. Pedro I, de D. Fernando, e de D. João I. Talvez outras houvera egualmente escripto e que se perderam. Bastam-nos, todavia, estas para licção, e lidas ainda hoje, causam-nos prazer intenso, e nos são do maior interesse e utilidade, tanto pela louçania do dizer e pelo estylo elegante, eloquente ás vezes, expressivo e pittoresco sempre, como pela elevação do pensamento.

Quereis conhecer o condestabre Nuno Alvares Pereira? Descreve-o Fernão Lopes com phrases succintas, tão vivo e animado, todavia, como si fôra um retrato do pintor hespanhol Velasquez :

« Elle — diz Fernão Lopes — foi luz clara em sua ge-
» ração, de honesta vida e honrosos feitos. Parecia reluzir
» os avisados costumes dos antigos e grandes barões, seus
» gestos e qualidades. Na guerra mostrava tal autoridade
» que nenhum era ousado andando em sua companhia
» de amparar mais os inimigos do que si por elle man-
» dado era. »

E o que nos refere do famoso doutor João das Regras, a cuja sciencia devia o throno D. João I, tanto como á espada do amigo Condestabre? Descreve Lopes a assemblea reunida em Coimbra, a ordem de se collocarem seus membros, os nomes dos que compareceram pelos tres braços do estado, as paixões que os animaram, e o sistema das discussões e deliberações.

« Elles todos convocados no paço — reconta Fernão Lo-
» pes — postos em socego e boa ordenança. Era ahi um
» notavel barão, homem de perfeita autoridade e cum-
» prido de boa sciencia; muito grande letrado em leis,
» chamado João das Regras, cuja utilidade e clareza de

» bem fallar ganhara tanta fama entre os portuguezes. »

Passando dos retratos para as descripções, admiremos a da scena que tem lugar nos paços da rainha D. Leonor Telles quando appareceu ali o Mestre de Aviz, e encontrando o conde Andeiro, amante da rainha, o matou com sua propria mão.

Pinta-a Fernão Lopes pelo modo seguinte:

« Deixemos o pagem ir onde o mandaram e vejamos
» entanto o que se passsava nos paços da rainha. Os estre-
» pitos e voltas que todos fizeram quando o conde foi
» morto soaram rijamente na camara, onde ella estava
» e que era muito perto. Assustada a rainha, levantou-se
» em pé, não sabendo o que era, e disse que fossem ver
» aquelle arruido para lhe contarem. Nem um ousou sahir,
» e feixando as portas espreitaram por entre ellas, e depois
» responderam á rainha que o conde Andeiro era morto
» pelo Mestre. A rainha quando isto ouvio exclamou: —
» Santa Maria! Me mataram em elle um bom servidor.
» Mas eu prometo a Deus que irei amanhã a S. Francisco,
» e manderei fazer uma fogueira e dar tres salvas como
» nunca mulher se vingou mais rijamente. — Homens e
» mulheres que se achavam perto d'ella n'aquella hora
» cuidavam já que eram todos mortos, e não ousando fugir
» pelas portas e nem conservar-se na camara, uns se ati-
» raram pelas janellas, d'ellas pelos telhados; a maior
» parte por degraus não contados das escadas. A rainha
» desesperada gritou: Vão perguntar ao Mestre si hei eu
» tambem de morrer? Alguns pagens fôram a grão medo,
» e o Mestre ouvindo-os, respondeu-lhes mui mansa-
» mente: — Dizei á rainha, minha senhora, que Deus me
» guarde de mal, e que assocegue em sua camara, e não
» tenha nenhum temor, que eu não vim para empecer a
» ella, mas para matar a este homem que me ameaçava

» matar. Então ella repricou aos pagens : — Ide dizer
» ao Mestre que pois assim é, me desembargue meus
» paços. — No entanto soavam vozes de arruido pela
» cidade, ouvindo-se todos bradar que nos paços mata-
» vam o mestre. — Corramos ao Mestre, amigos, — di-
» ziam-se uns aos outros. A gente começou de se ajuntar,
» e era tanta que não cabiam pelas ruas principaes e atra-
» vessavam logares escuros, desejando cada um ser o
» primeiro a chegar ao paço. E por vontade de Deus, todos
» feitos de um coração com talante de o vingar; e quando
» chegaram ás portas do paço, que eram já cerradas, com
» espantosos gritos clamavam para dentro : — Que é do
» Mestre? Quem cerrou estas portas? Arrombemo-las. »

Não é de somenos formosura a narração do cerco posto a Lisboa pelos Castelhanos guiados por D. João I de Castella para render o reino á submissão de sua consorte, D. Beatriz, filha de D. Fernando de Portugal.

« Os padres e as madres — escreve Fernão Lopes —
» viam estalar de fome os filhos que muito amavam, rom-
» piam as faces e os peitos sobre elles não tendo com que
» lhes occorer senão pranto copioso; e sobre isto, medo de
» vingança, que d'elles El-Rei de Castella havia de tomar,
» com que padeciam duas grandes guerras, a dos inimigos
» que os cercavam e a dos mantimentos que lhes min-
» guavam. »

Levantado o cerco, derrotado em Aljubarrota D. João de Castella, pinta-o Fernão Lopes nas amarguras de vencido e olhando para Lisboa que abandonara :

« Chegando ao logar onde começava a perder de vista
» a cidade, voltou El-Rei o rosto para ella e disse : —
» Lisboa, Lisboa, tanta mercê me faça Deus que ainda te
» eu veja lavrada de ferros e arados ! »

Como descreve os costumes da epocha e ao mesmo

tempo se mostra o historiador sabido nos profundos misterios do coração humano, ao narrar o modo porque em Evora os partidarios de D. João I se apoderaram do castello, no qual se haviam recolhido e se defendiam poderosamente os da facção de D. Leonor Telles!

« — Quereis vós apostar — disse então João Fernandes
» da Arca — em como aquelles scismaticos e trahidores se
» sahem fora, e sem mais um tiro desamparam o castello?
» Um condão tenho eu, cuja virtude não vi que falhasse
» ainda. Em Extremoz vi á poucos dias seus maravilhosos
» effeitos em casos semelhantes. — Disse e sahio com alguns
» de sua feição com quem já tinha praticado o caso. E
» antes de uma hora tornaram trazendo diante si amarra-
» dos em cima de carros, as mulheres e filhos dos que
» eram dentro, e os pozeram ao alcance das bestas e
» virotes do castello. E pondo fogo ás portas com grande
» arruido, bradaram aos decima que se rendessem senão
» que as mulheres e filhos lhes queimariam todos em vista
» e presença d'elles. »

Não se tem tanto distanciada já a lingua portugueza do idioma gallego? Quantas galas, formosura de phrase, ternura de vocabulos, propriedades de dizer novas, em quanto o gallego estorce-se na sua situação estacionaria, e nem já se emprega em versos para suavisar as dôres populares, consolar as familias, alegrar os espiritos, e apenas nos usos domesticos e nas conversações rusticas e intimas! A educação que recebera a lingua portugueza e que lhe prestara o ensino da lingua mãi, a latina, coopera, senão de todo para diminuir-lhe os impetos da espontaneidade, e as inspirações da nacionalidade e autonomia, para corrigir-lhe ao menos as asperezas, harmonisar-lhe o vocabulo, embellezar-lhe a phrase, fundar-lhe uma sintaxe regular e accommodada ás necessidades da epocha.

. Após Fernão Lopes que falleceu pelo meiado do seculo, fulguram outros chronistas de grande merecimento e aos quaes se confiaram egualmente os cargos de guardas móres do archivo e da bibliotheca. Foi o primeiro Eannes de Azurara que redigio a chronica do descobrimento da Guiné, a qual merece todos os encomios pela exactidão e cuidado litterario; Ruy de Pina depois, que redigio as chronicas de D. João II e de Affonso V; e por fim Duarte Galvão, autor da de Affonso Henriques : estimados e apreciados pelos principes da familia de Aviz, que todos mais ou menos primaram pela sua cultivada intelligencia e denodado patriotismo.

Nem um dos tres ultimos póde competir com o vulto poetico de Fernão Lopes, e nem disputar-lhe a primazia : é já, porém, um facto importante que o gosto litterario se desenvolva, que se cultive o ramo historico para a educação dos contemporaneos e dos posteros com a narração dos feitos heroicos dos antepassados. Não procedem d'estas licções o arrojo e acomettimentos briosos, para se não exporem ao ludibrio e ridiculo de faltar a tradições honrosas e a glorias que se devem herdar?

Póde-se attribuir egualmente à influencia de D. João II e de sua epocha o apparecimento de um livro em prosa, composição de um poeta mavioso, Bernardim Ribeiro, com o titulo de *Menina e moça*. Tem phisonomia de romance sentimental, mas falta-lhe o interesse dramatico, que prende e sustenta a attenção e curiosidade, e commove os affectos ao mesmo tempo. Mas aformosea-se com paginas descriptivas e intermedios ternos e melancolicos, que mais parece producção do seculo XIX e da escola franceza que legaram Bernardim de Saint-Pierre e Chateaubriand, que d'essa epocha de guerras, cavallerias e convulsões de uma edade que desapparecia diante de outra que raiava

para o mundo, e annunciava muito differentes horisontes.

Os pensamentos poeticos que n'esse livrinho tão delicioso matisam com seus aromas as paginas humedecidas de pranto, correm justas com a linguagem empregada. Esta adquire qualidades de mais doçura e mais sentimentalismo, ao passo que acompanha a singeleza e feições infantis da de Fernão Lopes, e demonstra os rapidos progressos de clareza, harmonia e flexibilidade que alcança o idioma portuguez no seu cultivo regular e civilisador. Já não teme a concurrencia do castelhano, embora este houvesse obtido tambem aperfeiçoamentos no seculo XV com as fabulas e satyras do arcipreste de la Hita, as composições do marquez de Santilhana, o romance moral do *Conde Lucanor* de D. João Manuel, os escriptos philosophicos de Henrique de Vilhena, e a chronica dos Varões illustres de Castella devida á penna elegante de Affonso del Pulgar. As duas nações, a que por fim a peninsula iberica se reduzira, uma já denominando-se Hespanha, e a outra Portugal, lutavam valentes e audaces nas glorias e venturas da nacionalidade e nas galas das linguas cultivadas e litteraturas invejaveis, conservando-se estacionarios os idiomas provinciaes da Galiza, estados wascongados e Catalunha.

Agrada-vos apreciar um pouco a lingua, o estylo, o gosto litterario de Bernardim Ribeiro? Attendei a esses gemidos quasi elegiacos da menina, entregue á solidão e á tristeza de seus pensamentos.

« N'esse monte mais alto de todos passava eu a minha
» vida como podia : ora em me ir pelos fundos valles que
» os cingem em derredor : ora em me pôr de seus summi-
» dades a olhar a terra em que ia acabar o mar, e depois
» o mar que se estendia para acabar onde ninguem visse.
» E quando vinha a noite aceita a meus pensamentos via

» as aves buscarem seus poisos, e umas chamarem as ou-
» tras, parecendo que a mesma terra queria toda socegar,
» e eu triste com os cuidados dobrados com que amanhecia
» me recolhia para minha pobre casa. Assim passava eu
» o tempo quando uma das passadas, pouco ha, levantan-
» do-me, vi como a manhã se erguia formosa e se esten-
» dia graciosamente por entre os valles e baixar ainda os
» altos. Já lá levantando o sol vinha tomando posse dos
» outeiros, como quem se queria senhorear da terra. Os
» pastores, tangendo as suas frautas e rodeiados de seus
» gados começavam a assomar pelas cumiadas. Para todos
» parecia que vinha aquelle dia muito ledo; para mim,
» para meus cuidados, nem podia desabafar-me suspi-
» rando. »

Não se formava, regularisava, opulentava e ennobrecia sómente a prosa, que é a forma illustrada e methodica da lingua, o verso adquirira egualmente uma toada mais musical, um estylo mais claro e limpido, uma organisação mais artistica e mais regularmente combinada, e passara d'aquella monotonia que fôra seu caracter anterior, de pensamentos singelos e simplices a uma mais larga espansão de ideas, e de raptos já notaveis e poeticos.

Os vates do seculo XV deixavam o estreito horisonte de curto folego, coplas infantis e endeixas amorosas. Atiravam-se a varios generos, ao satyrico, ao conceituoso, ao descriptivo, ao imaginoso para o que a lingua mais aperfeiçoada se prestasse com desembaraço e convidasse com affagos agradaveis.

Notam-se muitos e alguns poetas de merecimento n'essa epocha. Cooperam com os escriptos da prosa para o nascimento, formação e progressos de uma bella litteratura, como foi a da primeira metade do seculo XVI, e que para gloria do reinado de D. Manuel, toma-lhe com razão o nome,

porque ás galas e glorias que adquirira ajunta novas e mais singulares e apreciaveis.

D. João Manuel filho do bispo da Guarda, Christovam Falino, João de Menezes, Affonso Valente, Jorge de Aguiar, D. Pedro duque de Coimbra, formam a importante phalange da primeira parte do seculo XV, que termina ao apparecerem e luzirem no firmamento Garcia de Rezende, Bernardim Ribeiro e Gil Vicente, o grande poeta dramatico.

Como são conceituosos estes versinhos de João Manuel, que ainda o povo conserva e repete para sua illustração e licção moral?

Ouve, ve e cala
Vivirás vida folgada.
Tua porta cerrarás,
Teus visinhos louvarás,
Quanto podes não farás,
Quanto vales não dirás,
Quanto ouves não crerás,
Si quizeres viver em paz.
Seis cousas cumpre attender
Quando fallares — te mando:
De quem fallas, onde e que,
E a quem e como e quando.

Não lhe é inferior em merecimento moral a seguinte critica joco-seria:

Nunca vi entre privados
A verdadeira amizade:
Nem fallar muita verdade
Os senhores coroados,
Nem homens mais enganados
Que os principes e os reis:
Nem serem as mesmas leis
Para grandes e pequenos:
Nem homem de muito saber
Entre os que presumem muito:
Nem no reino mal peior
Que um mau dezembargador:
Nem amores de uma moça

Que durem bons quinze dias:
Nem vi bispo visitar
Como deve seu bispado:
Nem vi padre, nem vi frade
Sem coróa e simonia:
Não vi nunca grande aguado
Que não toque na doidice;
Nem no mundo mór peiguice
Que casar com mulher feia:
Nem a dois negocios ter
Que ambos se não perdessem:
Nem algum corpo gigante
De gigante coração:
Nem rei por outro mandado
Que dos seus fosse bemquisto:
Nem viver muito descansado
O que tem mulher bonita:
Nem dama de mui chilrar
Que regeite os servidores:
Nem homem morrer de amores
Senão depois de casado.

satyra exerceu-se n'esse periodo de infancia de prefe-
ia a qualquer outro genero de versificação; eis uma
rge de Aguiar, que morreu, en 1508, capitaneando um
galeões em viagem para as Indias:

Lembra-te que é por nascer
A mulher que não errasse:
Lembra-te que é sem prazer
Que o homem se preste ao chão.
Por ellas, meu coração,
É grã locura morrer:
Nunca d'ellas bem esperes,
Lembra-te que são mulheres.
Que te serve o padecer?
Que te aproveita chorar?
Nunca outras hão de ser,
Nem são nunca de mudar;
Deixa-as com sua paixão,
Deixa-as com sua nação;
E nunca teu bem esperes,
Lembra-te que são mulheres.

tempo pretenderam impor-lhe os Normandos a lingua wallon, á que o anglo-saxão resistia tenazmente, até que por fim esta prevaleceu, com quanto modificada em grande parte. Continuou, é verdade, o latim a illuminar o mundo, não na lingua, que se reduzia aos actos da Egreja, mas no seu espirito, e nas suas reminiscencias litterarias, bem que se começasse a escrever nos idiomas vulgares.

Não é Fernão Lopes um simples chronista : não. É um historiador de valia, um poeta e um philosopho estimavel; espanta-nos a reunião de tantas qualidades em epocha ainda tão carregada de ignorancia e barbaria. Ha nas suas chronicas linguagem singela, expressiva, infantil ainda; mas brilham rasgos poeticos, admiram-se scenas dramaticas, pintam-se ao vivo caracteres, desenvolvem-se descripções admiraveis, ligam-se e interessam os factos referidos, e nota-se a photographia fiel e exacta de toda a sociedade do seu tempo, nas suas differentes escalas, e nos seus matizes diversos e variados, pintando o rei, os clerigos, os fidalgos, as paixões e interesses que os animam como um quadro historico, ao qual não escapa a mais minuciosa circunstancia.

Não bastam palavras, nem vale minha opinião para vos convencer ao certo. Dar-vos-hei, portanto, exemplos, expondo a vossos olhos especimens e extractos de Fernão Lopes; por vós mesmos o avaliareis como merece, e estou certo de que meu sentimento e opinião serão abraçados pelo auditorio. Não encontrareis a linguagem portugueza de hoje, nem a do seculo do Padre Vieira, nem a da era de Luiz de Sousa, nem a classica anterior de João de Barros : todas as linguas mudam, alteram-se, transformamse imperceptivel e progressivamente, perdem uns vocabulos e lucram outros ; abandonam umas expressões e admittem outras ; mas guardam e conservam mais ou menos

intactos os caracteristicos, as feições, a indole, que são a sua face nacional, o seu distinctivo autonomo.

Possuimos de Fernão Lopes as chronicas de D. Pedro I, de D. Fernando, e de D. João I. Talvez outras houvera egualmente escripto e que se perderam. Bastam-nos, todavia, estas para licção, e lidas ainda hoje, causam-nos prazer intenso, e nos são do maior interesse e utilidade, tanto pela louçania do dizer e pelo estylo elegante, eloquente ás vezes, expressivo e pittoresco sempre, como pela elevação do pensamento.

Quereis conhecer o condestabre Nuno Alvares Pereira? Descreve-o Fernão Lopes com phrases succintas, tão vivo e animado, todavia, como si fôra um retrato do pintor hespanhol Velasquez :

« Elle — diz Fernão Lopes — foi luz clara em sua ge-
» ração, de honesta vida e honrosos feitos. Parecia reluzir
» os avisados costumes dos antigos e grandes barões, seus
» gestos e qualidades. Na guerra mostrava tal autoridade
» que nenhum era ousado andando em sua companhia
» de amparar mais os inimigos do que si por elle man-
» dado era. »

E o que nos refere do famoso doutor João das Regras, a cuja sciencia devia o throno D. João I, tanto como á espada do amigo Condestabre? Descreve Lopes a assemblea reunida em Coimbra, a ordem de se collocarem seus membros, os nomes dos que compareceram pelos tres braços do estado, as paixões que os animaram, e o sistema das discussões e deliberações.

« Elles todos convocados no paço — reconta Fernão Lo-
» pes — postos em socego e boa ordenança. Era ahi um
» notavel barão, homem de perfeita autoridade e cum-
» prido de boa sciencia; muito grande letrado em leis,
» chamado João das Regras, cuja utilidade e clareza de

» bem fallar ganhara tanta fama entre os portuguezes. »

Passando dos retratos para as descripções, admiremos a da scena que tem lugar nos paços da rainha D. Leonor Telles quando appareceu ali o Mestre de Aviz, e encontrando o conde Andeiro, amante da rainha, o matou com sua propria mão.

Pinta-a Fernão Lopes pelo modo seguinte:

« Deixemos o pagem ir onde o mandaram e vejamos
» entanto o que se passsava nos paços da rainha. Os estre-
» pitos e voltas que todos fizeram quando o conde foi
» morto soaram rijamente na camara, onde ella estava
» e que era muito perto. Assustada a rainha, levantou-se
» em pé, não sabendo o que era, e disse que fossem ver
» aquelle arruido para lhe contarem. Nem um ousou sahir,
» e feixando as portas espreitaram por entre ellas, e depois
» responderam á rainha que o conde Andeiro era morto
» pelo Mestre. A rainha quando isto ouvio exclamou: —
» Santa Maria! Me mataram em elle um bom servidor.
» Mas eu prometo a Deus que irei amanhã a S. Francisco,
» e manderei fazer uma fogueira e dar tres salvas como
» nunca mulher se vingou mais rijamente. — Homens e
» mulheres que se achavam perto d'ella n'aquella hora
» cuidavam já que eram todos mortos, e não ousando fugir
» pelas portas e nem conservar-se na camara, uns se ati-
» raram pelas janellas, d'ellas pelos telhados; a maior
» parte por degraus não contados das escadas. A rainha
» desesperada gritou: Vão perguntar ao Mestre si hei eu
» tambem de morrer? Alguns pagens fóram a grão medo,
» e o Mestre ouvindo-os, respondeu-lhes mui mansa-
» mente: — Dizei á rainha, minha senhora, que Deus me
» guarde de mal, e que assocegue em sua camara, e não
» tenha nenhum temor, que eu não vim para empecer a
» ella, mas para matar a este homem que me ameaçava

» matar. Então ella repricou aos pagens : — Ide dizer
» ao Mestre que pois assim é, me desembargue meus
» paços. — No entanto soavam vozes de arruido pela
» cidade, ouvindo-se todos bradar que nos paços mata-
» vam o mestre. — Corramos ao Mestre, amigos, — di-
» ziam-se uns aos outros. A gente começou de se ajuntar,
» e era tanta que não cabiam pelas ruas principaes e atra-
» vessavam logares escuros, desejando cada um ser o
» primeiro a chegar ao paço. E por vontade de Deus, todos
» feitos de um coração com talante de o vingar ; e quando
» chegaram ás portas do paço, que eram já cerradas, com
» espantosos gritos clamavam para dentro : — Que é do
» Mestre? Quem cerrou estas portas? Arrombemo-las. »

Não é de somenos formosura a narração do cerco posto a Lisboa pelos Castelhanos guiados por D. João I de Castella para render o reino á submissão de sua consorte, D. Beatriz, filha de D. Fernando de Portugal.

« Os padres e as madres — escreve Fernão Lopes —
» viam estalar de fome os filhos que muito amavam, rom-
» piam as faces e os peitos sobre elles não tendo com que
» lhes occorer senão pranto copioso; e sobre isto, medo de
» vingança, que d'elles El-Rei de Castella havia de tomar,
» com que padeciam duas grandes guerras, a dos inimigos
» que os cercavam e a dos mantimentos que lhes min-
» guavam. »

Levantado o cerco, derrotado em Aljubarrota D. João de Castella, pinta-o Fernão Lopes nas amarguras de vencido e olhando para Lisboa que abandonara :

« Chegando ao logar onde começava a perder de vista
» a cidade, voltou El-Rei o rosto para ella e disse : —
» Lisboa, Lisboa, tanta mercê me faça Deus que ainda te
» eu veja lavrada de ferros e arados ! »

Como descreve os costumes da epocha e ao mesmo

tempo se mostra o historiador sabido nos profundos misterios do coração humano, ao narrar o modo porque em Evora os partidarios de D. João I se apoderaram do castello, no qual se haviam recolhido e se defendiam poderosamente os da facção de D. Leonor Telles!

« — Quereis vós apostar — disse então João Fernandes
» da Arca — em como aquelles scismaticos e trahidores se
» sahem fora, e sem mais um tiro desamparam o castello?
» Um condão tenho eu, cuja virtude não vi que falhasse
» ainda. Em Extremoz vi á poucos dias seus maravilhosos
» effeitos em casos semelhantes. — Disse e sahio com alguns
» de sua feição com quem já tinha praticado o caso. E
» antes de uma hora tornaram trazendo diante si amarra-
» dos em cima de carros, as mulheres e filhos dos que
» eram dentro, e os pozeram ao alcance das bestas e
» virotes do castello. E pondo fogo ás portas com grande
» arruido, bradaram aos decima que se rendessem senão
» que as mulheres e filhos lhes queimariam todos em vista
» e presença d'elles. »

Não se tem tanto distanciada já a lingua portugueza do idioma gallego? Quantas galas, formosura de phrase, ternura de vocabulos, propriedades de dizer novas, em quanto o gallego estorce-se na sua situação estacionaria, e nem já se emprega em versos para suavisar as dôres populares, consolar as familias, alegrar os espiritos, e apenas nos usos domesticos e nas conversações rusticas e intimas! A educação que recebera a lingua portugueza e que lhe prestara o ensino da lingua mãi, a latina, coopera, senão de todo para diminuir-lhe os impetos da espontaneidade, e as inspirações da nacionalidade e autonomia, para corrigir-lhe ao menos as asperezas, harmonisar-lhe o vocabulo, embellezar-lhe a phrase, fundar-lhe uma sintaxe regular e accommodada ás necessidades da epocha.

. Após Fernão Lopes que falleceu pelo meiado do seculo, fulguram outros chronistas de grande merecimento e aos quaes se confiaram egualmente os cargos de guardas móres do archivo e da bibliotheca. Foi o primeiro Eannes de Azurara que redigio a chronica do descobrimento da Guiné, a qual merece todos os encomios pela exactidão e cuidado litterario; Ruy de Pina depois, que redigio as chronicas de D. João II e de Affonso V; e por fim Duarte Galvão, autor da de Affonso Henriques : estimados e apreciados pelos principes da familia de Aviz, que todos mais ou menos primaram pela sua cultivada intelligencia e denodado patriotismo.

Nem um dos tres ultimos póde competir com o vulto poetico de Fernão Lopes, e nem disputar-lhe a primazia : é já, porém, um facto importante que o gosto litterario se desenvolva, que se cultive o ramo historico para a educação dos contemporaneos e dos posteros com a narração dos feitos heroicos dos antepassados. Não procedem d'estas licções o arrojo e acomettimentos briosos, para se não exporem ao ludibrio e ridiculo de faltar a tradições honrosas e a glorias que se devem herdar?

Póde-se attribuir egualmente à influencia de D. João II e de sua epocha o apparecimento de um livro em prosa, composição de um poeta mavioso, Bernardim Ribeiro, com o titulo de *Menina e moça*. Tem phisonomia de romance sentimental, mas falta-lhe o interesse dramatico, que prende e sustenta a attenção e curiosidade, e commove os affectos ao mesmo tempo. Mas aformosea-se com paginas descriptivas e intermedios ternos e melancolicos, que mais parece producção do seculo XIX e da escola franceza que legaram Bernardim de Saint-Pierre e Chateaubriand, que d'essa epocha de guerras, cavallerias e convulsões de uma edade que desapparecia diante de outra que raiava

peros e brilhantes, outros, todavia, desgraçados e geralmente sentidos.

Á anarchia e lutas constantes da edade media que morria, aò poder tirannico de nobres, ecclesiasticos poderosos e miseraveis regulos, que cahia aos pedaços; ao movimento popular, que tantas vezes servira aos reis de amparo e força, e que se suffocava egualmente para estirpar todas as resistencias legaes e extralegaes, justas e injustas, seguio-se e firmou-se por toda a parte como substituto exclusivo da autoridade o poder absoluto dos reis, formando-se grandes nacionalidades que lhes dedicaram cega obediencia.

Para seus successores preparara em França Luiz XI os elementos necessarios; Izabel e Fernando, em toda a Hespanha reunida sob o seu sceptro, com excepção de Portugal, e em Napoles e Sicilia que se lhes haviam annexado; em Inglaterra, Henrique VIII; na Italia, a influencia temporal dos Papas, as invasões extrangeiras, as autonomias de varios *condottieri*, e os regimens de republicas onde se gozava de menos liberdades que em qualquer outra parte; no Oriente e na Africa, a influencia dos Turcos com a ruina dos Arabes e a concentração de todos os mussulmanos, embora de diversas raças e nações, com sua sede em Constantinopla; em Portugal, finalmente, D. João II, que acabava de fallecer, e que proclamara a supremacia da Corôa, como representante de Deus na terra para toda a direcção temporal dos povos.

D. Manuel herdara de D. João II um throno respeitado, uma autoridade illimitada, uma nação civilmente prospera e enthusiasmada por aventuras, navegações, descobrimentos, riquezas, dominios ultramarinos, e progressos das sciencias e das lettras.

Os absolutismos servem quando exercidos por homens

de genio e patriotas; prestam uma exitação proveitosa aos espiritos, ás tendencias, ás aspirações dos subditos. Mas governos sem limites em mãos medianas ou fracas, corroem as fibras das nações, corrompem-lhes os grandes sentimentos, enfraquecem-nas e arrastam ao abismo.

Felizmente ainda para Portugal dotara a Providencia divina a D. Mannel de qualidades grandiosas e quasi equivalentes ás de D. João II, e elle soube desenvolve-las. Por isso considera-se sua epocha como de maior gloria para Portugal. Nunca, nem antes, nem depois, attingira a nacionalidade, a lingua, a litteratura, a apogeo tão esplendido e tão radioso. Não deixou só o novo monarcha que por si marchassem e progredissem os elementos e recursos que encontrara, de antemão e tão patrioticamente reunidos e methodisados pela dinastia de Aviz. Coadjuvou-os poderosamente e conseguio, dando-lhes efficaz impulso, a maior somma de venturas para o reino, que espantam como se realisaram tão acceleradamente.

Pensou que não precisava mais de Cortes, isto é, conselhos e concurso de opiniões de nobreza, clero e povo, não reparou desgraçadamente que sua annullação para sempre compromettia a sorte de seus subditos e deixava abandonados seus successores a seus proprios caprichos e aos interesses de validos e favoritos: ainda D. João II as convocara muitas vezes e se servia do apoio que n'ellas encontrara e particularmente no braço popular, que ganhava importancia, para realizar seus designios con maior facilidade e proveito.

Durante seu longo reinado de vinte annos, apenas as convocou D. Manuel quatro vezes, e só para assumptos de formalidades, e somenos valia. Seus successores, imitando-lhe o exemplo, e considerando-as apenas representantes da obediencia e submissão dos povos para com os seus sobera-

nos; chamaram Cortes unicamente para reconhecer herdeiros da Corôa e prometter-lhes vassallagem. Não trataram mais de verificar os direitos dos successores, designa-los, elege-los, e receber d'elles o juramento de cumprir as leis e instituições patrias: não era mais un contracto sinallagmatico entre a nação e o magistrado a quem se delegava o poder executivo; exigia-se só d'ellas um acto de servidão e a promessa de obediencia, em nome dos seus representados.

Foi D. Manuel o primeiro rei de Portugal que desde João I, resolveu impostos, e os mandou e conseguio cobrar, sem audiencia nem previa nem posterior das Cortes.

D'ahi por diante foi o rei tudo; d'elle tòdos dependeram; perante elle todos se ajoelharam; era o sol que dava a luz, a chuva que refrescava a atmosphera, o bàlsamo que a purificava, a fonte de onde emanavam todas as graças e favores, a aura vital que se recebia, a fortuna e desgraça que a cada um subdito cabia, porque todos, nobres, clero e povo, arrastavam-se a seus pés, mendigando migalhas de protecção e esquecendo brios e honrosas tradições de seus antepassados,

Bem se não despedira do mundo El-Rei D. Joao II, e já D Manuel proseguia nas emprezas iniciadas e tratava de continuar seus projectos audaciosos. Quatro caravellões se haviam aprestados para a viagem de descobrimento das Indias, e não tardara Vasco da Gama em tomar-lhes o commando, e atirar-se aos mares. Que importava que Christovam Colombo annunciasse ao mundo ter avistado as Indias, o Cathay e as ilhas do Cipango? Vasco da Gama, dobrado o cabo de Boa Esperança, é que se incumbira de attrahir para Portugal o commercio das especiarias e alcatifas do Oriente; assim o ideàra D. João II, assim o executava D. Manuel.

Não se podia até então recusar aos Portuguezes a gloria da prioridade de descobrimentos e navegações no oceano Atlantico, embora nos mares internos da Europa, Asia e Africa, os houvessem precedido Gregos, Phenicios, Carthaginezes, Romanos, Arabes, e ultimamente Genovezes, Venezianos e Catalães, marinheiros infatigaveis; e embora tambem agora os acompanhassem nos grandes tentamens de alargar os conhecimentos da geographia e da astronomia, os Hespanhoes, Francezes, Hollandezes, Scandinavos, Inglezes, que lhes imitaram o exemplo. A gloria dos Portuguezes cresceu, e provocou a admiração do mundo com a famosa viagem de Vasco da Gama, que primeiro affrontou as ondas tormentosas do cabo africano, correu depois a costa oriental de Quiloa do Moçambique, e passando o mar Roxo e o golfo Persico, encontrou finalmente a verdadeira Asia, suas ricas cidades, suas magestosas feitorias, suas fabricas esplendidas, e para Portugal, e por seu intermediario para a Europa, provocou commercio deslumbrante, promoveu progressos em todas as sciencias applicadas e adiantou a civilisação universal. Christovam Colombo descobrira outro mundo, a America, que por engano pensara ser a India, e que ao principio não podia levar á Europa os enormes proveitos que lhe trouxe a Asia.

É curioso perceber como elementos exiguos produziram tão espantosos resultados, quaes os colheu a Europa das singulares viagens dos Portuguezes e Hespanhoes do seculo XV para o XVI, particularmente dos primeiros, a quem coube em sorte a Asia! Que audacia, que arrojo, que heroicidade a dos marinheiros intrepidos, que se afoutaram a devassar mares desconhecidos, e apoderar-se de terras novas, que encerravam riquezas portentosas!

Eram até os fins do seculo XV miseraveis caravellas de cincoenta a sessenta toneladas os barcos em que se confia-

vam, de fraca mastreação, fragil velame, imperfeita construcção, e que nas calmarias se moviam ainda com o emprego dos remos, pouco se afastando das costas, pela falta de instrumentos e sciencia nautica. Gil Eannes, Cão, Bartholomeu Dias, Zarco, e tantos outros, abriram o exemplo a Christovam Colombo, a Vasco da Gama, e a seus numerosos successores.

Com tres caravellas mesquinhas, ronceiras e pesadas, desafiou Colombo mares tempestuosos, ventos de borrasca e conseguio descobrir a America. Com quatro caravellões, verdade é que maiores e mais bem construidos, mais longe, e mais perigosamente attingio Gama seus propositos, e Calicut, e o golfo Persico, e os mares da India e africanos assustaram-se diante dos navios portuguezes, cuja tripulação fincou o estandarte das cinco chagas por cima de terras de que se apoderou, e que se converteram em propriedades d'El-Rei D. Manuel de Portugal.

Ao regressar Vasco da Gama para Lisboa, ao referir as estupendas novidades que encontrara, ao mostrar que o commercio das Indias estava livremente aberto para a Europa, abandonados os riscos e perigos a que até então se sujeitava, mendigando-o á Syria e ao Egypto, levantou-se no mundo um clamor unisono em pró do pequeno paiz que praticara tão admiravel feito! Era o commercio da Europa, era sua industria, eram as sciencias, era a sua civilisação, que lucravam; nova ordem de ideas se rasgava; uma revolução se commetia.

Não se demorou D. Manuel em enviar segunda expedição, mais forte e numerosa em navios e gente. Pedro Alvares Cabral tomou-lhe o commando, e seguindo os conselhos de Vasco da Gama, para escapar das calmarias da costa occidental da Africa, tanto ao largo se fez que inesperadamente lhe appareceu aos olhos a terra do Brazil,

de que se apossou em nome do seu soberano! Proseguindo em sua derrota, depois de enriquecer seu nome e o do seu paiz com este novo e importante descobrimento, mais devassou e conheceu a India, penetrando em Cochim, Granganor, e em muitas diversas povoações e cidades cujo commercio arrebatou aos Arabes e Turcos, que se dirigiam pelo mar Roxo, para a Syria e Egypto. Com que facilidade e melhoria de preço recebeu desde então a Europa a pimenta, o cravo, a cannella, o aljofar, as sedas, as pedras preciosas, e mil diversos e variados productos de sumo valor e da industria adiantada das Indias, muito superior então á da Europa!

Quão velozmente se desenvolveu o poderio e influencia portugueza na Asia durante o reinado de D. Manuel! Umas sobre outras esquadras para lá se dirigiam, e voltavam carregadas com valores extraordinarios, excitando cada vez mais a cobiça dos subditos, o ciume da Europa, e tornando de Lisboa o emporio do commercio do mundo. Já as Indias, já as Moluccas, já a China, já o Japão, eram percorridos nas suas costas maritimas, e por toda a parte padastros e feitorias portuguezas, submissão de paizes extensos e uberrimos e povos numerosos ao jugo portuguez, navios portuguezes correndo de Ormuz ao Ceylão, de Diu a Macáu, de Goa ao Japão! Que historia animada, pittoresca, grandiosa a de Portugal, quando Affonso de Albuquerque, Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, D. João de Castro, e varios outros guerreiros, com meia duzia de soldados em relação á quantidade extraordinaria de inimigos, aqui curvavam, ali derrotavam, mais longe firmavam conquistas, além aterrorisavam com a fama de suas victorias e valor de seus braços, e Portugal respeitado, opulentado, admirado por toda a parte, coalhando o Atlantico; os mares orientaes d'Africa, os da India, Coromandel

e China, com seus caravellões, e impondo colonias com suas esquadras e troços de tropas, monopolisando toda a riqueza dos confins da terra, trazendo-a para Lisboa, e ahi recebendo os navios de todas as nações da Europa a pedir-lha e comprar-lha em concurrencia cada vez mais crescente!

Como se firmara e engrandecera a nacionalidade portugueza! Como se erguiam os espiritos? Como se escandeciam as imaginações? Como progrediam as lettras, e adiantavam-se os conhecimentos scientificos? Tudo era progresso e rapido e assombroso, e nunca Portugal, o pequeno reino de Portugal, tão mesquinho na orla de terra que na ponta da Europa possuia, pareceu tão grande e tão glorioso!

Infelizmente, logo tambem ao iniciar o seu reinado, commetteu D. Manuel um erro gravissimo e das mais fataes consequencias para o futuro de seu paiz! Afastou-se da doutrina e ideas de D. João II, e tanto bastou para marear-lhe o nome!

Ou sympathia e amor que nutrisse para com a princeza D. Izabel, viuva do Infante portuguez D. Affonso, e que depois da morte infausta do marido se retirara para sua patria, Castella, e para a companhia de seus paes, Fernando e Izabel, os reis denominados Catholicos; ou ambição de reinar não só sobre Portugal, mas egualmente no futuro sobre toda a Hespanha, de cuja corôa era aquella princeza a herdeira presumptiva, reunindo sob seu sceptro tantos diversos estados; incitaram D. Manuel a pedi-la em casamento. Exigio a princeza, por si mesmo inspirada ou a instigações de seus paes, que D. Manuel expulsasse de Portugal todos os judeus, que ahi residiam, que em grande parte haviam sido exilados de Castella e a quem D. João II concedera asilo e protecção para permanecerem no reino.

Acceitou infelizmente D. Manuel as condições impostas, e na escriptura matrimonial se comprometteu a executa-las, sem que se importasse com os conselhos avisados que seus jurisconsultos e estadistas lhe deram, apoiado no exemplo e licções deixadas por D. João II.

Effectuado o consorcio, um edicto d'El-Rei ordenou que os judeus residentes em Portugal que se não convertessem ao catholicismo, sahissem do reino dentro de quatro meses, e por tres portos maritimos designados, sob pena de escravidão. Determinou egualmente que os filhos menores de quatorze annos fossem arrancados ás familias e recebessem o baptismo, a fim de extinguir-se no reino a religião israelita!

Formavam entretanto os judeus em Portugal uma população importante em riquezas, activa na industria, intelligente na agricultura, illustrada nas sciencias e lettras; andava já misturada com a natural do paiz, pelos consorcios, allianças e relações, de modo que mesmo na nobreza de Portugal corria sangue israelita, e muitas casas e familias poderosas, posto que catholicas, descendiam de judeus! E o que era mais de notar n'esses preconceitos atrozes contra os israelitas, consentiam-se aos moiros que ainda existiam, e em quantidade, livres ou escravos, a liberdade de seu culto, quando áquelles se lhe prohibia! Escreveu Damião de Goes com o seu espirito independente e altivo, que os moiros podiam ser vingados pelos seus irmãos d'Africa, em quanto que os judeus não formavam nações autonomas e nem encontravam protecção no extrangeiro!

Até então em Portugal gozavam os israelitas do direito de adorar seu deus como o entendessem, de exercitar sua religião em particulares synagogas, de viver em bairros separados onde só durante o dia era permittida entrada a

christão, e de onde elles não podiam sahir ás noites : era a unica coerção que se lhes impunha com o medo de communicarem o culto de Moysés. Pagavam os judeus um tributo pecuniario annuo; applicavam-se á medicina, á pharmacia, á chirurgia, á astronomia; eram, por vezes, chamados pelos reis á dar conselho em questões financeiras, por se reputarem muito esclarecidos n'ellas, incumbidos da cobrança de impostos, e constrangidos a usar de vestes particulares com signaes caracteristicos para se não confundirem com os catholicos.

Não tardou El-Rei em reduzir os portos de embarque ao unico de Lisboa, e faltaram navios para se poderem os israelitas transportar; os que conseguiram passagens, foram a bordo e nas viagens maltratados, esfomeados, roubados, insultados, e as noticias recebidas mais assustavam os que ainda se conservavam em Portugal. Terminou o prazo e não tardou a execução do edicto contra quantos se não convertiam ao catholicismo, renegando sua antiga religião. Foram declarados captivos, e os filhos tirados á força, e baptisados inmediatamente. É impossivel descrever as scenas commovedoras que se passaram quando as autoridades, acompanhadas de soldados, tiveram de cumprir as ordens do governo. Gritavam as mãis agarradas aos filhos, maltratavam-se os paes que resistiam : houve judeu que preferio atirar aos poços e matar com suas proprias mãos os filhos innocentes antes que cede-los ao baptismo : não se poupou violencia e nem o emprego das armas para se levar ao fim o designio e plano d'El-Rei D. Manuel.

Felizmente que D. Manuel, perdida em pouco tempo a consorte que adorava e que o dirigia absolutamente, desapparecida a idea de reinar sobre toda a Hespanha, abandonou as condescendencias e fraquezas a que se sujeitara,

por influencias dos reis catholicos, e cuidou de suspender a perseguição começada contra os israelitas; concedeu favores aos que haviam trocado o culto de Moysés pela religião de Christo e ordenou que se não continuasse na execução do seu edicto, quanto aos que se conservavam fieis ás doutrinas de Moysés.

O procedimento d'El-Rei não conseguio, todavia, modificar as ideas que haviam principiado a propagar-se pelas massas populares. O contagio moral não é menor que o phisico. Do vulgo hespanhol, incitado pelo clero, passara para o portuguez o odio e horror contra os judeus e a ancia de persegui-los e extermina-los. O clero portuguez acompanhava a marcha do hespanhol, e no pulpito, no confessionario, nas conversas, nas relações intimas, pintava os israelitas como assassinos, envenenadores, inimigos de Deus, e insinuava que era servir ao Ceo, conseguir perdão dos peccados e obter a salvação eterna, não poupar-lhes castigos, martyrios, e nem a propria vida.

Achava-se no anno de 1506 El-Rei D. Manuel em Abrantes, para escapar a uma epidemia que apparecera em Lisboa. Um facto horrivel de fanatismo e barbaria praticou a multidão, furiosa e excitada contra os judeus.

Reunidos os fieis no dia de paschoa na egreja de S. Domingos para assistirem aos actos religiosos, ouvio-se de repente uma voz, gritando: milagre, milagre! Inesperado rumor se levantou e proclamou-se immediatamente que de um cruxifixo partia um grande clarão de luz, como raio de sol ardente. Verificado o acontecimento, reconheceu-se que o vidro produzia o reflexo, segundo o mostrava um dos circunstantes. Dois frades dominicanos declararam então em vozes alterosas que era verdadeiro milagre, e não se acreditasse nas palavras de christãos novos que o quizessem explicar naturalmente. Foi quanto bastou para que

a plebe exasperada assassinasse immediatamente alguns christãos novos, que pareceram duvidar do milagre. Precipitando-se de tropel para a rua, continuou a multidão a correr atraz de quantos individuos encontrava e suspeitava judeus ou christãos novos e a trucida-los barbaramente. Trataram uns de ajuntar lenha e formar fogueiras, dentro das quaes se lançavam cadaveres de mortos, ou victimas ainda vivas para se queimarem. Não menos de quinhentos desgraçados pagaram o fanatismo popular, que por fatalidade lamentavel não parou e nem suspendeu-se, antes continuou no dia immediato.

Ao amanhecer, a arraia miuda alvorotada e armada tomava conta das praças e ruas, acompanhada de francezes e flamengos que desembarcaram de seus navios, e dirigida por frades dominicanos. Precipitaram-se sobre o antigo bairro dos judeus, assaltaram-no, mataram barbaramente homens, mulheres, crianças, velhos decrepitos, e lançaram fogo ás casas.

Não menos atroz correu o terceiro dia. Após os judeus, foram procurados os cristãos novos, Arrombaram-se-lhes as casas, roubaram-se-lhes as propriedades, saquearam-se-lhes os bens, trucidaram-se-lhes os filhos e as mulheres, e á força os atiraram ás fogueiras, ou ao rio, para morrerem pelo fogo ou pela agua. Nenhuma autoridade appareceu em soccorro dos desgraçados, e nem para restabelecer o socego e obrigar os amotinados a cessar tão execrandas tropelias e crimes.

Não ha praga mais perniciosa que o fanatismo religioso. Provam-na as exterminações de protestantes na noite de S. Bartholomeu em França; as matanças dos catholicos em Inglaterra, quando o embusteiro Gordon capitaneava as massas populares exaltadas e embriagadas. Muitos outros exemplos atrozes se poderiam citar para emparelha-

rem com as scenas horrorosas de Lisboa de 1506. Nada mais pathetico que as narrações de Jeronymo Osorio, bispo de Silves, e de Damião de Goes, o escriptor philosopho, quando descrevem estes acontecimentos; observa-se em suas phrases sentidas quanto verdadeiro sentimento de humanidade e de justiça os anima, lamentando tão desastradas occurrencias.

Não ferira bem os ouvidos de D. Manuel a noticia, que logo elle passou ordens para se castigarem os culpados, fazendo partir força de Abrantes para Lisboa. Prenderam-se mais de cem indiciados, muitos foram enforcados, e alguns frades de S. Domingo pagaram no cadafalso as excitações com que tinham exasperado a populaça. Certos castigos foram infringidos aos que tinham obrigação de manter a ordem e não haviam cumprido seus deveres; a municipalidade, ou Casa dos vinte quatro, e seus procuradores foram suspensos das funções e privilegios, e multados em seus bens, e egualmente varios officiaes que commandavam forças publicas e as não tinham applicado á soffocação do tumulto.

Declarou D. Manuel eguaes em todos os direitos quer os christãos antigos quer os novos ou convertidos, e sujeitos uniformemente á mesma lei, declarando-os aptos para todos os misteres. Os israelitas que se não baptisaram foram mandados expatriar para a Allemanha, Hollanda, Inglaterra e estados mussulmanos d'Africa, levando comsigo suas familias e haveres, e pondo-se á disposição d'elles navios que os transportaram. D'essa emigração forçada resultou particularmente para Hollanda a acquisição de medicos instruidos, mathematicos e sabios, foragidos de Portugal; e procederam as familias israelitas hoje hollandezas e inglezas que ainda conservam seus appellidos portuguezes e exercitam o culto de Israel.

Expellidos de Portugal tanto os moiros como os judeus, que se não tinham querido converter ao catholicismo, entendeu-se que ficava a fé pura, e todos obedientes a Roma e á Egreja, firmada a unidade nacional pela unidade religiosa.

Como individuo e como rei merece D. Manuel o titulo de afortunado, que lhe applica a historia. Amado por seus subditos, respeitado pelos extrangeiros, obedecido em todas as suas determinações, via desenvolver-se e opulentar-se a nacionalidade de Portugal, já domando e governando tantos paizes ultramarinos, já cobrindo os mares com suas esquadras, já attrahindo a Lisboa os mais importantes e ricos commercios, e ali chamando, como ao emporio mercantil da epocha, todos os povos da Europa.

Não podia a lingua ficar estacionaria quando caminhava a nacionalidade a passos tão agigantados; não podia deixar de raiar uma litteratura esplendida e gloriosa, quando todos os elementos conspiravam para levantar os animos, enthusiasmar os espiritos, exaltar as imaginações, inspirar vôos os mais portentosos e elevados da mente humana.

Tudo pois se unio e concorreu para o engrandecimento da patria, sob todos os aspectos em que elle se aprecie.

D. Manuel, como D. João I, amava e prezava as artes liberaes. Pretendeu com elle rivalisar, oppondo á fundação do convento da Batalha e de outras obras grandiosas do Mestre de Aviz, a reconstrucção do templo de Thomar, a egreja e torre de Belem e creando uma nova escola de architectura que se aproximava á europea da Renascença e se denominou Manuelina. Animou a pintura, protegendo Francisco Fernandes, o grão Vasco, Hollanda e diversos artistas que mostravam talentos aproveitaveis. Em seu tempo a cinzelura, a musica, a gravura, a arte dos colori-

dos conseguiram progressos. Promoveu egualmente o estudo das sciencias, e em Lisboa fundou escolas de astronomia e observatorios, transferindo-os de Sagres, onde os estabelecera o Infante duque de Viseu, e enriqueceu a Universidade com aulas de mechanica, geographia e phisica. Honram seu reinado sabios notaveis, dignos successores do duque de Viseu, do duque de Coimbra, de João das Regras e dos cosmographos illustrados de D. João II. Brilharam Pedro Nunes que aperfeiçuou o astrolabio; Antonio de Gouveia, André de Teive, famosos jurisconsultos; Jeronymo Osorio, D. Miguel da Silva, Antonio Pinheiro e Bartholomeu dos Martyres, theologos, philosophos e oradores sagrados da primeira plana; Garcia da Orta, medico illustradissimo, além de outros vultos dignos de perpetuo renome.

Como não deviam a lingua e a litteratura desenvolver-se? Não partia o incentivo do rei, da familia do soberano, da corte que ornava então os paços do monarcha? As infantas filhas do D. Manuel, educadas com esmero, manifestavam gosto e dotes litterarios. Aprendiam as linguas latina e grega, estudavam os classicos antigos, reuniam assembleas de poetas, litteratos e doutos, para palestras uteis, animavam as artes liberaes, e atrahiam o respeito e admiração geraes pelas suas virtudes e illustração. Nos saraus que davam no intimo dos paços regios, promoviam representações de autos dramaticos e comedias, e foi ahi o theatro em que se formou o genio de Gil Vicente, que pela linguagem e singeleza litterarias pertence á epocha anterior, posto que mais vivesse no reinado de D. Manuel. Citam as chronicas nomes de damas instruidas da corte das princezas; Luiza Segea, Anna Vaz, Paula Vicente, filha do poeta comico, deixaram renome distincto.

Como poderia a lingua furtar-se a um polimento razoavel, a uma correcção grammatical, á assimilação de voca-

bulos, elocucões e donaires mais aproximados á origem latina, a uma sintaxe mais de acordo com a do idioma romano, bem que conservasse palavras e inflexões de Godos, Arabes Gregos e Celtas, que por tanto tempo haviam dominado o paiz, e deixado vestigios de sua passagem?

Latinisando-se com os trabalhos litterarios, perdeu, de certo, a lingua a singeleza, a simplicidade, a amabilidade infantil e agradavel que tanto nos encanta em Fernão Lopes, em Bernardim Ribeiro e em Gil Vicente; mas ganhou em harmonia sonora, em virilidade, em energia, em pompa, sem que lhe desapparecessem as feições e indole nativa.

Como não devia proceder de todo este conjunto de elementos prosperos e gloriosos uma litteratura vasta, elevada, brilhante, esplendorosa que honrasse o paiz e deixasse sulcos luminosos na historia? Não era só á patria engrandecida, opulenta e enthusiasmada, que cumpria inspirar a Musa e lembrar novos horizontes á imaginação dos poetas : ali estavam esses mares rasgados pelas quilhas portuguezas, esses paizes da Africa e da America tão originaes e uberrimos, essas terras ricas e opulentas da Asia desde Calicut até o Japão, desde Goa até Macau, desde Granganor até as Molucas, desde Malacca até Diu e Damão, a travez do golfo Persico, dos estreitos de Malabar e Coromandel ás ribas do rios portentosos do Ganges e do Indo. Cabia á phantasia correr surexcitada por novidades sublimes e voar a mente em arroubos incognitos e deslumbrantes.

Durante o reinado de D. Manuel, ao passo que se adiantavam os estudos scientificos, se alargavam as conquistas e se enriquecia e gloriava a nacionalidade, resplenderam tambem uma lingua e uma litteratura, que procederam, não se póde negar, da epocha anterior, mas que se tornaram

crescendo e opulentando-se mais vigorosas, e soberbas.

Á epocha antecedente devem-se Bernardim Ribeiro, Fernão Lopes e outros iniciadores da lingua; á de D. Manuel, Damião de Goes, João de Barros, Jeronymo Osorio, Antonio Ferreira, Sá de Miranda e mais genios elevados que deram lustre immenso ao seculo. Sobretudo uma das palmas, que mais honra o reinado de D. Manuel foi o renascimento da poesia dramatica, que em Portugal antes que em nenhum outro paiz se iniciou, e que para Hespanha e a lingua castelhana se transplantou e produzio ali uma aureola litteraria gloriosa antes que em nenhuma outra nação da Europa.

Gil Vicente póde-se e deve-se considerar o primeiro autor de dramas na peninsula e portanto na Europa. Nascera em 1470, educara-se sob o reinado de D. João II, e formara como que a transição de uma para outra epocha. Antes d'elle conheciam-se autores de misterios religiosos e autos sacramentaes, que se representavam nas proprias egrejas depois das missas e sacramentos divinos, e que os Padres animavam em pró da propagação da fé e das crenças romanas, porque tratavam da vida de Jesus Christo e dos santos do calendario, e de milagres que se incluiam nas doutrinas catholicas. Das egrejas se haviam transferido para as praças publicas, de antemão preparadas, e a seu espectaculo se convidava o povo, que assim se instruia deleitando, e se ligava cada vez mais aos dogmas e obediencia que o clero propunha sustentar e desenvolver.

Mesclavam-se n'esses autos e misterios facecias e ditos satyricos para aguçar a curiosidade e entreter os espiritos, mas o fundamento, o assumpto, não se afastavam da historia ecclesiastica, que convinha ensinar ao vulgo. França, Inglaterra, Hespanha, Italia, Allemanha, gozavam todas d'esses espectaculos, tão diversos, todavia, da poesia dra

matica grega ou latina, cujo conhecimento e gosto se perdera nas trevas e barbaria da edade media.

Um Juan Encina, castelhano, quasi contemporaneo de Gil Vicente, alargara o circulo dos autos e misterios, formando dialogos familiares e fundados em assumptos domesticos e pastoris, dando-lhes o titulo de Eglogas. Era um passo dado para o desenvolvimento do drama, tirando-o das scenas da historia ecclesiastica. Estava reservada ao portuguez Gil Vicente a gloria de crear o drama, drescrevendo assumptos mundanos, pintando caracteres, desenhando scenas dramaticas, zombeteando dos ridiculos da sociedade, photographando paixões e costumes particulares do povo, e pondo ao vivo sobre o tablado aventuras agradaveis e interessantes, que absorviam as attenções e captivavam os espectadores.

Começou Gil Vicente com misterios e autos sacramentaes, como seus antecessores, passou depois á vida domestica, ás scenas mundanas, a quadros variados de successos, resplendendo nos versos com tanto espirito, graça tão peregrina, conceitos tão apropriados, verdades tão interessantes, que enthusiasmou seus compatriotas. Escreveu egualmente em castelhano para agradar e servir a seus visinhos que lhe supplicavam comedias e lhe exaltavam o talento.

Data de então a poesia dramatica na peninsula, e d'ahi por diante na Italia, na Inglaterra e nos outros paizes da Europa. Infelizmente em Portugal não teve Gil Vicente successores ou continuadores. Hespanha foi quem os produzio, promoveu-lhes os progressos, e gloriou-se com suas obras. Com Gil Vicente acabou em Portugal a poesia dramatica, porque os autores que se aplicavam a seu cultivo desprezaram a originalidade, espontaneidade e nacionalidade, para se curvarem a uma imitação, ou copia servil dos Gregos e

Romanos, que elles melhor conheceram, e estudaram, e que lhes pareceram haver attingido á meta de perfeição e sublimidade, quando eram homens de sua epocha, e cada epocha vive de vida propria e possue caracteristiscos e aspirações distinctas. Até fins do seculo XVIII um só escriptor appareceu em Portugal, digno successor de Gil Vicente; chamava-se Antonio José de Silva, era nascido no Rio de Janeiro; e seus dramas são conhecidos como composições do Judeu. Mas suas infelicidades, suas perseguições pelo Santo Officio da Inquisição, sua morte lamentavel em uma fogueira, a que o horrendo tribunal o condemnara, fizeram-lhe quasi esquecer o nome, pelos preconceitos e fanátismos religiosos, e elle não passou de um meteoro, que desappareceu da vista e do pensamento. Hespanha enumerou entre seus filhos queridos Tirso de Molina, Cervantes, Lope de Vega, Alarcon, e o portentoso Calderon de la Barca, que preferiram as tradições nacionaes e as liberdades da arte dramatica ás regras anomalas que lhes ensinavam os antigos, e que pejavam os vôos do genio, em quanto que Portugal arrastado pelos exemplos de Roma e Grecia, não conseguio por essa razão possuir poetas dramaticos, como nos demais generos, lyrico, epico, pastoril, elegiaco, descriptivo, alcançara tão gloriosamente e em que rivalisara com as outras nações do mundo.

D. Manuel e suas illustradas filhas extasiavam-se diante das composições dramaticas de Gil Vicente e cuidavam de animar e proteger o poeta, concedendo-lhe honrarias particulares e chamando-o a representar nos paços reaes as suas obras agradaveis. Gil Vicente, sua filha Paula Vicente, os cortesãos e damas das princezas se encarregavam de recitar as partes que nas comedias lhes cabiam, e ellas amenizavam e deliciavam os espectadores e tornavam os saraus do paço regio o verdadeiro theatro de alegres passa-

tempos de uteis prazeres e de gosto litterario apurado.

Ainda se não estabelecera a Inquisição em Portugal e por isso em sua vida muitas composições de Gil Vicente foram publicadas pela imprensa, e eram admiradas pelo povo. O terrivel tribunal as prohibio depois em parte, e as que consentio correrem modificou-as, deturpou-as como os barbaros do seculo XVII e XVIII estragaram e arruinaram os monumentos soberbos de architectura gothica com remendos, concertos e transformações, que lhes arrancaram a belleza e sublimidade.

Podem-se dividir em tres especies as obras dramaticas de Gil Vicente, que se salvaram para ventura dos nossos tempos e gloria de seu nome e da epocha em que elle vivera. Autos propriamente que comprehendiam assumptos bebidos na Biblia, nos Evangelhos e nas vidas dos santos; farças que elle escreveu com mais esmero, graça, espirito e interesse; e comedias, ou como as intitula o autor, tragico-comedias, em que a mordacidade, a satyra e o buffonico correm parelhas com a intriga dramatica. Não se distinguem por actos, como os dramas gregos ou latinos; não se subordinam ás regras por estes fixadas para o desenvolvimento da acção e das peripecias, unidade de acção, de logar e de tempo, despreza inteiramente o poeta, como posteriormente usaram o theatro em Hespanha e em Inglaterra. Ignorava Gil Vicente a existencia de um codigo de leis, que adoptaram não tanto os Gregos, mais todavia os Romanos seus imitadores, e posteriormente os Portuguezes, Italianos e Francezes, devotados a quanto lhes ensinaram os latinos? Não é de presumir, porque passava por espirito esclarecido e conhecedor da antiguidade. Deve-se suppor que elle preferira corresponder á sua propria inspiração, desprendida e solta de regras classicas, e ao genio de seus conterraneos; fallar-lhes á intelligencia, á indole, aos

costumes, ás tradições, para se tornar mais agradavel e interessante ás massas populares. Erasmo, o celebre philosopho hollandez, aprendera de proposito a lingua portugueza para ler as obras de Gil Vicente, que em vida do autor haviam já grangeado nomeada quasi europea, e a elle o critico afamado chama Plauto moderno, quando melhor lhe cabia o nome de Aristophanes, pela maneira livre, pela imaginação extravagante e pelo espirito sarcastico e impetuoso.

Nada se sabe a respeito da vida de Gil Vicente senão que fôra acceito, estimado e honrado na corte de D. Manuel; vivera porém, na pobreza, como de ordinario succede aos grandes talentos e aos espiritos altanados? Parece que sim, porque elle proprio assim se exprime a seu respeito:

Um Gil... um Gil... um Gil...
Que não tem um só ceitil,
E faz os autos á El-Rei!
Autos cuidei que dizia,
E assim penso que é;
Mas não já auto de fé,
Como os outros que fazia,
Quando tinha elle com que.

Que o me doar
Si estivera em trabalhar,
Ou valera o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar e que deixar.

Não seria um genio comico como Molière, Shakespeare ou Lope de Vega; mas egualaria senão excederia os demais poetas que á comedia se applicaram; e era um caracter nobre e altivo, pois que d'elle se conta que achando-se em Evora, e pretendendo a plebe exterminar os christãos novos ali existentes, fallou-lhe com eloquencia tribunicia, exprobou-lhe seus procedimentos e tentamens selvagens e criminosos, e conseguio serenar o tumulto e

FEITICEIRA. — Dizei-o em toda á verdade.
DEMONIO. — Quereis saber? É um frade,
Um Frey Vasco de Palmela,
Um que tinha a Madanela,
Colxoeira da Trindade,

A farça da *Barca do Inferno* contem scenas não menos engraçadas. Chega um frade trazendo em sua companhia uma rapariga, e o diabo que governa a barca em que elles teem de atravessar o rio, pergunta ao frade:

Que é isso, padre, que vai lá?
FRADE. — Deo gratias, sou cortesão.
DIABO. — Sabeis tambem o tordião?
FRADE. — É mal que me esquecerá.
DIABO. — Essa dama ha de entrar cá?
FRADE. — Conto que embarcará.
DIABO. — Ella é vossa?
FRADE. — Não o sei.
Por minha a trago eu cá.
DIABO. — E não vos pesou o trambolho
Em um convento sagrado?
FRADE. — Por isso fui muito açoitado.
DIABO. — Que cousa tão preciosa!
Entrai, padre Reverendo.
FRADE. — Para onde levaes a gente?
DIABO. — Para aquelle foco ardente
Que não temeste vivendo.
FRADE. — Juro á Deus que não te entendo.
Este habito não me val?
DIABO. — Gentil padre mundanal,
Á Belzebuth pertenceis.
FRADE. — Corpo de Deus, consagrado
Pela fé de Jesus Christo,
Que não posso entender isto!
Eu hei-de ser condennado,
Embora seja ennamorado,
Quando fui dado á virtude?
Assim Deus me dé saude
Como estou maravilhado.
DIABO. — Não façamos mais detença.
FRADE. — Por Deus, essa seria ella!
Não vai em tal caravella
Minha senhora Florença?
Como? Por ser ennamorado

E folgar c'uma mulher,
Si ha-de um frade perdor
Com tanto psalmo resado?
DIABO. — Ora estaes bem aviado!
FRADE. — Mas já estou corrigido!
DIABO. — Devoto Padre e marido
Haveis ser cá bem queimado.
FRADE. — Mantenha Deus esta c'rôa!

Passado o frade para o inferno, chega um nobre almiscarado e diz:

Tornarei á outra vida,
Ver minha deusa querida,
Que se quer matar por mi!
DIABO. — Que se quer matar por ti?
FIDALGO. — Isso bem certo sei eu.
DIABO. — Ó namorado saudaz,
Não viste que suspirando,
Si estava ella requebrando
Com outro de menos preço?

A farça *Feria da Virgem* dirige-se para outro campo; trata da vida intima de consortes, e desenha-lhes os defeitos e ridiculos. Uma aldeã queixa-se amargamente do marido indolente, que causa prejuizos ao casal em vez de o adjudar como deve. Pinta-o pela fórma seguinte:

Vai-se ás ameixeiras
Antes que sejam maduras:
Elle quebra as cerejeiras,
Elle vindima as parreiras,
E não sei que faz das curas.
Elle não vai ao lavrado,
Elle todo o dia come,
Elle toda a noite dorme,
Elle não faz nunca nada,
E sempre me diz que tem fome!
Jesus! Posso-te dizer
E jurar e trejurar
E provar e comprovar,
E andar e revolver,
Que é melhor para beber,
Que não para maridar!

O demo é que o fez marido,
Que assim secco como é
Bebera a torre da Sé,
E prestes arma um arruido
Assim debaixo do pé!

Não perdoa á Curia romana na farça da *Feria*. Parece que o poeta não gostava de pagar bullas, e flagella-lhe então os abusos. Figura o diabo de vendilão, e Roma apresenta-se para comprar o que necessita.

ROMA. — Eu venho á feira direita,
Comprar paz, verdade e fé.
DIABO. — A verdade para que?
Cousa que não aproveita!
Vender-vos hei n'esta feira
Mentiras vinte tres mil,
Todas de nova maneira,
Cada uma tão subtil
Que não vivaes em canseira,
Mentiras para senhoras,
Mentiras para senhores,
Mentiras para os amores,
Mentiras que á todas as horas
Vos nasçam d'ellas favores.
ROMA. — Isso já tu me vendeste
Quando outra vez eu feirei.
Resta-me que venderei,
E outras sujas mercancias
Que por meu mal te comprei.
Á troco de muito amor
De Deus, te comprei mentira
E á troco de grão temor
Que tenho de sua ira
Ganhei o seu desamor,
E á troco da fama minha
E santas religiosidades,
Só tenho mil torpidades,
Vicios mil e mil maldades.
DIABO. — Não é costume de lá
Que matas pecados cá
E deixas correr os teus?
Com teu poder tão fecundo
Dás perdão á todo o mundo,

Contanto te paguem bem
As indulgencias tambem?
E não te lembras de ti,
Não ves que te vás ao fundo?
Tu estás toda perdida
Si não mudas tua vida!

A analyse das obras de Bernardim Ribeiro e de Gil Vicente demonstra a transição que se opera na sociedade, em relação á lingua e á litteratura, que passam por novas transformações. O gosto classico que começou a introduzir nos estudos o reinado de D. Manuel fez perder á lingua a sua ingenuidade primitiva, e enriquecer-se com novas galas tomadas ao idioma latino; mas trouxe á litteratura maior profundeza de conhecimentos. Os verdaderos genios lucraram com essa educação mais viril e possante, e por isso Dante e Camões ganharam em aperfeiçoamento de gosto, sublimidade de vôos e perfeição da arte; muitos talentos trocaram, porém, a phantasia poetica pelas regras estabelecidas, e em vez de desprenderem raptos de imaginação, rastejaram imitando os antigos, produzindo não eloquencia mas rhetorica, não poesia resplendente de pensamentos altivos, mas versos rimados com todo o esmero e uma fórma correcta e alatinisada, com todo o respeito á prosodia e á sintaxe.

Foi a era de D. Manuel, em toda a extensão da palavra, a do maior esplendor e gloria para Portugal, porque elle aproveitou-se dos elementos importantes reunidos pela casa de Aviz, promoveu-lhes o andamento, imprimio-lhes vigoroso e duradoiro impulso.

VI

Promevera sobre tudo El-Rei D. Manuel a instrucção litteraria por meio de escolas destinadas ao estudo das linguas latina e grega, e fundadas en varias cidades importantes do reino, no intuito de que as dos governo concorressem com as dos conventos e prelacias que monopolisavam até ali o ensino. O latim era o idioma exclusivo antigo, senão o unico, a que então se applicavam os Portuguezes, e mesmo as demais nações da Europa até o seculo XVI: o grego pouco conhecido, e foram os italianos que lhe espalharam o gosto, transferindo-o de Italia para os outros estados: o hebraico apenas sabido pelos altos e illustrados officiaes da Egreja. Continuou, todavia, em Portugal a ser o latim preferido, já pela maior facilidade com que se aprendia, já por se considerar a fonte de onde sahira a lingua portugueza.

Não ha duvida que a instrucção aperfeiçoa o talento, desenvolve as aptidões, apura o gosto, alarga os horisontes do pensamento, educa o espirito. Foi por causa das luzes superiores, pelo vasto conhecimento que das lettras classicas tinham Dante, Petrarea e Boccacio, que elles se tornaram tão superiores aos poetas proençaes, que então sobresahiam aos das nações diversas da Europa, mas que se inspiraram apenas no instincto natural e na phantasia escandecida.

Perdem, como já em outra occasião vos declarei, muitos

talentos na naturalidade, na singeleza, na audacia da inspiração, na liberdade do arrojo; em vez de eloquencia encontra-se não raro a rhetorica; em vez de ondas de poesia brotando dos ricos veios da imaginação, admira-se sómente a fórma correcta, a phrase classica, o estylo apurado; á inspiração, á phantasia livre substituira uma arte fundada na copia e na imitação, com criterio, decoro e regularidade, é verdade, mas despida dos incantos e graças que só a natureza produz espontaneamente.

O estudo, todavia, das litteraturas grega e latina concorre poderosamente para illuminar os espiritos, imprimir-lhes gosto mais apurado, alarga-los em vistas e aspectos mais vastos; regularisar, harmonisar a lingua, opulentando-a com novos vocabulos e inflexões apropriadas á expressão de todas as ideas; favorecer uma litteratura mais abundante e encyclopedica. Tal foi tambem a admiração e enthusiasmo causado pela belleza dos autores classicos e pela regularidade grammatical da lingua latina, particularmente da sua construcção simetrica e sinthetica, que muitos portuguezes preferiram escrever em latim, e no correr do seculo XVI não poucas obras, e algumas importantissimas, foram publicadas na antiga lingua romana, e redigidas em estylo estimavel, gosto singular e selecta elegancia: em assumptos scientificos até mesmo na Europa preferia-se escreve-las em latim para serem mas lidas e apreciadas pelas pessoas de competencia.

O bispo de Silves, Jeronymo Osorio, pregador e theologo afamado, fez-se notar como escriptor primoroso na obra que publicou em latim sobre a Vida e Feitos d'El-Rei D. Manuel. André de Rezende empregou egualmente a mesma lingua na sua historia das antiguidades de Portugal; e posto que com menos felicidade e talento os acompanharam outros autores, abandonado o idioma por-

tuguez, quando este locupletado já com regras e vocabulos mais proprios e exquisitos, arrancado do estreito e pauperrimo circulo em que ao principio existira, ganhava galas e donaires que o ennobreciam, aformoseavam e o tornavam apropriado a toda a expressão dos sentimentos, necessidades, assumptos e marcha progressiva da epocha.

Contra semelhante tendencia dos espiritos em preferir nas obras propriamente litterarias a lingua latina, ergueram-se Francisco de Sá de Miranda e o dezembargador Antonio Ferreira com notavel denodo, posto que no gosto, no estudo, na direcção das ideas, se não recusassem a adoptar a maneira e as regras dos antigos autores, abandonada a originalidade, a autonomia, os costumes, os usos, habitos e indole da nação portugueza.

Dizia Ferreira enthusiasticamente:

> Floresça, falle, cante, ouça-se e viva
> A portugueza lingua, e já onde fôr
> Senhora vá de si, soberba e altiva,
> Que eu d'essa gloria só fico contente
> Que a minha terra amei e a minha gente!

Esforçou-se, no entanto, escrevendo versos em imitar Horacio, que era em sua opinião o mestre dos mestres, na fórma, nas feições e no pensamento; compondo comedias e tragedias, adstricto ás unidades e sistema fixado por Plauto, Seneca e Terencio, esquecida assim a originalidade e as graças tão portuguezas de Gil Vicente, que pintava ao vivo a sociedade do seu tempo, os usos e costumes, vicios e ridiculos dos seus contemporaneos.

A ninguem mais deve a lingua que a Ferreira no verso e a João de Barros na prosa : são os escriptores que a firmaram mais viril e energicamente, posto que depois d'elles ainda ella subio em suavidade e ternura, e modifi-

cou-se com o correr dos tempos, novas necessidades, marcha das luzes, trasformações dos tempos, dos costumes, indole e aspirações do povo.

Adoptou Sá de Miranda o metro italiano e o nacionalisou em Portugal, trocando os octosyllabos e menores por hendecasyllabos, como mais proprios para os assumptos elevados e heroicos: abandonou em parte a rima arabe, que a toda a versificação até essa epocha se applicava, substituindo assim a rima pela phrase solta, como já usavam os Italianos e Hespanhoes, cujos idiomas encerravam melodias e donaires garbosos e lindamente euphonicos para dispensar a toada da rima: assim se não tão harmonioso era o instrumento com suas cordas naturaes para que em muitos casos e assumptos substituir a naturalidade por uma confusão de notas que transformavam antes que lhe suavisavam a fórma e a formosura ingenua e agradavel?

Levou-lhe as lampas Antonio Ferreira acompanhando-o no movimento, porque mais poetico engenho e mais aprimorado gosto possuia: por essa razão, em quanto Sá de Miranda fulgura quasi sómente como cultor e incrementador da lingua, Antonio Ferreira, apezar de suas imitações classicas, irrompe muitas vezes com rasgos poeticos, que o tornam um dos primeiros talentos e um dos mais estimaveis litteratos portuguezes. Não se subordinasse Ferreira tão servilmente ás regras antigas, soltasse livre seu genio, como Calderon e Shakespeare posteriormente o praticaram, e não se ornaria sua, alias bella, composição intitulada Ignez de Castro, com bellezas e primores mais poeticos? Faltam assim á tragedia de Ignez de Castro, e que é uma das primeiras composições dramaticas nas linguas modernas da Europa, escripta e modelada pelas de Seneca e dos latinos, peripecias, pintura de caracteres,

jogo de paixões, movimentos de scena, acção em fim dramatica, bem que appareçam para attrahir a admiração dos leitores, rasgos poeticos e imagens de valor subido. Obedece ás tres unidades recommendadas pelos Romanos, de acção, de tempo e de logar, que não permittem o largo desenho e a pintura de um quadro esplendido, mas acanham o espirito na expressão de uma só face ou idea, que não póde expandir-se a contento da inspiração. Emprega os chôros, que os Gregos admittiam como vozes do povo raciocinando ácêrca dos acontecimentos referidos, como exposição de verdades moraes e philosophicas, mas com que excellencia e força de dicção o pratica Ferreira, mostrando-se discipulo de Sophocles e Eschylo?

Reis poderosos, principes, monarcas,
Sobre nós pondes os pés, em nós pisaes,
Mas sobre vós está sempre a fortuna,
Nós, livres d'ella.

Nos altos muros soam mais os ventos,
As mais crescidas arvores derribam,
As mais inchadas velas no mar rompem
Com mores torres.

Galas e vestes, titulos pomposos,
Não dão descanso, nem mais doce somno;
Antes mais cansam, antes em mais medo
Poem o perigo.

Com que expressão lyrica repete o choro endeixas apaixonadas!

Colhei, colhei alegres,
Donzellas minhas, mil cheirosas flores,
Tecei frescas capellas
De lirios e de rosas: coroai todas
Os douradas cabeças.
Quando amor nasceu
Nasceu ao mundo vida:
Claros raios ao sol, luz ás estrellas,
O ceo resplandeceu,

E de sua luz vencida
A escuridão, mostrou as comas bellas.
Por amor se orna a terra
D'aguas e de verdura :
Ás arvores dá folhas, côr ás flores.

Não commovem as supplicas que Ignez de Castro, ao suspeitar que a vão assassinar, quando ausente está o amante adorado, dirige ao rei Affonso, apresentando-lhe os filhinhos ?

Meu senhor !
Esta é a mae de teus netos. Estes são
Filhos d'aquelle filho que amas tanto.
Esta ó aquella coitada mulher, debil e fraca
Contra quem vens armado.
Aqui me tens. Bastava ter mandado
Para eu segura e livre te esperar ;
Em ti minha inocencia confiada,
Abraçai-me meus filhos, abraçai-me
Despedi-vos dos peitos que mamastes :
Estes vos fôram sempre, já vos deixam !
Que achara vosso pai quando chegar ?
Achar-vos ha tão sós — sem vossa mae —
Não verá quem procura, verá cheias,
Cheias a casa e paredes de meu sangue.

Ha ainda alguma dureza nos versos de Ferreira, mas que verdade de affectos ! A lingua carecia ainda de doçura, ternura, melodia ; mas que serviços lhe prestara Ferreira, ao maneja-la com mais amplidão e destreza que seus antecessores !

A melancholia faze-se mais tocante em Diogo Bernardes, e attinge depois á altura sublime em Luiz de Camões, porque a aguia desprende vôos a que não podem chegar as outras aves, embora primorosas. Ferreira corre pareas com Diogo Bernardes na lyra ; com Jeronymo Cortereal no genero descriptivo ; com Fernão Alvares, o primeiro por-

tuguez celebre nascido nas Indias; com Luiz Pereira Brandão, o cantor da catastrophe de Alcacer Kibir; com Manuel da Veiga, o vate da elegia, mais ou menos uns e outros seus contemporaneos. Assim egualmente João de Barros, desenvolvendo ao mesmo tempo sensiveis progressos na lingua, no estylo e na litteratura, nunca será esquecido, deverá antes ser considerado sempre o modelo, exemplar, mestre, posto que encontrará não raro rivaes em homens do seu seculo; Fernão Mendes Pinto, o viajante pittoresco, o escriptor admiravel das grandezas da Asia, o pintor da natureza magestosa do Oriente, de seus costumes e pagodes romanticos e deslumbrantes; Heitor Pinto, o monge patriota melancholico e philosopho, Amador Arraes e Diogo de Paiva de Andrade, tão justamente reputados por seus tratados religiosos; será, porém, vencido por Frey Luiz de Sousa, como foi Ferreira por Camões, porque Luiz de Sousa é o Camões da prosa portugueza.

Nascera João de Barros ao findar quasi o seculo XV. Tomara graus academicos na Universidade, servira empregos na administração e na magistratura, e quando contava apenas vinte dois annos de edade, ganhara reputação com a publicação de um romance cavalheiresco, sob o titulo de Chronica do Imperador Clarimundo, e em que o gosto litterario concorria tanto para agradar como a phantasia desencadeiada que o inspirara.

Já tratámos do romance Amadis de Gallia do seculo XV. Raiára então a aurora do enthusiasmo pelos torneios, lutas, bravuras individuaes, feitos generosos e ousadas valentias. João de Barros iniciava sua carreira de escriptor n'esse genero, que sorri tanto ao coração e exalta poderosamente os espiritos. Desde que se introduziram os romances cavalheirosos em Inglaterra e França, ao principio escriptos em verso e depois em prosa pela extensão

dos seus assumptos, da lingua wallon, de onde procede o actual francez, e que lhe dera maior impulso, passaram-se para Hespanha e outros paizes. Das aventuras tragicas de Cussy, dos feitos heroicos dos Paladinos de Carlos Magno, da Tavola Redonda e das grandezas do rei Arthur não ha quasi differença para as lutas guerreiras do Cid e os actos estupendos de Bernardo del Carpio. Ornai-os com idealidades phantasticas, aventuras incriveis, feiticeiras, fados, genios e todas as novas mythologias que tambem creara o christianismo, e certamente se sustentará a attenção dos leitores e se aguçará sua curiosidade. Serviram depois de modelo para Ariosto e Boiardo na Italia organisarem até poemas, e poemas admiraveis.

A chronica do imperador Clarimundo demonstra a imaginação viçosa de João de Barros; apezar, porém, das maravilhosas aventuras com que o autor tentou agradar aos sentidos, contem defeitos que lhe tiram todo o interesse; em despeito da linguagem e do estylo ornado com que Barros o sasonou, não resiste á leitura aturada, e deve-se confesar com franqueza que lhe é muito superior o Palmeirim de Inglaterra, escripto por Francisco de Moraes, portuguez contemporaneo de João de Barros, já pela naturalidade das scenas, já pela narração dos successos, já pelo agradavel do enredo dramatico, já em fim pela pintura mais ideal e interessante dos encantamentos e feitos sobrenaturaes, que fazem realçar as scenas da vida material, que o autor desenha com exquisito talento.

Não admira que João de Barros incitasse sua carreira de escriptor por um romance cavalheiroso; entrava no gosto do tempo esse genero de litteratura de preferencia a qualquer outro.

Alcançou João de Barros o emprego importante de thesoureiro mór da Costa da Mina, e a concessão de uma dona-

taria de terras no Brazil que comprendia o Maranhão, com obrigação de demarca-la, povoa-la e cultiva-la. Foi a sua desventura, porque perdeu n'esta empresa, que lhe parecia gloriosa, o melhor de seus capitaes, e filhos a quem encarregara da colonisação e que as tribus barbaras americanas trucidaram barbaramente.

Abalançou-se por fim a escrever a Historia da conquista das Indias pelos Portuguezes, para honrar a patria com um monumento que recordasse perpetuamente os feitos heroicos de seus filhos afamados.

Feliz concepção, porque a obra por elle legada á nação, exalta-lhe os brios, eleva-lhe a memoria e ennobrece-lhe a lingua e a litteratura com um dos mais primorosos productos da intelligencia humana.

Mereceu João de Barros dos seus e dos extranhos o titulo de Tito Livio portuguez por essas Decadas do descobrimento e conquista das Indias, que formam um verdadeiro thesoiro litterario.

Com razão, sob varios aspectos, Tito Livio enriquecera e abrilhantara a lingua latina; empregara um estylo animado, primoroso, admiravel; realçara pela elevação dos sentimentos e inspiração do patriotismo. Methodo, pompa, gravidade, interesse dramatico, eloquencia, pittorescas descripções, pinturas vivas, quadros esplendidos, tudo na sua Historia Romana fulgura com deslumbrante gala, e se liga com harmonia inexcedivel.

Possue João de Barros identicas qualidades e imaginação para idealisar e narrar os fastos dos Portuguezes, e as Decadas do descobrimento das Indias não se deixam vencer em merecimento pelo seu exemplar latino.

Pecam ambos os historiadores pela ardentia e exageração do patriotismo, que lhes pinta os heroes sob côres sempre magestosas, que lhes excita enthusiasmo constante pelos

feitos praticados pelos Portuguezes e Romanos em suas conquistas, quando mereceriam, não raro, graves censuras pelos escandalos e crimes que muitas vezes commetteram, e barbaridades e cruezas e trahições que não dispensavam, em todas as occasiões, em que lhe sorriam ao interesse e ao orgulho.

Pecam ainda pela facilidade com que admittiram lendas inverosimeis em vez de factos verificados, mostrando ambos assim que si sabiam narrar, e narrando impressionavam, deleitavam, ensinavam, apaixonavam, commoviam, não dispunham da critica philosophica necessaria para joeirar os acontecimentos, julga-los com imparcialidade, aprecia-los com exacção, e arrancar do cahos dos documentos confusos e disparatados, de que extrahiam seus esclarecimentos, a verdade e só a verdade.

Nenhuma historia se encontra mais pittoresca, interessante e heroica que a dos Portuguezes, descobridores das Indias, dominadores da Asia, monopolisadores do seu immenso e copiosissimo commercio e industria tão adiantada; que com meia duzia de navios e de soldados curvaram guerreiros turcos, arabes e indigenas, alias disciplinados, arregimentados e exercedores de armas as mais aperfeiçoadas da guerra; que se assenhorearam de cidades opulentas, fortalezas artilhadas, estados populosos, levantando seu governo por todas as terras que correm desde o mar Roxo até os fins quasi da China e costas ultimas da Asia.

Não se tratava de nações selvagens e rudes como as da America, onde Portuguezes, Inglezes, Hollandezes, Francezes e Hespanhoes encontravam por adversarios tribus dispersas, armadas apenas com arcos, flexas e massas de madeira para se defenderam contra as agressões dos Europeus, que manejavam a espingarda, a espada, a peça de

taria de terras no Brazil que comprendi
obrigação de demarca-la, povoa-la e c
desventura, porque perdeu n'esta e
gloriosa, o melhor de seus capit
carregara da colonisação e que
canas trucidaram barbaramen
Abalançou-se por fim a e
das Indias pelos Portugue
um monumento que re ... ra viagem va
heroicos de seus filhos ... parte da India; aug-
Feliz concepção, ... es Cabral; volvido de
ção, exalta-lhe os ... de sua gloria, commeçou
lhe a lingua e a ... iloqua do dominio portuguez.
productos da in ... eceram posteriormente Francisco
Mereceu J ... e Pacheco, Affonso de Albuquerque,
tulo de Tit ... o, Gonsalo Mendes Caçoto e outros varões,
brimento ... pelos feitos e patriotismo, que firmaram o
deiro th ... um reino pequeno na Europa como era o de
Portugal, em terras tão extensas, povoadas, opulentas e
e abundantes e portentosas. Houve ahi a applicação de muita astucia, de
muita trahição, de muita indignidade, de muita barbaria,
de muita cobiça, de muita crueldade. Mas resulta um admiravel quadro epico, que não permittirá mais que morra
o nome, a fama dos Portuguezes.

Cumpre accrescentar que João de Barros soube com maestria e pompa burilar em bronze acções soberbas e feitos dignos de memoria, empregando em suas obras, além de sua possante imaginação, de seu gosto litterario apurado, de sua variada instrucção, uma energia de linguagem, posto que agreste ás vezes e dura ainda; uma formosura de estylo viril, uma narração interessante e não raro poetisada, e pensamentos elevados, observações finas e judiciosas.

artilharia. Nas Indias, nas Molucas, em Calicut, em Ormuz, em Diu, em Damão, em Malaca, em Macau, em Bombaim, em Goa, eram os indigenas povos civilisados, e além do seu proprio valor, de armas eguaes senão superiores ás dos Portuguezes, de tactica e estrategia militar que sabiam, se auxiliavam de Arabes e Turcos, raças energicas e illustradas, de natureza e instinctos guerreiros, e que combatiam com tanta bravura quanta sciencia.

Descobrira Vasco da Gama em sua primeira viagem varios pontos da costa africana oriental e parte da India; augmentara sua marcha Pedro Alvares Cabral; volvido de novo Vasco da Gama ao theatro de sua gloria, commeçou com estrondo a obra grandiloqua do dominio portuguez. Appareceram e resplendeceram posteriormente Francisco de Almeida, Duarte Pacheco, Affonso de Albuquerque, D. João de Castro, Gonsalo Mendes Caçoto e outros varões, nobilissimos pelos feitos e patriotismo, que firmaram o poder de um reino pequeno na Europa como era o de Portugal, em terras tão extensas, povoadas, opulentas e portentosas. Houve ahi a applicação de muita astucia, de muita trahição, de muita indignidade, de muita barbaria, de muita cobiça, de muita crueldade. Mas resulta um admiravel quadro epico, que não permittirá mais que morra o nome, a fama dos Portuguezes.

Cumpre accrescentar que João de Barros soube com maestria e pompa burilar em bronze acções soberbas e feitos dignos de memoria, empregando em suas obras, além de sua possante imaginação, de seu gosto litterario apurado, de sua variada instrucção, uma energia de linguagem, posto que agreste ás vezes e dura ainda; uma formosura de estylo viril, uma narração interessante e não raro poetisada, e pensamentos elevados, observações finas e judiciosas.

Como não ainda deve extasiar-nos esta historia, quando ao lado de victorias e conquistas estupendas, combates e lutas sangrentas e continuadas, notamos que os mares devoram tantos varões illustres; acolá os matam nas guerras os pelouros inimigos; a miseria, a fome terminam os fios da vida a uns, as perseguições dos proprios compatriotas dão cabo de outros; e raros logram a ventura de volver á patria para expirarem em seu seio; e entretanto inabalaveis e audaciosos sempre, não recuam, marcham constantemente para diante, trazendo levantada a cruz de Christo. como symbolo de seu triumpho e da salvação de suas almas, e desembainhada a espada para cortar de continuo pelas hordas de inimigos, que tão numerosos lhes não causam espanto!

João de Barros não distingue os meios que os Portuguezes applicaram em suas conquistas, endeosa unicamente o fim que elles se propozeram e que alcançaram; não conhece religião possivel e nem salvadora senão a catholica, a que cumpre obrigar os vencidos a submetter-se, a fim de augmentar os dominios de Portugal e dilatar os da fé christã e romana; e portuguezes, que como Fernão de Magalhães e Ruy Faliero, embora navegantes do maior renome e gloria, não lhe arrancam senão invectivas e apodos injuriosos, porque descontentes da patria se em pregaram em serviço de Hespanha, em vez de continuar a servi-la ainda que ingrata. Ainda ahi imita Tito Livio, ao recontar os actos de Coriolano, quando é tão diverso o abandonar a patria para servir a outra sem detrimento da terra nativa, e volver contra a propria patria as armas do extrangeiro e do inimigo!

Deixado de parte o assumpto moral para sómente tratar do litterario, convem-nos confessar que são licções admiravelmente escriptas as paginas das Decadas, pelo vigor

da lingua, pela elevação do estylo e pela magestade do methodo. É na obra de João de Barros que se depara o gosto litterario do seculo XVI, ainda hoje admirado, e que o será eternamente em quanto se fallar a lingua portugueza, e mesmo em qualquer versão extranha, pelo merito intrinseco, que em abundancia ella patenteia e demonstra. Bem que não possua a singeleza, naturalidade e inspiração poetisada de Fernão Lopes; posto que não encerre a ternura, suavidade, melancholia de Frey Luiz de Sousa; nem os arroujos de Thomé de Jesus; nem o colorido pittoresco de Fernão Mendes Pinto; e menos a correcção e propriedade de vocabulos, que mais que ninguem empregou depois o Padre Antonio Vieira, primam as Decadas de João de Barros pela superioridade do assumpto e por uma linguagem e estylo particular e proprio, a que em valentia e virilidade nenhum escriptor portuguez attingio ainda.

Não apresentarei senão dois trexos para que se firme a opinião que este escriptor excelso merece dos entendidos. Bastarão elles para confirmar a proposição aventada.

Descrevendo o naufragio de Affonso de Albuquerque, assim se exprime o nosso historiador eminente:

« Além de contendermos accidentalmente por armas
» com homens de tão varias nações e seitas, como nas In-
» dias ha, temos perpetua contenda com os elementos,
» sendo cousa mais bruta, fera e impetuosa que Deus creou,
» e que até nosso tempo não temos visto em alguma gente.
» Si temos guerras de Persas, Gregos, Romanos e de outras
» nações, nas quaes houve grandes perigos no rompimento
» de exercito com exercito, trabalhos de fome, de sede e vi-
» gilias, na continuação de algum cumprido cerco, frios e
» ardores de sol na variação dos tempos e climas, grandes
» enfermidades na corrupção dos ares ou mantimentos, e

» outros mil generos de accidentes que chegam a estado de
» morte; todos estes trabalhos e perigos passou a nossa gente
» portugueza nas suas navegações e conquistas. E sobre-
» tudo peleja com a furia dos ventos, impeto dos mares,
» dureza das terras com seus baixos e encontros, postos a
» vida e a morte em tão breve espaço como são tres dedos
» de taboa, ás vezes comida de buzano, no descuido de cahir
» uma pevide de candeia em logar em que se possa atear
» incendios, e outros mui particulares e miudos casos de
» que resulta a ruina de tão grande numero de náus, que
» são perdidas. Em cada uma das quaes podemos affirmar
» que se perde uma muito nobre villa d'este reino em sub-
» stancia de fazenda e em nobreza de gente. O abismo do
» oceano tem sido a principal sepultura dos Portuguezes
» depois que começaram seus descobrimentos. »

A morte de Affonso de Albuquerque provoca em João de Barros um sentimento profundo, e referindo-a, expressa-se em phrases as mais commovedoras.

« Affonso de Albuquerque, lida a carta, temendo que
» estas novas produzissem alguma mudança no que ia
» deixando ordenado em Ormuz, para onde a náu ia, to-
» mou-lhe quantas cartas levava de Diu, e lhe mandou
» prestar juramento de nada dizer, e deu-lhe outras para
» seu sobrinho, Pero de Albuquerque, avisando-lhe do que
» devia fazer. Expedidos os mouros com mercés que lhes
» fez, ficou só com Diogo Fernandes e Pero de Alpaira, e
» tornando a ler a carta de Cid Ale, que lhe avisava de
» que vinha Lopo Soares por capitão mór, exclamou : —
» Lopo Soares por capitão mór á India! E Diogo Mendes e
» Diogo Pereira que mandei presos ao reino por culpas
» que tinham, El-Rei os torna á mandar, um por capitão e
» feitor de Cochim, e outro por secretario! Tempo é de
» acolher á Egreja, e assim fico mal com El-Rei por amor

» dos homens, e com os homens por amor d'El-Rei! — E
» levantando as mãos ao ceo, disse que dava muitas graças
» á Deus, pois em tal tempo El-Rei lhe mandava capitão
» mór, e sua vida seria muito breve. Tudo assim com esta
» agonia de espirito e morte que já com elle commeçava á
» lidar, mandou escrever estas regras, que mal pode assi-
» gnar: — Senhor, esta é a derradeira que com soluços de
» morte escrevo á Vossa Alteza de quantas com espirito
» de vida lhe tenho escripto, pola ter livre de confusão
» n'essa derradeira hora, e muito contente na occupação
» de seu serviço. N'esse reino deixei um filho, por nome
» Braz de Albuquerque, ao qual peço á Vossa Alteza que
» faça grande como lhe meus serviços merecem. Quanto
» ás cousas da India ellas fallarão por si e por mim. »

Não me propuz effectuar um curso de historia da litteratura. Esse consistiria em accompanhar chronologicamente a publicação das obras, ou descrever a vida e biographia dos autores, classificando umas e outras por seus generos e variedades. Ha n'esse methodo exactidão, posto que me parece simbolisar exclusivamente uma historia morta.

É de certo a litteratura o echo intelligente da sociedade, exprime as ideas, crenças, costumes, tendencias do espirito, civilisação das epochas a que corresponde. Dos escriptores que legam aos seculos o producto de seu espirito uns representam e photographam perfeitamente o que se passa, constituem, para assim nos exprimirmos propriamente, as vozes e o sentir dos seus contemporaneos. Outros, porém, sobem mais alto, vão adiante de sua epocha, imprimem-lhe certo cunho do genio, e portanto se destacam dos contemporaneos.

Não é minha missão, todavia, senão seguir a marcha

parallela da nacionalidade, lingua e litteratura, e portanto não me occuparei nem de todos os escriptores e nem de todas as obras. Quando tiverdes de narrar uma historia geral militar, nomeareis todos os marechaes, generaes e coroneis que combateram? Serieis infiel e prolixo; basta-vos o que representa a parte principal; os mais serviram, porém, secundariamente, maquinas mais da guerra que pensamento e direcção. Contentando-vos com os traços geraes, demorando-vos unicamente com os typos principaes, dareis mais movimento e vida á epocha.

De João de Barros se aproximaram muitos escriptores mais ou menos seus contemporaneos, quer na critica, quer na philosophia, quer na historia. Elle, todavia, se deve considerar o primeiro, e portanto attrahir maior attenção, senão quasi exclusiva. Diogo do Couto e Lopes de Castanheda, seus continuadores na Historia da conquista da India, não merecem consideração? De certo que muita, e como elles numerosos escriptores que brilharam no seculo XVI, que foi grandioso para Portugal, porque, além de um movimento extraordinario dado ao espirito publico, com os descobrimentos e conquistas ultramarinas, particularmente a das Indias, que se póde considerar uma revolução europea, porque attrahio egualmente todos os olhos e cuidados dos povos extrangeiros, além da expansão de gloria e esplendor que adquirio a nacionalidade portugueza, é extraordinaria a quantidade de escriptores na oratoria, na theologia, na historia, na critica, nas descripções de viagens, no estudo das antiguidades, na philosophia, na poesia, nas artes, nas sciencias abstractas e applicadas. E posto que ao impulso anterior da dynastia de Aviz mais deva a nação por tão magnificos resultados, a D. Manuel ainda, e com razão, particularmente os attribue, porque elle cotinuou o movimento dado, favoreceu-o, promo-

veu-o com zelo e esmero. Não foi culpa sua que apparecesse, apenas descido ao tumulo, a reacção, que prostrou e arruinou todas as forças da sociedade. Tão forte e efficaz se realisára o seu impulso, que apezar de erros sobre erros de seus successores, senão crimes condemnaveis, dir-se-ia que ainda durava após sua morte. É que como o clarão do sol, quando já mergulhado no seio dos mares, por algum tempo se conservou ainda, e dir-se-ia esclarecer os horisontes, quando já as trevas da noite começam a cobri-lo de lucto e escuridão.

Para se apreciar a grandeza da primeira metade e de alguns annos seguintes d'este seculo, já brilhante e glorioso pelo numero crescido de navegadores, guerreiros, sabios, litteratos, artistas, armadores e capitalistas, que á nacionalidade, á lingua, á litteratura e as sciencias, ás artes e ao commercio, ás conquistas e aos descobrimentos, imprimiram uma fama immortal, e encheram o mundo de assombro por um povo e um reino tão pequeno como era o de Portugal, não se torna necessario apresentar listas de nomes mais ou menos illustres; para nós um só basta lembrar, superior a todos pelo genio, e que, se póde dizer, resume, exprime uma nação, uma epocha inteira com a sua luz propria e individual. O que elle produzio, o que legou á sua patria e ao futuro, pinta e realça a nacionalidade, a lingua, a litteratura, como ninguem nem antes nem depois d'elle conseguio ainda.

Trato de Luiz de Camões, que além de levantar á honra da patria um dos monumentos poeticos, que em poucos extranhos antigos e modernos encontrou rival, locupletou a lingua com graças ternas e suaves, maviosas e melancolicas, como ella jamais possuira.

Já em uma de minhas anteriores conferencias, discorrendo sobre poesia epica, referi-me largamente a Camões, com-

parando-o com Homero, Virgilio, Dante, Tasso e Milton, unicos genios eguaes a elle na magnificencia das composições e na sublimidade da imaginação. Ariosto, que possuia qualidades admiraveis e uma phantasia deslumbrante, pertence a outra ordem de ideas, a outro genero poetico: elevou á maior altura a especialidade do romance phantastico, que Boiardo embellezara, zombeteando da credulidade humana. Klopstock precipitou-se mais no scepticismo. Lucano, Voltaire, Jeronymo CorteReal, Ercilla, Basilio da Gama e muitos outros portuguezes e hespanhoes, que primaram no romance historico em verso, não podem lembrar-se, quando se trata de um dos seis portentosos genios, de que se gabam com orgulho Grecia, Roma, Italia, Portugal e Inglaterra.

E em patriotismo ardente, e na expressão viva e natural da melancholia, nem Tasso, nem Homero, nem Virgilio, nem Milton, egualam a Camões, posto que em varias partes o excedam, e em outras o acompanhem.

Como se não deve reputar grandiosa a litteratura, terna e melodica a lingua, possante a nacionalidade de um povo e de um reino, que contam no numero de seus cultores e naturaes a Luiz de Camões?

Poeta, resplendeu em differentes generos de composição, e mais ou menos ganhou os primeiros louros na elegia, na egloga, na comedia, nas endeixas apaixonadas, na lyra sonora e ideal. Tudo isso, porém, como que se esquece quando se lê o poema epico afamado dos Lusiadas, historia dos feitos portentosos dos Portuguezes, gloria eterna da patria, e estampa mais sublime da inspiração do genio. O complexo do poema, seu plano, seu desenvolvimento, merecem admiração. Arrebatam, commovem, extasiam, enthusiasmam seus episodios, tão perfeitamente collocados para dar realce á narração e ao progressivo movimento do

assumpto. Os philosophos, os politicos, os sabios, todas as classes da sociedade, ahi encontram licções que lhes agradam e interessam.

Que quadro maravilhoso o de Ignez de Castro, a amante infeliz do Infante D. Pedro, a victima politica do rei Affonso IV!

> Estavas, linda Inez, posta em socego,
> De teus annos colhendo o doce fruito
> N'aquelle engano d'alma, ledo e cego,
> Que a fortuna não deixa durar muito;
> Nos saúdosos campos do Mondego,
> De teus formosos olhos nunca enxuito,
> Aos montes ensinando e ás hervinhas,
> O nome que no peito escripto tinhas.
>
> De teu Principe ali te respondiam
> As lembranças que n'alma lhe moravam;
> Que sempre ante seus olhos te traziam
> Quando dos teus formosos se apartavam;
> De noite em doces sonhos que mentiam,
> De dia em pensamentos que voavam:
> E quanto emfim cuidava e quanto via
> Eram tudo memorias de alegria.

Lede, relede as estancias que continuam a descrever e pintar os amores e desgraças de Ignez de Castro, e cada vez maior prazer sentireis, maiores encantos vos sobresaltarão, e mais se enthusiasmará vosso espirito e se commoverá vosso coração! Tudo é natural e sublime, tudo é singelo e pathetico. Como vos não correrá o pranto sentido dos olhos, quando á morte barbara da heroina, exclama o poeta:

> Bem puderas, ó sol, da vista d'estes,
> Teus raios apartar aquelle dia,
> Como da seva mesa de Thyestes,
> Quando os filhos por mão d'Atreo comia!
> Vós, ó concavos vales, que pudestes
> A voz extrema ouvir da boca fria,
> O nome do seu Pedro que lhe ouvistes,
> Por muito grande espaço repetistes!

Assim como a bonina que cortada,
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheio traz perdido e a flor murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cór co' a doce vida!

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

Todos os fastos de Portugal poetisa soberbamente Camões no seu poema, que é o monumento que levanta á gloria da sua terra e ao seu patriotismo fervente. Nenhum poeta antigo e moderno se mostrou jamais tão amante da terra em que nascera; nem Homero, que com seus canticos heroicos e sublimados alcançou que se reunisse a Grecia, se federasse em estados amigos, bem que independentes, e apurasse e agrupasse em um só idioma d'ahi por diante os versos dialectos que fallavam os povos da mesma origem e procedencia; nem Virgilio, apezar de suas ficções e fabulas para realçar o berço dos Romanos seus compatriotas; nem Shakespeare, convertendo em dramas a historia dos reis e nobres da raça normanda, que dominaram, governaram e formaram a Inglaterra. É Camões indubitavelmente o poeta mais patriota. E maior favor e sympathia lhe affeiçoa geralmente esta grande qualidade do coração, quanto foi tão desgraçado e perseguido quasi toda a vida pelos seus, que lhe esqueciam não só o valor do braço como guerreiro na Africa e Asia, como a sublimidade do genio, que por si bastava para gloriar a patria: e o que

mais cruel ainda é, e mais doe no fundo d'alma, recebia nos seus ultimos annos esmola para sustentar-se e se finou na miseria senão no hospital, como varios biographos o referem, pelo menos na mais triste penuria e em desprezivel alvergue!

O espirito de cavalherismo e galanteria que tanto ennobrecera a edade media, e particularmente o seculo XV em Portugal e em Hespanha, e que dos Moiros mais ainda que dos povos do Norte haviam adoptado os guerreiros peninsulares, ainda no seculo XVI lançava fulgores e restos de luz brilhante, posto que em decadencia e ruina pelo correr dos acontecimentos, unificação dos estados, e dominio e poder que os reis haviam substituido em seu favor ás antigas instituições feudaes e á influencia das Cortes e communas, desapparecendo todas as forças e iniciativas sociaes, de classes e de individuos perante a exclusiva e unica preponderancia dos monarchas.

Vemos ainda assim apparecer um Cavalheiro Bayard, um romantico Gonsalo de Cordova, um generoso Marquez de Cadix, um heroico Vasco da Gama, destemido Duarte Pacheco; não é pois de admirar que no meio d'essa sociedade do seculo XVI, que já começava a apreciar o talento e o genio, e a honrar as sciencias e as lettras, bem que desenvolvidas nas escholas e nos mosteiros, e cultivadas egualmente no isolamento por espiritos esclarecidos mas quietos e alheios ás artes militares, se mostrassem, todavia, guerreiros que sabiam manejar a espada e a penna, e que grande parte dos poetas, litteratos e sabios castelhanos e portuguezes se houvessem egualmente illustrado no campo de Marte e nas composições do gabinete.

Cervantes foi soldado e prisioneiro de Moiros, e Cervantes é o autor de Don Quichote, o monumento mais portentoso do genio da observação e da ironia litteraria.

Garcilaso de la Vega e Alarcon provaram valentias na guerra; Christovam Colombo era dotado de instrucção e eloquencia; Jeronymo CorteReal e Luiz de Sousa militaram bravamente e supportaram o captiverio de Moiros, bem como Diogo Bernardes e Luiz Pereira Brandão. Affonso de Albuquerque mostrara tanta sciencia no governo da India, tanto valor e pericia nos combates e conquistas, como provou gosto litterario na elaboração dos seus Commentarios. Camões apresentava no rosto traços dos pelouros mauritanos, e nos versos a sublimidade da imaginação. Tinha razão, e razão de sobra, para exclamar aos seus compatriotas com o desespero que lhe causava a ingratidão d'elles:

> Não mais, Musa, não mais, que a lyra tenho
> Destemperada e a voz enrouquecida;
> E não do canto, mas de ver que venho
> Cantar a gente surda e endurecida.
> O favor com que mais se accende o engenho,
> Não no dá a Patria, não, que está metida
> No agosto da cobiça, e na rudeza
> D'huma austera, apagada e vil tristeza.
>
> Para servir-vos, braço ás armas feito;
> Para cantar-vos, mente ás Musas dada:
> Só me fallece ser a vós acceito,
> De quem virtude deve ser prezada:

N'este soberbo poema ha tudo quanto a intelligencia e o genio podem produzir de mais admiravel. Conselhos politicos, maximas moraes e philosophicas, erudição litteraria, raptos de phantasia, impetos de imaginação superior, descripções pomposas das scenas do mar e de terras differentes, licção historica dos fastos da patria, episodios dramaticos e commoventes, interesse deleitoso, perigos e lances pittorescos de guerras e de viagens, accessorios amorosos e ternos e uma acção heroica, qual a do descobrimento e conquista da India, seguida e desempenhada

com maestria e que atrahe e captiva a attenção do leitor constantemente. Ali nota-se o espectaculo dos mares enfurecidos, das tempestades estridentes; aqui os golpes crueis da luta, do combate, e os gritos enthusiasticos da victoria; ás vezes sobresahe um quadro de amores alegres, como a pintura d'essa ilha encantadora, que o Poeta arranca do seio das aguas do oceano para sorrir e deleitar os cansados navegantes; não falta a poderosa descripção do cabo das Tormentas com seu gigante de pedra para prohibir aos Portuguezes a sua passagem; acolá uma tela de varios feitos de seus compatriotas com o desenho fiel dos seus costumes, das suas instituições, do seu caracter, de suas aspirações cavalheirescas: lá se desenrola uma scena de amor, ou se retrata a natureza esplendida das Indias com suas cidades, pagodes e minaretes: mostra-se ao vivo o heroe Vasco da Gama, como si visseis e conhecesseis, e é rodeiado dos mais intrepidos companheiros de aventuras: um curso de geographia vos ensina o que é a Europa, como se divide, como é habitada, como sahio do chaos e organisou-se a sua sociedade, como vive e marcha. E para completar a obra, quasi que no poema traça Camões sua propria biographia, recontando seus feitos, suas infelicidades. seus soffrimentos e a grandeza de seu genio, que elle proprio conhece e avalia:

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
De vós não conhecido, nem sonhado,
Da boca dos pequenos sei com tudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado:
Não me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

Todos os generos de poesia cultivou Camões com maior ou menor felicidade, segundo lhes applicava mais ou me-

nos cuidados. Póde acoimar-se de irregular e ás vezes fraco em um ou outro soneto ou canção, n'esta ou aquella elegia ou comedia; ahi mesmo, porém, deparareis o pincel soberbo do genio em traços destacados. Convem ainda dizer que seu poema foi impresso em 1572 pela primeira vez, e a Inquisição, com seu direito de Meza de censura previa, o fez emendar, mutilar, desfigurar, de modo que muitas estancias se perderam, muitos versos foram estropiados e se publicaram incorrectos e absurdos, e muitas ideas e pensamentos roubados á posteridade: por essa razão variadas edições que se deram depois á luz encerram differenças e correcções dos commentadores para supprirem e adivinharem o que escrevera o poeta. Ainda hoje é ás vezes incomprehensivel por essa razão, e se descobrem incorrecções gramaticaes e vocabulos e ideas absurdas, que de certo não escrevera o poeta sublime, que o proprio Tasso, quasi seu contemporaneo, imitando-lhe os vôos, e reconhecendo-o mestre, assim descreve:

Vasco, le cui felici, ardite antenne
Incontro al sol che ne riporta il giorno
Spiegâr le vele, e fêr colà ritorno
Ov' egli par che di cadere accenne;

....
....
....
....

Ed or quella del colto e buon Luigi
Tant' oltre stende il glorioso volo
Che i tuoi spalmati legni andâr men lunge;

Onde a quelli a cui s'alza il nostro polo
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi,
Per lui del corso tuo la fama aggiunge.

Notastes o drama de Ignez de Castro; e que direis

» dos homens, e com os homens por amor d'El-Rei! — E
» levantando as mãos ao ceo, disse que dava muitas graças
» á Deus, pois em tal tempo El-Rei lhe mandava capitão
» mór, e sua vida seria muito breve. Tudo assim com esta
» agonia de espirito e morte que já com elle commeçava á
» lidar, mandou escrever estas regras, que mal pode assi-
» gnar : — Senhor, esta é a derradeira que com soluços de
» morte escrevo á Vossa Alteza de quantas com espirito
» de vida lhe tenho escripto, pola ter livre de confusão
» n'essa derradeira hora, e muito contente na occupação
» de seu serviço. N'esse reino deixei um filho, por nome
» Braz de Albuquerque, ao qual peço á Vossa Alteza que
» faça grande como lhe meus serviços merecem. Quanto
» ás cousas da India ellas fallarão por si e por mim. »

Não me propuz effectuar um curso de historia da litteratura. Esse consistiria em accompanhar chronologicamente a publicação das obras, ou descrever a vida e biographia dos autores, classificando umas e outras por seus generos e variedades. Ha n'esse methodo exactidão, posto que me parece simbolisar exclusivamente uma historia morta.

É de certo a litteratura o echo intelligente da sociedade, exprime as ideas, crenças, costumes, tendencias do espirito, civilisação das epochas a que corresponde. Dos escriptores que legam aos seculos o producto de seu espirito uns representam e photographam perfeitamente o que se passa, constituem, para assim nos exprimirmos propriamente, as vozes e o sentir dos seus contemporaneos. Outros, porém, sobem mais alto, vão adiante de sua epocha, imprimem-lhe certo cunho do genio, e portanto se destacam dos contemporaneos.

Não é minha missão, todavia, senão seguir a marcha

parallela da nacionalidade, lingua e litteratura, e portanto não me occuparei nem de todos os escriptores e nem de todas as obras. Quando tiverdes de narrar uma historia geral militar, nomeareis todos os marechaes, generaes e coroneis que combateram? Serieis infiel e prolixo; basta-vos o que representa a parte principal; os mais serviram, porém, secundariamente, maquinas mais da guerra que pensamento e direcção. Contentando-vos com os traços geraes, demorando-vos unicamente com os typos principaes, dareis mais movimento e vida á epocha.

De João de Barros se aproximaram muitos escriptores mais ou menos seus contemporaneos, quer na critica, quer na philosophia, quer na historia. Elle, todavia, se deve considerar o primeiro, e portanto attrahir maior attenção, senão quasi exclusiva. Diogo do Couto e Lopes de Castanheda, seus continuadores na Historia da conquista da India, não merecem consideração? De certo que muita, e como elles numerosos escriptores que brilharam no seculo XVI, que foi grandioso para Portugal, porque, além de um movimento extraordinario dado ao espirito publico, com os descobrimentos e conquistas ultramarinas, particularmente a das Indias, que se póde considerar uma revolução europea, porque attrahio egualmente todos os olhos e cuidados dos povos extrangeiros, além da expansão de gloria e esplendor que adquirio a nacionalidade portugueza, é extraordinaria a quantidade de escriptores na oratoria, na theologia, na historia, na critica, nas descripções de viagens, no estudo das antiguidades, na philosophia, na poesia, nas artes, nas sciencias abstractas e applicadas. E posto que ao impulso anterior da dynastia de Aviz mais deva a nação por tão magnificos resultados, a D. Manuel ainda, e com razão, particularmente os attribue, porque elle cotinuou o movimento dado, favoreceu-o, promo-

veu-o com zêlo e esmero. Não foi culpa sua que apparecesse, apenas descido ao tumulo, a reacção, que prostrou e arruinou todas as forças da sociedade. Tão forte e efficaz se realisára o seu impulso, que apezar de erros sobre erros de seus successores, senão crimes condemnaveis, dir-se-ia que ainda durava após sua morte. É que como o clarão do sol, quando já mergulhado no seio dos mares, por algum tempo se conservou ainda, e dir-se-ia esclarecer os horisontes, quando já as trevas da noite começam a cubri-lo de lucto e escuridão.

Para se apreciar a grandeza da primeira metade e de alguns annos seguintes d'este seculo, já brilhante e glorioso pelo numero crescido de navegadores, guerreiros, sabios, litteratos, artistas, armadores e capitalistas, que á nacionalidade, á lingua, á litteratura e as sciencias, ás artes e ao commercio, ás conquistas e aos descobrimentos, imprimiram uma fama immortal, e encheram o mundo de assombro por um povo e um reino tão pequeno como era o de Portugal, não se torna necessario apresentar listas de nomes mais ou menos illustres; para nós um só basta lembrar, superior a todos pelo genio, e que, se póde dizer, resume, exprime uma nação, uma epocha inteira com a sua luz propria e individual. O que elle produzio, o que legou á sua patria e ao futuro, pinta e realça a nacionalidade, a lingua, a litteratura, como ninguem nem antes nem depois d'elle conseguio ainda.

Trato de Luiz de Camões, que além de levantar á honra da patria um dos monumentos poeticos, que em poucos extranhos antigos e modernos encontrou rival, locupletou a lingua com graças ternas e suaves, maviosas e melancolicas, como ella jamais possuira.

Já emuma de minhas anteriores conferencias, discorrendo sobre poesia epica, referi-me largamente a Camões, com-

parando-o com Homero, Virgilio, Dante, Tasso e Milton, unicos genios eguaes a elle na magnificencia das composições e na sublimidade da imaginação. Ariosto, que possuia qualidades admiraveis e uma phantasia deslumbrante, pertence a outra ordem de ideas, a outro genero poetico: elevou á maior altura a especialidade do romance phantastico, que Boiardo embellezara, zombeteando da credulidade humana. Klopstock precipitou-se mais no scepticismo. Lucano, Voltaire, Jeronymo CorteReal, Ercilla, Basilio da Gama e muitos outros portuguezes e hespanhoes, que primaram no romance historico em verso, não podem lembrar-se, quando se trata de um dos seis portentosos genios, de que se gabam com orgulho Grecia, Roma, Italia, Portugal e Inglaterra.

E em patriotismo ardente, e na expressão viva e natural da melancholia, nem Tasso, nem Homero, nem Virgilio, nem Milton, egualam a Camões, posto que em varias partes o excedam, e em outras o acompanhem.

Como se não deve reputar grandiosa a litteratura, terna e melodica a lingua, possante a nacionalidade de um povo e de um reino, que contam no numero de seus cultores e naturaes a Luiz de Camões?

Poeta, resplendeu em differentes generos de composição, e mais ou menos ganhou os primeiros louros na elegia, na egloga, na comedia, nas endeixas apaixonadas, na lyra sonora e ideal. Tudo isso, porém, como que se esquece quando se lê o poema epico afamado dos Lusiadas, historia dos feitos portentosos dos Portuguezes, gloria eterna da patria, e estampa mais sublime da inspiração do genio. O complexo do poema, seu plano, seu desenvolvimento, merecem admiração. Arrebatam, commovem, extasiam, enthusiasmam seus episodios, tão perfeitamente collocados para dar realce á narração e ao progressivo movimento do

prosperas, como as que o reino offerecia ao descer ao tumulo ElRei D. Manuel! Todas as cidades e povoações se enriqueciam, e si a agricultura não prosperava, o commercio e a industria suppriam e compensavam as ambições dos subditos. As localidades maritimas particularmente desenvolviam notavel actividade. Lisboa não contava menos de cem mil habitantes, e as suas alfandegas e armazens atopetadas de mercadorias da India, e seu porto coalhado de navios de todas as nações, que ahi vinham comprar-lhe a pimenta, os aljofares, o ambar, os tecidos de seda e os variados productos asiaticos, offereciam os mais pomposos espectaculos. Tudo era occupação, movimento, vida n'essa sociedade embriagada pelas riquezas e esplendores das terras orientaes, que duplicavam os gozos e prazeres e fallavam ás aspirações e insaciaveis cobiças do espirito humano!

Antes de subir ao trono, devoto como era D. João III, posto que dissoluto na sua vita intima, pensava já em dotar o reino com tribunaes da Inquisição, para manter a pureza da fé, garantir a unidade religiosa, e prestar serviços a Deus, que na sua opinião só queria e salvava os catholicos ortodoxos e submissos a tudo o que manda e ensina a Santa Madre Egreja de Roma.

Requereu logo ao Santo Papa permissão para estabelecer o Santo Officio, como funccionava em Hespanha. A Curia romana tratou de aproveitar tanta piedade. Apparentou addiamento ás supplicas, tornando-o assim mais ancioso de alcançar as graças e mais disposto aos sacrificios pecuniarios e politicos que lhe fossem exigidos.

Cada vez mais exaltado ElRei declarou-se prompto a obedecer em tudo ao Papa, comtanto que lhe facultasse as bullas imploradas. Desappareceram no seu espirito as balizas que distinguem o justo do injusto, a moral do crime, a virtude do vicio, a santidade da abominação. Não cabe

aqui referir-vos as peripecias diplomaticas com tanto geito dispostas pela Curia romana. Basta declarar-vos que D. João III pagou caro ao Papa o deferimento que por fim Paulo III lhe deu ao requerimento. Obteve ElRei beneficiar Portugal com a bulla que instituia em seus estados a Santa Inquisição, mas cedeu bispados do reino a sobrinhos do Pontifice e presenteou-o com sommas pecuniarias elevadas. Em 1539 installou-se o Santo Officio em Portugal, nomeado Inquisidor geral o cardeal D. Henrique, o espirito mais fanatico do seu tempo. Os frades de S. Domingos foram escolhidos para juizes principaes, e publicaram-se estatutos identicos aos que regiam em Hespanha. Tudo foi subordinado ao Tribunal, não escapou classe alguma da sociedade á sua jurisdicção, nem os proprios prelados de alta jerarquia, e nem os bispos diocesanos!

Em quanto um só tribunal, collocado em Sevilha, funccionava em Hespanha, dividio-se, entretanto, o territorio portuguez em cinco circumscripções, Lisboa, Evora, Coimbra, Porto e Goa, subordinadas ao Inquisidor geral. O fanatismo se estendeu com tanta força no paiz, que de por si frades ousados assumiram, de motu proprio, em pequenas localidades, funcções da Inquisição; e em vez de cohibir os excessos de julgamento e execução de sentenças sanguinarias que elles arbitraria e espontaneamente, sem previas autorisações começaram a praticar, pelo contrario applaudio como prova de zelo religioso o cardeal D. Henrique, ao receber as noticias do que se passava!

Não havia em Portugal propriamente herejes, contra os quaes parecia o tribunal instituido, a fim de no sangue dos condemnados se firmar a pureza e unidade da fé e da religião. Os judeus que se não couverteram tinham abandonado o paiz, e os moiros que se não prestaram egualmente ao baptismo haviam sido tambem expellidos. Apparente-

mente, portanto, catholicos eram todos os habitantes do reino. Mas cumpriam exactamente todas as suas obrigações externas? Guardavam intactos todos os dogmas? Acreditavam em tudo quanto a Santa Madre Egreja mandava crer? Executavam em consciencia todas as suas determinações e preceitos?

Suscitavam dúvidas a respeito os judeus convertidos, que se chamavam christãos novos. Não haviam sido coagidos a baptisar-se? Não podiam apparentar todos os exteriores de verdadeiros crentes e entretanto conservar na memoria, no peito, na consciencia, seu antigo culto, a religião de seus maiores?

Conjecturava-se assim geralmente, e sem duvida que a respeito de muitos convertidos acertava a supposição. Mas quem tinha o direito de perscrutar o intimo da consciencia, adivinhar-lhe o pensamento occulto, quando se apresentavam em publico tão bons christãos, e quando todos procediam de raças que professavam outros cultos, porque antes do christianismo existiram e cultivaram-se religiões diversas?

Entretanto corria tão intenso o odio contra christãos novos, excitado nas massas populares por um clero fanatico e ignorante, que mal se instalara o Santo Officio da Inquisição, e já choviam denuncias anonymas, partidas de toda a parte. Não foram bastantes os carceres publicos para receberem o numero dos presos. Abriram-se edificios para servirem de ergastulos. Tomaram-se os subterraneos dos mosteiros e casas conventuaes para se depositarem egualmente n'ellas infelizes perseguidos. Este era arrancado á familia, á liberdade para se enterrar nas masmorras, porque se dizia não jejuar certos dias, comer carne em outros, temperar a comida com azeite e não com toucinho, vestir roupa lavada aos sabbados, trabalhar aos domingos, limpar can-

dieiros, não saborear porco; aquelle, porque se denunciava ter faltado uma ou mais vezes á missa, á confissão, ao sermão; uns, porque não guardavam ar contricto nos actos da egreja, porque não repetiam perfeitamente uma oração ou passagem do cathecismo, porque proferiam proposições menos orthodoxas; outros por terem em casa livros prohibidos pelo index expurgatorio, que logo ao estabelecer-se firmou e publicou a Inquisição, encarregada da censura de tudo quanto se podia ler ou imprimir; nem mesmo escapavam os suspeitos de entreterem relações com hereges nacionaes ou extrangeiros!

Não tardava o castigo, a fim de que as almas dos justos se não contaminassem com o contacto; e os processos se instauravam e promoviam, sem que se podesse o accusado defender e saber mesmo ás vezes a natureza da culpa que se lhe imputava, porque se lhe não dava conhecimento nem das denuncias, nem dos depoimentos, nem dos nomes dos seus accusadores e nem dos das testemunhas que o nodoavam!

Em Lisboa, nem o edificio das Escholas geraes, nem os Paços dos Estaus e estabelecimentos publicos escaparam de ser convertidos em carceres. No Porto, em Coimbra, em Evora, em Viseu, em Thomar, em Lamego, representaram-se scenas horrorosas e sanguinarias contra os suspeitos de heresia. Ultrajavam-se-lhes as familias, insultavam-se-lhes as mulheres e filhas, roubavam-se-lhes as casas, flagellavam-se, esbordoavam-se com atrocidade os presos antes mesmo de recolhidos aos carceres, e a plebe desenfreada e frenetica applaudia ao espectaculo da intolerancia e perversão moral dos espiritos!

Em toda a parte penetravam os espias; nobres, clero, negociantes, capitalistas, domesticos, obreiros, todos se filiavam como familiares do Santo Officio e commettiam as

maiores barbarias, inventavam as mais escandalosas falsidades, forjavam as mais incriveis invenções para com estes serviços atrozes e zelo infernal escaparem elles proprios á suspeita de heresia! Filhos aos pais, parentes e amigos aos amigos e parentes, maridos ás mulheres, se denunciavam uns com a esperança de passarem por christãos orthodoxos, outros arrastados por fanatismo, estes por desafeições, aquelles por peita e corrupção!

Aos processos seguiam-se as sentenças, ás sentenças as fogueiras nas praças publicas. Denominavam-se as execuções autos de fé, e em procissão passavam pelas ruas as victimas e os algozes, aquellas cobertas de uma camisola, chamada San Benito, que lhes cobria todo o corpo, de baeta amarella, grande cruz encarnada em cima, figuras de diabos e chammas gravadas com disticos condemnatorios pelos lados inferiores, na cabeça carocha de papelão com o retrato, nome e crime do penitente; estes, rodeiados de frades de S. Domingos, precedidos de soldados, acompanhados pelo Rei, e sua familia, corte, prelados, nobreza e ordens religiosas; e o povo atopetado pelas ruas, pendurado das janellas, por sobre os tectos, extatico diante de tão pios espectaculos, ajoelhando-se, rezando alto, e batendo contrictamente nos peitos!

No meio da praça a fogueira, e a um a um no seu fogo escandecido, atirados vivos os condemnados, e quando tudo se consumira, lenha, cadaveres e roupas, carroças ali portadas, apanhavam os resquicios e cinzas, e os precipitavam no rio, para que os levasse ao vasto oceano e os confundisse com as ondas e fezes maritimas!

Com o tempo se edificaram prisões proprias para a Inquisição; e nellas quartos escuros sem leito, e nem sufficiente espaço para os infelizes, e esculcas por toda a parte afim de ouvir-lhes as menores palavras e gemidos, notar-lhes os

movimentos, e tudo communicarem ao tribunal da fé! E durante os processos, quantas torturas, crueldades, soffrimentos, dôres phisicas se applicavam aos presos! Ali o polé apertando-lhes os ossos, acolá os ferros e tesoiras cortando-lhes as carnes; argolas dependurando-os do tecto; brazas de fogo provocando-lhes gritos desesperados; e pensava-se que as palavras arrancadas pelas dôres equivaliam a confissões de crimes!

Por fim o confisco de todos os bens dos condemnados que se repartiam pela Corôa, empregados do Santo Officio, direitos da Curia romana, e denunciantes! Não se alliaviam tantos interesses mundanos e inconfessaveis n'essa rede de perseguições e processos aos hereges? Ganhava-se de certo o ceo com tanto sangue impio derramado no meio do regozijo publico! Tribunal religioso e ao mesmo tempo civil, concorria a Inquisição para a pureza da fé, a unidade e orthodoxia das crenças catholicas, e regimen absoluto do soberano, que pelo terror avassallava os subditos!

Arripiam-se-nos as carnes ao lembrarmo-nos de um auto da fé como se descreve o primeiro executado em Lisboa em 1540. A multidão entoava em choro o cantico— *Veni, creator spiritus;* marchavam frades pretos e brancos, armados de grandes tochas accesas de côr amarella; um e outro dominicano a desfiar um sermão, sempre que o prestito parava, com voz de estentor, chamejando-lhe dos olhos e da bocca odios e vinganças do ceo, em nome de uma religião tão santa como é a de Jesus Christo, que viera ao mundo não para molestar mas para ensinar, não para matar mas para padecer, não para punir mas para perdoar, não para escravisar mas para remir, porque a sua religião, na pureza e essencia em que toda se envolve, quer ser poder moral não material, idea e não força, suavisar e não entenebrer a vida! E essa quantidade de

nobres e prelados que pareciam commetter actos meritorios que lhes deviam salvar as almas, assistindo ao crepitar das chamas de fogueira, aos gritos de alegria feroz dos Inquisidores, ao murmurio anhelante e gemidos compungentes dos desgraçados que se asphixiavam nos rolos do fundo, ao cheiro horrivel das carnes que se requeimam e dos ossos que se calcinam! Um chronista da epocha, frade dominicano, João de Mello, escreve com emphase e prazer que a formosura do dia era signal certo do favor celeste!

A Inquisição derramou uma rede de processos, prisões, condemnações de suspeitos hereticos por todo o reino de Portugal; não houve cidade, villa, aldeia, ou campo que se poupasse. Nem os navios ancorados nos portos escapavam. Ia-se a bordo buscar denunciados, davam-se buscas rigorosas, obrigavam-se as equipagens a depor, suspendiam-se-lhes as viagens. Começaram a fugir de Portugal extrangeiros e navios, aterrorisados com fiscalisação e perseguições tão desusadas em outras nações : os proprios nacionaes, que se não consideravam a coberto de calumnias e nem a salvo de inimigos egualmente trataram de emigrar.

De que servira transferir-se a universidade de Lisboa para Coimbra, leccionarem ali professores de merito, e muitos mandados contractar á França, á Inglaterra, á Italia, organisar-se mais methodicamente o ensino, como o fizera D. Manuel? A Inquisição folgava de arcar tanto com as massas populares, como com as mais elevadas jerarquias e com os sabios mais abalisados; seu dominio precisava pesar com força e robustez para firmar-se no animo da nação, amolda-la á sua vontade e dirigi-la a seu talante.

Não bastou ainda ao instincto acanhado e fanatico de D. João III estabelecer em seu reino o tribunal do Santo Officio da Inquisição, para limpar e purificar o espirito e a consciencia dos seus subditos em materias religiosas;

pensou egualmente em educa-los e instrui-los por fórma diversa da que fôra até então empregada. Ouvio fallar em uma Congregação de irmãos asceticos, que imaginara o hespanhol Ignacio de Loyola, e para a qual elle requeria approvação do summo Pontifice romano. Era destinada á propaganda da fé, á direcção espiritual e politica dos animos, á luta contra os reformadores da Egreja e do culto, á sustentação da omnipotencia do Papa. Devia denominar-se Companhia de Jesus, e governar-se por estatutos mais rigorosos e de mais rija disciplina e obediencia que todas as ordens religiosas até então espalhadas na Europa.

Tratou o rei de Portugal de supplicar ao summo Pontifice attendesse a Ignacio de Loyola, e permittisse e santificasse o estabelecimento de sua associação; escreveu ao proprio organisador da Companhia que quanto antes enviasse para Portugal alguns dos seus membros afin de iniciarem no reino obra tão meritoria como era a do seu proposito. Como não devia regosijar-se ao ver realisados os seus pedidos! Que gloria lhe não cabia em ser o primeiro monarcha que recebesse os Jesuitas em seus estados? Como os acolheu com estremecido affecto, dando-lhes casas sumptuosas para moradia, monopolio da instrucção secundaria, direcção do collegio dos nobres annexo á universidade, privilegios de foro e de pulpito!

Compunha-se em geral a Companhia de Jesus de sujeitos habilitados em todos os ramos dos conhecimentos humanos, unidos entre si tão estrictamente que se destacavam da familia e suas affeições naturaes, da sociedade civil e seus gozos e sentimentos; da patria em que haviam nascido, e das reminiscencias que nos corações bem formados ella sabe imprimir em caracteres indeleveis. Obedeciam em tudo, sem discutir nem duvidar, ao seu superior ou geral, e este não reconhecia acima d'elle e por

tanto da Companhia, senão ao Papa de Roma. Milicia disciplinada e harmonica, marchava ao combate, porque era para o combate que fôra instituida, ao signal, á voz do seu commandante, e não havia perigo que a fizesse recuar, sacrificio que não commettesse, pensamento diverso que a reduzisse, inspirada sempre no dever o mais escrupuloso e no enthusiasmo o mais exagerado.

Em poucos annos Portugal recebeu não menos de cento e cincoenta Jesuitas, que se distribuiram como confessores pelos paços da familia real e pelas casas dos principaes fidalgos, pelos collegios de instrucção estabelecidos nas cidades principaes do reino e pelos dominios ultramarinos, no intuito de promover os progressos do catholicismo. Uma denominada provincia da Companhia se organisou em Portugal com seu chefe, subordinado ao Geral que residia em Roma.

Mostraram-se os Jesuitas desde a fundação do seu Instituto dignos da missão, para que tinham sido chamados e escolhidos por Ignacio de Loyola. Pregavam admiravelmente nas egrejas, nos actos solemnes, nas praças publicas diante de multidões attentas e exaltadas. Publicavam livros sobre sciencias, critica, historia, theologia, polemica, litteratura, artes mechanicas. Impunham-se ás massas populares pela ostentação da pobreza, até da hediondez, cobrindo-se de vestes rotas, quasi descalsos e immundos. Ao mesmo tempo familiarisavam-se com os desgraçados proletarios, consolavam-lhes as familias, aconselhavam-nos com brandura, afeiçoavam-lhes as sympathias, subjugavam-lhes os entendimentos, e apparentavam as virtudes mais singulares e austeras.

Sabiam egualmente agradar aos nobres e ricos, fallando-lhes geitosamente aos interesses e affectos, para os attrahir em seu favor, e na corte nenhum cortesão lhes

levava as lampas na gravidade do porte, nas expressões finas e seductoras, nos serviços particulares e publicos, nos conselhos e avisos previdentes e cautelosos, na moderação com que insinuavam as ideas que lhes convinham afim de manterem seu credito e o da Companhia, e cada vez o levantarem mais na confiança dos reis, dos principes e dos fidalgos e ministros politicos.

Praticando uma atilada diplomacia em todas as suas palavras e acções, alcançaram em curto espaço de tempo respeito e consideração geral, e aproveitaram-se da influencia que iam paulatina e progressivamente exercendo para converter a religião em instituição politica antes que em conforto espiritual, em correctivo ás ousadias do espirito e ás paixões, pelo medo das penas eternas, antes que em um balsamo suave que acalmasse as amarguras da vida.

Inspirados por um proposito estabelecido pelos organisadores da Companhia, em vez, porém, de adiantarem e melhorarem os estudos, de aperfeiçoarem a instrucção, de elevarem o espirito dos discipulos, de alargarem os horisontes da intelligencia humana, como lhes davam direitos incontestaveis os talentos tão peregrinos e esclarecidos de que se formava o instituto, restringiram a esphera dos conhecimentos scientificos e litterarios na orbita acanhada dos interesses estacionarios da Curia romana e de uma theologia dogmatica e moral, adversa á marcha da sociedade, que aspirava caminhar, e contraria ao desenvolvimento das luzes que começavam a irradiar desde a epocha da Renascença. A argucia, a escolastica por elles empregadas como methodos excellentes de ensino, avivavam as controversias, mas serviam unicamente para mais embrulhar a intelligencia em um chaos de questões casuisticas que suffocavam a razão.

Si nunca os Jesuitas empregavam a arma da violencia

e davam até demonstrações claras de que reprovavam os meios empregados pela Inquisição, dir-se-ia com razão que ambas as instituições se propunham o mesmo fim, que era corromper os costumes e virtudes civis e politicas e fanatisar religiosamente a nação, posto que manobrando tão differentemente. Com a entrada e influencia dos Jesuitas nos paços reaes, mais converteu-se a moradia do monarcha em convento devotado a exercicios asceticos, que em vida propria de cortes. Em vez de continuarem ali os saraus, festas, assembleas de litteratos, academias de doutos, poetas, como praticavam os principes e princezas do tempo de D. Manuel, devotos se mostraram os membros da familia de D. João III, e o proprio soberano os animava n'esse proceder e pensamento. Ás noites palestras de devoção, dirigidas pelos Jesuitas, discussões sobre a supremacia da religião para inspirar o homem na terra, afim de alcançar o Ceo, para que fôra exclusivamente creado. S. Francisco de Borja, jesuita famoso pelas suas luzes e virtudes, presidio muitas d'essas sessões do paço, em quanto residio em Lisboa. Orava em tão mistica linguagem, que um dos seus biographos e companheiros, Ribadeneira, assim se exprime : — « Andava tan transportado y absorto en Dios que non parecia que estaba el alma d'onde estava su corpo. » Accrescenta em outro logar que subia tão alto em seus discursos que era sublime e divina a sua mesma obscuridade. Em vez de danças, jogos innocentes de sociedade divertida, inventaram-se scenas misticas de devoção, com auxilio dos santos e santas do calendario. As princezas, o rei, os fidalgos, confessavam-se todos os oito dias, procedendo de todos estes usos uma como que vertigem de devoção, sem que os costumes domesticos, a moralidade intima da familia, nada ganhassem afóra as exterioridades illusorias !

Como, em vez de progredir, não devera Portugal começar sua decadencia, diante de uma accumulação de elementos destruidores, tanto moraes como materiaes, que assestavam contra o paiz a Inquisição e a Companhia dos Jesuitas, dominando inteiramente os principes o os povos, entorpecendo e abafando as elevadas aspirações dos espiritos e arroubos da intelligencia, atrazando a instrucção conveniente e requerida pelos adiantamentos até ali alcançados, dirigindo as conciencias para um fanatismo perigoso, e exterminando toda a iniciativa, espontaneidade e direitos da razão humana? Como se não precipitar a nacionalidade no abysmo, que lhe augurava o futuro, quando ás perdas espirituaes annexaya a da população e riquezas, e industria, e sciencias, e illustração, com as perseguições do Santo Officio que causava espantosa fuga e emigração de homens capazes mas timorados, e de capitaes preciosos, e condemnava a morrer nos carceres e immundos ergastulos e nas fogueiras levantadas em praças publicas tão numerosa quantidade de victimas ?

D. João III só cuidava dos interesses religiosos, como sua fraca intelligencia os comprehendia, e de arrancar thesouros da Asia, dando instrucções aos seus representantes nos dominios ultramarinos, não de formar colonias e feitorias permanentes, de desenvolver os recursos da agricultura e da industria, e de afeiçoar as vontades e sympathias dos povos pelo jugo portuguez, como parecera cuidar D. Manuel, mas de roubar-lhes as fortunas, apoderar-se dos seus bens, e locupletar a metropole á custa do sangue e dos haveres dos miseros vencidos. Que lhe importava a Africa septentrional fronteira ao reino? Custava-lhe lutas e gloria. Abandonou, pois, Alzira, Safira, Azamor, Alcacer e outros presidios que lhe garantiam o dominio firmado em Ceuta e em Tanger; retalhou o Brazil em

pequenos feudos, de que se não podia tirar proveitos e nem adiantar-se o futuro e a civilisação do paiz; desprezou a costa occidental da Africa, para poupar despezas com pretos e barbaros; mas para a India remettia constantemente armadas e soldados disciplinados, no intuito de arrebatar-lhe á força as riquezas esplendorosas que se cobiçavam em beneficio errado do reino, pois que passageiro e não duradouro.

Por estas razões em vez de guerreiros valentes e patriotas, como haviam sido os primeiros descobridores, conquistadores, vice-reis e governadores das Indias, partiam já para a Asia mercadores esfomeiados, que sabiam sómente matar e roubar e não edificar e menos conservar colonias que deveriam no futuro opulentar e gloriar o nome e o reino de Affonso Henriques.

Foi, pois, D. João III o rei que preparou, iniciou e impellio a decadencia e ruina de Portugal. Trinta e seis annos durou seu governo, uns sobre outros foram taes os erros commettidos, sem que nem uma quasi providencia util se resolvesse, que os extrangeiros, já fugidos de Portugal e do seu contacto, com receio da Inquisição, começaram a dirigir-se por si ás Indias, á Africa e á America, afim de procurarem seu commercio, e de expellir d'ali os Portuguezes, afim de se substituirem nas suas posses e na affeição dos indigenas, desesperados já dos seus primeiros conquistadores e anciosos de novos senhores mais humanos e caritativos. Inglaterra e Hollanda, particularmente mais que nenhuma nação, souberam em tempo aproveitar-se da opportunidade, e logo que a occasião lhes sorrio, apoderar-se das riquissimas regiões, onde, proclamavam metaphoricamente os poetas, o sol nasce para o mundo!

Um ou outro feito glorioso ainda commetteram Portuguezes n'aquelles paragens, no reinado de D. João III,

mas o geral dos governadores, commandantes de armadas e generaes de tropas, pareciam homens bem diversos já dos famosos barões, que á sciencia e pericia militar reuniam qualidades honestas, virtudes raras e intelligencia esclarecida, e que honravam a patria, seus nomes e o das familias com rasgos de cavalheirismo, generosidade, desinteresse e valentia admiravel. Verdade é que uns, como Affonso de Albuquerque e João de Castro se finaram nas Indias, na maior miseria e abandono; outros no hospital em Lisboa como Duarte Pacheco, não poucos foram devorados pelos mares, pelos cafres da Africa, como Francisco de Almeida, em quanto que a geração de governadores ultramarinos que D. João III preparou e educou e seus succcessores ainda utilisaram, parecia talhada mais para enriquecer-se e volver á patria cobertos de infamia e repletos de dinheiro! É que a podridão patenteava já as ulceras do corpo social que se esbroava, e não podiam os particulares deixar de acompanhar-lhe a ruina e a destruição.

A Inquisição em Portugal seguio as pisadas da de Hespanha que se não contentava com os pequenos arbustos, que eram os christãos novos e a arraia miuda, mas que ousou arcar contra as papoulas brilhantes e as arvores frondosas, que eram os nobres e os proprios prelados das mais altas cathegorias. Estendeu egualmente a sua acção a factos que pareciam alheios á sua competencia, entrou no conhecimento de feiticeria, sortilegios, negromancias, superstições e outras minudencias da vida domestica e dos animos fracos. Procurou adivinhar intenções intimas, reconditos pensamentos, explicando a seu modo o menor gesto, a mais pequena falta, a palavra mais innocente, e emprestando ideas criminosas a acções e phrases mais insignificantes.

Como escapar-se á sua perseguição? Victimas forneceu-

lhas a magistratura; forneceu-lhas a propria universidade de Coimbra! Muitos sujeitos conspicuos pelo saber, pelos serviços, pelas virtudes, pela posição, foram arrancados de suas casas, enterrados nos ergastulos da Inquisição e submettidos a processos e julgamento. Dos professores que se tinham mandado buscar ao extrangeiro para leccionar na Universidade, uns foram obrigados a fugir, e outros arrastados á Inquisição, imputando-se opiniões e palavras ditas e pronunciadas em particular ou em publico, que pareciam contrarias á orthodoxia dos dogmas catholicos e á disciplina e preceitos da Egreja romana.

Foram dos mais infelizes o sabio Buchanan e os dois irmãos Teives; não escapou o septuagenario Damião de Goes, verdadeiro philosopho, historiador conspicuo, excellente critico, e que servira a D. Manuel e ao proprio D. João III em empregos da maior jerarquia, e em cortes extrangeiras como diplomata de qualidades superiores.

Nascera Damião de Goes ao raiar o seculo XVI; fora muito estimado por D. Manuel, estudara na Italia, doutorara-se em Bolonha, e servira ao seu governo em Flandres, Dinamarca, Suecia e Polonia, incumbido de assumptos politicos. Adquirira no extrangeiro amizades de principes, litteratos e theologos afamados: relacionara-se com Erasmo, os cardeaes Sardoletto e Contarini e dois papas, Paulo III e Paulo IV. Conhecera e discutira com Luthero e Melanchton, os chefes da reforma religiosa. O proprio D. João III o encarregara de ser mestre e educador de seus filhos menores e o nomeara guarda-mór do real arquivo.

Quereis saber como a Inquisição procedeu contra este varão conspicuo, que tão notavel se mostrara pela altivez do seu animo e liberdade do seu espirito? Bem se não fundara a Inquisição em Portugal quando uma denuncia contra Damião de Goes enviou ao tribunal de Evora o pro-

vincial dos Jesuitas em Lisboa, o Padre Simão Rodrigues. Tem a data de 1543. Chamado o denunciante ao Santo Officio, declarou que conhecera Damião de Goes em Padua, onde pertencia a uma sociedade de litteratos que se reunia em casa de Pedro Bembo, e que conversando com elle a respeito de pontos de fé, pareceu-lhe que nutria opiniões hereticas, visto como affirmava accusações de Luthero contra a Curia romana, imputando-lhe torpezas e devassidões, e pretendendo que convinha reformar-se e corrigir-se os costumes : percebera egualmente que douto como era lia e estudava livros de escriptores protestantes, e lhe communicara ter fallado com Luthero, Melanchton e Gryneo, chorifeos da revolução religiosa contra os direitos do summo Pontifice.

A consideração e respeito de que geralmente gozava Damião de Goes em Portugal, já pela sua posição social, já pelos livros importantes que escrevera e publicara sobre historia, philosophia, philologia, critica e viagens, já pelo favor com que era acolhido na Corte, fez com que o tribunal de Evora resolvesse adiar o seu procedimento até que alcançasse novos esclarecimentos. Repetida, porém, por Simão Rodrigues, annos depois, a mesma accusação perante o Santo Officio de Lisboa, não se demorou este em ordenar a prisão do denunciado e em começar suas inquirições e pesquizas.

Depuzeram cerca de trinta fidalgos e padres contra Damião de Goes no processo iniciado pelo Santo Officio. Uns repetiram de ouvida que Damião de Goes possuia livros hereticos, e entretivera relações com Erasmo, Luthero e Melanchton. Outros citaram ditos de Damião de Goes que lhes pareciam contrarios ás doutrinas orthodoxas de Roma. Estes declararam que Damião de Goes comia carne em dias prohibidos pela Egreja, e não assistia regularmente aos sermões que se pregavam e aos sacramentos divinos.

Aquelles disseram que elle criticava os frades e ordens monasticas, e zombeteava de cousas sagradas. Affirmou o duque de Aveiro que desconfiara da fé religiosa de Damião de Goes desde que consultando-o sobre a fundação de uma capella, respondera-lhe o accusado que era preferivel edifica-la em egreja paroquial, e não em mosteiro, porque os frades a poderiam chamar a seu dominio. Um poeta mediocre da epocha, Pedro de Andrade Caminha, descobrira em conversas com Damião de Goes que elle não professava as crenças catholicas na pureza e latitude que exigia a Egreja. Instado para apresentar factos, accrescentou que Damião de Goes ennunciara-lhe a proposição de que não havia homem que na hora da morte gozasse plenamente de suas faculdades mentaes, referindo-se ao Infante D. Duarte, a quem André de Rezende attribuira ter conversado com a Santissima Virgem. D. Pedro Diniz contou que vira em diversas occasiões em casa de Damião de Goes sujeitos allemães e flamengos, com os quaes muito gostava de praticar. Uma Donna Briolanga não teve duvidas em asseverar que ouvira a Damião de Goes que se podia comer carne, porque o peccado não entrava pela bocca.

De todo o conjunto de circunstancias resultou o libello accusatorio, mencionando os seguintes pontos que pareciam provados ao accusado : 1° ter Damião de Goes conhecido Luthero, Melanchton e Erasmo ; 2° pensado que era excusada a confissão auricular ; 3° dito que as indulgencias nada aproveitavam ; 4° comido carne em dias prohibidos pela Egreja ; 5° opinado que as cidades allemães e flamengas eram melhor policiadas que as de Portugal ; 6 guardado em sua casa livros em allemão, que pareciam hereticos, e cartas de Erasmo em latim, em uma das quaes, segundo a busca a que se procedera em sua casa e bens, se lia a seguinte phrase : — « Houve reinos de Medios,

» Gregos, Romanos e Assyrios; o que será do mundo
» quando Deus consentir reinos de frades e estupidos?»

Organisou por fim Damião de Goes sua contrariedade e defeza. Não se eximio de declarar a verdade toda. Fallara durante suas viagens duas vezes e se carteara com Luthero e Melanchton, por curiosidade e cortesia, e no intuito de discutir com elles e ouvir-lhes as allegações, para melhor refuta-las, sem que deixasse de seguir escrupulosamente o catholicismo, e tanto que fôra sempre e era amigo dilecto de alguns cardeaes, o affeiçoado antigo de dois Papas, Paulo III que fallecera e Paulo IV que ainda cingia a tiara; confessava-se amigo intimo de Erasmo, e seu admirador como litterato e philosopho, considerando-o catholico firme e sincero, embora Erasmo censurasse varios abusos da Egreja e erros de prelados, que como homens estavam sujeitos ás leis geraes da natureza: tão decidida confiança lhe inspirara que o propuzera a El-Rei para lente da universidade portugueza, e Erasmo recusara aceitar a nomeação; em relação ás indulgencias, criticara algumas por abusivas, e tanto não dispensava a confissão auricular, que seu Cura o poderia comprovar; comia ás vezes carne em vez de peixe, por haver obtido bullas da Santa Sé, que o dispensavam em attenção á sua edade e padecimentos phisicos; sua opinião de que não havia nas cidades de Portugal a policia excellente que se notava na Allemanha e Flandres, não contrariava os preceitos da religião catholica, aproveitava antes aos seus compatriotas para imitarem os extrangeiros no que possuiam de benefico e util; lera livros de heresia para poder combater-lhes os erros, e pensava que si nas suas opiniões não ha a verdadeira orthodoxia, merece perdão porque provem da intelligencia o defeito.

Não ha duvida que se mostrou animo altivo e espirito

livre n'essas respostas ao Santo Officio, apezar de preso e de carregar ferros aos pés. Com dignidade fallou ainda ao Tribunal, ao requerer-lhe terminasse seu processo e proferirsse sentença, não o demorando mais tempo nos carceres e nas amarguras que o pungiam pelo resultado de sua sorte.

« Peço a Vossas Mercés — escreveu-lhes — pelas cinco » chagas de Christo me despachem, pois o meu negocio » está concluso. Estou preso ha já tanto tempo com muita » perda e detrimento de minha honra e fazenda, e sobre » setenta annos de edade mal disposto ; já não tenho quasi » forças nas pernas, e tão cheio de usagre e sarna por todo » o corpo que me falta pouco para me julgarem leproso. »

Foi de feito condemnado, e a sentença ordenou que o resto de seus dias de vida passasse em carcere designado pelo inquisidor geral, e fosse obrigado a permanentes penitencias (1). O cardeal D. Henrique mandou-o entregar

(1) « Accordam, etc. — Os Inquisidores ordinarios e deputados pela Santa Inquisição etc. — Vistos estos auttos e confissão do reo Damião de Goes, christão velho, morador n'esta cidade de Lisboa, e que presente se acha n'estes carceres, mostra-se que sendo christão baptisado e obrigado a crer tudo o que crê e ensina a Santa Madre Egreja de Roma, que no anno de 31 indo da Corte d'ElRei de Dinamarca para a d'ElRei de Polonia, onde foi fazer varios negocios que ElRei de Portugal lhe encarregara, passou pela universidade de Wittemberga d'Allemanha, onde então residia o maldito de Martinho Luthero, heresiarca famoso, e Fellipe Melanchton, seu seguaz, e com elles fallou, comeu e bebeu, detendo-se ali por espaço de dous dias, e indo por uma vez ouvir como prégavam suas perversas doutrinas, e depois escrevendo cartas a elles ambos e recebendo respostas d'elles ; item que dava a entender nas suas conversações que as indulgencias que o Santo Papa concedia não aproveitavam para nada, e em seu coração parecia que era escusada a confissão auricular, posto que não deixava de confessar-se todos os annos, mas parece que não confessava a seu confessor as opiniões que trazia no pensamento. E que tudo isto e o mais que dos auttos consta, declaram que o reo foi herege, lutherano, apartado da nossa santa fé catholica, e incorreu em escommunhão maior e em outras penas em direito a semelhantes crimes estabelecidas : e, portanto, o condemnam em confisco de todos os seus bens ap-

preso ao prior do convento da Batalha, com ordem de castiga-lo de quando em quando e ensinar as doutrinas orthodoxas da egreja catholica. Nunca mais lhe foi permittido ver a familia nem sahir do carcere, e todos os seus bens foram confiscados na conformidade dos estatutos do Santo Officio. Como e quando ahi morreu, é ponto de duvida para os curiosos, apezar de muitas indagações a que têm procedido até hoje grandes eruditos.

Representava ainda Damião de Goes na lingua, no estylo e na litteratura, a epocha de D. João II e principios da de D. Manuel, epocha propriamente da transição, a que haviam pertencido Bernardim Ribeiro, Gil Vicente e André de Rezende. Ainda não abundava a lingua de vocabulos para a expressão de todos os affectos e pensamentos; o estylo não podia portanto dispor da gravidade, decoro e galas, que lhe dera João de Barros; o pensamento, porém, corria mais livre e espontaneo que quando a Inquisição, os Jesuitas e o fanatismo, se apoderaram dos animos.

Por este motivo não encontrareis em seus escriptos aquella virilidade, propriedade e fórmas correctas e latinisadas, com que se firmou a lingua portugueza; alegrar-vos-ha, porém, ainda a ingenuidade, a singeleza, a graça, com que se exprime o escriptor, e ao mesmo tempo a liber-

plicados para o fisco e camara real; mas como confessou suas culpas e pedio perdão e misericordia com signos de arrependimento, e foram ellas commetidas fora d'este reino, e affirma ser bom catholico sob juramento, o recebem em reconciliação e união da Santa Madre Egreja e lhe mandam abjurar em forma seus hereticos horrores; e em pena de penitencia, em vez de outras, o condemnam somente a carcere penitencial perpetuo na prisão que designar Sua Alteza, o Sñr Cardeal D. Henrique, Inquisidor geral d'este reino, onde cumprirá sua penitencia, e das mais penas publicas o relevam vista a qualidade de sua pessoa, com outras considerações que se houveram. In forma ecclesiæ, excomunhão maior em que incorreu. — *Simão de Sá Pereira.* — *Jorge Gonsalve Ribeiro.* — *Frey Manuel da Veiga*, *Antonio Sanhudo.* — *Luiz Alvares de Oliveira.* — Lisboa, 16 de Outubro de 1572.

dade do seu espirito, a superioridade critica com que expõe suas ideas, a dignidade que manifesta, a consciencia com que falla. Não posso, portanto, eximir-me de vos citar alguns trexos de Damião de Goes, para na sua apreciação comparardes sua linguagem com a de João de Barros, e reconhecerdes os progressos visiveis que o genio do segundo escriptor soube imprimir-lhe.

Tratando do Infante D. Henrique, duque de Viseu, a cujo arrojo e iniciativa tanto devem as sciencias mathematicas, e a navegação e os descobrimentos ultramarinos, como refuta razoavelmente Damião de Goes as pretensões fradescas do seu tempo, que tudo attribuiam á inspiração divina?

« E esta certeza — diz o historiador — que assim alcançou o Infante do trabalho do seu estudo é que fez
» commetter tamanhas emprezas, e não por inspiração
» divina, como algumas pessoas pias dizem e têm escripto,
» porque se fôra inspiração divina, sem duvida não precisava de empregar tantas fadigas e diligencias como
» empregou para as navegações. É pois mais de crer que
» certeza d'estes negocios alcançou o Infante da leitura dos
» livros, de informações de pessoas autorisadas e experientes, com que continuadamente lidava, aprendeu tudo
» quanto se publicava, se escrevia e se narrava, como cousas de homens que exigem duvidas antes que certezas
» até se verificarem. »

Com que ousadia falla no desejo de mostrar a inexactidão da noticia apregoada pelas chronicas monasticas de que por milagre de Deus se descobrira uma estatua na ilha do Corvo apontando aos Portuguezes o caminho da America?

« E si poderia provar a inexactidão — accrescenta —
» com toda a facilidade, si os principes e senhores que
» possuem as provincias fossem tão curiosos de saber

» como o são de haver e lograr os bens e rendas que
» d'ellas lhes resultam. »

Nenhum escriptor portuguez o egualou em franqueza e liberdade de pensamento. Nada temia porque sua consciencia repousava tranquilla.

Attendei agora ao que elle diz sobre os vicios do clero de sua epocha:

« No tempo do pontificado do Papa Alexandre VI houve
» na corte de Roma muita soltura de costumes e se dava
» dissimuladamente licença a todo o genero de vicios de
» maneira que grandes peccados se reputavam por ve-
» niaes : ao que El-Rei D. Manuel tendo d'isto certas in-
» formações como bom e catholico christão quiz accudir,
» e mandou pôr Embaixador admoestar o Papa e pedir-lhe
» como filho obediente da Egreja que quizesse pôr ordem,
» modo, e cobro á dissolução da vida e costumes da Curia
» Romana, e á expedição dos breves, bullas e indulgen-
» cias que na corte de Sua Santidade se tratavam, do que
» toda a christandade recebia escandalo. »

Não poupava accusações aos reis sempre que o assumpto lhas recommendava; assim se exprimio tratando das ingratidões praticadas contra Duarte Pacheco:

« Mas o fim d'essas honras em galardão de tantos ser-
» viços e de outros que depois Duarte Pacheco fez a El-Rei
» como ao diante se dirá, foi de qualidade que se pode
» d'elle tomar exemplo para os grandes e pequenos se
» guardarem dos reveses dos Reis e Principes e da pouca
» lembrança que muitas vezes têm d'aquelles a quem são
» em obrigação; porque a maior mercé que Duarte Pa-
» checo alcançou pelo premio de seus serviços foi a capi-
» tania de S. Jorge da Mina, de onde pelos capitulos que
» d'elle deram, o mandou El-Rei trazer ao reino em ferros,
» e sem lho's tirar dos pés conservar preso na cadeia de

» Lisboa, até que por se saber eram falsas as culpas que
» lhe punham, o soltaram, tão pobre como o era quando
» foi para Mina. E assim viveu o mais da vida com muito
» desgosto e com tanta pobreza que de esmolas se sus-
» tentava. »

Já elle muito soffrera antes que a Inquisição lhe rou-
basse a liberdade e o sepultasse no carcere pelo resto da
vida. Quando imprimio na Hollanda o 1° volume da His-
toria da Ethiopia, o cardeal D. Henrique, inquisidor geral
do reino, dirigio-lhe um officio, estigmatisando-lhe as
ideas, infamando-o de pouco orthodoxo, e ordenando-lhe
suspendesse o livro, por serem as doutrinas n'elle expendi-
das contrarias á disciplina da Egreja. Não ha, pois, mais
que admirar que o não poupasse o Santo Officio, apezar
de todo o favor e protecção que elle usufruia nos paços
regios e ao lado do soberano e dos principes.

Para mais facilmente se entender a naturalidade de sua
linguagem, o gosto original do seu estylo e a franqueza
com que soia manifestar suas opiniões e juizo, basta ler
a scena por elle desenhada, na sua Chronica do reinado
de D. Manuel, sobre a matança dos christãos novos no
anno de 1506. Como lhe perdoariam os fanaticos do tempo
uma expansão tão livre de pensar?

« Tratarei de um tumulto e levantamento que se fez
» em Lisboa contra os christãos novos aos 12 de Abril
» d'este anno de 1506.

» No mosteiro de S. Domingos está uma capella cha-
» mada de Jesus e n'ella um cruxifixo. Foi n'este visto
» um signal, a que uns começavam á dar côr de mila-
» gre comquanto outros julgaram diversamente. Um chris-
» tão novo disse então que o signal lhe parecia reflexo de
» candeia que estava accesa e posta ao lado da imagem
» do Senhor. O que ouvindo alguns homens do povo

» tiraram logo pelos cabellos, o arrastaram para fora da
» egreja, o mataram, e depois queimaram o corpo no
» Rocio.

» A este alvoroço acudio muito povileo, e um frade fez
» pregação convocando-o contra os christãos novos : apoz
» o que sahiram dous frades do mesmo mosteiro com
» cruxifixos nas mãos bradando : heresia, heresia. E os
» populares assim excitados começaram a matar todos
» os christãos novos que foram encontrando pelas ruas, e
» lançando seus corpos mortos e meio vivos e queimando
» em fogueiras que tinham feitas na Ribeira e no Rocio.
» No domingo de paschoela que començou o tumulto foi
» maior de 500 o numero dos assassinados. Á esta turma
» de máus homens e frades se juntaram mais de mil ma-
» rinheiros das naves de Hollanda e Zelandia, que se
» achavam no rio. Continuaram na segunda feira com
» maior crueza, entrando pelas casas em procura de chris-
» tãos novos, e de lá arrancando-os e lançando-os em
» fogueiras de mistura vivos e mortos, não se poupando
» mulheres nem meninos e crianças ainda no berço, e
» que executavam, tomando-os pelas pernas, fendendo-os
» em pedaços, e esborraxando-os de arremesso nas pa-
» redes. »

As perseguições contra Damião de Goes, contra os lentes de Coimbra, contra tantos espiritos elevados da sua epocha, nodoam mais que tudo o reinado de D. João III, e provam o furor com que o tribunal da Inquisição por elle requerido ao Papa, e installado em Portugal, atirava-se sobre os caracteres mais puros e briosos, para quebrar-lhes as audacias, e impôr-se ao vulgo que se aterrorisava presenciando sua força superior á do proprio monarcha pelos actos patentes, que o Santo Officio praticava com estrondo e pompa em publico, e á luz do dia!

VIII

Ao descer D. João III ao tumulo tocava a corôa a seu neto, D. Sebastião, de edade de tres annos. Era o unico descendente que lhe restava de um consorcio que lhe dera entretanto oito filhos, que todos elle vira morrer, antes de lhe soar sua hora derradeira da vida.

Installou-se uma regencia para a menoridade do novo rei, conforme as disposições testamentarias do finado. Sua viuva, D. Catherina, tomou conta das redeas da administração publica. Era hespanhola, da raça austriaca que governava Hespanha desde que Joanna a louca, filha de Fernando e Izabel, e casada com o archiduque Fellipe, legára o trono a Carlos I de Hespanha, que fora nascido em Gand, e que depois se elevara a imperador da Allemanha com o titulo de Carlos V, por que é mais conhecido na historia.

Não podia D. Catherina sustentar sobre os hombros o peso de uma monarquia cuja decadencia moral começava e que por isso se desmoronava em pedaços e se despenhava no precipicio. Atormentada de intrigas de cortesãos, de ambições desregradas de jesuitas, e dos ciumes do cardeal D. Henrique, tio de D. Sebastião, arcebispo de Braga, bispo

de Coimbra e de Viseu, e inquisidor geral do Santo Officio, tres annos não eram recorridos e já ella desejava renunciar á regencia; não realisou todavia seus intentos, graças ás diligencias do bispo Jeronymo Osorio, e do secretario Pero de Alcaçova que se temiam da hypocrisia e fanatismo do cardeal, e da preponderancia dos jesuitas. Mas no anno de 1562 comprehendeu a rainha viuva que não podia continuar, e retirou-se do governo, deixando-o ao cardeal que attingira ao fim que se propuzera sua ambição desvairada.

Os jesuitas ligados ao novo regente deram mestre immediatamente ao rei na pessoa do Padre Luiz Gonsalves da Camara, e o rodeiaram de individuos dirigidos pela Companhia. No fim de seis annos, considerando-se sufficientemente fortes para não terem mais necessidade do apoio do cardeal, e poderem por si governar o reino, em nome do inexperiente e moço monarcha, incitaram a D. Sebastião a tomar conta da administração publica, dando por terminada sua minoridade, posto que D. João III a houvesse estendido aos quatorze annos completos de edade; e ao mesmo tempo insinuaram com geito ao cardeal, para que não oppuzesse resistencias, certo de que elle seria o mi nistro e director da politica, cargo que devia considerar melhor que o de regente.

Começou, portanto, a reinar no anno de 1568, D. Sebastião; mas em seu nome eram os Jesuitas que governaram exclusivamente, quer pelo confessor e mestre do soberano, o Padre Luiz Gonsalves, quer pelo irmão d'este, como escrivão da puridade, emprego que equivalia, na antiga monarquia, ao de secretario particular do soberano. O cardeal deixado a margem, retirou-se descontente para uma das suas propriedades.

Os Jesuitas fizeram logo publicar e executar a Con-

tuição formulada pelo Concilio de Trento; tiraram rendas da universidade de Coimbra para melhor dotarem o collegio das artes, com o que muitos professores abalisados, que ainda ali leccionavam se despediram, e decahio de todo a universidade; arcando com a Inquisição, á cuja instituição não eram affeiçoados, concederam, mediante grossas contribuições pecuniarias, aos christãos novos que podessem dispôr do que possuiam no reino, e d'elle sahissem, abrogada por este feitio a prohibição de D. João III, que os sujeitava eternamente ao Santo Officio.

No entanto o joven rei, exaltado em sonhos de gloria, e ambicionando unicamente guerras e conquistas, desejou dirigir-se ás Indias para continuar na propagação da fé e do dominio portuguez : impedido pelos Jesuitas, pensou d'ahi por diante em Africa, e não se occupou senão em passar-se a Ceuta e Tangere e curvar os reis moiros de Fez e de Marrocos. Entregou-se todo a exercicio de armas; deixava constantemente Lisboa para dedicar-se a caçadas perigosas de animaes ferozes; rodeava-se de moços, que lhe correspondessem aos gostos, acompanhando-o nas correrias e praticando façanhas. Que lhe importavam a direcção politica e a administração interna do reino entregue aos Jesuitas?

Logo em 1574, quando roçava sua edade apenas po vinte annos, decidio-se repentinamente a guerrear na Africa; preparou-se, e com ligeiro sequito e poucos soldados, embarcou-se em Cascaes, chamando o tio para reger o reino na ausencia. Chegado a Tangere, conheceu que carecia de forças para iniciar a luta. Escreveu para Lisboa exigindo auxilios de tropa. Em vez de soccorros, recebeu ElRei do tio uma carta supplicando-lhe voltasse ao reino, visto não ter soldados para remetter-lhe e coadjuva-lo em uma empreza tão intempestiva quanto mal preparada.

Hespanha, e lançou bandos convidando extrangeiros a servirem em suas hostes.

No entanto ria-se no sombrio Escurial o tenebroso Felipe II, filho e successor de Carlos V, apparentando reprovar os planos de D. Sebastião, mas estimando-os como prodromos da grandeza futura da corôa de Hespanha. Como lhe lisongeava as esperanças aquelle desapego da vida que patenteava D. Sebastião, que só corria após guerras, combates, caçadas, e aborrecia as mulheres e os divertimentos e quantos prazeres suaves deleitam o homem na terra!

Perseverara sempre nas duas casas reinantes da Peninsula a ambição de reunirem em um só sceptro toda a Hespanha, como já por vezes tenho desenhado, posto que os dois povos a detestassem, e se declarassem oppostos á fusão: por essa razão D. Affonso V guerreara sem resultado Izabel e Fernando, pretendendo casar-se com a princeza Joanna, filha de Henrique IV de Castella, e invocando o seu titulo de futuro marido para se assenhorear de Castella; D. João II casara o filho infante D. João com a herdeira de Izabel e Fernando, a princeza D. Izabel, no mesmo intuito: nullificou, porém, o destino seus planos com a morte do principe. D. Manuel preferira esta mesma senhora, quando viuva, para ser reconhecido herdeiro de Castella e Aragão, e a morte cortou-lhe ainda os vôos da ambição, roubando a vida á consorte e ao unico filho, de nome Miguel, que no berço mesmo não sobreviveu a sua desditosa mãe. Voltara agora de novo a vez aos soberanos de Hespanha, e já Carlos V ao saber que só restava da prole de D. João III uma criacinha como era D. Sebastião, enviara a Lisboa o jesuita S. Francisco de Borja, a pretexto de visitar a provincia portugueza da companhia de Loyola, mas para o fim real de sondar o animo da rainha D. Catherina, e conseguir que ella fizesse jurar herdeiro de Portugal, na falta

do filho de D. João III, seu neto o principe D. Carlos. A embaixada encontrara sentimentos favoraveis por parte da rainha, mas que não poderam verificar-se por se não prestar a seu cumprimento o rei D. João III.

Desde que a seu pai succedera Fellipe II em Hespanha, não para o infante D. Carlos, mas para si mesmo guardou na mente gravada a idea de reunir a seus dominios a corôa de Portugal, e acompanhou o movimento e marcha do reino visinho com attenção escrupulosa e avidez famelica. Intromettia-se em todos os negocios, fingindo interesses de visinho e parente de D. Sebastião, mas com a intenção constante de aproveitar-se das loucuras do joven monarcha, cujo caracter extravagante e animo visionario elle constantemente estudava. Oppunha-se com manha a que se casasse, inventando obstaculos e difficuldades, e lisongeava-lhe os instinctos guerreiros e cavalheirosos, certo de que elles lhe causariam a ruina, e portanto a realisação de seus ambiciosos desejos. Auxiliou-o com duas mil lanças para a aventura da Africa, deixando-o voluntariamente perder-se na arriscada empreza, posto que apparentasse dissuadi-lo do intento, mais com razões que sabia deveriam produzir effeito contrario no animo do estouvado mancebo, que mostrando-lhe as conveniencias politicas da patria.

Partio emfim de Lisboa D. Sebastião no anno de 1578, levando uma armada de mais de cem navios de guerra e transportes, e cerca de vinte mil homens de soldados de terra. A nobreza que o acompanhava mostrava-se luzida, coberta de armas riquissimas, e ostentadora do maior luxo. Mas o que era d'aquelles cavalleiros da ala dos namorados de D. João I, dos valentes de D. Affonso V, dos escolhidos temerarios de D. João II, dos homens mais illustrados e briosos de D. Manuel, que por toda a parte

» Lisboa, até que por se saber eram falsas as culpas que
» lhe punham, o soltaram, tão pobre como o era quando
» foi para Mina. E assim viveu o mais da vida com muito
» desgosto e com tanta pobreza que de esmolas se sus-
» tentava. »

Já elle muito soffrera antes que a Inquisição lhe roubasse a liberdade e o sepultasse no carcere pelo resto de vida. Quando imprimio na Hollanda o 1º volume da Historia da Jetiopia, o cardeal D. Henrique, inquisidor geral do reino, dirigio-lhe um officio, estigmatisando-lhe as ideas, infamando-o de pouco orthodoxo, e ordenando-lhe suspendesse o livro, por serem as doutrinas n'elle expendidas contrarias á disciplina da Egreja. Não ha, pois, muito que admirar que o não poupasse o Santo Officio, apezar de todo o favor e protecção que elle usufruia nos paços regios e ao lado do soberano e dos principes.

Para mais facilmente se entender a naturalidade de sua linguagem, o gosto original do seu estylo e a franqueza com que soia manifestar suas opiniões e juizo, basta ler a scena por elle desenhada, na sua Chronica do reinado de D. Manuel, sobre a matança dos christãos novos no anno de 1506. Como lhe perdoariam os fanaticos do tempo uma expansão tão livre de pensar?

« Tratarei de um tumulto e levantamento que se fez
» em Lisboa contra os christãos novos aos 12 de Abril
» d'este anno de 1506.

» No mosteiro de S. Domingos está uma capella cha-
» mada de Jesus e n'ella um cruxifixo. Foi n'este visto
» um signal, a que uns começavam á dar côr de mila-
» gre comquanto outros julgaram diversamente. Um chris-
» tão novo disse então que o signal lhe parecia reflexo de
» candeia que estava accesa e posta ao lado da imagem
» do Senhor. O que ouvindo alguns homens do povo o

» tiraram logo pelos cabellos, o arrastaram para fora da
» egreja, o mataram, e depois queimaram o corpo no
» Rocio.

» A este alvoroço acudio muito povileo, e um frade fez
» pregação convocando-o contra os christãos novos : apoz
» o que sahiram dous frades do mesmo mosteiro com
» cruxifixos nas mãos bradando : heresia, heresia. E os
» populares assim excitados começaram a matar todos
» os christãos novos que foram encontrando pelas ruas, e
» lançando seus corpos mortos e meio vivos e queimando
» em fogueiras que tinham feitas na Ribeira e no Rocio.
» No domingo de paschoela que començou o tumulto foi
» maior de 500 o numero dos assassinados. Á esta turma
» de máus homens e frades se juntaram mais de mil ma-
» rinheiros das naves de Hollanda e Zelandia, que se
» achavam no rio. Continuaram na segunda feira com
» maior crueza, entrando pelas casas em procura de chris-
» tãos novos, e de lá arrancando-os e lançando-os em
» fogueiras de mistura vivos e mortos, não se poupando
» mulheres nem meninos e crianças ainda no berço, e
» que executavam, tomando-os pelas pernas, fendendo-os
» em pedaços, e esborraxando-os de arremesso nas pa-
» redes. »

As perseguições contra Damião de Goes, contra os lentes de Coimbra, contra tantos espiritos elevados da sua epocha, nodoam mais que tudo o reinado de D. João III, e provam o furor com que o tribunal da Inquisição por elle requerido ao Papa, e installado em Portugal, atirava-se sobre os caracteres mais puros e briosos, para quebrar-lhes as audacias, e impôr-se ao vulgo que se aterrorisava presenciando sua força superior á do proprio monarcha pelos actos patentes, que o Santo Officio praticava com estrondo e pompa em publico, e á luz do dia!

VIII

Ao descer D. João III ao tumulo tocava a corôa a seu neto, D. Sebastião, de edade de tres annos. Era o unico descendente que lhe restava de um consorcio que lhe dera entretanto oito filhos, que todos elle vira morrer, antes de lhe soar sua hora derradeira da vida.

Installou-se uma regencia para a menoridade do novo rei, conforme as disposições testamentarias do finado. Sua viuva, D. Catherina, tomou conta das redeas da administração publica. Era hespanhola, da raça austriaca que governava Hespanha desde que Joanna a louca, filha de Fernando e Izabel, e casada com o archiduque Fellipe, legára o trono a Carlos I de Hespanha, que fora nascido em Gand, e que depois se elevara a imperador da Allemanha com o titulo de Carlos V, por que é mais conhecido na historia.

Não podia D. Catherina sustentar sobre os hombros o peso de uma monarquia cuja decadencia moral começava e que por isso se desmoronava em pedaços e se despenhava no precipicio. Atormentada de intrigas de cortesãos, de ambições desregradas de jesuitas, e dos ciumes do cardeal D. Henrique, tio de D. Sebastião, arcebispo de Braga, bispo

de Coimbra e de Viseu, e inquisidor geral do Santo Officio, tres annos não eram recorridos e já ella desejava renunciar á regencia; não realisou todavia seus intentos, graças ás diligencias do bispo Jeronymo Osorio, e do secretario Pero de Alcaçova que se temiam da hypocrisia e fanatismo do cardeal, e da preponderancia dos jesuitas. Mas no anno de 1562 comprehendeu a rainha viuva que não podia continuar, e retirou-se do governo, deixando-o ao cardeal que attingira ao fim que se propuzera sua ambição desvairada.

Os jesuitas ligados ao novo regente deram mestre immediatamente ao rei na pessoa do Padre Luiz Gonsalves da Camara, e o rodeiaram de individuos dirigidos pela Companhia. No fim de seis annos, considerando-se sufficientemente fortes para não terem mais necessidade do apoio do cardeal, e poderem por si governar o reino, em nome do inexperiente e moço monarcha, incitaram a D. Sebastião a tomar conta da administração publica, dando por terminada sua minoridade, posto que D. João III a houvesse estendido aos quatorze annos completos de edade; e ao mesmo tempo insinuaram com geito ao cardeal, para que não oppuzesse resistencias, certo de que elle seria o mi nistro e director da politica, cargo que devia considerar melhor que o de regente.

Começou, portanto, a reinar no anno de 1568, D. Sebastião; mas em seu nome eram os Jesuitas que governaram exclusivamente, quer pelo confessor e mestre do soberano, o Padre Luiz Gonsalves, quer pelo irmão d'este, como escrivão da puridade, emprego que equivalia, na antiga monarquia, ao de secretario particular do soberano. O cardeal deixado a margem, retirou-se descontente para uma das suas propriedades.

Os Jesuitas fizeram logo publicar e executar a Consti-

tuição formulada pelo Concilio de Trento; tiraram rendas da universidade de Coimbra para melhor dotarem o collegio das artes, com o que muitos professores abalisados, que ainda ali leccionavam se despediram, e decahio de todo a universidade; arcando com a Inquisição, á cuja instituição não eram affeiçoados, concederam, mediante grossas contribuições pecuniarias, aos christãos novos que podessem dispôr do que possuiam no reino, e d'elle sahissem, abrogada por este feitio a prohibição de D. João III, que os sujeitava eternamente ao Santo Officio.

No entanto o joven rei, exaltado em sonhos de gloria, e ambicionando unicamente guerras e conquistas, desejou dirigir-se ás Indias para continuar na propagação da fé e do dominio portuguez : impedido pelos Jesuitas, pensou d'ahi por diante em Africa, e não se occupou senão em passar-se a Ceuta e Tangere e curvar os reis moiros de Fez e de Marrocos. Entregou-se todo a exercicio de armas; deixava constantemente Lisboa para dedicar-se a caçadas perigosas de animaes ferozes; rodeava-se de moços, que lhe correspondessem aos gostos, acompanhando-o nas correrias e praticando façanhas. Que lhe importavam a direcção politica e a administração interna do reino entregue aos Jesuitas?

Logo em 1574, quando roçava sua edade apenas po vinte annos, decidio-se repentinamente a guerrear na Africa; preparou-se, e com ligeiro sequito e poucos soldados, embarcou-se em Cascaes, chamando o tio para reger o reino na ausencia. Chegado a Tangere, conheceu que carecia de forças para iniciar a luta. Escreveu para Lisboa exigindo auxilios de tropa. Em vez de soccorros, recebeu ElRei do tio uma carta supplicando-lhe voltasse ao reino, visto não ter soldados para remetter-lhe e coadjuva-lo em uma empreza tão intempestiva quanto mal preparada.

Conheceu o rei que não podia sahir dos muros de Tangere, e não havia remedio senão abandonar seus designios. Voltou, não desenganado de sua temeridade senão loucura, tanto mais que a situação de Portugal não era a que fora no seculo XV e primeira metade do XVI, esperançado, porém ainda, de pelo menos recuperar na Africa as praças que D. João III ali perdera, adiando apenas os projectos imaginados no seu cerebro escandecido. É que n'aquelle espirito e n'aquella alma havia negação para todos os affectos e sentimentos que não fossem sonhos de heroismo guerreiro. Apagara como criminosas as risonhas imagens que despontam na vida com os primeiros sorrisos da juventude e que só os gelos da velhice desterram, guardando sempre em seu logar uma viva saudade.

Chegado a Lisboa cuidou só de aprомptar um exercito e armada para combater na Mourania. Não houve conselhos nem admoestações e nem supplicas dos subditos de todas as classes, que lhe desviassem as vistas das costas africanas e lhe arrancassem do espirito a idea dominante.

Para cumulo das desgraças de Portugal, Fellipe II de Hespanha não se importou seriamente de obstar aos intentos do joven rei, e o Papa lembrou-se de expedir-lhe de Roma as setas com que pelos Sarrazenos fora ferido e morto o santo de seu nome, a fim de exaltar-lhe o animo, fomentar-lhe o enthusiasmo guerreiro, e, dizia Sua Santidade, dilatar-se a fé catholica em terras de infieis. Soube no entanto D. Sebastião que Muley Moluco destronisara seu sobrinho e lhe tomara o trono de Marrocos; e o decahido soberano abrindo as portas de Arzila aos Portuguezes, lhe implorava soccorros. Foi bastante a nova para arrastalo a realisar seus antigos planos. Publicou immediatamente que partiria para a Africa, pedio auxilios a Fellipe II de

Hespanha, e lançou bandos convidando extrangeiros a servirem em suas hostes.

No entanto ria-se no sombrio Escurial o tenebroso Fellipe II, filho e successor de Carlos V, apparentando reprovar os planos de D. Sebastião, mas estimando-os como prodromos da grandeza futura da corôa de Hespanha. Como lhe lisongeava as esperanças aquelle desapego da vida que patenteava D. Sebastião, que só corria após guerras, combates, caçadas, e aborrecia as mulheres e os divertimentos e quantos prazeres suaves deleitam o homem na terra!

Perseverara sempre nas duas casas reinantes da Peninsula a ambição de reunirem em um só sceptro toda a Hespanha, como já por vezes tenho desenhado, posto que os dois povos a detestassem, e se declarassem oppostos á fusão; por essa razão D. Affonso V guerreara sem resultado Izabel e Fernando, pretendendo casar-se com a princeza Joanna, filha de Henrique IV de Castella, e invocando o seu titulo de futuro marido para se assenhorear de Castella; D. João II casara o filho infante D. João com a herdeira de Izabel e Fernando, a princeza D. Izabel, no mesmo intuito; nullificou, porém, o destino seus planos com a morte do principe. D. Manuel preferira esta mesma senhora, quando viuva, para ser reconhecido herdeiro de Castella e Aragão, e a morte cortou-lhe ainda os vôos da ambição, roubando a vida á consorte e ao unico filho, de nome Miguel, que no berço mesmo não sobreviveu a sua desditosa mãe. Voltara agora de novo a vez aos soberanos de Hespanha, e já Carlos V ao saber que só restava da prole de D. João III uma criacinha como era D. Sebastião, enviara a Lisboa o jesuita S. Francisco de Borja, a pretexto de visitar a provincia portugueza da companhia de Loyola, mas para o fim real de sondar o animo da rainha D. Catherina, e conseguir que ella fizesse jurar herdeiro de Portugal, na falta

do filho de D. João III, seu neto o principe D. Carlos. A embaixada encontrara sentimentos favoraveis por parte da rainha, mas que não poderam verificar-se por se não prestar a seu cumprimento o rei D. João III.

Desde que a seu pai succedera Fellipe II em Hespanha, não para o infante D. Carlos, mas para si mesmo guardou na mente gravada a idea de reunir a seus dominios a corôa de Portugal, e acompanhou o movimento e marcha do reino visinho com attenção escrupulosa e avidez famelica. Intromettia-se em todos os negocios, fingindo interesses de visinho e parente de D. Sebastião, mas com a intenção constante de aproveitar-se das loucuras do joven monarcha, cujo caracter extravagante e animo visionario elle constantemente estudava. Oppunha-se com manha a que se casasse, inventando obstaculos e difficuldades, e lisongeava-lhe os instinctos guerreiros e cavalheirosos, certo de que elles lhe causariam a ruina, e portanto a realisação de seus ambiciosos desejos. Auxiliou-o com duas mil lanças para a aventura da Africa, deixando-o voluntariamente perder-se na arriscada empreza, posto que apparentasse dissuadi-lo do intento, mais com razões que sabia deveriam produzir effeito contrario no animo do estouvado mancebo, que mostrando-lhe as conveniencias politicas da patria.

Partio emfim de Lisboa D. Sebastião no anno de 1578, levando uma armada de mais de cem navios de guerra e transportes, e cerca de vinte mil homens de soldados de terra. A nobreza que o acompanhava mostrava-se luzida, coberta de armas riquissimas, e ostentadora do maior luxo. Mas o que era d'aquelles cavalleiros da ala dos namorados de D. João I, dos valentes de D. Affonso V, dos escolhidos temerarios de D. João II, dos homens mais illustrados e briosos de D. Manuel, que por toda a parte

praticaram façanhas, que lançaram brilho eterno sobre seus nomes e sobre o rei e a patria?

As primeiras guerras das Indias tinham confirmado as tradições gloriosas dos Portuguezes, mas no correr da ultima metade do desgraçado governo de D. João III, eram outros os chefes, mais mercadores e corrompidos que intrepidos guerreiros, e os Indios e seus alliados haviam aprendido a resistir-lhes, e até já a derrota-los: raros vultos se destacaram d'essa horda de aventureiros, a quem os interesses de riqueza sorriam mais que o desejo de ganhar victorias, fundar o dominio do seu rei e levantar a cruz de Christo; é que não tinham abandonado a patria senão atraz de lucros e vantagens de fortuna, não ardentes de gloria, como seus tão decantados avoengos.

Dizia d'elles um escriptor contemporaneo portuguez:

« Mas como estes senhores não sabiam mais que rasgar » sedas, cheirar perfumes da India, lavar-se em aguas » destilladas, passear a damas, inquietar donas virtuosas » e honestas, andar com a barba no ar, mais soberbos » que Lucifer, cuidando que n'isso estava o ponto e o ser » da fidalguia, indo armados d'esta côr e tenção mais para » bodas que para brigas, em vendo o campo de Moluco, » arraiaes calmosos, armas pesadas e desacostumadas, logo » esmoreceram, cahindo-lhes o coração aos pés. »

D. Francisco Manuel de Mello, no seculo XVII, pinta-os da seguinte maneira:

« Como se poderá crer que n'aquelle reinado d'ElRei » D. Sebastião, em que os homens se fingiam de ferro » por contemplação dos excessos d'ElRei, era costume » andarem os fidalgos mancebos encostados a seus pagens » como hoje as damas? »

Desembarcado D. Sebastião em Tangere, não perdeu tempo, marchou logo para Larache: era um espirito indo-

mito, vertiginoso, fantastico, que anciava deixar nome de intrepidez e bravura: toda a marcha do exercito foi accelerada, desordenada, por entre aquelles aridos areaes africanos; todos os planos errados quanto a conservar a disciplina, a escolher campo de combate, a dividir as forças regradamente, a tomar ao precisas cautelas contra embuscadas, e a saber o que fazia, pensava e dispunha o inimigo, em quanto que o astuto Muley Moluco, como militar experimentado, estava ao corrente de seus intentos, e preparava-se a responder-lhe de modo que se arrependesse de sua louca temeridade.

Em posições desfavoraveis ás margens do rio Luco e proximidades de Alcacer-Kibir, affrontou D. Sebastião desordenadamente o exercito do rei de Fez, e o resultado foi a derrota completa dos Portuguezes. Não faltou a varios d'estes valentia, denodo, rasgos mesmo de heroismo. Mas tudo andou sem ordem, e tudo evaporou-se diante da tactica calma do adversario previdente.

Raros voltaram a Tangere dos soldados e cabos de D. Sebastião. ElRei de Portugal desappareceu no combate, na fuga, no atravessar o rio?

Não se sabe ao certo; foi depois entregue um cadaver tão mutilado, que se dizia o seu, que não pôde exactamente ser reconhecido, e que enviado a Portugal, se enterrou com os pompas regias. D'ahi procederam tantas e tão diversas lendas, com que se emballou o espirito popular, propenso sempre a acreditar o que parece maravilhoso, pintando-se vivo o rei, escapo do combate, e peregrino por varias localidades de Africa, Asia e Europa.

É impossivel descrever-se as scenas de desesperação e dôr, que echoaram em Lisboa e se repetiram em todo o reino, ao ferir os ouvidos a noticia do tremendo desastre. O cardeal D. Henrique, como unico descendente varão da

dynastia regia, e irmão de D. João III, foi logo acclamado rei, na edáde de quasi setenta e seis annos.

O que podia fazer o atribulado ancião? Contentou-se com dar força maior á Inquisição, mandando melhorar-lhe os edificios e carceres, com derogar as disposições de D. Sebastião, em relação aos christiãos novos, para não faltarem victimas ao furor do Santo Officio. As verdadeiras e legitimas necessidades publicas quedaram esquecidas, e o paiz entregue á sua sorte, ao acaso e á ruina.

Apezar de tudo, não se esqueceu de pedir ao Papa dispensas para se poder casar, pensando que na sua avançada decrepitude conseguiria ainda por milagre prole, à qual podesse legar o trono portuguez. Mas Fellipe II estava alerta, dominava Roma e a Curia, e as dispensas nunca se lhe concederam!

Começaram a formigar candidatos á corôa, allegando seus direitos á successão do cardeal. D. Ramusio, duque de Parma, mandou declarar que era neto materno do principe D. Duarte. O duque de Saboya lembrava que descendia do mesmo principe, mas por linha varonil. Catherina de Medicis estabelecia que contava entre seus avós um filho de Affonso III de Portugal e da duqueza de Bolonha. O Papa se não esquecia de que Portugal, ao fundar sua independencia, se declarara feudo de S. Pedro, e mais fortemente defendia suas pretensões apresentando o facto de que a Roma pertencia todo o espolio de um cardeal, e o rei D. Henrique era como tal obrigado a reconhecer a Thiara pontificia seu herdeiro legitimo. Fellipe II de Hespanha sustentava seus direitos como filho da infanta D. Izabel, que fora casada com Carlos V. Contra estes extrangeiros havia dois pretendentes portuguezes : a duqueza de Bragança, por linha varonil neta do infante D. Duarte, e D. Antonio, prior do Crato, bastardo do infante D. Luiz,

invocando em seu favor o precedente de D. João I de Aviz.

O velho rei temia decidir-se a respeito da successão; mostrava-se mais propenso a Fellipe II, posto que extrangeiro, porque nunca o estimara a familia, e nem elle a considerava: pensou em convocar as Cortes para assumirem a responsabilidade da escolha, mas ellas reunidas em Lisboa em 79 delegaram no cardeal, por se não poderem entender os seus membros, divididos entre Fellipe II, a duqueza de Bragança e D. Antonio, unicos dos pretendentes que continuaram a disputar a eleição. Por fim concordou-se escolher o cardeal onze letrados d'entre vinte quatro apresentados pelas Cortes, a fim de lhes submetter a decisão do assumpto.

Não descançavam os tres pretendentes; mas D. Antonio só tinha por si parte dos populares, não tendo sabido angariar sympathias; alguns nobres que guardavam sentimentos patrioticos, e em consciencia se dirigiam pelo direito, optavam pela duqueza de Bragança; o clero quasi unanime e a quasi maioria da nobreza se collocavam ao lado de Fellipe II.

D. Antonio se mostrava no entanto incapaz e dessasisado; o duque de Bragança, tibio e assustádiço; emquanto que Fellipe II empregava constantemente o sistema da corrupção moral, a uns dando dinheiro pela sua trahição, a outros firmando promessas de vantagens futuras, a estes ameaçando com os resultados de sua vingança, a todos atterrando com o poder de suas armas, quando voluntariamente se recusassem a reconhece-lo rei de Portugal.

Nada se resolvendo todavia pelo meio adoptado, o cardeal convocou de novo Cortes em Almeirim, em Janeiro de 80, e propoz-lhes Fellipe II para successor á corôa, pedindo-lhes o reconhecessem e jurassem rei: o clero approvou

unanimente; a nobreza por maioria; mas o braço popular, dirigido por um Phebo Muniz, procurador da cidade de Lisboa, declarou positivamente que não aceitava rei extrangeiro, e preferia a morte a obedecer a Fellipe II, ao povo pertencendo escolher o soberano de Portugal.

Durava a agitação, e minguavam os dias de vida do cardeal, sem que o assumpto se resolvesse; sentindo elle a morte adejar-lhe em torno e aproximar-se o instante fatal de descer ao sepulchro, contentou-se com nomear cinco governadores para o reino, e morreu no meio da indifferença, senão do desprezo e odio dos seus conterraneos.

A maioria dos governadores, que tomaram conta do governo, propendia para Fellipe II. O rei de Hespanha desenvolveu então mais que nunca o tenebroso plano da intriga, das ameaças e da corrupção; o clero todo, os Jesuitas e a nobreza receberam as promessas mais amplas de favores regios. Depois de ser rei, dizia ainda Fellipe II que a posse de Portugal lhe tinha sido uma mercancia muito cara. Seus agentes derramavam-se por toda a parte, no exercito, na marinha, na magistratura, no clero, na nobreza, e entre os mesmos populares, vencendo as consciencias pelo interesse, abafando o patriotismo com dinheiro.

Logo que entendeu opportuno o momento, estabeleceu-se em Badajoz, e mandou que o duque d'Alba penetrasse em Portugal com vinte mil lanças, e se fosse apoderando de todas as fortalezas, cidades e povoações importantes, e fazendo proclamar o dominio hespanhol. Foi mais um passeio que uma guerra de invasão a que o famoso capitão desempenhou. Elvas, os Algarves e o Alemtejo, se lhe foram humilhando sem a menor resistencia, e depois de pequeno tiroteio se apoderou de Setubal, onde se ajuntara á armada hespanhola, ás ordens do marquez de Santa Cruz.

O duque de Bragança não se moveu, deixando correr os acontecimentos. O prior do Crato, D. Antonio, foi o unico pretendente á corôa, que protestando por seus direitos, pegou em armas, chamou adherentes, enunciou-se contra o governo de rei extrangeiro, e fez-se acclamar em Santarem pela plebe amotinada que se lhe mostrava partidaria.

Os governadores fugiram para Badajoz; D. Antonio partio para Lisboa, e começou a organisar um exercito de resistencia; mas soldados bisonhos e povileo tumultuario eram forças para se baterem contra os terços disciplinados do duque d'Alba? D. Antonio chamou escravos pretos para engrossar as fileiras dos seus adherentes. Desde o principio do seculo se introduziam annnalmente em Portugal de vinte a trinta mil escravos de Guiné, Zaire e Congo; empregavam-se de ordinario nos trabalhos ruraes, e o Alemtejo e os Algarves continham então um numero crescido d'elles. Muitos, porém, se conservavam nas cidades para os serviços domesticos, de mistura com os moiros egualmente escravos. Esta lepra da escravidão durou em Portugal até a administração do celebrisado marquez de Pombal, que por um decreto regio, estabeleceu o principio da liberdade do ventre, da prohibição de novos pretos importados, e conseguio por este feitio exterminar a escravidão, com o ultimo captivo existente.

Os pretos chamados por D. Antonio, arrancados a seus senhores, em vez de bens produziram males nas suas hostes, porque se tornaram ebrios, desordeiros e ladrões. Entretanto D. Antonio affeiçoava por seu procedimento e protesto contra o jugo extrangeiro quantos guardavam no espirito e no coração a idea e memoria da nacionalidade e o culto do patriotismo. A maioria do paiz, bem que assustada, e portanto apparentando-se indifferente, fatigada e

resignada a qualquer sorte que lhe estivesse destinada, nutria sympathias e fazia votos pela sua victoria e contra a invasão do solo.

Mas D. Antonio se não mostrou na altura das circunstancias. Além de que o despeito o precipitava, porque Fellipe II lhe não concedera as condições e premios, que elle lhe propuzera, não tinha caracter, nem capacidade e nem seriedade para imitar, ainda que de longe, ao Mestre de Aviz, cujo papel ambicionava representar em uma scena perfeitamente identica.

O Mestre de Aviz era um coração grande, uma vontade energica, uma intelligencia elevada, um patriota desinteressado e decidido, um guerreiro intrepido, um homem emfim que inspirava confiança inteira, e affeiçoava dedicações exaltadas e enthusiasticas. O Mestre de Aviz encontrou ainda a seu lado um capitão dos mais dignamente afamados da epocha, Nuno Alvares Pereira. Allegava, egualmente, melhores titulos ao trono portuguez, porque a princeza que se dizia herdeira legitima se tornara extrangeira por seu casamento com João I de Castella, e os seus irmãos bastardos filhos de D. Ignez de Castro, que unicos poderiam disputar-lho, se achavam em paizes alheios. D. Antonio se não revestia, porém, dos direitos tão legitimos, porque identicos senão superiores cabiam á duqueza de Bragança, que era portugueza e residia em Portugal.

Podesse D. Antonio, entretanto, dispor de qualidades como o Mestre de Aviz, outros seriam de certo os resultados da luta. Como D. João I, achara D. Antonio o paiz exhausto pelas guerras externas e civis, mas não soube levanta-lo á sua voz. Ninguem dirá que em 1580 Portugal, apezar da sua prostração, não fosse mais populoso e não dispuzesse de maiores recursos militares que em 1395; Castella n'esta

epocha era tão superior a Portugal como Hespanha se mostrava em 1580, entanto que Portugal poderia agora, para melhor defender-se, apoiar-se em allianças de Inglaterra e França, que se declararam promptas a sustentar-lhe a independencia, mas que não lhe acharam homens no governo com quem tratassem. Castella, em 1395, mandára um exercito de trinta e cinco mil homens, auxiliado por duas mil lanças francezas, que foi esmagado em Aljubarrota; o duque de Alba, em nome de Fellipe II, em 1580, não encontrou, todavia, o menor obstaculo, nem a menor resistencia, logo que invadio o paiz apenas com vinte mil homens. Dentro de casa bem se pode, comtudo, defender o dono contra os mais audazes salteadores, posto que muito superiores em numero e força.

Apregoar-se que a nobreza e o clero do reino coadjuvavam Fellipe II, não procede como argumento, porque a fidalguia do tempo de D. João I era em maxima parte da facção castelhana, quer pela rainha Leonor Telles, nomeada regente por seu marido D. Fernando, quer pelo principio mal então admittido da legitimidade de D. Joanna, unica filha do finado monarcha portuguez, já emfim levada por seus proprios interesses; accresce tambem que essa nobreza de 1395 tinha grande preponderancia no paiz, dispunha de forças importantes por meio de numerosos vassallos particulares residentes em suas honras e coutos, e que talvez formavam a maioria da população. A nobreza de 1580 já não tinha vassallos e nem honras e coutos, e nem solares, onde se acastellasse.

Faltava a Portugal, em 1580, não a força phisica, posto que desorganisada, como o estava egualmente a de 1395, mas a força moral e intellectual que deparou o Mestre de Aviz, e que elle soube aproveitar com summa pericia e habilidade. A força moral e intellectual das nações presta-

lhes vigor sublime, no meio das mais desastradas provanças e catastrophes. Tinham com a força moral e intellectual desapparecido em Portugal as virtudes politicas, o espirito vivo da nacionalidade, a idea nobre e acrysolada do verdadeiro patriotismo, a exaltação dos animos para a honra e a gloria. Estava o corpo social minado desde os membros menos importantes até as arterias mais essenciaes da vida por um egoismo cynico, perversão torpe, corrupção quasi geral, indifferença publica, que custam a explicar-se, mas que eram reaes e estavam fundamente enraizadas.

Não se comprehendem os successos só pelos seus accidentes e circumstancias, convem estuda-los nas suas causas, descobrir-lhes o valor, e explica-los pelos phenomenos da ordem moral.

Dir-se-ia que como a moeda antiga de oiro, cujos cunhos o roçar do tempo apaga, o caracter portuguez estava poido e gasto, e quasi que não conhecia mais o que era dignidade, o que era pudor, e o que era brio. Os povos pervertidos são condemnados pela providencia a penas crueis e esmagadoras, e Portugal via sem poder queixar-se o dia tremendo da sua ruina, para que, cegos os olhos, caminhava loucamente, mais pelos maus governos que desde a morte de D. Manuel o haviam acabrunhado, que talvez por suas proprias culpas.

De Setubal partio o duque d'Alba tranquillamente para Cascaes, donde intimou Lisboa a render-se, a fim de poupa-la ao saque. Desfez com facilidade algumas partidas que lhe pretenderam estorvar a marcha, e entrou na cidade, proclamando Fellipe II, sem ter tido necessidade de ferir combates.

D. Antonio voou de Lisboa para Santarem, d'ahi para Coimbra, depois para o Porto, e por fim desanimado de

todo, apezar das adhesões que encontrava em caminho, embarcou-se em Vianna, desappareceu da patria, e asylou-se em França. Dominou, pois, todo o reino o duque de Alba, sem quasi perder um soldado, e nem affrontar um combate qualquer que mereça este nome.

Fellipe II convocou logo Cortes a Thomar, e os deputados, designados antes que eleitos, o proclamaram rei de Portugal. Compareceu perante o Congresso, e servindo-lhe de condestabre o duque de Bragança, prestou juramento de que guardaria os foros, direitos e privilegios de seus novos subditos, faria tratar os negocios de Portugal dentro do reino, o reconheceria separado e federado a Hespanha, nomear-lhe-ia vice-rei portuguez, salvo o caso de um principe de sangue regio; só daria os cargos publicos aos naturaes, só a navios portuguezes concederia o commercio das Indias e Brazil, não mimosearia com cidades, reguengos e jurisdicções senão a portuguezes, não despenderia as rendas de Portugal senão em necessidades do reino; coadjuvaria com a somma de 300,000 crusados o resgate dos prisioneiros portuguezes na Africa, reuniria quando conveniente suas Cortes particulares, e residiria emfim em Lisboa sempre que o podesse effectuar.

Findo o acto, começou-se a perceber que se havia representado uma comedia, e que os juramentos de reis não passam de palavras vãs para illudir os incautos.

Estava realisado o sonho da casa d'Austria : Fellipe II acurvara a seu jugo toda a peninsula hispanica. Como Fernando e Izabel, e seu pai Carlos V, unificara-lhe as possessões, extinguira-lhe as resistencias e foros locaes, e iniciava um dominio destinado a converte-lo com o tempo em provincia do reino iberico.

Não tardaram os premios promettidos aos traidores, e nem o castigo aos que se haviam mostrado adversos ao do-

minio extrangeiro. Reinou o terror. Levantaram-se os cadafalsos, e não lhes faltaram victimas; abriram-se os carceres, e immediatamente se atulharam de condemnados. A nacionalidade condemnada a desapparecer do todo no seio do colosso de Hespanha, foi de chofre sopitada. Os presidios e praças fortes guarneceram-se com terços hespanhoes; os soldados portuguezes transferiram-se para Flandres, Italia e França, onde laborava Fellipe II em guerras constantes. O archiduque cardeal Alberto, nomeado vice-rei de Portugal, encheu os empregos publicos de hespanhoes, sem se importar com os juramentos regios em Thomar.

Felizmente que o amor e não a força é o qne póde fundir duas almas em um só corpo. As nacionalidades vivem mais que os exercitos e os principes. Supprimidas renascem, mutiladas renovam-se, suffocadas abraçam a terra e resuscitam.

Não havia de todo morrido o espirito de nacionalidade em Portugal, apezar de haver o paiz perdido a pureza de costumes, a fé, os brios, e mesmo as tradições herdadas. Ainda que a geração subjugada desapparecesse da scena do mundo sem ter podido recuperar sua nacionalidade, as memorias e saudades passaram para os filhos como legados sacrosantos, e um dia raiaria, como de feito raiou após sessenta annos de captiveiro, em que se ergueria de novo briosa e triumphante a bandeira da patria. Do muito soffrer devia accordar emfim, e restituir-se sua autonomia.

Bem não funccionava o regime hespanhol, e já o povo, ardendo de reminiscencias da autonomia, arrastado pelo maravilhoso que tanto impressionava seu espirito, começou a acreditar que não fôra certo que D. Sebastião morresse na Africa, que não era seu cadaver que se trouxera de Ceuta e se sepultara em Belem, que elle vivia, e onde quer que

se achasse protegia Portugal, que Deus não destinava a ser presa de extrangeiros, com uma historia tão repleta de brilhantismo e heroicidade. As anecdotas contadas no lar domestico, confiadas de uns a uns, sobre a proxima volta do joven monarcha e sua restituição ao trhono portuguez, encontravam echo e fé, tornavam-se tão fortes na memoria e correspondiam ao coração do povo, que assim como se derramara o fanatismo religioso, agora nascia e progredia um fanatismo politico, não menos energico e nem menos poderoso, aceito de boa fé por parte dos Portuguezes.

Achava assim uma sombra, na falta de realidade, para lhe consolar a dôr do presente, e firmar a esperança do futuro. Um poeta mediocre, por nome Bandarra, profetisava em trovas a vinda de um novo Messias, e apezar de perseguido pela Inquisição, cujos actos acatava respeitosamente o povo portuguez, era o poeta saudado nas ruas como um genio, e seus versos corriam de bocca em bocca, repetiam-se em todos os logares, cantavam-se em todas as choupanas, e substituiam quasi ao evangelho nas crenças populares. O nome de D. Sebastião acudia com magua e saudade aos labios de todos; fôra, é verdade, a causa dos males, mas illuminava-se agora com uma aureola de gloria, porque com elle se misturava a lembrança da independencia passada, da nacionalidade suffocada; a saudade não é mais que um echo das paixões; os sons que repete tomam pelo afastamento alguma coisa de vago, melancholico e ideal, que os torna mais seductores. Era mais possante que a perseguição, o terror, o exilio, o patibulo. Convertera-se em fé, e como a fé foi sempre a mãi dos milagres, porque o povo no delirio do affecto, como criança, crea maravilhas absurdas e portentosas. Do terror nasce a superstição, e a superstição toma o logar de

todos os mais sentimentos. D'estas crenças espalhadas procedeu a ambição, a audacia de alguns miseraveis, que se quizeram dar por D. Sebastião, e convulsionar a sociedade.

Poucos annos haviam decorrido depois da catastrophe de Alcacer-Kibir, quando appareceu um impostor, portuguez de nascimento, filho de um oleiro de Alcobaça, que, em Albuquerque, se foi deixando considerar por D. Sebastião, o encoberto, e ali se escondera para se livrar de perseguições de Fellipe II. Temendo conservar-se em Albuquerque, muito proxima povoação das raias de Hespanhas, transferio-se para Penamacor, onde começou a reunir sequito de gente, formou una corte com dois sujeitos, um que se intitulava o Bispo da Guarda, e o outro Christovam de Tavora, personagens fallecidas, mas estimadas na memoria do povo; passeava publicamente, recebia ovações em sua passagem, presentes valiosos para sua subsistencia e fausto, até que a autoridade, tendo conhecimento do que se passava, prendeu-os, processou-os, condemnou e executou na forca os intitulados Bispo e Christovam Tavora, por considera-los os principaes agentes da impostura, e os que se aproveitavam em seu proveito da imbecilidade do falso D. Sebastião; e em quanto a este, foi apenas sentenciado a servir nas galés por toda a vida, e ahi vegetou até que pode escapar em um naufragio e refugiar-se em França.

Não tardou em apparecer um segundo, denominando-se tambem D. Sebastião. Era mais perspicaz e astuto que o primeiro. Chamava-se Matheus Alvares, nascera na Ilha Terceira, e era filho de um pedreiro. Estabelecido em Ericeira, tinha suas semelhanças phisicas com D. Sebastião, e sabia suas aventuras, imitava seus gestos e sons da voz, e fallava de particularidades da batalha famosa de 1678. Não lhe faltaram adeptos, nem crentes, e nem dinheiros para sustentar seu estado presumido e pagar mercenarios

e guardas, que lhe servissem aos designios. Por toda aquella redondeza espalhou-se o boato de ter apparecido D. Sebastião na Ericeira, e de toda a parte corria gente para reconhece-lo. Muitos volviam a seus lares assegurando ser o proprio rei, que seus olhos haviam revisto.

Em quanto se fortalecia Matheus Alvares na Ericeira, lá tentaram ir as autoridades com força para o prenderem. Resistio valentemente e rechassou-as. Ousou mandar a Lisboa una carta exigindo das autoridades que o reconhecessem como rei, e ameaçando-as de atacar a cidade, caso lhe desobedecessem. Empregou o governo então forças bastantes, e depois de encarniçado e sanguinolento combate, porque elle tinha por si mais de mil componezes e pescadores armados, foi derrotado, preso, arrastado em ferros á capital com muitos dos seus sequazes, passeado pelas ruas e praças publicas, montado em um jumento, e quasi despido de roupas, para que o publico descobrisse perfeitamente a sua impostura. Condemnado á morte, bem como mais dez de seus companheiros, cumpriram todos suas penas á luz clara do sol, e ás vistas de todos os moradores.

Nenhum portuguez ousou mais intitular-se publicamente em Portugal D. Sebastião, posto que as tradições publicas fallam ainda de uma ou outra apparição do rei morto, aqui e ali nas localidades do interior das provincias. No extrangeiro, porém, não foi o exemplo esquecido para interesses loucos ou ambiciosos. Na propria Hespanha, um Gabriel Spinosa, pasteleiro de Madrigal, teve a habilidade ainda de impôr-se como tal, e de illudir por tal forma a princeza D. Anna d'Austria, que vivia em um claustro retirada, e a quem prometteu casamento, logo que fosse reconhecido rei, e cingisse a corôa de Portugal, que lhe pertencia, que ella o recebia no seu mosteiro, conversava horas esquecidas

com elle, presenteava-o com joias, diamantes, e sommas grossas de dinheiro. Mas Fellipe II, apenas lhe ferio os ouvidos a noticia, fê-lo prender, condemnar á morte e executar na forca, não se esquecendo de castigar a credulidade da parenta, rebaixando-a do cargo de abadessa, passando-a como simples monja para outro mosteiro, e obrigando-a a penitencias duras e martyrisadoras até que a morte a aliviou do peso da vida.

Appareceu ainda um quarto D. Sebastião; o calabrez Marco Tullio Calazani quiz representar o papel do rei desapparecido, e mais que os impostores até ali castigados, tinha semelhanças phisicas com D. Sebastião, de modo a illudir os olhos dos que o haviam conhecido. Contava uma historia milagrosa de sua vida. Evadira-se da batalha, atravessara o deserto africano, chegara ao Egypto, e asilara-se em Jerusalem, resolvido á acabar seus dias na penitencia, a fim de expiar o sacrificio e calamidades de sua patria, e a perda de tantos bravos de seus subditos. Fallando-lhe, porém, o coração, pretendera volver a ella e regenera-la, mas em Italia se temera de Fellipe II, e se retirara a Veneza. Correram logo para a formosa cidade dos Doges muitos portuguezes, que andavam expatriados, desde a derrota do Prior do Crato, cujas partes haviam seguido. Alguns affirmavam que era o proprio D. Sebastião, e que se lembrava de todos os incidentes da catastrophe de Alcacer-Kibir. Espalhou-se a noticia pela Europa, e monarchas incumbiram pessoas de confiança de irem a Veneza, e verificarem o estrondoso evento. O rei de Hespanha encarregou seu embaixador em Veneza de exigir da Republica lhe entregasse para castigar aquelle impostor, por isso que D. Sebastião morrera em combate, seu corpo fora trazido a Ceuta, d'ahi transportado para Lisboa, e enterrado com todas as ceremonias officiaes na egreja de Belem

O governo da Republica o fez prender em seus carceres, apezar dos protestos de muitos portuguezes que se achavam em Veneza, e até de governos extrangeiros. Instaurou-lhe um processo para verificação da verdade. Durou bastante tempo, e testemunhas se ouviram, umas attestando ser elle o verdadeiro D. Sebastião, outras accusando-o de impostura. Marco Tullio conservou sempre serenidade e modos magestaticos, affirmando e jurando que era o proprio rei de Portugal. Por fim, a Republica, indecisa a respeito da identidade do preso, mandou-o soltar, mas intimou-lhe que, dentro de outo dias, sahisse para fora dos Estados Venezianos.

Marco Tullio aconselhou-se com os portuguezes, que o acompanhavam, serviam, e respeitavam como seu rei, sobre o que lhe convinha fazer. Opinou-se geralmente que para França devia retirar-se, a esperar os acontecimentos; que lhe era mais favoravel seguir por Leorne na Toscana a embarcar-se para Marselha, do que passar por Allemanha, onde o imperador, alliado do rei de Hespanha lhe poderia causar transtornos, ou pela Lombardia, porque era na epocha possessão hespanhola.

Dirigio-se, portanto, Marco Tullio para Florença a procurar Leorne. Mas o grão duque o fez logo prender, sob requisição do governo hespanhol, entregou-o ás autoridades de Napoles, que pertencia egualmente a Hespanha. Lançado em uma masmorra, instaurou-se-lhe o processo; condemnado ali sómente á pena de galés, porque confessara seu nome de Marco Tullio, e sua nacionalidade de Calabria, foi remettido para Hespanha, com ferros aos pés, algemas nos braços, e escondido no purão de uma galé de guerra.

Soffreu muito em Hespanha, e a novos tribunaes foi submettido, porque formou-se uma tal qual agitação nos

animos que lhe parecia favoravel. Por fim, foi condemnado á morte e executado na forca, com cerca de dez companheiros, e outros muitos suspeitos de seus parciaes destinados a trabalhos forçados perpetuos ou temporarios, segundo a maior ou menor importancia dos cumplices.

Mais decidida e energica foi então crescendo a vigilancia, e rigor do governo hespanhol, porque conhecia que o povo de Portugal, mordido pela saudade da independencia nacional, que o não abandonava, acreditava em maravilhas e milagres, e pelo paiz todo se espalhavam seitas sebastianicas, pensando uns ainda que D. Sebastião era vivo, e a maior parte que devia resuscitar para acudir á patria e quebrar o jugo de Hespanha.

Fellipe II laborava em constantes guerras em França, Flandres e Italia. Depois da morte de sua consorte, a celebre Maria Tudor, rainha de Inglaterra, e a recusa de Izabel de com elle desposar-se, pela antinomia de religiões, contra a nova rainha de Inglaterra, defensora do protestantismo, volveu suas armas egualmente, e entendeu dever invadir a Grã-Bretanha, e derrota-la no seu proprio paiz, como outrora o praticara o conquistador Guilherme, duque de Normandia. Aparelhou uma armada tão numerosa e pujante que foi logo denominada invincivel, porque bastava para derrotar todas as marinhas do mundo. Apezar de se considerar reino separado, não poupou sacrificios a Portugal, já tão prostrado e exanime.

Para a famosa armada teve Portugal de concorrer com seus melhores vasos de guerra, com seus marujos, seus cabos maritimos, e seus armamentos. Lá se afundou a maior parte das naus, aprestos, gente, no seio dos mares, desbaratados e destruidos pelos ventos tempestuosos e furia indomavel das ondas, antes que aportassem ás costas de Inglaterra! Salvou-se a rainha Izabel sem ter que sus-

tentar um combate, e nem de defender-se! E aquelles excellentes navios, que ainda em tempo de D. Sebastião navegavam constantemente entre as Indias e Lisboa, e carregavam exercitos ás conquistas e á Africa. devoraram-nos as ondas da Mancha, em serviço de Castella!

Após este desastre, outros se seguiram. Os Paizes-Baixos e Inglaterra coalharam o oceano de caravellas e embarcações, que formavam frotas, e que começaram a limpa-lo de hespanhoes, cuja inferioridade maritima, depois da perda da invincivel armada, se tornou notoria e visivel. Com a Hespanha confundiram Portugal, com o qual viviam antes em paz; e o commercio portuguez, as possessões ultramarinas portuguezas, as proprias costas europeas do reino, as caravellas portuguezas, se viram expostas aos insultos, depredações, invasões, destroços, conquistas e roubos, tudo por amor de Hespanha!

Os Algarves, Peniche, os Açores, o Brazil, o Cabo da Boa Esperança, as Indias, Molucas, e os dominios asiaticos portuguezes, tornaram-se o theatro de suas correrias, e pagava Portugal o mal que lhes não fizera! Nem o poupavam corsarios moiros da Berberia, que de quando em quando assaltavam suas praias, e carregavam mercadorias, e quantos objectos encontravam, e gente, de ambos os sexos e edades, que levavam para o captiveiro nas terras da Africa. No mar já nem mais pode navegar um navio portuguez, salvo em comboio, acompanhado de vasos de guerra para o defenderem.

Hespanha precisava para suas guerras externas de gente: procedia-se em Portugal a um recrutamento forçado, e as levas atravessavam logo as fronteiras, marchando para o theatro dos acontecimentos. Carecia de navios de guerra: lá se remetiam quantos ainda restavam aos Portuguezes estragar-se em serviço alheio. Queria armamento, quantas mil peças

de artilharia se tiraram dos arsenaes de Lisboa, que se transferiram para Hespanha! Cerca de vinte mil canhões de bronze se depositaram en Sevilha, onde ainda em nossos dias grande parte ali se emcontram com as armas antigas portuguezas gravadas indelevelmente. Foi Portugal ficando despido de armamentos e utencis de guerra, além de se lhe desmantelarem suas praças e fortalezas, e de chamar-se a deliberação do governo em todos os assumptos para um conselho de fidalgos e clero hespanhol que funccionava em Madrid, que Fellipe II convertera em capital das Hespanhas, abandonando Valhadolid e Toledo, que até então se honravam de ser o centro e coração do estado.

Felizmente para Portugal, em quanto elle se esvaia em sangue e via sumir-se-lhe do corpo social toda a vida benefica e vivificante, o colosso hespanhol, imaginado por Fernando e Izabel e elevado á maior grandeza por Carlos V, começava já sob o dominio de Fellipe II, embora accrescentado com o reino de Affonso Henriques, a desmoronarse, mostrando as chagas cancerosas, que o minavam e corroiam até o amago.

Carlos V, desesperado de allucinações que herdara de sua mãi, Joanna a louca, timorato da fortuna que começava a virar-lhe as costas, e negar-lhe os mimos, a ponto de dizer, quando pela primeira vez vencido, que ella favorecia os moços e não queria velhos; Carlos V, que fôra une grande genio de guerra, e cavalheiroso, posto que despotico; Carlos V, que fôra o que fundara em Hespanha o regimen de puro absolutismo regio desprezando convocações de Cortes, calcando aos pés os direitos e foros das communidades, do povo, dos nobres e do proprio clero, deixou de repente o imperio da Allemanha a seu irmão Fernando; e a Fellipe II, seu filho, Hespanha, Napoles, Sicilia, as varias partes da Italia, os Paizes Baixos, Roussillon,

Franco-Condado e Artois, que elle possuia. Retirara-se ao convento de S. Justo, e ali se sepultara para sempre.

Fellipe II recebeu assim em vida do pai o trono e a posse de tantos e tão diversos estados. Ainda que hypocrita, perverso e fanatico, era astuto, perspicaz, e governava, e sabia por si governar, sem que ninguem exercesse influencia sobre elle. Persuadio-se que a grandeza dos seus estados era mais apparente que real, e que só o terror interno e externo lhes podia conservar os membros diversos de que se compunham, e só um absolutismo energico dirigi-lo convenientemente.

Encerrado no tenebroso palacio do Escurial, que edificara como imagem do seu espirito sombrio e cruel, mais convento de dolorosos pensamentos que paço de reis; si o dilaceravam remorsos pungentes pelos seus actos horrendos de barbaridade e perversão de alma, porque tinha de responder ao Eterno Creador do mundo, pelos assassinatos que fizera commetter em personagens importantes de quem se arreciava, como Berghes, Egmont, senão no proprio filho D. Carlos, que encarcerara e sujeitara ao Santo Officio; menos se não commovia de certo, sempre que lhe vinha á mente legar seu reino á um herdeiro inepto como fôra Fellipe III. A casa d'Austria em Hespanha não produzira senão um homem digno de estima por algumas de suas qualidades; fôra Carlos V. Seu pai, Fellipe o bello, não passara de extravagante e tresloucado. Seu filho, Fellipe II, podia-se comparar ao famoso Tiberio pela dissimulaçaõ e perversidade de animo. Seu neto, Fellipe III, devotava-se todo á devoção e aos amores, deixando os favoritos governarem livremente o reino. Seu bisneto Fellipe IV, ainda se collocara mais em baixo em indolencia e em imbecilidade que o proprio Fellipe III. O filho de Fellipe IV, que se denominou Carlos II, e foi o ultimo rei

hespanhol de raça austriaca, tanto cahio que se deixou persuadir pelo seu confessor, o Inquisidor Geral, que tinha-lhe o diabo penetrado o corpo e d'elle se apoderara. Resignou-se a deixar-se exorcisar publicamente, para que o diabo o abandonasse. Surravam-no na egreja com açoutes, que lhe martyrisavam o corpo. Vivia em continuas allucinações e extases. Ora ia visitar o cadaver da esposa; ora encerrava-se em aposentos escuros sem querer admittir pessoa alguma. Mostrava-se digno neto de Fellipe III, que quando o pai lhe apresentou os retratos de tres princezas para que escolhesse para si consorte, envergonhado, e de olhos baixos, respondeu : A que meu pai quizer. —O que não foi razão para que depois de rei não corresse muito atraz de mulheres!

Qual devia ser a sorte de Hespanha com tal serie de monarchas? E monarchas absolutos! Um rei fraco faz fraca a forte gente — dizia o grandiloquo poeta. O governo pessoal póde em uma epocha dada e com um homem de genio, de talentos, de tino e perspicacia, tornar até venturosa uma nação, embora escrava; mas dependendo o governo pessoal dos homens, raros são os de genio ou grandes homens. Onde a acção do soberano absorve todas as responsabilidades, o bem e o mal, a desgraça e a fortuna d'elle dimanam. Mas quando se retira a alma, centro motor dos acontecimentos, o que resulta? As mediocridades dominam, o edificio desconjunta-se, o sistema desaba, porque à tutella desacostuma a nação de procurar vontade propria, e a servidão entorpeee toda a expontaneidade e iniciativa; o terror curva todas as vontades e intelligencias.

Fellipe II governou Portugal com despotismo pesado, mas com hypocrisia; as palavras eram meigas, paternaes, e nunca deixou de prometter regimen paterno e bem-

fazejo; mas os feitos duros, crueis; apregoava, porém, que era para a felicidade do paiz, e que o conservaria e consideraria sempre reino independente. Os favoritos de Fellipe III e de Fellipe IV, não guardaram formulas e nem apparencias de legalidade e de utilidade. O conde duque de Olivares, ministro do ultimo, folgava mesmo de annunciar que seus esforços tendiam a fundir Portugal na Hespanha, converte-lo em provincia, como fôra a Murcia e a Andaluzia, sem se lembrar que estas continham christãos, subditos de Moiros, que libertados voluntaria e alegremente se ligariam a seus irmãos em religião e raça, livres como elles eram; em quanto que Portugal gozara de autonomia, adquirira fama, cobrira-se de gloria, encerrava uma raça de homens serios e christãos como os hespanhoes, estava repleto de reminiscencias grandiosas de uma historia opulenta; como tudo esquecer e perder?

Fellipe II, postrado no leito, de que se não devia mais levantar vivo, chegou a chorar, phenomeno extraordinario em um monstro feroz, posto que civilizado e instruido. Seria o remorso de seus crimes e attentados? Não, porque placidamente respondeu ao cirurgião que estremecia ao sangra-lo: — Temes tirar uma gota de sangue de quem tanto derramou alheio? — Seriam apprehensões sobre o futuro de Hespanha, que ficava entregue a mãos inhabilitadas? Não, porque o egoismo era a feição mais caracteristica de suas qualidades moraes. Não roubara ao filho a consorte que lhe fôra destinada por tratado diplomatico? A hypocrisia refinada não admitte sentimento pelas desgraças alheias, e não eram para elle alheias as dos povos?

É que a providencia divina reservara-lhe nos ultimos momentos as mais pungentes dôres e soffrimentos. Coberto o corpo de pustulas que ardiam e queimavam, elle fizera cobrir as paredes do seu aposento com registros e imagens

beatas de todos os santos e santas do kalendario, com os quaes se apegava supplicando allivio ás dôres que o curtiam; nas ancias do tormento, atirava-se sobre os registros, arrancava-os, beijava-se, e rezando, os espalhava sobre as pernas e o corpo, a cobrir as pustulas, a fim de cura-las! O fanatismo ainda ahi o dominava e não a razão, ao render a alma ao Creador do mundo. Diz um chronista que ao expirar, vio-se pela primeira vez, com espanto geral, rolar-lhe dos olhos uma lagrima pesada que lhe banhara as faces!

É que descortinava o castigo além do sepulchro!

Hespanha começou então a patentear as ulceras e podridões, que lhe escapavam das ligaduras e palmas, que as encobriam.

E Hespanha arrastava a Portugal nas vaias de sua agonia! Era este um corpo que parecia inerte e que entretanto estava apegado áquella, soffrendo e gemendo como o todo agora soffria e gemia. E a nacionalidade portugueza, ha tão pouco tempo, tão brilhante e gloriosa, como todas as coisas do mundo, agora senão de todo extincta, pelo menos eclipsada, sopitada, semimorta; felizmente, porém, restava-lhe ainda um respiro para receber a vida, e voltar á existencia!

IX

A nacionalidade estava apenas sopitada e apparentemente desapparecida durante a dominação hespanhola; não morrera de todo, porque havia ainda corações portuguezes que choravam, esperavam, legavam aos filhos e netos

tradições, saudades, e aspirações á liberdade. Si o jugo extrangeiro continuasse além de sessenta annos, morreria de certo, e Portugal se encorporaria como provincia e parte integrante da monarquia iberica, porque nada ha que resista á força do tempo, que tudo devora no seu curso regular.

Identica era a situação da lingua e da litteratura, e egual seria de certo o seu resultado, quando a nacionalidade se extinguisse; a lingua deixaria de ser cultivada, e pois perderia os caracteristicos de litteraria; succeder-lhe-ia o que succedera á gallega e á catalã, que não progrediram, não marcharam, não se enriqueceram, não se autonomisaram, inevitavel sorte dos idiomas que se não tornam officiaes. Sustentava-se, ostentava ainda sua propriedade e sua opulencia, aperfeiçoava-se com o uso e tracto litterario dos livros e novas publicações, porque ella acompanha, não precede á nacionalidade, e por isso mesmo dura mais tempo que esta, seguindo-lhe os clarões que ainda depois de morta projecta por alguns tempos.

Prova é sufficiente d'esta proposição que muitos autores portuguezes, poetas e prosadores, começaram a dedicar-se ao estudo da lingua castelhana, que se denominara hespanhola, desde que Fernando e Izabel haviam reunido sob seu sceptro as diversas partes independentes da peninsula, e imposto a todos os seus subditos e dominios o emprego de uma só lingua, a castelhana, como unica official. Portuguezes escreveram então egualmente no idioma hespanhol, e com o tempo teria acabado o portuguez, logo que fosse officialmente admittido em Portugal a lingua hespanhola.

Demais para os incitar a preferir o hespanhol ao portuguez bastava a consideração de se ter tornado o castelhano lingua quasi universal pela influencia de Carlos V, e suas grandes conquistas e victorias, de ser então applicada ás

relações das Cortes até extranhas e ás relações diplomaticas. Não cooperaria tambem por sua parte o desanimo dos Portuguezes em recuperar sua liberdade e independencia, começando já a reputar-se hespanhoes ?

Jorge de Montemór, poeta mimoso e agradavel, publicara suas obras em hespanhol, e tornou-se classico da lingua; Manuel de Faria e Sousa escrevia na mesma lingua seus estudos criticos e investigações historicas; Jacinto Freire de Andrade não empregara ao principio outra lingua para suas composições; e D. Francisco Manuel de Mello, além de poesias, comedias, opusculos, libellos politicos, analyses litterarias, em hespanhol escreveu a sua admiravel historia dos tumultos da Catalunha, que ainda os litteratos hespanhoes de nossos dias reputam como digna continuação de Sallustio, pela belleza da phrase, formosura e pureza de estylo, ordem e distribuição do assumpto. O exemplo d'estes escriptores mais illustres era seguido por outros de talentos mais apoucados e modestos, como D. Bernarda de Lacerda, appellidada lisongeiramente por Lope de la Vega decima Musa; Botelho de Moraes, autor do poema Affonso; Miguel da Silva, do Machabeu. Felizmente que outros engenhos se não prestaram a glorias mais extranhas que nacionaes, e perseveraram em cultivar e escrever a lingua portugueza. Pergunto-vos, porém, poder-se-ia esperar vôos altivos na litteratura portugueza, quando parecia sepultada a nacionalidade, e lhe faltava assim a condição indispensavel de uma autonomia propria? Não estragara já o gosto litterario, suffocando-lhe a liberdade de que elle carece para apurar-se, o terrivel tribunal da Inquisição, que tudo e a todos fazia estremecer; a inepcia dos governos portuguezes desde D. João III; a pessima direcção dada aos estudos, á instrucção, á educação da mocidade, que os Jesuitas haviam empregado com geito,

manha e astucia, nas escolas que costeavam, na universidade de Coimbra, que tinham avassallado, e na sua particular de Elvas, expellindo por fim os ultimos professores independentes, com os estatutos reformados por Fellipe II, apenas cingira a corôa este soberano extrangeiro?

Si durante os reinados de D. João III, D. Sebastião e D. Henrique, havia a litteratura perdido quasi a originalidade e inspirações philosophicas, faltando-lhe o espaço e o ar, que elevam o espirito e a alma, porque os muros são escravidão e os campos liberdade, como se desenvolveria sob o jugo extrangeiro? A sua inferioridade não póde deixar de ser visivel, posto que appareceram ainda escriptores primorosos, que occupam logar distincto e importante na historia da litteratura nacional.

A poesia particularmente, que é a expressão dos sentimentos populares, o remedio efficaz para alliviar as dôres e gemidos da multidão, a representação de suas alegrias, o echo das paixões dominantes, a photographia viva e inspirada da sociedade; a poesia particularmente conta, durante os sessenta annos de 1580 á 1640, que se denominam do captiveiro, crescido numero ainda de cultivadores. É que a poesia não morre e nem morrerá. É como a primavera que brilha em suas epochas apropriadas. Para quem sabe ver e sentir basta receber as impressões internas ou externas. É um fogo que póde estar occulto nos elementos. Basta bater a pedra para arrebentar a flamma : basta ouvir o coração, para que ondas de sentimento e poesia se percebam d'elle transbordar.

O idylio, a egloga, a elegia, o genero bucolico com especialidade, tornaram-se queridos do publico, e os fructos mais copiosos dos poetas da epocha. Mas Camões subira tão alto, exaltara com tamanha força os espiritos, sobresahira com tão exquisita sublimidade, que mais o exemplo

de Camões que o dos poetas de outra especie todos desejavam seguir, como si facil fôra remontar-se o talento á altura de genios privilegiados. A aspiração geral era a poesia epica. Torquato Tasso com a Jerusalem libertada collocara-se ao lado de Camões, de Homero, de Virgilio, de Dante.

Não percebiam que nem todos os assumptos se prestam á poesia epica. Além do maravilhoso que os poemas não podem dispensar para que a imaginação alargue seus vôos, e attinja a arroujos inspirados, é mister que o objecto principal seja verdadeiramente heroico, grandioso, sublime.

Tudo o que não fôr isto, póde ser um romance em verso; ainda que formosamente tratado e desenvolvido, nunca será um poema epico. Jeronymo CorteReal escrevera dois d'estes romances, o Cerco de Diú e o naufragio de Sepulveda, esmaltados prodigiosamente de episodios interessantes, scenas agradaveis, versos fluentes, linguagem primorosa, ternura, melancholia, elevação, imagens. Ercilla, em Hespanha, pretendeu em balde levantar á altura de poema epico o famoso assumpto das victorias e conquistas hespanholas na Araucania; sua composição encerra muita poesia, mas não passa de um romance em verso. Boiardo, e com mais genio que todos, Luiz Ariosto, na Italia, a pezar dos esplendidos rasgos de uma imaginação fertilissima e opulentissima, apezar de estylo harmoniossimo, não escreveu um poema epico, sim um poema apenas maravilhoso e fantastico, posto que o fundo seja historico. Não temos tambem um exemplo no seculo XVIII, o do celebre Voltaire publicando sua Henriada? Póde este poema ser considerado outra cousa que não um romance historico em verso? O mesmo Kotzbue escreveu um poema sagrado, não um poema propriamente epico, cantando a Vida milagrosa do Messias.

O genero de romance em verso, embora sobre episodio historico, foi o que mais cultivaram os poetas portuguezes do tempo do captiveiro nacional. Vasco Fernandes Quevedo escreveu o Affonso Africano, Francisco de Sá de Menezes a Malacca conquistada, Gabriel Pereira de Castro a Ulissea, Francisco Rodriguez Lobo o Condestabre de Portugal, Braz de Mascarenhas o Viriato Tragico; d'estes poemas nem um chegou á altura nem da Elegiada de Luiz Pereira Brandão, menos ainda das composições de Jeronymo CorteReal, posto que animados do mesmo sincero patriotismo, que lhes inspirava a saudade da indepencia abafada.

Ha n'elles, todavia, trechos justamente admirados, versificação e metrificação estimaveis, episodios lindos; temse prazer em ler muitos dos seus canticos e estrophes; mas nota-se não só o gosto de Gongora e de Marino que se lhes infiltra nas veias pela influencia hespanhola, accumulando metaphoras extravagantes e empregando trocadilhos de palavras com tal frieza e frouxidade, que expellem o sentimento verdadeiro. As descripções pertencem á natureza visivel, não aos secretos movimentos moraes e do coração. Prestam-se tambem as scenas da natureza visivel a uma certa poesia, mas a verdadeira e grande poesia pro cede antes da alma e do coração. A poesia da natureza assemelha-se á pintura: desenha o olho, não rasga e descubre o olhar; descreve a figura de um objecto, não o seu pensamento interno; representa as sensações, não os sentimentos. É poesia plastica mais de mediocridades e imitadores, que do engenho, da imaginação, do sentimento, d'alma. Os mais bellos objectos exteriores não nos commovem o coração senão quando os contemplamos nas suas relações com o homem; o universo com todas as formas e esplendores pertence ao imperio da imaginação, a atmos-

phera, a terra, os mares, os montes, os rios, os prados, os lagos; mas a imaginação estabeleceu seu santuario no seio dos mysterios impenetraveis da alma humana: assim o exprime Dante Alighieri:

> In tutta parte impera, e quivi regge:
> Quivi è la sua cittade, e l'alto seggio.

Nenhum de vós negará que nada ha no mundo mais esbelto, elegante, formoso, encantador, do que uma mulher; analysemos, porém, nossas impressões: ella deve menos suas seducções á perfeição das formas, á fineza do colorido, ao delicado do rosto, ao fulgor dos olhos, que a mil associações de ideas, que ligam esses dons exteriores á origem de nossa existencia, aos cuidados que rodearam nossa infancia, ás paixões da nossa mocidade, á esperança da nossa velhice, á ternura, vivacidade, e um sem numero de sentimentos naturaes, moraes, sociaes, que nos fallam mais ao coração; e o coração possue olhos mais intelligentes e finos que os olhos phisicos do rosto humano.

Que ha de sentimento n'estes poetas que se compare ao de Luiz Pereira Brandão, ao de CorteReal, ao de Bernardim Ribeiro, ao de Diogo Bernardes? Já não fallo d'aquella soberba mansão onde paira sempre o genio sublimado de Luiz de Camões, proprio para tudo, para o poema heroico, para a elegia, para a canção; proprio para a descripção das scenas do mar, do ruido das tempestades, dos phenomenos da atmosphera, dos gritos, horrores e gemidos do combate, do cantico patriotico, das lagrimas e dôres que resultam das paixões violentas, dos lances dramaticos, da saudade pungente, e da propria miseria e desventura que supporta, derramando imagens em murmurio, melancholia profunda, e tornando do verso uma musica sonorosa e imitativa, que não encontra rival na lingua portugueza.

Cultivava-se no entanto assim uma poesia mais ou menos agradavel, que não exprimia pensamentos senão os da epocha desgraçada, em que as grandes ideas estavam enterradas, e as mediocridades subiam á tona d'agua com o seu sequito de pinturas dos objectos visiveis, porque não podia aprofundar o coração e a alma, cujos brados comprometteriam. Conservava-se egualmente o systema de metrificação mais adaptado á indole e desenvolvimento da lingua, para que ella servisse ainda de vinculo que prendesse as vontades, e suscitasse esperanças no futuro da patria.

Em relação á prosa, a cultivavam todavia ainda alguns espiritos illustrados e selectos, ao lado de outros que já manejavam a lingua extranha.

As sciencias e as artes, antes e mais até que as lettras, é que ficaram prejudicadas. Não se contavam mais sabios abalisados, e nem se publicavam obras selectas, como no tempo de D. Manuel e começos do reinado de D. João III. Onde se deparavam successores de Pedro Nunes, Amador Arraes, Hector Pinto, João Rodrigues de Castello Branco, Diogo Rodrigues Zacuto, Jeronymo Osorio, Pedro Margalho, Antonio Garcia, Garcia da Orta, e outros sabios portuguezes? Não se citava mais um arquitecto, um estatuario, um pintor portuguez digno de nota, quando em Hespanha já brilhavam Velasquez, Zurbaran e Murillo, com um sequito de discipulos, que tornaram tão notavel e gloriosa a escola artistica hespanhola.

Nas chronicas é que ainda fulgurou o talento portuguez, como em campo modesto, onde com alguma liberdade se podesse exercer a penna, sem que as suspeitas politicas e o fanatismo religioso procurassem devassar o sentimento intimo e escondido, para convertê-lo em crime e com rigor castiga-lo.

Deparamos, por essa razão, infinidade de chronistas. Vidas de santos, biographias de nobres e guerreiros, historias de conventos e ordens monasticas, elogios de monarchas, descripção de milagres religiosos, continuação de narrativas de feitos nas conquistas ultramarinas, annaes da patria, exposição de naufragios, tudo lhes servia para organisarem em tela em que repousarem e deleitarem suas aspirações litterarias.

Para que campo de estudos mais se poderiam virar as attenções, quando ás sciencias já se não applicavam e nem serviam? A industria, o commercio, a navegação, os descobrimentos de terras, tudo cessara. A acção seguia-se a reacção, perdas sobre perdas de conquistas, de navios, de riquezas por toda a parte.

Desde que a decadencia de Portugal se escancarou aos olhos do mundo, Hollanda, Inglaterra, França devassaram mares até então só roteados por Portuguezes, e se precipitaram sobre suas posses como presas sem domno. As Indias e Africa foram as primeiras perdas portuguezas, e para ahi deixaram de dirigir os Portuguezes suas vistas. Olharam então para o Brazil, como unica salvação dos que perseguidos no solo europeo pelas tyrannias de Hespanha, precisavam procurar longe, longe da patria, abrigo e refugio.

Não podiam permanecer apegados ao solo portuguez, que nada rendia, porque os dizimos, alcavalas, e toda a especie de tributos, não deixavam um ceitil de saldo do labor quotidiano por mais robusto e productivo. O clero, a nobreza, e agora mais que tudo o governo hespanhol, as autoridades hespanholas, as guarnições hespanholas, não havia seiva que as fartasse, migalhas que lhes bastassem á insaciavel cobiça. Accrescia ainda que o recrutamento continuo, a que os pobres aldeões andavam sujeitos.

e que lhes arrancava filhos, parentes, braços preciosos para o amanho das terras, os obrigava a occultar-se pelas montanhas e desertos, afim de escaparem á sanha dos conquistadores. Para o Brazil começou, pois, então a precipitar-se uma regular emigração, e levantavam-se cidades, povoações, villas aqui e ali dispersas, entrando d'ahi por diante, a colonia até então quasi abandonada, a prosperar.

A maior parte dos livros escriptos n'essa epocha, sendo sobre os assumptos que mencionei, poderiam corresponder-lhe ao gosto, porque a photogravam fielmente; aos tempos posteriores, todavia, não podiam agradar, e d'ahi nasce que a educação entre nós, e a differença dos costumes e ideas, nos levam a despresa-los, sem mesmo querer percorrê-los. Que nos importam vidas de santos, de beatos, de frades, de monjas, de bispos, de abbades? Que nos interessa a historia das intrigas dos mosteiros, a descripção dos seus monumentos, das suas capellas, dos seus cubiculos, das suas salas de jantar? Uma ou outra pagina admiravel de pensamento e de estylo offerece a vida de S. Francisco Xavier, escripta por Lucena, uma ou outra pittoresca pintura de costumes das Indias, que elle sabe primorosamente engastar na sua obra, mas que semsaboria em acompanhar as peregrinações do famoso jesuita, alias o caracter mais bello, honesto, bondadoso, caritativo, enthusiastico religioso, que se póde imaginar!

O escriptor nos não poupa a exposição das suas roupetas de estamenha, da frugalidade da sua nutrição, da mais pequena dôr de cabeça que soffreu o santo, da mais insignificante acção ou palavra que elle praticasse ou dissesse.

Por seu lado, Frey Bernardo de Brito, mestre egualmente da lingua, posto que não tão fluente, mais poeta e imaginoso todavia que Lucena, atordoa-nos a mente com apon-

tamentos miudos da ordem de Cister, elevando apparatosamente á altura de milagres factos os mais comezinhos, por meio de invenções e fabulas, que só a credulidade excessiva admitte. Antonio Brandão, mais veridico e sensato, não possue, com tudo o pincel tão delicado, e sua linguagem nos fastos da monarchia deixa muito a desejar. Francisco de Andrade, e Diogo do Couto, esforçam-se em sustentar mais fidelidade na narrativa dos factos historicos, posto que sem o estylo vigoroso de João de Barros, nem o singelo e agradavel de Diogo do Couto, nem a expressão poetica de Fernão Lopes, nem a sciencia e instrucção vasta e solida de Ruy Gomes de Azurára. Diogo do Couto eleva-se por vezes á verdadeira philosophia, Fernão Mendez torna-se não raro encantador e ameno.

Ora mostra-se Francisco Brandão, qualificador do Santo Officio, delineando em estylo pomposo, mas pobre de ideas, uma enfiada de circumstancias miudas que intromette nas suas chronicas para lhes attrahir o interesse. Manuel Severino de Faria, por seu lado, adopta a critica sem philosophia, mais arte que sciencia. O padre Balthasar Telles, precioso quanto ás noticias que nos dá do Brazil, da cathequisação dos gentios, da influencia dos jesuitas, está abaixo de qualquer apreciação, quer pelo estylo pesado e incorrecto, quer pelos elogios enthusiasticos e exageradissimos que tece á Companhia de Jesus!

Felizmente que ás vezes Francisco Rodriguez Lobo redige e publica dialogos agradaveis e interessantes para encarecer a lingua portugueza, conservar-lhe a pureza, patentear-lhe as bellezas, e supplicar a seus conterraneos a cultivem com esmero, porque ella substitue a patria, e suavisa as dôres do momento : em quanto que uma infinidade de escriptores que se intitulam sagrados não se occupam senão em

cada vez mais firmar as superstições, e conservar o fanatismo da epocha.

No meio, porém, d'essa sociedade corrupta, d'essa degradação de caracteres, d'essa perversão dos animos, d'essa prostação dos espiritos, que suffocaram a nacionalidade portugueza, e ameaçavam estragar sua lingua, sugando-lhe os caracteristicos de originalidade e autonomia; extinguindo sua litteratura, e sumindo-a entre composições despidas quasi de importancia e interesse, eis-nos refulge uma das mais bellas intelligencias, um genio raro por varias qualidades, patriota sempre, e senão o primeiro prosador, pelo menos o mais elegante, terno, mavioso e arrebatador, de que se honram a patria, a lingua e a litteratura.

É seu nome real e de baptismo e de familia Manuel de Sousa Coutinho. É seu nome inscripto na historia Frey Luiz de Sousa. Imaginação primorosa, gosto superior, erudição selecta, tudo reunio Frey Luiz de Sousa para ser justamente considerado o primeiro escriptor da sua epocha, e ainda hoje o mais agradavel e formoso prosador da lingua portugueza!

Nascera en 1555. Alistara-se como oriundo de familia nobre do reino, na ordem e exercito de Malta. Tomara parte em combates como militar valente; cahira prisioneiro de Moiros, em 1577, ainda na manhãn graciosa, pittoresca e poetica dos annos da vida. No captiveiro que supportou em Argel encontrou-se com um companheiro de desventuras, e homem de genio, que nas armas fazia como quasi todos os seus contemporaneos a aprendizagem da guerra. Era o famoso Miguel Cervantes, sublimado escriptor da obra mais original, extravagante, e ao mesmo tempo sublime, *D. Quichote de la Mancha*. Tornaram-se amigos na desgraça e nos grilhões que lhes apertaram os pés como captivos. Restituidos á patria, lembraram-se

sempre um do outro, e em seus escriptos litterarios se citaram e encomiaram. Foi mais afortunado Manuel de Sousa Coutinho, porque de 1579 a 1580 achava-se já resgatado da escravidão pelas ordens religiosas empregadas n'este serviço e á custa de dinheiro, por que se lhe pagou a liberdade, em quanto que Miguel Cervantes ainda permaneceu por alguns annos entre os prisioneiros e captivos dos sectarios de Mahomet.

Dispondo de alguma fortuna e de numerosa e illustre familia, acolheu-se á solidão, estudando, escrevendo versos em portuguez e em latim, ganhando celebridade por seus talentos, e ao mesmo tempo occultando-se aos olhos, e tomando todas as cautelas nas acções e palavras, para não ser perseguido por Hespanhoes, como inimigo do seu governo.

Poucos annos depois casou-se com D. Magdalena de Vilhena, viuva de D. João de Portugal, da mais nobilitada estirpe, e retirou-se a Almada, residindo em uma casa de campo elegantemente preparada e que lhe pertencia de propriedade. Ali vivia tranquillo, feliz, esperançoso nos braços de uma consorte querida, nos mimos de uma filhinha que lhe nascera, no seio de estudos e entretenimentos agradaveis e honestos, quando em 1598 rebentou terrivel peste em Lisboa, e procuraram todos os seus moradores novos sitios e ares para escaparem ao malefico contagio da epidemia.

Os governadores do reino, em nome de Fellipe II de Hespanha, lançaram vistas sobre os arredores da cidade, onde a atmosphera não recebesse miasmas da peste assoladora, e designaram as casas, em que pretendiam estabelecer-se provisoriamente. A de Manuel de Sousa Coutinho foi uma das escolhidas em Almada, e elle intimado por ordem das autoridades a abandona-la, deixando-a com

todos os moveis, utensis e ornamentos para residencia dos governadores.

Uma das qualidades de Manuel de Sousa Coutinho fôra sempre o brio, o acrysolado patriotismo, bem que occulto no peito, porque seria loucura patentea-lo expondo-se a riscos certos. Sobresaltou-se, pois, parecendo-lhe que a preferencia antes recahia sobre o suspeito de adverso ao jugo hespanhol, que assentava na justiça, na razão e na equidade. Representou respeitosamente e com energia que não tinha outra casa para morar, e nem meios de fortuna sufficientes para compensar os prejuizos que lhe resultariam do despejo forçado. Não encontrando favoravel deferimento, exasperou-se a ponto que por suas mãos lançou fogo á casa, e a incendiou com todos os seus pertences. Ha uns versos latinos de Manuel de Sousa Coutinho, pintando este seu feito de nobre força e isenção nada vulgar. Peço-vos licença para repetir pelo menos dois d'elles que provam singular conhecimento do idioma, em que os escrevera :

> Quos flámma absumpsit reddet mihi fama Penates,
> Ponet, et eternam non moritura domum.

Receioso do que commettera, tratou Manuel de Souza Coutinho de evadir-se á vingança e castigo dos governadores. Deixou a familia, e partio ás occultas para Madrid. Tinha ahi amigos e poderosos ; recorreu á sua protecção. O tempo e a distancia diminuiam a gravidade da culpa. A mesma bizarria do seu acto si o não innocentava attenuava-lhe o arrojo. O empenho dos amigos conseguio que elle se conservasse livre em Madrid, e se esquivasse assim ás iras dos governadores de Portugal. Foi então que elle aproveitou o ocio no exilio para pagar sua divida de gratidão á familia, que o auxiliara ; colligio e fez publicar as obras

poeticas de um dos seus membros illustres, Jaime Falcão, que era já fallecido, sem gozar da felicidade de estampa-las em sua vida. Falcão fora sabio estimado, mathematico conhecido, e poeta hespanhol de algum merecimento. Ajuntou ao livro um prologo na lingua castelhana, em que deu conta dos motivos da publicação, analysou as obras, e expoz a biographia do autor, de um modo tão agradavel e com um estylo tão mimoso, que lhe accrescentaram os creditos de litterato e de escriptor correcto em idioma estranho ao de sua patria.

Anciava volver a seus lares, mas os perigos eram ameaçadores. Resolveu, então, por conselhos de um irmão que tinha no Panamá, possessão hespanhola americana, transferir-se para ali por algum tempo, e refazer os meios de fortuna no commercio, en quanto se não considerasse seguro em Portugal.

A sorte, porém, no Panamá, se lhe mostrou esquiva. Cortado de saudades da esposa e da filha, passou-se para Portugal, arriscando-se a calamidades, no correr do anno de 1603. Felizmente parecia todo o passado esquecido, e elle continuou a viver feliz e tranquillo no seio das delicias domesticas, e podia pintar melancholicamente os seus sentimentos, escrevendo os seguintes versos latinos no seu livro da viagem antarctica :

Quin et curarum fluctu contundor acerbo,
Dum procul a patria toto jam dividor orbe,
Et subeunt conjux et natæ dulcis imago.

Não lhe durou a prosperidade muito tempo. O destino disparou sua colera contra a mimosa flor que ainda se formava e preparava para ser o brilhantismo e desvanecimento do prado, e começava já a perfumar os ares com a suavidade de sua fragrancia. Sua filha, Anna de Naronha,

falleceu repentinamente, no meio das lagrimas e prantos do pai estremoso e da mãi amorosa, quando apenas contava cerca de dezeseis annos de edade.

D'ahi por diante modificaram-se o espirito, os pensamentos, os habitos, as tendencias e cuidados de Manuel de Sousa Coutinho. O golpe fatal o assoberbara e aniquilara. O gosto da vida perdeu-se, o amor da consorte, si ainda perdurava, cahio em um desanimo inexplicavel. Não queria mais pertencer ao mundo, não desejava sobreviver á filha querida. Apoderou-se do seu coração uma melancholia funda e aterradora. Por fim tomou uma resolução de accordo com D. Magdalena; no anno de 1613 recolheram-se ambos a conventos, elle ao de Bemfica da ordem de S. Domingos, ella ao do Sacramento. Acabado o tempo do noviciado, elle professou com o nome de Frey Luiz de Sousa; ella, conservado o seu, mudou o appellido de Vilhena para o de Chagas. Morreram assim ambos para o mundo, e no silencio dos claustros, e nos exercicios pios esperaram o momento em que deviam desapparecer na eternidade.

Os novelleiros, romancistas e poetas tomavam conta do acontecimento singular e extraordinario. Doirou-o a imaginação com seus vôos e arroubos, e não tem faltado composições inspiradas para explicar de modo differente, mas poetica e phantasticamente, as causas e motivos da separação dos dois esposos, e de sua segregação completa dos parentes, dos amigos e da sociedade.

Ora conta-se que o primeiro marido de D. Magdalena não morrera nas guerras da Africa, e vivia ainda prisioneiro de Moiros, quando só ao espalhar-se esta ultima noticia em Portugal, D. Magdalena e Luiz de Sousa se assustaram, comprehenderam que não podiam continuar casados, e tomaram a deliberação commum de enterrar-se em conventos, como o tinham praticado. Ás vezes dizia-se que

vivo ainda estava em Jerusalem D. João de Portugal, e communicara por um mensageiro suas novas á esposa, que deixara na patria ao partir para as guerras da Africa. Não faltou mesmo quem o fizesse voltar a Lisboa, e encontrar a mulher com outro já casada, resultando d'ahi as consequencias que levamos descriptas.

O certo é que o facto sae tão fora dos limites do natural, empregna-se de ar tão maravilhoso, e presta-se por forma ao gosto e sabor de novella, que é difficil acreditar-se em quem, depois de escrupulosamente examina-lo e apura-lo, lhe arranca as ficções poeticas, e o reduz a regular exactidão.

Si D. João de Portugal ficou captivo na batalha d'Alcacer-Kibir, á qual acompanhara o desditoso D. Sebastião, ou fugio do campo depois da catastrophe, como foi parar em Jerusalem? Como só deu noticias a sua esposa e familia trinta e cinco annos depois, em 1613? Como, logo que soube que elle estava vivo, a familia o não fez restituir á patria? Quasi toda a fidalguia portugueza prisioneira de Moiros não havia sido retirada do captiveiro nos tres ou quatro annos ao mais tarde depois da desastrada derrota de 1578? Si veio a Portugal o proprio D. João, quem o vio ou dá noticia d'elle? Com que direito D. Magdalena, vivo o marido, dispunha de si, encerrara-se em um convento, com animo logo de professar, segundo dizem todos os escriptos da epocha?

O que me parece mais razoavel e verdadeiro é que a morte da filha impressionou por tal forma a Manuel de Sousa, que cansado e desenganado do mundo e de suas esperanças, e inclinado á vida espiritual e devota, teve forças para fazer adoptar pela esposa a idea da separação de ambos, e de preparativos para a eternidade. Não era isto novo em Portugal; exemplos não faltavam, e as chro-

nicas monasticas muitos apontam, e entre elles o então ainda fresco na lembrança de todos, de D. Luiz de Portugal e sua consorte D. Joanna de Mendonça, que se separaram na vida e tomaram habitos religiosos em conventos que escolheram. Os costumes e sentimentos da epocha favorecem esta conjectura.

No mosteiro á que se acolhera, e onde viveu ainda dezenove annos, deviam ao certo apunhar saudades a Frey Luiz de Sousa. A da filha morta seria mais pungente que a da esposa que deixara? Entretanto, em suas obras, em seus escriptos, nas memorias que d'elle traçam os seus contemporaneos, uma só palavra não disse a respeito, uma só vez não repetio seus nomes, em uma só occasião, nem na maior intimidade, deixou escapar uma lembrança, uma saudade! Desde a separação, nunca mais se viram, nem se escreveram, nem se communicaram os dois consortes desventurados!

Poderiam objectos tão queridos apagar-se da memoria de Luiz de Sousa? Não tinha elle um coração tão brando e terno, como seu proprio estylo litterario? Temeria, acolhido ao porto do descanso, escandalisar o mundo, dando-lhe a entender ou que se repartia com o seculo, ou tornava com leviandade ao que deixara? D. Magdalena falleceu onze annos antes de Luiz de Sousa, e nem mesmo depois da sua morte, ao antigo cavalheiro de Malta, ao marido enamorado, salta uma saudade, uma palavra a respeito da amavel e querida companheira de suas dôres e de suas felicidades, no mundo! Nota-se, todavia, que referindo-se elle na sua chronica á historia do convento do Sacramento, que pertencia egualmente á ordem dominica, seu estylo toma uma côr mais suave, si é possivel, um tom mimoso e sentidissimo, desculpando-se de não ser mais longo com a modestia das religiosas que o habitam.

« Si tiveramos licença para fazer especificada relação,
» crescera este ultimo livro em volume e juntamente em
» preço e grande estima. Mas as madres do mosteiro do
» Sacramento tomam por timbre de humildade ou brio
» santo, não consentirem que se publiquem nem suas
» acções meritorias, nem suas virtudes domesticas. »

Não seria a voz do coração que não estava ainda morto, que tentava esconder-se, sendo portanto mais uma mortificação que elle expiava? Não explicam essas phrases calculadamente escriptas que as cicatrizes mal cerradas, ou ainda abertas, vertiam sangue?

No convento de Bemfica resolveu Luiz de Sousa escrever as tres obras historicas, que possuimos; não o inspirou a expontaneidade do genio; obedeceu ás ordens do seu geral, que em bem da sua ordem monastica quiz que Luiz de Souza relatasse a historia do convento de S. Domingos; que para servir aos interesses da religião impoz-lhe o trabalho de rever e corrigir os materiaes que deixara Frey Luiz de Cocegas a respeito da biographia de D. Bartholomeu dos Martyres, arcebispo de Braga; e emfim para agradar a El-Rei de Hespanha que lhe determinara escolhesse sujeito da sua ordem habilitado para redigir os Annaes do reinado de D. João III, insinuou a Luiz de Souza que lhe cumpria egualmente occupar-se d'esta tarefa, fazendo escolha na sua pessoa. São estas as tres composições de Luiz de Souza, que lhe grangearam a fama de grande escriptor da lingua portugueza.

Não trepido no juizo sobre o merecimento das tres obras. Eguaes são no estylo, eguaes como productos esmerados de um grande e primoroso artista. Superior, porém, é no assumpto e na importancia civil e politica, a Historia de D. João III, e por esta mesma consideração, pelo maior interesse que excita, pelas scenas e guerras que descreve,

pelos quadros do valor portuguez, narrativa dos feitos heroicos, parece-me brilhar com estylo ainda mais formoso na primeira parte, que Frey Luiz de Sousa deixou terminada, porque a segunda carecia ainda de ser correcta, polida e aperfeiçoada pelo autor, como elle sabia magistralmente desempenhar.

É uma chronica de convento, um serie de historias de frades, a obra sobre a ordem de S. Domingos; narram-se ali milagres, que parecem ridiculos; não se pintam homens, descrevem-se os frades como santos, representam-se como anjos. Não é um corpo de historia, é antes um panegyrico da ordem monastica; mas que paginas admiraveis no meio de narrativas sem interesse hoje para nós, filhos do seculo XIX! Que differença de todos os anteriores e posteriores chronistas! Como sabe Luiz de Sousa prender a attenção, attrahir o interesse, conservar accesa a curiosidade do leitor, desdobrando descripções soberbas de sitios e de monumentos com tanta suavidade, elegancia, brandura, harmonia de estylo, que extasia e encanta! Pegai a pagina em que se vos esboça em traços delicados o convento de Bemfica; que comparações tão geitosamente ajustadas, que metaphoras tão bem apropriadas, que imagens tão delicadas e primorosas? Os ornatos e elegancias não faltam nem sobejam; as sentenças correm a proposito; posto que as não gaste em vão; cahem sem estudo apparente, tornando-se pela desaffectação e naturalidade mais vigorosas e efficazes.

Depois de narrar o ar frio e desabrigado no inverno, que se sente em uns dos torreões do edificio, diz Luiz de Souza:

« Paga-se este mal com algumas commodidades no
» restante do anno, que são viver-se n'elle sem se sentir
» calor na maior força do estio; e não tendo mais que tres

» graus de subida da parte do edificio antigo e da egreja,
» fica em tanta altura que descobre, goza e senhoreia todo
» o valle em roda; e como cortou pelo bosque e pomares,
» deleita-se a vista na frescura, o olfato no cheiro dos laran-
» jaes, o ouvido no canto das aves, que ficam tão visinhas,
» que ás vezes se afigura serem hospedes os rouxinões, ou
» quererem fazer officio de espectadores com os religiosos
» para os louvores divinos. »

Passai mais adiante, e extasiai-vos com o esplendido panorama de Santarem, que se destaca de uma chronica de frades, como das paredes de uma sala de mosteiro pende um quadro de Raphael ou de Murillo, que vos conserva suspensos e atonitos perante bellezas que quasi se diriam maravilhas!

Que prazer vos não arrebata, percorrendo com os olhos as paginas da vida de Bartholomeu dos Martyres, que pintam a egreja da Batalha? Que sensação deliciosa e perfumado sentimento não derrama a narração da visita do arcebispo ás terras de Barroso, no meio do espectaculo d'aquelle povo rude, innocente, e tão singelo, que se diria selvagem? E aquella aventura do pastorinho, onde ha tanta doçura, suavidade tão amoravel de affectos; onde todas as palavras e phrases são tão bem distribuidas e harmoniosamente collocadas, que se não póde tirar melhor partido da lingua mais opulenta? Dir-se-ia verso a sua prosa pelos periodos harmoniosos que animam e vivificam as scenas que relata; toca o ideal com tal delicadeza que as realidades sem desapparecerem como que se transfiguram na maviosidade da phrase, que dá realce á expressão dos pensamentos. O arcebispo é desenhado e colorido como prelado, como homem; vê-se, retrata-se, conhece-se, falla, commove, como Ticiano sabia na tela apparecer as figuras, como no marmore Miguel Angelo Buonarroti as

gravava e cinzelava para passarem á eternidade. Que sublimidade até na viagem que faz o arcebispo á casa de Montserrate e á Saragossa, e no encontro que teve com Fellipe II ?

Não presteis attenção aos milagres, ao maravilhoso de uma chronica de frades, de uma vida de santo; admirai, porém, a poesia, a elegancia, a eloquencia, em que o mimoso prosador espraia seu genio, tratando de assumptos tão alheios aos costumes e tendencias de hoje : e reconhecereis que lhe não valem em encantos muitas das mais encarecidas novellas.

Deixando de parte a Historia do convento de S. Domingos, e a Vida de Bartholomeu dos Martyres, detenhamo-nos por um pouco nos Annaes de D. João III, a cuja segunda parte roubou a morte ao autor a ultima lima, mas assim mesmo monumento grandioso que á gloria da lingua e da litteratura portugueza levantou o eminente escriptor, que não conhece quem o exceda em linguagem agradavel, elegante, ingenua, energica, pura, natural, despretenciosa e por vezes sublime.

Aqui os horizontes se alargam, os assumptos são mais grandiosos, as acções mais interessantes, e então o instrumento que emprega parece que sabe comprehender a altura á que deve remontar-se, e o seu estylo, o seu methodo, a sua sciencia de narração, manifestam-se com mais garbo, galhardia e pompa, sem perderem todavia as inefaveis delicias de uma ingenuidade, singeleza, affectuosidade e harmonia, que eram suas admiraveis qualidades.

Não se publicaram os Annaes em seu tempo; até nossos dias não apparecia o manuscripto, e fallavam os criticos de ouvida e referencia particular e alheia. Descobertos, ha annos, foram immediatamente impressos, e elles são

o testemunho mais concludente do quanto era o genio primoroso de Frey Luiz de Souza.

A primeira parte está completa. A segunda necessitava de correcções e lima do autor, que não viveu bastante para aperfeiçoa-la. No meio, porém, de sombras que a cobrem, de faltas que se lhe notam, de particularidades e modificações que lhe faltam, observa-se n'esta parte o debastar firme do mestre, o pensamento grandioso e patriotico de Luiz de Sousa. Assemelha-se a essas estatuas inacabadas do tumulo dos Medicis, em Florença, nas quaes se admira todavia o palpar dos membros, o lançar das roupas, o avultar do rosto, o rasgar dos olhos, faltando-lhes apenas os derradeiros traços do cinzel que hão de dar suavidade, graças e perfeição á obra, necessitando quasi que só do ultimo halito, que lhe imprime o artifice, e com que elevando-se ao creador do universo, diz-lhe : Vive !

A excellencia e perfeição da primeira parte não se podem contestar. Tudo ali se prende, alteza de pensamentos, methodo de distribuição e narrativa, sentenças apropriadas, erudição selecta, e uma linguagem, como raras vezes se encontra nos livros. Xenophonte talvez unico dos historiadores o egualasse na maviosidade e ternura dos affectos, na precisão ornada e elegante da phrase, na pureza e propriedade dos vocabulos. É para mim o prosador mais agradavel e delicioso da lingua portugueza. Não chega talvez á correcção classica e maestria de Antonio Vieira, mas não pecca tambem por tantos trocadillos e quantidade excessiva de metaphoras arrojadas, que o famoso pregador emprega para affeiçoar-se ao gosto da sua epocha. Seu assumpto não exalta o espirito como o de João de Barros, mas sua linguagem, donaires e formusura de estylo, mais prendem e encantam, mais interessam e enternecem.

Sob a estamenha do monge palpita ainda fortemente o coração do cavalheiro poeta, e sempre que trata das guerras e terras da Africa, ahi seu genio se patenteia com todo o mimo e esplendor; é que ali combatera o soldado; é que ali fôra prisioneiro; é que ali supportara os ferros do captivo; é que ali o prendem recordações dos primeiros annos da mocidade, que são os que se imprimem mais fundamente no animo; é que ali luzio com a ultima flamma o astro do nobre e desinteressado valor portuguez, convertido na Asia em cobiça sanguinaria de mercadores; é que ali morreram as glorias mais puras da patria.

E apezar dos esforços que emprega para ainda pintar o seu paiz no auge da grandeza e prosperidade durante o reinado de D. João III, não occulta as chagas moraes que o corroem, antes descortina o cemiterio de lentejoulas e podridão de uma epocha, onde apenas se viam surgir como monumento santo de antigas tradições os muros ennegrecidos de Alcazar, Tangere e Alzira!

Como melancholicamente descreve a fome, a peste e os terramotos que assolaram Lisboa e quasi todo o reino portuguez, no anno de 1522, esboçando scenas patheticas e interessantes, e servindo-lhe a lingua como musica imitativa para exprimir a dôr, o sentimento e a paixão? Com que elevação e energia pinta a victoria dos Portuguezes na defeza de Mazagão? Que combinação exquisita e apropriada de côres orna o painel da tomada de Ceuta por D. João I?

Relativamente á fome, assim se exprime:

« Padecia n'este tempo o reino de Portugal calamitoso
» aperto de fome. Crescia a falta gastando e comendo o povo
» o pouco pão que havia. Castella não podia ajudar, porque
» a esterilidade do anno de 1521 fôra egual n'ella. De França
» nada vinha, respeito das guerras em que os nacionaes

» laboravam. Os pobres do reino acudiam todos á Lisboa,
» arrastando comsigo suas tristes familias persuadidas da
» força da necessidade que poderiam achar remedio onde
» estavam o rei e os grandes. Mas aconteciam casos lasti-
» mosos. Muitos cahiam e ficavam mortos e sem sepultura
» pelos caminhos, de fracos e desalentados. Os que chegaram
» a Lisboa pareciam desenterrados, pallidos nos semblantes,
» debeis e sem forças nos membros. Dinheiro não aceitavam
» de esmola, porque não achavam que comprar com elle.
» Só pão queriam, e este não havia quem o desse. »

Notai agora como começa o assalto de Ceuta, emprehendido pelo Mestre de Aviz :

« Amanheceu o dia 21, — escreve Luiz de Sousa, —
» mais claro e formoso, ao parecer de todos, e mais quieto
» do costumado. Metteu-se El-Rei em uma fusta, vestido de
» uma cota de armas, rosto e cabeça descoberta; dava sua
» boa sombra e alegria certos signaes de victoria. Correu á
» armada, deu suas ordens aos capitães, e advertio cada um
» do que havia de fazer, com palavras que em todos infun-
» diam esforço e confiança. Foi o primeiro a saltar em terra
» o infante D. Henrique, e junto com elle o principe D. Duarte,
» seu irmão. Apertam as espadas, e apellidando S. Jorge e
» a victoria, dão rijamente sobre elles, e fazem-nos apinhar
» todos sobre as portas da cidade. Aqui houve muitas mortes,
» resistindo alguns moiros com grande valor, e procurando
» outros ser primeiros a entrar e salvar-se dentro dos muros.
» Foi grande o aperto, grande a grita, e tal a matança que
» era tudo cheio de corpos despedaçados, e corriam rios de
» sangue; por muito que os defensores trabalhavam, nem
» poderam cerrar as portas, nem tolher entrarem os nossos
» de volta com elles. »

A descripção do Brazil é concisa, mas ornada sempre como costumava Luiz de Sousa escrever :

« É a terra por tôda a parte fresquissima de arvore-
» dos, abundante de mantimentos, talhada de muitos rios
» de aguas excellentes, e alguns d'elles tão grandes que são
» navegaveis muito numero de leguas, começando de sua
» foz. As serras criam esmeraldas, amatistas, cristaes e ouro;
» o matto riquisssimo de fructos e hervas medicinaes; o mar
» sobre notavel abundancia de bons pescados lança pela
» praia muito ambar; e o clima todo de ares benignos e
» salutiferos. »

Ao começar a segunda parte dos **Annaes**, cômo enternece quando diz :

« Entrado no inverno da vida que é a velhice e
» enfermidades que a acompanham a quem vai já fazendo
» numero de annos sobre setenta, chegamos á segunda
» parte da vida d'El-Rei D. João III. Poderoso é o senhor
» que nos permittio contar tantos annos ainda que tristes e
» trabalhados, quando vemos muitos moços robustos e fortes
» estalar como vidro na flor da edade; e conservar-nos
» n'esta vida até desempenharmos a obrigação de escrever
» esta historia. Dias alcyonios têm ordinariamente o mais
» esquivo inverno e não ha tão velho que não possa viver
» mais um anno. Si Deus fôr servido dilatar o chamamento
» que já por muitas maneiras nos soa aos ouvidos, e quasi
» o temos á porta, brevemente daremos fim ao que resta do
» governo de nosso bom rei, porque os materiaes que para
» o edificio tem de servir, estão juntos e a vontade prompta
» para os empregar, sem perdoar ao trabalho, e nem dar
» ferias á pena. »

Não posso finalisar esta conferencia sem que realise o desejo que me assalta de ler-vos um trecho admiravel, que prova a modestia do eminente escriptor. Já vos declarei que a chronica de S. Domingos lhe fôra incumbida sobre uma composição identica de Frey Luiz de Cocegas, que a

ordem Dominicana, composta de talentos notaveis e de homens de profundo saber, não considerava completa, e nem desenvolvida com gosto e elegancia. Frey Luiz de Sousa não se attribue merito que não fosse pôr em ordem e reforma-la, porque dizia elle havia materiaes para edificar, carecia-se apenas de alvener e architecto que traçasse e levantasse a obra.

« Serviram-me os seus caminhos, — accrescenta Luiz » de Souza, — para eu poder escrever, assentado o es- » pirito e escondido no canto da cella. Si elle não fôra o » primeiro no merecimento de trabalhar, não pudera eu » ser o segundo no de escrever. »

E entretanto as chronicas fradescas do tempo declaram que as memorias deixadas por Luiz de Cocegas não passavam de massas indigestas, confusas, embrulhadas e informes, e que só o talento subido de Luiz de Sousa seria capaz de desbastar o cahos, dar alma, luz e claridade a um edificio que sobre ellas fosse levantado!

Eis ahi o escriptor, primeiro entre tantos, que ainda brilharam n'essa epocha de prostração em que se estorcia a nação portugueza. Ainda primeiro como prosador, comparado com os seus antecessores; ainda primeiro como prosador, contrastado com os seus posteros. Quem quizer extasiar-se diante da mais formosa linguagem; quem pretender admirar os thesoiros do idioma portuguez; quem se resolver a apreciar o que são gosto, graça, doçura, elegancia, affectos enternecidos, eloquencia, energia, sublimidade da arte de escrever, leia as obras de Luiz de Sousa; não se importe com o assumpto de algumas, que se dedicam a desenhar conventos, referir vidas de frades, narrar milagres; são coisas e ideas da epocha, fanatisada, supersticiosa, e acurvada ao jugo extrangeiro, sem que ao menos na noite escura do futuro lhe luzisse uma luz,

um raio de esperança, de salvação. Não raro cahe o insigne escriptor nos defeitos e erros do tempo; une-se, prende-se, e liga-se á sua ordem monastica, adoptando as suas tendencias e acompanhando-a nos seus habitos e tradições. Mas no seio d'essas sombras, quantos horisontes encantadores, que exaltam e extasiam, quantas riquezas de uma aprimorada intelligencia, de um gosto selecto, de um estylo sem rival

X

Rapido se mostrava o movimento que impellia Hespanha para sua decadencia; Fellipe II, apezar de seu vasto imperio, esmagara os brios da nação, curvara-a ao jugo das superstições, e preparara-lhe os desastres e ruinas. Governos de favoritos durante os reinados de Fellipe III e Fellipe IV pareciam apostados em lhe apressarem a marcha fatal.

Na politica externa faltava-lhes influencia e credito, que dão o prestigio das armas e a autoridade da diplomacia.

Na administração interna eram tantos os erros que perseverava a luta sangrente nos Paizes-Baixos, Catalunha se mostrava exasperada, Napoles e Sicilia ousavam patentear descontentamentos, e Portugal, ainda que mais que todos prostrado, agitava-se todavia de raiva, e ás vezes se devia receiar que ousasse preferir a morte á ignominiosa existencia que arrastava. Como podiam esses

estádos, posto que declarados autonomos de nome, carregar com pesadississimos tributos decretados em Madrid, e que lhes negavam toda a vida? Prestar homens para guerras, em que não tinham interesse, e nem os bons resultados lhes aproveitavam? Ver calcados aos pés a todos os momentos, sem se lhes admittir queixas, e nem reclamações, seus brios, seus privilegios, seus foros?

Relativamente ás instituições privadas, com a Inquisição mais que nunca poderosa, violenta e sanguinaria; com os Jesuitas influindo em toda a governação do estado; com um clero corroido dos principios e maximas mais ultramontanas, não podia egualmente deixar de resentir-se o caracter nacional; modificarem-se os costumes e tendencias dos animos, e tornar-se o hespanhol inimigo de tudo o que apparecesse de luz nova, que raiasse no extrangeiro, e contrario á salvação de sua alma na outra vida, como elle a comprehendia, mais que a seus interesses na terra.

Não o animava, portanto, o enthusiasmo de outrora pela gloria e generosos brios que lhe desenvolviam o espirito cavalheresco e o cobriam de fama e respeito geral. Não gozava mais de immunidades privadas e direitos politicos, que possuira antes do governo de Fernando e Izabel, e ainda sob o dominio d'esta rainha, que obrigava não raro o marido a respeita-los, direitos e immunidades, que Carlos V esmagara depois em Toledo, e Fellipe II extinguira em Saragossa. Era, agora, o devoto, o fanatico religioso, o crente de milagres de santos, o admirador dos autos de fé, que só se extasiava diante de ceremonias de egreja, da propagação do catholicismo, e das perseguições e assassinatos de quantos não mostravam pelo menos exteriormente uma pureza e orthodoxia do culto, como as exigia a Santa Curia de Roma, ou os seus representantes espirituaes em Hespanha.

Uma louca e nova guerra emprehendida contra França

en 1631 chamou os cuidados do governo de Fellipe IV para as fronteiras dos Pyreneos, e as forças de Hespanha accrescentadas com o que produziram os recrutamentos forçados em Portugal, Napoles, Sicilia, Catalunha e outras partes da monarchia, foram enviadas a guarnecer-lhe os limites e resistir e combater os Francezes, ao passo que novos tributos para sustentar o exercito se exigiram de todos quantos andavam sujeitos ao jugo castelhano.

A cidade de Evora em Portugal já antes por causa de impostos dera rebates de descontentamento e desespero convulsionando-se. A plebe destituira autoridades, queimara archivos, perseguira os empregados hespanhões, e invocara o auxilio do clero e da nobreza para que lhe adherissem á causa. A noticia dos alvorotos de Evora contaminou o Algarve e a maior parte do Alemtejo. Os nobres e o clero estremeceram e tornaram-se neutraes, posto que conservando relações e correspondencias com o governo hespanhol de Lisboa, e com o conde duque de Olivares, favorito e ministro principal de Fellipe IV em Madrid. O Duque de Bragança encarregou amigos na capital da Hespanha, e nomeadamente D. Francisco Manuel de Mello, militar portuguez ali conceituado, para lhe explicarem o procedimento e intenções perante o governo hespanhol, do qual o Duque de Bragança se manifestava sempre leal e submisso subdito.

Empregara o governo hespanhol ao principio algumas forças militares, que não alcançaram seu fim de suffocar os disturbios : faltando-lhe soldados para vencer logo pelas armas, julgou conveniente servir-se dos meios suasorios, enviando fidalgos e clerigos respeitaveis para trazerem os populares á ordem e sujeição devida. Nada conseguindo ainda, foi-lhe por fim necessario fazer tirar dos Pyreneos e marchar para os sitios insurgidos tropas sufficientes, ás

quaes os populares de Evora não resistiram, por terem perdido tempo e esperanças de estender o movimento a todo o reino portuguez e de levanta-lo como um só homem contra o jugo extrangeiro que tão dura e escandalosamente o opprimia.

Devastações, sangue, execuções militares, todos os horrores que soem praticar invasores victoriosos e soldadesca desenfreada, foram commettidos com desembaraço, e o Alemtejo e o Algarve supportaram as mais atrozes vindictas.

Nada valeu, porém, o triumpho do governo hespanhol, antes prejudicou-o, porque os Portuguezes reconheceram a fraqueza de Castella com as demoras, delongas e difficuldades, que encontrava para domar tão pequeno movimento.

Logo que foram retiradas do paiz as tropas invasoras para voltarem de novo ao exercito destinado a guerrear contra França, o movimento revolucionario se derramou em Portugal, não já em um ou outro ponto, mas em todas as partes do solo, e agora mais regularisado e calculado.

Em quanto assim Hespanha se estorcia em perigos, combatendo França e Paixes-Baixos, revoltou Masanielo os povos de Napoles, e a Sicilia seguio-lhe o exemplo. A Catalunha, cansada por seu lado de soffrer insultos e agressões de soldados hespanhões, que commettiam toda a especie de depredações e desacatos em sua provincia, levantou-se egualmente, e expulsou de seu seio as tropas castelhanas.

Enredou-se portanto mais o governo de Madrid com o movimento dos Catalães, que trataram logo de abrir relações com França e pedir-lhe auxilios, ameaçando emancipar-se e reconhecer o rei de França como conde soberano de Barcelona. Fôra avisado e previdente o conde duque de Olivares, e trataria de conciliar e affeiçoar as outras partes

do estado, para lhe não dividirem mais os cuidados com analogos procedimentos, a que de certo as excitaria o contagio propagado. Em vez, porém, de moderar e modificar seu sistema politico, desenvolveu-o com maior força e tenacidade. Exigio de Portugal subsidios forçados de toda a natureza. Impoz de novo sobre todas as industrias e classes; sobrecarregou com exhorbitantes tributos o clero, os conventos, as congregações religiosas, irmandades, ordens militares, abbadias; não poupou o producto do solo, os objectos necessarios á sustentação do povo, o rendimento da casa e do solar, quer nas cidades quer nos campos, emfim a agua que se gastava e que se bebia; mandou proceder a novos e rigororissimos recrutamentos de toda a gente valida, capaz de pegar em armas, e enrolar-se no exercito, quer como soldados quer como serventes. Transmittio a todos os cavalheiros e nobres ordens terminantes para deixarem a patria, prestar-se em Hespanha ao serviço militar, e levar comsigo os seus adherentes.

Tudo foi então clamor em Portugal. Não era sómente o povo miudo, a classe media, a dos lettrados, que sempre se haviam manifestado adversos a Hespanha, guardando no intimo dos peitos o odio contra o dominio extrangeiro, e as saudades constantamente vivas e plangentes da nacionalidade sopitada: os nobres, o clero, as ordens religiosas, os proprios Jesuitas, uniram-se emfim em um só côro, em um pensamento unico. Aspiraram todos a salvar-se do jugo, ou a acabar de uma vez para sempre.

Começaram os pulpitos a resoar com vozes patrioticas; seguiram-se excitações e animações nos proprios confessionarios; mil pequenos escriptos e opusculos se espalharam, lembrando o glorioso passado, estigmatisando a falta de coragem de Portuguezes degenerados, lançando profecias de um grandioso futuro, quando os braços se mos-

trassem audaciosos e valentes. Visões publicadas em verso e prosa inundaram as cidades e os campos no intuito de despertar o enthusiasmo. Liam-se por toda a parte as profecias do poeta Bandarra que prediziam mudanças graves nos horisontes politicos. Os Jesuitas particularmente renovavam a seita dos Sebastianistas, não com a esperança e fé na resurreição ou volta do temerario rei, victima em Alcacer-Kibir, mas de um novo monarcha, nacional e patriota, que a todos se afigurava ser o Duque de Bragança.

Por seu lado os fidalgos, maltratados pelo poderoso favorito, o conde duque de Olivares, pobres e já reduzidos de meios para se sustentarem, e assim mesmo obrigados a tributos novos e pesados, que não podiam satisfazer; chamados para tomarem armas na guerra de Catalunha, em serviço de Hespanha, e portanto arrancados da patria, da familia, da administração dos bens de suas casas; não trepidaram em expôr-se egualmente aos maiores riscos, e entrarem em conspirações para libertarem a patria, aproveitadas as circumstancias melindrosas e fracas de Hespanha.

Incumbiram-se alguns de procurarem o Duque de Bragança, recolhido em solidão rigorosa aos seus paços de Villa-Viçosa, para lhe offerecerem a corôa, e lhe lograrem o auxilio e a connivencia. Mas o Duque de Bragança preferia o ocio, e o gozo de sua enorme fortuna, aos perigos de uma revolução contra Hespanha. Prudente e egoista, já abandonara os populares no levantamento do Algarve e do Alemtejo; como se não recusaria a tentativas que lhe não pareciam auspiciosas ? Ahi estava a difficuldade maior que encontravam os projectos dos conspiradores. Como arrancar dos seus habitos de caçadas e saraus musicaes, o homem mais reservado e timorato de novidades e azares, que lhe

poderia acarretar prejuizos em bens da fortuna, perturbar a tranquillidade do espirito, e arriscar a pessoa e a vida?

Favoreceu-os, porém, uma circumstancia devida ao orgulho e acanhado tino politico do conde duque de Olivares. Insistindo Olivares nas ordens para que os fidalgos portuguezes se encorporassem no exercito destinado a suffocar a revolta da Catalunha, sob as mais rigorosas penas, quando desobedecessem, e comprehendendo-se entre elles o Duque de Bragança, intimou-o para que abandonasse seus solares, e se apresentasse em prazo fatal em Madrid, a fim de servir egualmente na defensa de Hespanha.

Percebeu, então, o Duque de Bragança que ou devia condemnar-se ao exilio, e quiçá a perseguições em paizes estranhos, ou expôr-se com os Portuguezes á luta que estes intentavam para restituirem a autonomia ao reino e recuperarem sua liberdade perdida. É da tradição do povo que a Duqueza, posto que hespanhola, e da familia de Medina-Sidonia, inspirada pela ambição de ser rainha, que no sexo feminino é mais deslumbrante e seductora, instigara o esposo a ponto de mudar-lhe o animo timorato, e lança-lo nos azares da revolução!

Certos então os nobres conspiradores de que o Duque os acompanharia, e por tanto que apresentavam rei nacional e legitimo á nação para lhe excitar o enthusiasmo, e anima-la a tomar as armas em favor da empreza, commetteram em Lisboa o movimento de 1° de Dezembre de 1640, proclamando a independencia de Portugal, deitando por terra as autoridades hespanholas, levantando a bandeira nacional em todas as fortalezas e monumentos, e aclamando rei o Duque de Bragança, com o nome de D. João IV.

Echo geral no paiz encontrou a revolução, e em poucos dias, tudo o que era solo portuguez reconheceu seu rei, e os povos correram a defendê-lo. As colonias que ainda

restavam a Portugal, subordinaram-se immediatamente ao novo governo; o Brazil, na parte não occupada pelos Hollandezes, os restos das Indias e da Africa, e as ilhas do Oceano.

Maiores difficuldades appareceram depois que se executara o feito glorioso, bem que sob os mais favoraveis auspicios. Posto que em Portugal, no momento da revolução não houvessem tropas hespanholas, por seu lado não dispunha elle de exercito, nem de marinha, não tinha armas e nem munições de guerra. Exhauridos os cofres publicos, as praças de guerra demanteladas, as fronteiras abertas á invasão. Era urgente tudo crear, pois que bastava á Hespanha mover uma parte do seu exercito empregado em Catalunha, e lança-lo sobre as provincias portuguezas, para curvar de novo forças improvisadas e indisciplinadas, como as que D. João IV preparava em sua sustentação.

Felizmente para Portugal, Hespanha estava governada pelo conde duque de Olivares, que em vez de providenciar conveniente e energicamente, zombou do movimento verificado, e persuadio-se que o suffocaria como praticara em Evora e Alemtejo. Deu até parabens a Fellipe IV ao referir-lhe a nova, asseverando-lhe que se acabaria agora de uma vez a pretensão dos Portuguezes de formar reino separado, e se encorporaria o seu territorio na monarquia iberica, de modo a estabelecer-se d'ahi por diante inteira unidade e egualdade de leis, costumes, tendencias, governo e lingua entre todos os povos das Hespanhas.

Quasi não aggredio o levantamento; mais correrias e escaramuças que combates se iniciaram por muito tempo nas fronteiras, dando espaço e meios aos Portuguezes para se organisarem, disciplinarem e opporem melhor resistencia, receberendo auxilios de França, Inglaterra e Paizes-Baixos em navios e armamentos, Quando chegou a vez de veri-

ficar-se a verdadeira guerra, as tropas de Portugal derrotaram os terços castelhanos, sempre que estes ousaram penetrar no paiz, onde em numero sufficiente, não podiam mostrar-se, porque o grosso de seus exercitos andava em luta com Francezes, Napolitanos, Flamengos e Catalães. Alem d'isto a propria ineptidão dos cabos hespanhões, que se collocavam nos commandos mais por empenhos e patronatos individuaes que por merecimento e feitos militares, coadjuvaram o valor e persistencia dos Portuguezes na emancipação de sua patria.

Para que se enraizasse melhor no espirito e no sentimento popular a idea de devotar-se á salvação da patria, apenas se effectuara a revolução de 1640, convocaram-se Cortes a Lisboa, Cortes que estavam esquecidas, e que agora vinham lembrar aos Portuguezes suas antigas glorias, seus velhos brios, suas liberdades e foros. Resolveram as Cortes firmar principios de governo razoaveis e proveitosos : declararam que o poder dos reis provem originariamente da nação, á qual por isso compete decidir as questões sobre successão, velar sobre a execução das leis e até recusar-se a obedecer, quando o rei, por seu modo de governar se torne indigno e tiranno. Concederam os subsidios precisos para a guerra, appellaram para o patriotismo dos povos afim de não trepidarem diante de sacrificios. Patentearam, porém, ideas retrogradas no tocante aos direitos dos christãos novos, e um fanatismo requintado contra toda a suspeita de impureza de fé, e de desconhecimento das doutrinas orthodoxas.

Não deve assombrar-nos o espirito dominante daquella epocha de superstição e fanatismo. A influencia dos Jesuitas, o predominio e terror da Inquisição, dirigiam a educação e captivavam os animos. O que se notava em Hespanha reproduzia-se egualmente em Portugal. Não era hypocrisia, era

crença seria, quando se adoravam milagres e se confiava em vaticinios de frades que passassem por beatos ou santos. Durante uma molestia de seu filho, não fôra Fellipe II seguido de procissão solemne de subditos tirar do seu tumulo os ossos de um franciscano, Frey Diogo, que a opinião acreditava morto em cheiro de santidade, e leva-los ao aposento de D. Carlos, deposita-los na cama sob os lenções, em que repoisava o principe, para que seu perfume, dizia o enthusiasta extatico, contaminasse o corpo do doente e d'elle expellisse o mal que o minava? Não se renderam graças a Deus em todas as egrejas de Madrid, porque haviam salvado a vida do principe os ossos e milagres do frade invocado em seu auxilio? Nos pulpitos repetiram os pregadores que o santo monge apparecera em visão e sonhos no principe, animara-o, abafara-lhe a febre que o carcomia, e restituira-lhe a saude. O proprio Fellipe II acreditou no milagre operado, proclamou-o e pedio ao Papa canonisasse o franciscano que salvara o filho e herdeiro do throno. Não se movia egualmente o povo portuguez por profecias e misticas praticas do clero mais que pelas ideas nobres, elevadas e patrioticas, até mesmo por seus brios e proprios interesses? Não estava prompto a matar por suas mãos, judeus ou hereges, cuidando praticar obra meritoria? Não applaudia como festa religiosa, que lhe dava indulgencias para a outra vida, os autos de fé, as fogueiras nas praças abrazando em chammas os miseros condemnados, os martyrios e flagellos applicados nos ergastulos do Santo Officio aos presos infelizes?

Já não era pouco para louvar que elle se exaltasse e se revoltasse contra Hespanha, e do somno doloroso acordasse inspirado de briosos pundonores, irado pelo resentimento de afrontas, e resoluto contra um governo extranho, que se apregoava colosso.

Mas é que a paciencia e o soffrimento estavam estancados, e por isso rebentou a revolução de um rasgo de desespero : do seio do tumulo onde jazia não morta felizmente, mas moribunda a nacionalidade portugueza, ella se ergueu com garbo ao echo suave e seductor da proclamada independencia; e apezar de ter o paiz envelhecido tanto nos sessenta annos de captiveiro.

Deixemos á margem a sombra do quadro. Admiremo-lo nos seus toques notaveis e no assumpto que lhe é honroso. Ali só escuridade, noite de fanatismo, crenças supersticiosas, que estravagam os costumes, e manietavam a intelligencia em tradições perniciosas. Agora um movimento politico e social tão valentemente verificado, que poderia arrancar quiçá ao paiz o torpor do espirito, e preparar-lhe melhor futuro.

Restaurara-se emfim a nacionalidade! Cumpria-lhe agora defender-se contra Hespanha, coagi-la a seu reconhecimento official, e marchar sob o governo da casa de Bragança, cujo reinado data de 1640! Os reis hespanhões como os portuguezes eram tratados de Alteza. Carlos V, o primeiro, se fez appellidar de Magestade, titulo que passou aos seus successores. Com a revolução de 1640, imitaram os Portuguezes aos Hespanhões, trocando o de seus reis, como eram tratados até o Cardeal D. Henrique, tomando tambem o de Magestade com que se ornou D. João IV.

Notamos já que no meio das infelicidades da patria e durante os sessenta annos de captiveiro, a lingua e litteratura lançavam ainda um tal brilho, procedido ainda do impulso anterior, e como imagens do passado infiltravam na nacionalidade sopitada um raio de esperança.

Restituida a autonomia a Portugal, quebrados os ferros do extrangeiro, e exaltado ao throno um rei nacional, qual o estado da lingua e da litteratura?

Não ha duvida que a lingua fôra sempre fallada pelo povo, e assim se lhe conservara a indole e qualidades : não lhe bastaria porém este facto, si mais tempo dominara o jugo extrangeiro, e si no meio de muitos escriptores que haviam empregado o castelhano como mais conhecido e formava já o idioma official, alguns e excellentes se não conservassem ainda seus dedicados zeladores. Por seu lado, a litteratura é que se ia a pouco e pouco reduzindo a algumas das suas provincias, abandonadas, obliteradas outras, em que alias havia tanto brilhado.

Ao effectuar-se a revolução de 1640 póde-se asseverar que a poesia, a verdadeira poesia, tinha desapparecido. Os ultimos autores de romances poemas, de estancias lyricas e elegiacas, de eglogas, de que fallámos na ultima conferencia e que viveram até o principio do seculo XVII, não tinham deixado successores.

Não trato de vates secundarios e mediocres, que como flores silvestres e desconsideradas do campo e dos bosques, abundam em todas as epochas, em todas as estações, entre todos os povos, e em todos os idiomas. Esses não tem valor litterario, entretem apenas com suas vozes discordes e dissonantes a curiosidade publica do seu tempo.

Não faltam hoje, e nem faltaram nunca, em parte nenhuma, versejadores ; encontram-se em bandos, como aves maritimas ou dos desertos. Custa, porém, encontrar-se poetas dignos d'este nome, inspirados do fogo sagrado, e que exprimam pensamentos altivos que reflectem os arroubos do espirito, os echos apaixonados da alma.

Patentearam-se, todavia, alguns vultos importantes e genios poderosos na philologia, na eloquencia sagrada e na critica ; foram quasi os generos unicos da litteratura em que não faltaram escriptores illustres, ainda ao repellir-se o jugo de Hespanha.

Tambem não são muitos; o captiveiro dos sessenta annos deturpara os espiritos e a educação; os estudos escolasticos que permittiam os Jesuitas dominadores nas duas universidades existentes no estado, a official de Coimbra e a da Companhia em Evora, e em os collegios de humanidades espalhados no reino, e de mais a mais directores das consciencias não só pelo ensino, como pelo pulpito e pelo confessionario, refreavam a intelligencia no circulo de ferro que elles haviam estabelecido, e que não dava entrada ás innovações, ao progresso, ao desenvolvimento scientifico e litterario.

Quatro escriptores eminentes se notam, todavia, deixados de parte outros inferiores; e elles espalharam brilho sobre a litteratura portugueza ainda por alguns annos além do de 1640.

São: o abbade Jacinto freire de Andrade; o monge oratoriano, Manuel Bernardes; o fidalgo D. Francisco Manuel de Mello; e o jesuita, Antonio Vieira.

Não apreciarei com particularidade os dois primeiros, porque posto excellentes prosadores, mestres de seu idioma, correctos e maviosos na linguagem, o primeiro só nos deu um elogio historico, e não uma biographia de D. João de Castro, vice-rei das Indias, e deixou-se não raro arrastar pelo gosto gongorico hespanhol, e enfeitou-se por vezes de trocadilhos; o segundo mais puro e delicado na phrase escreveu pouco, e o melhor que deixou pertence particularmente a meditações religiosas, que não interessam tanto pelo assumpto como pela arte com que o suavisa e encanta.

Referir-me-hei, porém, mais extensamente na conferencia actual a D. Francisco Manuel de Mello, reservando para as seguintes o estudo que merece o padre Antonio Vieira.

No principio do seculo XVII nascera D. Francisco Manuel de Mello, oriundo de familia tão nobilitada que se conside-

rava parente da casa de Bragança. Ainda moço, abandonara os estudos do collegio jesuitico de Santo Antão para seguir a carreira militar. Tomou parte em combates de terra e maritimos. Soffreu naufragios, assistio a guerras em Flandres e Italia, e subio ao posto de mestre de campo, no serviço da Hespanha. Durante os tumultos de Evora, em 1637, quando os povos do Alemtejo e Algarves se levantaram contra os tributos que decretara e mandara em Portugal cobrar o conde duque de Olivares, foi encarregado por D. João, duque de Bragança, de defende-lo perante o governo de Madrid, explicando que se não envolvera e nem aprovara os alvorotos populares. Desempenhou perfeitamente esta commissão, já pelo seu talento e tino, já pela influencia, fama litteraria e poderosas amizades de que dispunha na corte de Fellipe IV. Descrevendo o facto na sua Epanophara politica, assim se exprime D. Francisco Manuel :

« Contra os povos mostrou o Conde mais despreso que » sentimento, e como homem que no coração alojava a dôr » e a vingança, usou mais dos effeitos que das palavras. » Afirmarei que não perdí observação de seu mais descuidado » movimento, porque a mesma desconfiança da minha capa- » cidade me tinha prompto a todos os officios de politica, tanto » no calar como no dizer e sempre no ouvir; mas sobre » tudo no crer, sendo esta a mais importante advertencia » de que precisam aquelles que tratam de negocios deli- » cados e perigosos. »

Mal rebentara no mesmo anno o movimento da Catalunha, foi-lhe ordenado que se juntasse ao exercito incumbido de refrea-lo, e para lá partio sem demora, tomando parte nas operações da guerra.

Após o da Catalunha se effectuou quasi immediatamente o levante de Portugal e a proclamação de D. João IV, duque

de Bragança, ao throno de Affonso Henriques. O conde duque suspeitou dos Portuguezes residentes e empregados em Hespanha, e tratou de precaver-se contra elles. Ordenou que no exercito, onde se achava, fosse D. Francisco Manuel preso e remettido para Madrid. Em quatro mezes decorridos nos carceres, não appareceram indicios de culpabilidade, e o conde duque o mandou soltar com a condição de ficar sujeito a espionagem e viligancia das autoridades. Conseguio comtudo D. Francisco evadir-se logo de Madrid. Atravessou Hespanha e recolheu-se a Hollanda. Encontrou um embaixador novo portuguez que D. João IV enviara á Haya, e que se chamava Tristão da Cunha. Declarou-lhe suas intenções de servir a patria. Foi-lhe confiado o commando de navios e armamentos comprados para socorrer Portugal, e partio para Lisboa no posto mais importante. D. João IV o acolheu amigavelmente, e enviou-o para o Alemtejo a tomar parte na defensa militar do reino. Recebia egualmente commissões importantes como mestre de campo, prestava serviços notaveis, e correspondia-se com El-Rei amiudadas vezes.

Achando-se em Lisboa em 1644, foi de repente preso, recolhido ás enxovias do Castello, e, passados quinze dias, transferido para a Torre de Belem.

Soube então que fôra seu nome envolvido em um processo organisado pela morte do mordomo de D. Thaumaturgo, conde de Villanova Portimão, e era considerado o mandante e autor do crime. Tratou de defender-se. Um só dos co-reos affirmara de ouvida a accusação. Nenhuma testemunha depozera contra elle, e entretanto não menos de quarenta haviam deposto. Ao passo que tres indigitados reus foram condemnados e perderam as vidas no cadafalso, D. Francisco Manuel, por tres consecutivas sentenças fôra egualmente absolvido. Desceu, então, uma ordem de desem-

bargo do paço para, continuando preso, ser sujeito ao juizo dos cavalheiros, como unico tribunal competente para sua jerarchia. Foi então condemnado a degredo perpetuo para a India, a sequestro de todos os bens e perda das commendas que possuia.

Duraram estes processos e a prisão do accusado nove annos, sem que El-Rei parecesse lembrar-se, uma só vez, dos seus merecimentos e serviços patrioticos. D. Francisco Manuel resolveu-se então enderessar directamente a D. João IV um memorial de defeza, que é um primor litterario, e talvez a esse importante documento se deva attribuir a commutação da pena de desterro das Indias para o Brazil. Embarcado immediatamente, foi remettido para o Maranhão. No Brazil permaneceu quatro a cinco annos, percorrendo as principaes povoações, e o interior de Minas Novas, conforme elle proprio nos refere em suas cartas. Só depois de fallecer D. João IV, e sob a regencia de sua viuva D. Luiza de Gusmão em nome do filho menor e herdeiro do throno, D. Affonso VI, é que foi perdoado, e pode voltar á patria e restituir-se a Lisboa.

Il dolce nido del paterno teto.

Mas que podia esperar agora quando adiantado na edade, e após nove annos de prisão e quasi cinco de desterro? Parece que já não encontrou amigos e nem conhecidos. Mais vegetando que vivendo na propria patria, resolveu-se a deixa-la, trocando-a pela cidade de Roma, onde limou muitas composições que escrevera na prisão e no exilio, e começou a publica-las pela imprensa. Apezar, porém, de tudo, dava-lhe rebate no coração a saudade da patria, e comparando-se a Ovidio entre os Getas, Seneca na Corsega, e Camões na India, decidio-se a regressar a seu seio, e a

morrer, respirando ainda seus ares embalsamados. Não lhe foi em Lisboa longa a existencia, e em 1666, exhalou o ultimo suspiro da vida, roçando-lhe a edade entre cincoenta a cincoenta e cinco annos.

Comprehende-se que não podia a curiosidade dos seus contemporaneos e dos seus posteros deixar de formar conjecturas, procurar motivos, adivinhar razões da sua prisão e perseguição tão prolongada, e da sentença cruel que o condemnara, em despeito de tres anteriores de tribunaes regulares, que o haviam absolvido.

Foi tudo misterio, todavia, durante seu tempo; si ao ouvido um a outro passava suas impressões, si tradições a guardaram, ou sustos e terrores, ou ignorancia abafaram o que se julgou ser a verdadeira causa. Pensavam uns que D. Francisco Manuel, arrastado por amores, porque era em demasia apaixonado, promettera voltar ao serviço de Castella; outros diziam que procedera a sua desgraça de não ter querido prestar-se a depôr contra o ministro Francisco de Lucena, que por influencia de D. João IV fôra condemnado e executado no patibulo. Não faltava quem o considerasse mandante do assassinato do mordomo do conde de Villanova, porque corria secreta voz de que elle entretinha relações com a condessa, e o mordomo a denunciara ao marido.

Encontraram-se, comtudo, em nossos dias manuscriptas e notas marginaes de contemporaneos em livros impressos de D. Francisco de Mello, e em muitos repetidas quasi pelos mesmos termos; ellas lançam por este motivo luz sobre o acontecimento, e o tornam mais conhecido, inteiramente provavel, senão de todo verdadeiro.

Qual é a crença de hoje a respeito? Peço-vos licença para referi-la com algum desenvolvimento. Reveste-se de um ar de romance, de um colorido dramatico. Não ha

tantos factos reaes que mais interessam que as novellas e canticos de poetas inspirados?

O conde de Villanova Portimão fôra tres vezes casado. Tinha um mordomo, por nome Francisco Cardoso, que pelo seu proceder mostrava-se terrivel Cerebero, e espia vigilante dos actos das condessas. A primeira, D. Brazia de Vilhena, teve seus desvios, e o ciumento fidalgo, avisado pelo mordomo, a fez encerrar em um convento, onde poucos mezes depois fallecera. A segunda, D. Guiomar da Silva, egualmente denunciada por Francisco Cardoso, foi pelo marido envenenada. Levantando-se brados no publico contra esta justiça peremptoria e individual, o conde fugio de Portugal, e asylou-se em Castella, até que rebentada a revolução de 1640, volveu á patria, não foi perseguido pela justiça, e effectuou terceiro casamento.

Parecia, porém, o conde predestinado para victima de comedia. A terceira consorte, D. Marianna de Alencastre, deixara-se amar por D. Francisco Manuel, e ao mesmo tempo entretinha relações intimas com El-Rei D. João IV, que não era somenos adorador do bello sexo, que aquelle cavalheiroso fidalgo.

Referem mesmo que em uma noite reservada ao recebimento do rei, D. Francisco Manuel, ralado por suspeitas, dirigira-se ao pateo do palacio, onde morava a condessa, e que era um espaçoso vestibulo, e ahi se collocara para descobrir a infidelidade da amante. Avistou um vulto emboçado que penetrava os umbraes da porta e pretendia subir a escada, aproveitando-se da escuridão. Avançar sobre elle, dirigir-lhe perguntas, a que o vulto não respondera, desembainhar a espada, e ataca-lo, foi tudo feito em um momento por D. Francisco Manuel de Mello. O desconhecido defendeu-se tambem com a espada, e um pequeno combate travou-se sem que uma palavra pronunciassem. Eis que uma

luz apparece no topo da escada, e um grito se ouve. Cessa a luta e cada um dos cavalheiros trata de escapar por seu lado, afim de se não comprometter e nem escandalisar a casa, onde se achavam.

Espalhou-se, todavia, logo depois e em voz baixa, com todo o segredo, entre os que souberam do acontecimento, que fôra El-Rei quem disputara com D. Francisco Manuel, e que D. João IV sahira ferido, e fôra constrangido a conservar-se encerrado durante alguns dias em seus aposentos.

Ou Francisco Cardoso annunciasse ao marido o desastrado acontecimento, ou este por si mesmo o descobrisse, certo é que appareceu dias depois morta a condessa, e suppoz-se que lhe fôra administrada peçonha na comida. Não tardou tambem em ser assassinado Francisco Cardoso, e ao espirito do conde assumio a idea de que D. Francisco fôra o mandante por saber que Cardoso denunciara seus amores com a consorte. Tres reos foram presos, confessados, torturados para dizerem a verdade. Consta dos autos que um d'elles, Marcos Ribeiro, rendeiro do conde, convidara os outros dois para commetterem o crime, allegando que Francisco Cardoso lhe seduzira a mulher, e pagando-lhes generosamente o serviço que lhe prestaram. Um d'estes cumplices foi o unico que na occasião de lhe applicarem as polés, para confessar a verdade, sob o peso da dôr e soffrimentos phisicos, declarou ter ouvido vagamente dizer que D. Francisco Manuel fôra o que prestara o dinheiro distribuido por Marcos Ribeiro.

Parece que D. Thaumaturgo tudo minuciara a El-Rei, pedindo auxilio, e ignorando que D. João IV não menos lhe tirara a honra. El-Rei devera ter reconhecido D. Francisco Manuel no cavalheiro que o atacara e ferira, porque lhe fallara, e estava acostumado á sua voz. D. Francisco

Manuel, porém, é que não descobrira o adversario, porque lhe não respondera com uma só palavra.

Que houve accordo, auxilio, protecção de D. João IV nas diligencias e processos intentados pelo conde de Villanova contra D. Francisco Manuel de Mello, não póde apparecer duvida nenhuma. Além de outras muitas circumstancias, coincidindo a molestia de D. João por alguns dias, depois do facto, cumpre notar que apezar de absolvido o reo por tres sentenças de juizos regulares, em vez de o mandar soltar da prisão, determinou pelo seu desembargo do paço que fosse submettido a novo tribunal, o juizo dos cavalheiros; que outra opinião se póde formar de que a vingança regia se desempenhava, quando observamos que só após nove annos de prisão se despertou o sentimento de D. João IV, não perdoando como devia, mas commutando simplemente a pena de degredo para o Brazil?

Quando D. João IV não fosse considerado pela historia como o é, caracter frouxo, ingrato e cruel, quando não fosse, como elle foi, quem fez condemnar D. José de Moraes, governador da Torre de S. Julião, encarcerar duramente o cavalheiroso D. Francisco de Ornellas, e executar na forca seu proprio secretario d'estado, Francisco de Lucena; poderia em relação a D. Francisco Manuel duvidar da sua deslealdade. Não fôra seu amigo? Não ganhara pela sua energia e lealdade sua causa perante o governo de Madrid, quando fôra D. João suspeito de acoroçoar os tumultos de Evora? Póde-se descobrir outra causa do abandono do seu fiel subdito, parente e amigo, senão na sua connivencia com o conde de Villanova, no coração vingativo, na alma pequenina do rei, que reconhecera pelo som da voz o rival, que ousava requestar a mesma dama dos seus amores?

Temos dito bastante a respeito do homem, tratemos agora do escriptor. Considerado classico hespanhol e eminente, emquanto escreveu n'aquelle idioma, é egualmente um dos escriptores mais estimados e veneraveis da lingua portugueza, desde que a seu cultivo se dedicou, restituido em 1640 a seu paiz.

Muitas, numerosissimas, e sobre assumptos variados, são as obras que publicara em hespanhol; afora poesias, comedias e eglogas, um livro de Aula politica, outro de tactica militar, e varias criticas litterarias e estudos moraes e philosophicos, é considerado primor litterario, com maior valia mesmo que a Aula politica e a Tactica militar, alias muito apreciadas, egualmente no idioma castelhano a sua Historia dos movimentos da Catalunha, cujo prefacio explica perfeitamente o pensamento de D. Francisco Manuel de Mello.

« Si buscas a verdade, leitor, convido-te a ler; quando
» só deleite e agradavel narração, feixa o livro, satisfeito
» de que a tempo eu te desengane. Não encontrarás arte
» ou lisonja n'esta obra; não te proferirá sentenças ou
» aphorismos de philosophos e politicos. Relata factos para
» provocar teu juizo a discorrer por si e descobrir sua
» utilidade. »

Descrevendo os effeitos dos primeiros desastres soffridos pelos Hespanhoes, accrescenta :

« As bandeiras de Castella, pouco antes despregadas ao
» vento em signal de victoria, andavam agora cahidas e
» roladas aos pés de seus inimigos, sem que elles as
» levantassem mesmo para tropheos e ornamentos do
» triumpho, que haviam alcançado. As armas perdidas
» pelo campo em tão grande numero poderiam servir
» melhor de defeza que nas mãos de seus domnios pelas
» difficuldades que causavam ao caminho.

» Quasi ao mesmo tempo chegou a Torracusa a noticia
» da morte do filho, e do destroço dos seus. Recebeu-a
» com impaciencia, e arrojando a insignia militar forcejava
» por rasgar as roupas. Os homens primeiro são homens.
» A natureza primeira accode a seus affectos; seguem-se
» depois outros, que a vaidade canonisou, dando-lhe o
» nome de glorias, como si ao homem fôra mais decente
» a insensibilidade que a lastima. »

Não faremos d'ella mais citação, preferindo-lhe as que D. Francisco Manuel escrevera em portuguez; baste dizer que é para os Castelhanos obra prima pelos requisitos de substancia e forma, qualidades singulares e preciosas. Gil y Zarate, um dos primeiros litteratos madrilenses de nossos dias appellida D. Francisco Manuel de Salustio castelhano, encarecendo o valor da sua Historia de Catalunha. Quintana e Emilio Castellar o chamam portentoso e universal escriptor, e na ultima edição de classicos hespanhoes, a que se procedeu na capital do reino, por ordem do seu respectivo governo, foi incluida a composição historica de D. Francisco Manuel entre as dos Ferreras, Condes, Mendozas e Antonio Solis.

Restrictos á analyse dos livros que em portuguez escrevera, e que versam sobre toda a especie de materias politicas, moraes, litterarias, criticas e philosophicas, datados da prisão prolongada, do desterro no Brazil e da sua residencia posterior em Roma, especificaremos em primeiro logar as Cinco Epanaphoras, a que refere os tumultos de Evora, com o titulo de politica; a que descreve o naufragio da armada portugueza nas costas de França, em 1627, com o titulo de tragica; a que conta a descoberta da ilha de Madeira, mais romance que narrativa historia, e que justamente é appellidada amorosa; a que, denominada bellica, summaria o combate naval, em que D. Fran-

cisco Manuel de Mello tomara parte, e em que fôra derrotado o almirante Oquendo pelo hollandez Trompe; e emfim a que traça o quadro da occupação de Pernambuco pelos Hollandezes e de sua restauração pelos habitantes do Brazil em 1654, e que por esse motivo a chama o autor — Epanaphora triumphante.

Seguem-se a Carta de guia dos casados, livrinho espirituosissimo; os Apologos dialogaes que incluem o maravilhoso capitulo intitulado — Hospital das lettras ; o Tratado de annexins, onde se descobre a abundancia, a flexibilidade da lingua portugueza; variadas poesias, ainda que sem grande merito litterario; e cartas, que collocam a D. Francisco Manuel na linha dos melhores escriptores de epistolas. Além d'isto na Biblioteca regia de Lisboa, um manuscripto se descobrio em nossos dias com o titulo de Tacito portuguez, que é a historia do reinado de D. João IV, o qual infelizmente não foi ainda impresso, e apenas conhecido por varios curiosos que o examinaram, e que dando d'elle noticia o reputam obra de subido merecimento litterario.

Cifra-se pois nossa missão não na analyse das obras de D. Francisco Manuel; nosso proposito não se dilata tão longe; mas na citação de trechos agradaveis para se apreciar a belleza do pensamento, o pittoresco do estylo, e a correcção de linguagem de um escriptor tão eminente que a seu respeito assim se exprimio um litterato hespanhol, em um curso de historia effectuado em Madrid :

« Era D. Francisco Manuel guerreiro, politico, escriptor
» em todos os ramos notavel e conspicuo. Profundo obser-
» vador, illustrado em assumptos variadissimos, vigoroso
» de imaginação e moralista distincto, captiva ainda seus
» leitores pelo estylo conciso, sentencioso e fluente, sem
» faltar-lhe os necessarios ornatos, pela singeleza da

» phrase, jovial umas vezes, e outras energica e grave
» segundo o assumpto, e emfim pelo gosto da critica
» espirituosa e illustrada. »

A Epanaphora politica merece as honras de um quadro magnificamente desenhado e colorido, posto que ás vezes, e contra sua decidida vontade, escapa a D. Francisco Manuel uma ou outra nodoa de mau gosto da epocha, de gongorismo desagradavel. D. Francisco Manuel mostra-se politico e litterato da primeira plana, referindo toda a historia dos alvorotos de Evora, das intrigas levantadas em Madrid por este acontecimento, dos designios mais occultos do conde duque de Olivares, cuja administração estuda, critica, aprecia com liberdade e sobranceria!

A Epanaphora triumphante é credora particularmente da estimação dos Brazileiros; como pinta as terras do Norte, sua natureza, clima e uberdade? Como relata a posse violenta dos Hollandezes, seus planos, seu governo? Que formusura se não patenteia ao narrar as scenas dos colonos, suas perseguições e lutas, suas tentativas e ousadias, e por fim a victoria terminante que elles conseguiram, expulsando do solo os invasores atrevidos!

Desejaes ouvir o autor quando discorre ácêrca dos movimentos de Evora? Attendei:

« O uso immemorial de nossa nação havia constituido
» por cabeças de comarcas, em nome de corregedores,
» a homens leigos, prudentes e nobres, e a muitos que
» derramando sangue na mocidade por defensa da patria,
» como mais obrigados a ella e ella mais dependente
» d'elles, agora na velhice se empregavam em conserva-la,
» e rege-la em paz, justiça e bom costume. Mas D. João II,
» duramente opposto á grandeza da fidalguia, accordou
» de mudar o estylo antigo, e introduzir nas correições
» homens, professores de lettras civis, que podessem mo-

» derar a autoridade dos grandes e castigar as insolencias
» do vulgo.

» O corregedor de Evora... quiz encarregar a obe-
» diencia das cabeças populares, e fez chamar a sua casa
» o juiz e escrivão do povo, Sismundo Rodriguez e João
» Barradas, ambos da ordem mechanica: encerrados em
» seu proprio aposento procedeu em persuadir-lhes já com
» promessas, já com ameaças; porém, Barradas pedia lhe
» fosse licito communicar o negocio a seus companheiros,
» porque sem o consentimento do povo nada ficava
» firme; foi-lhe negada a instancia, e o corregedor indi-
» gnado soltou palavras de injuria contra o povo de Evora
» e fez demonstrações de que se resolvia a mandar enforcar
» os dois presentes.

» De fora estava o povo em grande movimento, e suas
» gritas se ouviam distinctamente. Sismundo, que era ho-
» mem deliberado chegou-se á janella da propria casa em
» que se achavam como que preparada para o alvoroto
» olhava para a praça da cidade, e pedio em altas vozes
» soccorro, dizendo á multidão, que morriam por preten-
» derem livra-la dos castigos que lhe queriam dar os
» ministros d'El-Rei.

» De nenhum se póde affirmar ouvira bem as palavras
» do juiz do povo. Mas com subito estrondo, ardendo todos
» em ira, clamaram a morte do corregedor, e liberdade e
» vida dos populares. A um mesmo tempo se levantaram
» as vozes e a força, e quasi que sem intervallo de mi-
» nutos foi a entrada na casa do corregedor, e o incendio
» que lhe atearam. Duvida-se si a furia do fogo ou a deses-
peração da gente andou mais prompta em sua ruina. »

Como se mostra sentencioso e dedicado á arte militar, quando diz :

« É ventura dos principes serem bem aconselhados de

» seus ministros, mas incumbe sobre sua consciencia
» eleger ministros que bem os aconselhem. Os homens
» meramente civis e cortesãos, que jamais vestiram as
» armas não só as ignoram mas as aborrecem, douram de
» zelo o odio, e fingindo desamar a licença da guerra,
» simuladamente contrariam aquella soberania de que se
» ornam os espiritos n'ella exercitados. »

O que ha na lingua portugueza de mais energico na phrase, de mais altivo nos pensamentos, de mais elevado na expressão, do que o memorial que D. Francisco Manuel de Mello dirigio do seu carcere, na Torre Velha, a D. João IV, oito annos depois de preso, e em que reclama justiça em favor de sua pessoa injustamente perseguida e processada? Conhece-se que mais a inimigos particulares que ao pretexto por que soffre imputa as desgraças que o acabrunham, e que não desconfia que El-Rei fosse connivente n'ellas, posto que diga a D. João IV que elle sabe e conhece quem o faz padecer!

Antes de recapitular os serviços que prestara a Portugal e particularmente a El-Rei, escreve :

« Os Romanos costumavam ouvir em seu senado os
» reus. Entendiam que a justificação propria de ordinario
» periga na pessoa ou na voz alheia. Maior documento é o
» de Deus que não só ouvio as desculpas que Adão não tinha
» que lhe dar, mas ainda o chamou para que lh'as desse.
» Não podendo pessoalmente fallar a V. M., apradrinham
» tamanhos exemplos a ousadia que tomo de apparecer por
» estas lettras aos reaes pés de V. M. Quanto mais, senhor,
» que aos principes não menos engrandece quem lhes
» pede justiça que quem lhes pede mercês. »

Depois de referir o motivo da prisão, as sentenças que lhe foram favoraveis, a decisão condemnatoria dos verdadeiros criminosos e sua execução, demonstra a insustenta-

bilidade do juizo dos cavalheiros, que sem prova e sem sua audiencia e defeza o condemnara e a penas contrarias á legislação, confirmando que o desembargo do paço ouvido declarara que tudo lhe parecia nullo, e a El-Rei competia a decisão terminante :

« O primeiro fui que rompendo difficuldades, affron-
» tando perigos, e deixando commodos e situação hon-
» rosa em Hespanha, — continua, — vim a este reino
» defender-lhe a liberdade, dando assim exemplo a que
» viessem outros.

» Não houve depois occasião, conselho, negocio de con-
» fiança e de empenho no exercito portuguez, onde fui
» por V. M. empregado, em que os cabos d'elle não
» fizessem de mim mui particular menção.

» Varias vezes me honrou V. M. mandando-me assistir
» em algumas juntas com os maiores ministros seus, sobre
» materias de guerra, politica e conveniencias, como se
» vê dos bilhetes, por que fui chamado, que em meu poder
» tenho. Vivos são e ao lado de V. M. assistem os que ali
» concorreram e ouviram meus pareceres. Testifiquem do
» zelo e amor ao real serviço com que sempre tratei
» n'aquelles assumptos.

» Fora de Portugal aquelles que de mim tem alguma
» lembrança, e eu a conservo para com elles, são os em-
» baixadores, residentes, secretarios e outras pessoas de
» que V. M. faz toda a conta e estimação.

» Acaso o ver-me enterrado vivo no melhor da minha
» edade, quando devera esperar possuir o que vejo esper-
» diçar nos outros, tirou alguma hora de mim uma só
» phrase, uma só palavra impaciente?

» Cansei a V. M. alguma instante com petições de melho-
» ras ou de allivios da prisão? Ouvio alguem meu nome
» antes de agora pelos tribunaes accusado de delicto?

» Eu deixei premios por vir buscar a V. M. e entreguei-
» lhe por eleição e amor a liberdade e fortuna que possuia.
» Si eu o merecesse e V. M. me castigasse, animo e juizo
» me deu Deus para o saber agradecer. Si o não merecesse
» e V. M. me castigasse, animo e juízo me deu Deus para
» saber discernir as acções de V. M. e as de meus ini-
» migos que tenho e encubertos, e V. M. o sabe e os conhece.
» Tomo a Deus por testemunha que não mereço odio
» de nenhum e de ninguem. Conheceram que não tinham
» em que criminar meu procedimento politico, militar,
» civil; inventaram a calumnia de um assassinato, que
» facilmente se acredita.
» Aquelle que nunca faltou aos homens com a verdade,
» nunca enganou aos amigos, e nem aos conhecidos, este,
» senhor, é certo que tem largas provas para não haver
» de faltar a seu rei, a quem mais se deve a verdade, por-
» que menos ella lhe chega aos ouvidos. »

Notamos até aqui o historiador, o politico, o philosopho. Examinemos agora o escriptor espirituoso com seus donaires joviaes e sua apurada ironia.

Quantos pensamentos alegres no pamphleto intitulado: Hospital das lettras? É cada um uma sentença popular, uma idea philosophica, e a finura e a ironia com que são exprimidos os ornam conveniente e agradavelmente.

Como é varia e voluvel a natureza humana! D. Francisco Manuel de Mello que passava na opinião publica por cavalheiro enamorado, que admirava e presava as mulheres de elevado espirito e de intelligencia cultivada, não escreveu, em contrario do que pensava, a seguinte phrase?

« Mulheres doutoras, autoras e compositoras, — diz
» D. Francisco Manuel com sua graça inimitavel e jovial
» ironia. — Dava-as ao diabo! É cousa triste que estejaes
» com vossa mulher na cama, na mesa ou na casa, e

» andem-lá pelas tendas mil barbudos perguntando por
» ellas, e tagarelando a seu respeito. »

Quem tão chistoso publicara na Guia dos casados as maximas mais sensatas para que os esposos gozassem das maiores prosperidades e venturas domesticas, e cantava os beneficios e bellezas do matrimonio como um laço santo que fazia de dois corpos um só corpo, de duas almas uma só alma, de duas existencias uma unica existencia, conservou-se sempre celibatario! Quem asseverara que filhos naturaes eram trastes excusados e perniciosos em uma casa e em uma familia, deixou entretanto um filho natural, a quem legou seu nome, bem que não seus raros dotes de intelligencia!

A Carta de Guia dos casados e os Apologos dialogaes encerram thesoiros da lingua portugueza, annexins populares concisa e admiravelmente expostos, proverbios e anecdotas espirituosas e joviaes. Póde-se dizer ha ironia, não satyra, e ironia fina, vivaz, de notavel razão e de gosto litterario. São livros interessantes para ambos os sexos e para todas as edades, porque fallam ao espirito e á alma. Que conhecimento do coração humano, que analyse de paixões, que sentimento profundo, quantas anecdotas picantes, ahi se descobrem a cada pagina?

Que licções moraes ensina quando se enuncia a respeito dos casamentos!

« Parece aos moços intoleravel a carga do matrimonio.
» É sim pesadissima mas só para os que a não sabem levar;
» para os que sabem é ligeira. Quereis saber quão leve é a
» carga d'este modo de vida? Meça-a com o peso da outra
» vida que deixa. Ponha em balança a inquietação pas-
» sada, os perigos, os desgostos, a desordem dos affectos,
» aquelle temer tudo, não fiar de nada, o queixume que
» dóe, a vingança que arrisca, a ruim lei que desespera,

» os ciumes que abrazam, os amores que consumem, a
» honra em risco, a saude diminuida, a vida exposta, e o
» que é mais, a vida sempre queixosa. Quando o casa-
» mento não trouxera outro algum bem mais que livrar de
» tantos males, justamente merecia o nome de santa e
» doce vida. »

« Dizia um nosso cortesão que havia tres castas de
» casamento no mundo. Casamento de Deus, casamento
» do diabo, casamento da morte. De Deus, o do mancebo
» com a moça; do diabo, o da velha com o mancebo;
» da morte, o da moça com o velho. »

« Ame-se a mulher — aconselha — mas de tal sorte
» que se não perca por ella seu marido. Aquelle amor
» cego fique ás damas, e para as mulheres o amor com
» vista. Digo perder pela mulher a dignidade e a compos-
» tura de homem, a troco de lhe não contradizer sua von-
» tade, quando é justo que lh'a contradiga. Saiba-se e
» tema-se que tambem ha narcisos do amor alheio como
» de seu proprio. As mulheres são como as pedras precio-
» sas, cujo valor cresce ou mingua, segundo a estimação
» que d'ellas fazemos. Os que casam com mulheres maiores
» no ser, no saber e no ter, estão sempre em grandissimo
» perigo. »

XI

O seculo XVI em Portugal tornou-se glorioso pela heroica revolução de 1640, que restituio á patria a independencia social e politica, substituio ao governo de reis estrangeiros o governo de soberanos nacionaes, arrancou

o paiz do abismo em que se precipitava necessariamente, como provincia de Hespanha.

A nacionalidade, assim recuperada, teve que sustentar lutas contra o colosso hespanhol pelo espaço de vinte e oito annos, e sob tres reinados: D. João IV, D. Affonso V e D. Pedro II. Após batalhas sangrentas e porfiadas, prevaleceu e obrigou Hespanha à reconhecer-lh'a e respeita-la, e de novo foi no congresso da Europa acceita e admittida.

A lingua, felizmente, continuara a ser fallada por todo o povo, posto que Portuguezes desmemoriados e pouco amigos da patria a tivessem não raro trocado em seus escriptos litterarios pela castelhana, como mais geral e sabida. Conservara-se, assim, a lingua, porque não só não bastavam sessenta annos de captiveiro para a destruir, como porque publicavam ainda no seu idioma vernaculo obras de merecimento e valor, que lhe serviram á instrucção e educação. Com o renascimento da nacionalidade, desapparecera-lhe emfim todo o perigo de perder-se litterariamente, e reduzir-se á situação de provincial e local, á imitação de dialecto, como haviam fallado outras de Hespanha, e entre ellas posto que já nobilidadas, a catalã e a gallega.

A litteratura decahira sem duvida da importancia e brilho que alcançara, quando expressão de uma nação independente; o impulso antecedente a alimentava, todavia, e de quando em quando, com as saudades do passado e reminisciencias de antigas grandezas, que o espirito patriotico da população constantemente conservava: mas seu termo não teria tardado, a falhar e burlar-se a revolução de 1640.

Effectuada esta revolução, recomeçada nova vida para o paiz, a lingua proseguio em seu cultivo, porque até se fundou em 1641 uma gazeta official para dar noticias politicas ao povo, exaltar-lhe o espirito, mover-lhe o enthu-

siasmo, e conserva-lo resolvido e animado para continuar na defeza da independencia nacional.

Infelizmente o gosto litterario se havia corrompido bastante com o contacto, dominio e influencia do castelhano, que apezar de Lope de Vega e Calderon começou a estragar-se com o gongorismo, uso de imagens e metaphoras extravagantes, e estylo alambicado e pretencioso. Assim desde 1640, poucos são em Portugal os escriptores que escapem nos resaibos e trocadilhos da moda hespanhola.

A lingua mostra-se pura e correcta manejada pelo Padre Vieira, por D. Francisco Manuel, por Manuel Bernardes, por Jacinto Freire de Andrade; elles mesmos, porém, no gosto litterario, no estylo, nos pensamentos, quantas vezes provam que dos gongoristas receberam impressões e tendencias que não podem abandonar?

Quando os generaes do exercito litterario assim procedem, o que se poderia esperar dos cabos e inferiores? Foi o que desgraçadamente succedeu; o gosto litterario corrompeu-se, bem que a lingua continuasse a ser honradamente cultivada até o fim do seculo.

E esse seculo inteiro de 1600 em Portugal, quer na nacionalidade, quer na politica, quer na historia, quer na lingua, quer na litteratura, quer na instrucção publica, quer no commercio e industria, quer nas superstições e paixões da epocha, acha-se admiravelmente desenhado nas obras de um homem, que nasceu em 1608 e morreu em 1697, e que incessantemente tomou parte em quasi todos os seus acontecimentos.

Trato do Padre Antonio Vieira, o mais fiel representante do seu tempo, da politica, da nacionalidade, da lingua e da litteratura de Portugal.

Tanto Portugal como o Brazil o devem reputar sua gloria particular, porque si nasceu em Lisboa falleceu na Bahia;

si passou quarenta e um annos de sua vida em Portugal e varias cortes e paizes da Europa, quarenta e oito gastou na Bahia, Pernambuco, Pará, Maranhão e sertões do Brazil; si sua familia procedeu de Portugal, no Brazil se estabeleceu, espalhou-se e perpetuou-se; si em Portugal e Roma foi acclamado como o principe dos oradores sagrados, na Bahia e no Maranhão excitou identicos enthusiasmos, prégando nas principaes egrejas da colonia portugueza; si prestou os mais relevantes serviços a Portugal na politica, na diplomacia e nas lettras, não menores commemora o Brazil, ao recordar-se de que leccionou com brilho na Bahia e Pernambuco, animou com suas predicas e influencia a guerra contra a invasão hollandeza, penetrou nas virgens e espessissimas mattas para attrahir á sociedade civil e á religião os indigenas selvagens e nomades, conseguio de feito desenvolver a sua cathequese, e chama-los ao gremio da civilisação, e á obediencia do governo, e aconselhou sempre aos reis portuguezes cuidassem particularmente de engrandecer o Brazil como a porção mais interessante da sua monarquia.

Grande orador, eximio litterato, escriptor de agigantado folego, politico, diplomatico, economista, cathequisador, religioso activo, e o mais audaz conselheiro em alvitres lembrados, e o mais perspicaz nos designios e planos, tal foi o Padre Antonio Vieira.

Vida aventureira, trabalhada, amargurada, palmas e perseguições, honrarias e desprezos, veneração e carceres, posições elevadas e sentenças condemnatorias, tudo supportou, sem que se assoberbasse ou se abatesse o seu animo; caracter forte, natureza robusta e vontade firme, nunca recuou, nunca se atemorisou diante do perigo, e nunca se desvaneceu no seio da potestade e da grandeza.

Conservou constantemente a intelligencia clara, sagaz

e apurada até a morte, apezar dos soffrimentos phisicos, e de tornar-se cego e surdo, nos derradeiros annos da vida.

Na edade de sete annos veio para a Bahia com toda a sua familia, resolvida a estabelecer-se definitivamente na colonia brazileira. Seus pais o mandaram apprender nas escolas dos Jesuitas. Seu animo enthusiasta deixou-se impressionnar por esse geito, por essa benevolencia, por esse agrado e mimos, com que os Jesuitas se mostravam superiores na arte de affeiçoar vontades, prender corações, e attrahir proselytos que engrandessem e gloriassem seu instituto.

Bem não completara Vieira quinze annos de edade, e já abandonava a casa paterna e os afagos da familia, e se recolhia ao convento da companhia de Jesus, resolvido a dedicar-se ao seu serviço. Contra a vontade de seus pais, preferio trocar pela vida monastica a da sociedade civil e aos desoito annos professou, segundo o declara, por espontanea vocação.

Joven ainda foi incumbido de ensinar rhetorica no convento de Olinda, e depois de seu regresso á Bahia, de escrever na lingua latina as cartas annuas, em que os socios da companhia davam contas ao Geral em Roma da situação dos negocios e da marcha dos acontecimentos, qualquer que fosse a localidade em que se achassem.

Não tardou em tomar conta do pulpito sagrado, e seus sermões prégados na Bahia adquiriram-lhe immediatamente fama estensa, e attrahiram aos templos numerosa copia de admiradores e enthusiastas de seu talento ainda verde, mas já notavel e affiançador de futuro grandioso.

São anteriores ao anno celebre de 1640 as suas orações patrioticas, incitando os habitantes do Brazil a pelejarem contra a invasão dos Hollandezes em Pernambuco. Ha ahi

como nos primeiros discursos de Tullio Cicero superabundancia de imagens, seiva por demais vigorosa, que cumpria moderar e conter; dir-se-ia arvore frondosa, coberta de galhos, folhas e flores, que quando não fosse educada, alegraria sempre os sentidos, mas não produziria fructos sasonados e saborosos. Sobresahem, todavia, pensamentos admiraveis, brilham raios de luz, mostra-se possante eloquencia, e o que mais que tudo é notavel, apparece uma escolha de vocabulos apropriados, uma correcção e pureza de phrase castiça e vernacula, como ninguem em seu tempo possuio, posto que não raro Vieira empregasse imagens exageradas, ás vezes discorresse paradoxalmente e por vezes improvisasse com singularidade de trocadilhos, cujo gosto recebera dos gongoristas de Hespanha.

Derrama-se na Bahia a noticia da restauração de Portugal; chegam cartas de Lisboa convidando as autoridades e povo a seguir a sorte da patria, e a quebrar egualmente o jugo da Hespanha. O Padre Vieira toma parte importante no movimento dos espiritos, e nos conselhos do vice-rei, o marquez de Mortalvão, para que se levante a bandeira portugueza, aceitos pela colonia americana a revolução e os riscos da metropole europea. Une-se a Bahia a Lisboa com enthusiasmo, e a exemplo mais ou menos da Bahia as demais capitanias brazileiras, sobresahindo a do Rio de Janeiro sob o governo de Salvador Correia de Sá e Benavides.

Resolveu então o vice-rei enviar a Lisboa seu filho Fernando de Mascarenhas comprimentar a D. João IV pela exaltação ao throno, e offerecer-lhe homenagens e obediencia. Exigio e obteve da companhia de Jesus que o acompanhasse o Padre Vieira, como sujeito de luzes superiores e de reputada prudencia.

Tormentosa viagem soffreram os viajantes; com diffi-

culdade conseguiram desembarcar em Peniche. Em vez, porém, de benevolo acolhimento, são insultados e maltratados pela populaça, excitada pela noticia de que vinha entre elles um Mascarenhas, cuja mai e irmãos haviam seguido o partido de Hespanha. A custo os livrou o governador do Forte das perseguições da plebe, e os fez para Lisboa escoltar por soldados incumbidos de defende-los.

Foi então Vieira apresentado a D. João IV, que sabendo da sua fama, o encarregou de prégar em um dos templos mais vastos da capital, com assistencia da familia real e da Corte.

En 1642 encheu-se o templo de curiosa multidão que anciava julgar por si uma reputação d'além mar. Foi geral o enthusiasmo dos ouvintes. D'ahi por diante toda a população concurria para assistir aos sermões do orador que mais que nenhum do seu tempo extasiou seus compatriotas, e manifestou-se superior a todos que se conheciam.

Eram uns arrastados pelo mau gosto dos trocadilhos e singularidades metaphisicas e alambicadas imagens, que predominava na epocha, e que Vieira empregava scientemente e de proposito, não por escolha propria e tendencias do seu espirito, mas para agradar, provocar applausos, e affeiçoar admiradores. Outros preferiam os gestos nobres, o porte magestoso, a expressão viva dos affectos repercutida em um semblante sympathico, as qualidades emfim externas do orador que seduzem sempre, como a voz sonora, o estudo dos movimentos, a accentuação harmoniosa das palavras, a marcha cadente da phrase. Exaltavam-se estes com a clareza, propriedade e correcção da phrase e linguagem, e aquelles com a vigorosa eloquencia, que saltava dos labios do ousado prégador, como que expontaneamente, e com a logica irresistivel com que elle deduzia os argumentos do assumpto, de que se occupara,

levando a convicção, muitas vezes, de um erro aos animos mais prevenidos.

Tornou-se Vieira o idolo do povo, e ao mesmo tempo admittido á intimidade de D. João IV, foi aceito por seu conselheiro, e ouvido nas mais graves questões do estado. Deve-se-lhe a providencia de retirar tropas portuguezas de Hespanha, e concentrar a guerra no interior, no coração do paiz, com o que lucrou Portugal, defendendo sua independencia dentro de casa, e pois com melhor exito e felicidade, que agredindo e atacando Hespanha dentro dos seus dominios.

Deve-se-lhe a idea de procurar amigos no exterior, em França, Suecia, Catalunha, Inglaterra e Hollanda, para combater um inimigo commum, ao mesmo tempo que resistir com geito, e sem romper relações, á Curia romana, que favoreeia tão decididamente a causa de Fellipe IV, que recusava receber agentes portuguezes, e reconhecer bispos e prelados apresentados para as dioceses vagas do reino. Deve-se-lhe a creação de uma companhia maritima para o Brazil, com o titulo de occidental, que preparou navios, armou frotas, e defendeu poderosamente a colonia americana contra reconquistas hespanholas, e contra progressos das posses hollandezas.

Deve-se ainda ao Padre Vieira a providencia de mandar-se transportar para o Brazil muitas plantas e drogas das Indias, a fim de aqui se aclimatarem, esperando do solo e da athmosphera resultados que compensassem e excedessem as perdas do Oriente, e ao mesmo tempo de abolir-se a prohibição que por leis estava fundada de cultivar-se no Brazil objectos que a India produzia, dizendo o Padre Vieira com muito espirito que sómente o gengivre escapara á legislação, porque se escondera no centro da terra, e lá guardara escapas aos olhos de seus perseguidores as

raizes vivas, ainda que lhe não permittissem subir ao nivel do solo.

Apezar dos serviços que prestara no reino com seus conselhos e admoestações ao governo, entendeu D. João IV que mais relevantes lhe ministraria, indo em commissões diplomaticas á França e Hollanda. Durante essas viagens contractou e remetteu para Portugal varias fragatas e artilharia aperfeiçoada, e escreveu memorias interessantes sobre a situação politica dos povos e governos da Europa, e os meios de que Portugal carecia servir-se. Partio ainda para Roma, aparentando missão de arranjar casamentos da familia real, mas no intuito de excitar os Napolitanos a se levantarem egualmente contra Hespanha, imitando a Portugal e a Catalunha. Voltou pouco tempo depois para Lisboa, mais fugido que voluntariamente, porque o embaixador hespanhol em Roma, por ter conhecimento ou pelo menos suspeitas de suas intenções, o ameaçou e amedrontou, auxiliado pela policia pontificia. Declarou, todavia, Vieira que nada se podia esperar de energico em um povo tão abatido como era então o napolitano, posto que curvado ao mais pesado jugo extrangeiro, e insultado por Hespanha em todos os seus brios.

Lembrou então ao governo de Lisboa que se comprassem quinze grandes fragatas para a defeza das costas portuguezas, continuamente insultadas e assaltadas pelas armadas de Hespanha, e até pelos corsarios da Berberia. Foi-lhe respondido que não havia dinheiro, e o Padre Vieira entendendo-se a sós com D. João IV lhe offerecera por parte de varios capitalistas a quantia necessaria mediante juro modico, pago bem como amortisada a divida á custa de um novo imposto sobre os generos importados do Brazil.

A importancia que tomava o Padre Vieira nos negocios

publicos, e influencia que exercia na corte, a intimidade em que se achava com o rei, pareceram á Companhia de Jesus que se poderiam aproveitar em favor de sua grandeza e poderio: não o pensou assim Vieira, apezar de dedicado Jesuita, separando os interesses da ordem dos do estado, distinguindo os direitos de cidadão e de religioso. Não agradou ao instituto de Portugal seu procedimento, e começou a dar evidentes signaes de desagrado. Chegando a noticia a El-Rei, offereceu a Vieira uma mitra vaga, que trocasse pela sociedade de Jesus. É admiravel a resposta do Padre Vieira, pela sua abnegação de interesses mundanos, pelo seu amor á Companhia.

« Senhor! — escreveu-lhe Vieira — Não tem V. M.
» tantas mitras em toda a sua monarchia, pelas quaes haja
» eu de trocar a pobre roupeta da Companhia de Jesus.
» Si chegasse a ser tamanha a minha desgraça que a Com-
» panhia me despedisse, da parte de fora de suas portas
» me não apartaria jamais, perseverando em pedir ser
» outra vez admittido senão para religioso ao menos para
» servo dos que o são. E quando nem para isso me quize-
» rem, ahi estaria sem mais alimento que o meu pranto
» até acabar a vida junto d'aquellas amadas portas, dentro
» das quaes me ficava a alma toda. »

Resolveram então os Jesuitas recordar-lhe um voto que infante fizera, e de que fôra na Bahia relevado pelo provincial, e era applicar-se á cathequese dos gentios do Brazil, para o que lhes estudara a lingua e a fallava. Os escriptos de Vieira demonstram que elle declarara obedecer, como devia, mas desejava que El-Rei se lhe oppuzesse ao cumprimento, allegando razões para retê-lo em Lisboa. Era infelizmente D. João IV fraco e medroso diante dos representantes da Egreja, e não ousava affrontar uma ordem tão poderosa qual a dos Jesuitas. Preparava-se Vieira para a

partida, contando todavia que se não effectuaria, porque El-Rei lhe promettera oppôr-se em tempo opportuno,

Chegou o momento, e Vieira ainda a bordo do navio parecia persuadir-se de que lhe chegariam ordens regias para desembarcar. Infelizmente levantaram-se as anchoras, abriram-se as velas, e a nau começou a caminhar, sem que a palavra do soberano se executasse. Deixou, pois, Vieira a Europa em 1652, seguindo viagem para o Maranhão, arrasados os olhos de lagrimas, mas resignado e silencioso.

Em uma carta que escreveu em Cabo Verde, onde aportou, ao principe Theodoro, assim se enuncia : « As velas
» se largaram e eu fiquei dentro da caravella, e fora de
» mim como ainda agora estou de saber que S. M. e V. A. tem
» conhecido a verdade e sinceridade do meu animo, e que
» em toda a fatalidade d'este successo não houve de minha
» parte acção e nem ainda pensamento ou desejo contrario
» ao que S. M. ultimamente me tinha ordenado. Para o
» Maranhão vou voluntario quanto á minha primeira
» intenção, e violento quanto á segunda, mas resignado e
» conforme. »

Chegou emfim ao Maranhão ao principiar o anno de 1653. Tomou conta da direcção do collegio dos Jesuitas, e começou a applicar-se ao estudo das missões ao interior das terras para cathequisar os indigenas errantes e bravios, e attrahi-los á vida social e á religião catholica. Cahio ao principio em profunda tristeza, e aborrecido da existencia soffreu molestias prolongadas, posto que constantemente se empregasse nos trabalhos a que se dedicara. Exprimio-se pelo seguinte modo a um amigo residente em Lisboa :

« Desejaes saber sem duvida qual é a minha vida. Ando
» vestido de um pano grosseiro cá d'esta terra, mais pardo
» que preto; trago sapatos de pelle de porco montez; como

» farinha do paiz; durmo pouco e em uma esteira atirada
» ao chão, trabalho de manhã até a noite, gasto parte do
» tempo em me encommendar a Deus, não trato com a
» minima creatura, não saio fora senão a remedio de al-
» guma alma. Choro meus peccados, faço que outros cho-
» rem os seus, e o tempo que sobeja d'estas occupações,
» levam-me os livros da madre Theresa e outros de leitura
» mistica. Não ha assim maior comedia que a minha vida,
» e quando quero ou chorar, ou rir, ou admirar-me, ou
» dar graças a Deus, ou zombar do mundo, não tenho
» mais que olhar para mim. »

Não nos espantemos com a prostração de espirito do Padre Antonio Vieira. Posto que não tivesse um real de seu, e se vestisse sempre com a sua roupeta de jesuita, como sem dôr e saudade poderia deixar a corte, o theatro dos seus feitos, a convivencia de homens mais ou menos illustres e civilisados, a gloria de seu nome influindo na administração e no governo, e prégando diante de povos admirados de sua portentosa eloquencia; o ruido, a pompa da sociedade de Lisboa, de Pariz, de Roma, de Inglaterra, de Suecia e da Hollanda, para enterrar-se em um arraial miseravel como era então o Maranhão, e depois nos desertos americanos, nas solidões das brenhas entre selvagens?

A actividade, porém, do seu animo o foi levantando a pouco e pouco do abatimento que o tinha curvado. Não havia ahi tambem um vasto theatro de gloria, augmentando o numero dos vassallos portuguezes e dos catholicos com essa ennuvião de gentios, que não conheciam nem sociedade, nem lei, nem rei, e que podiam ser tão uteis cidadãos para a republica, como os que eram obedientes ao governo? Não se manifestava uma seara honrosa e proficua para o obreiro de Deus, cuja vida se dedicava ao serviço humano e divino?

Entregou-se decidida e energicamente ao beneficio dos povos e á cathequese dos gentios.

Esmolava para distribuir o que recebia pelos indigentes, e applicar á edificação de um templo; confessava, aconselhava, consolava os infelizes moradores da colonia, mostrando-se protector e pai de todos; tratava dos enfermos, coadjuvava a fundação de um hospital para os miseraveis, a quem faltavam recursos; prégava aos povos e ás autoridades na linguagem mais apropriada á perfeição da moral, ao melhoramento dos costumes e á recta applicação da justiça. E não lhe sobrava tempo para descanso, porque o estado, em que pinta em uma carta a capitania do Maranhão, era o mais lastimoso. Encontrara os moradores inimigos dos Jesuitas, porque estes defendiam a liberdade dos gentios que aquelles pretendiam e costumavam captivar, e como escravos empregar nas plantações e industrias : as missões de cathequese ao interior abandonadas, despresadas : nenhuma religião nos povos, unicamente dois curas, um na ilha e outro na terra firme, poucos ecclesiasticos e estes degradados e de má vida. Ninguem ia á egreja, ninguem se confessava, ninguem se importava com Deus. Victimas e algozes é o que se via, como em sociedade barbarisada.

A primeira missão que planeou foi a da tribu dos Barbados, residentes nas margens superiores do rio Itapicurú, e obteve para sua realisação a promessa de protecção do capitão mór do estado, apresentando-lhe as instrucções e ordens d'El-Rei para se lhe prestar em tudo quanto exigisse em pró das cathequisações dos gentios. Mas no momento em que a devia executar, não só faltou-lhe o capitão mór com os recursos precisos, como lhe oppoz obstaculos taes, que o inhabilitavam a desempenha-la. Desesperado com semelhante contratempo, partio para o Pará, e tratou de

subir o rio Tocantins em procura da nação indigena dos Poquis, que se poderia attrahir ao gremio da sociedade. Não seguio, comtudo, o capitão mór do Pará caminho diverso do do Maranhão; eram ambos interessados no captiveiro dos gentios, e adversos ás missões dos Jesuitas, por seus proprios e particulares interesses. Apparentou no entanto maior zelo no serviço do rei, e auxiliou a expedição de Vieira com gente armada, dando, todavia, determinações secretas ao chefe das forças para zombar do jesuita. De feito, em vez de liberdade para os cathequisados, apoderava-se d'elles o chefe da força auxiliadora, declarando-os captivos dos moradores e autoridades. Burlado Vieira nos seus intentos, tudo abandonou e regressou para o Maranhão. D'ahi escreveu a D. João IV uma carta interessante, referindo-lhe suas desventuras, pedindo-lhe providencias que minuciava, e accusando os capitães móres e autoridades do Maranhão e Pará. Dizia n'ella com a expressão vehemente que soia empregar em seus escriptos :

« Eu, senhor, razões politicas nunca as soube, e hoje » as sei menos : mas por obedecer, direi toscamente o que » me parece. Creio que menos mal será um ladrão que » dois, e que mais difficultosos serão de achar dois homens » de bem que um. Sendo propostos a Catão dois cidadãos » romanos para o provimento de duas praças, respondeu » que ambos lhe descontentavam, um por que nada tinha, » outro por que nada lhe bastava. Taes são os dois capitães » móres em que se repartio o governo do Pará. Balthasar » de Sousa não tem nada; Ignacio do Rego não lhe basta » nada, e eu não sei qual é peior tentação, si a necessidade, » si a cobiça. Tudo quanto ha na capitania do Pará, tirando » as terras, não val dez mil crusados, como é notorio, e » d'esta terra hade tirar Ignacio do Rego mais de cem

» mil crusados em tres annos, segundo se lhe vão logrando
» bem as industrias. Tudo isto hade sahir do suor e do
» sangue dos tristes Indios, aos quaes trata como seus
» escravos sem que nenhum tenha liberdade para deixar de
» servir a elle, nem para poder servir a outrem, o que,
» além da injustiça que se faz aos Indios, da occasião de
» padecerem necessidade os Portuguezes, e deperecerem
» os pobres. »

Desamparou logo depois o Maranhão, embarcando-se em uma caravella que seguia para Lisboa, resolvido á alcançar ordens regias, com que voltando a America, podesse proseguir nos seus intentos então firmemente formados no seu espirito de occupar-se da cathequisação dos gentios e pôr cobro aos desmandos com que as autoridades e moradores os captivavam.

Soffreu tormentas, roubos de corsario hollandez, naufragio emfim na Ilha Graciosa, até que pode desembarcar em Lisboa no anno de 1654.

Apresentou a El-Rei uma larga dissertação a respeito de negocios no Maranhão e Pará: conseguio os remedios pedidos, e todas as providencias necessarias; um só governador para o Maranhão e Pará, e ordens terminantes para auxiliar os Jesuitas na cathequisação e aldeamento dos indigenas, cujo assumpto lhes ficava de particular e exclusiva competencia. Apezar de contrariedade de D. João IV, partio de novo o Padre Vieira de Lisboa para o Maranhão no anno de 1655, e já ali encontrou de posse do governo o governador, André Vidal de Negreiros, que com o premio dos seus serviços em Pernambuco contra os Hollandezes fôra nomeado para governar as duas capitanias do Pará e Maranhão.

Tudo pareceu servir aos desenhos do Padre Antonio dieira. Augmentara-se o numero dos Jesuitas nos dois

collegios do Maranhão e Pará que elle dirigia; ácêrca de cincoenta já attingia. O novo governador lhe prestava ouvidos e soccorros como os sollicitava. O povo o acolhia como um verdadeiro apostolo, cujas virtudes redundavam em proveito publico.

Deixadas instrucções no Maranhão, passou-se ao Pará, e iniciou a sua missão cathequisadora pelas tribus selvagens Nehengaïbas, habitadoras das serras de Ibiapaba. Obteve os mais satisfactorios resultados dos seus trabalhos. Formou aldeias com gentios que se acolheram á sua voz ao abrigo da religião catholica, em cujo seio entravam, e do governo civil dos Portuguezes, dos quaes se consideravam eguaes e semelhantes.

Satisfeito com os resultados satisfactorios, que alcançara com os Nehengaïbas, applicou-se á conciliação dos gentios Guadajaras, da grande ilha de Marajó. Eram inimigos terriveis dos Portuguezes, e podiam alliar-se com os Hollandezes, que affeiçoavam os gentios brazilicos para a posse do territorio. Só e inerme os procurou o Padre Vieira, e tratou com elles pazes. A pouco e pouco lhes conquistou a confiança e sympathia, a ponto que o appellidaram o padre grande. Conseguio por fim formar aldeias regulares com elles, pô-los em contacto e harmonia com os Portuguezes, e leva-los a abraçar a religião catholica. Entre elles espalhou cathequisadores, e nas suas relações sempre affavel e sincero, era pelos indigenas adorado.

Infelizmente no meio d'estas fadigas o veio apanhar em 1657 a nova do fallecimento d'El-Rei D. João IV e do governo de regencia de D. Luiza de Gusmão, durante a menoridade de D. Affonso VI. Laborava ainda Portugal em guerra com Hespanha, e sua independencia se não achava reconhecida. Por felicidade já no anno de 1654 haviam os Hollandezes abandonnado o Brazil, depois de longa occu-

pação de seu solo. Batidos em varios recontros pelos povos americanos, que não eram auxiliados pelo governo de D. João IV, que se temia de travar na Europa guerra contra Hollanda, quando uma sustentava contra Hespanha para manter a independencia portugueza, foram os Hollandezes a pouco e pouco perdendo as suas posses, e reduzidos á praça do Recife, não tiveram remedio senão entrega-la ao mestre de campo Francisco Barreto. Volvera, portanto, todo o Brazil á união portugueza, fazendo realçar a guerra contra Hollanda vultos dignos de memoria como André Vidal de Negreiros, Mathias de Albuquerque, Francisco Barreto, João Fernandez de Vieira, e outros notaveis por seus feitos.

Complicadas se manifestavam, todavia, e difficeis as circunstancias, e a athmosphera carregada de nuvens densas. Provava a rainha D. Luiza qualidades para o governo, mas que obstaculos encontrava, nascidos de uma situação de menoridade de rei, e no meio de animos assustados de povos?

Da metropole passou o perigo para as colonias. Os moradores do Maranhão e Pará, as autoridades do estado, como que sentiram que a morte do soberano, e o regimen regencial, por sua natureza fraco, os desassombrava do medo que até então os compellia á obediencia das leis a respeito do captiveiro dos indigenas. A mudança do governador concorreu mais para agitar os espiritos, e habilitar os arrojados a realisarem seus planos interesseiros. No Maranhão e no Pará uma reacção se levantou contra os Jesuitas e as leis vigentes. Porque se prohibiria a escravidão de gentios, raça selvagem como os pretos de Africa, que d'ali se transportavam para os trabalhos agricolas? Porque só apanhados em guerra contra Portuguezes, ou encontrados no seio das brenhas, atados ao poste para

serem mortos e comidos como prisioneiros, é que se podiam considerar captivos? Porque cathequisados eram reunidos em aldeias, recebiam casas e campos a lavrar, e se subordinavam ao governo dos padres da Companhia, sem que lá os podessem ir perturbar as cobiças dos colonos? Não os tratavam os Hespanhoes differentemente nas suas conquistas do Mexico, Prata, Chile, Perú, Columbia, e Cuba? Não os coagiam aos rudes labores de minas até que fenecessem de cansados? Não eram os Jesuitas os culpados pela influencia que exerciam sobre o governo da metropole portugueza, aconselhando-a a considerar homens, em tudo eguaes aos Europeus, indigenas brutos e nomades, que percorriam os desertos como animaes bravios?

Á agitação dos animos não contida por providencias do novo governador succede o tumulto violento. Revoltam-se os moradores do Maranhão, assaltam o collegio dos Jesuitas; prendem os que ali encontram, e exigem sejam expellidos da colonia, como causadores de grandes calamidades.

Fere os ouvidos do Padre Vieira a noticia do evento, quando elle se occupava com a missão do Pará e Amazonas. Corria o anno de 1561. Abandona as aldeias dos indigenas, e á toda a pressa se dirige a Belem no intuito de melhor se instruir dos factos, e providenciar convenientemente. Apenas ahi chegado, encontra a mesma sublevação das turbas, que o prendem, embarcam, e remettem para o Maranhão, com aquelles dos Jesuitas que o acompanharam do Pará.

Conservado preso a bordo do navio que o trouxera, em vão implora do governador que lhe consinta o desembarque: sabendo que cerca de quarenta Jesuitas são recolhidos em uma nau de alto porte que devia seguir para

Lisboa, em vão supplica que com seus socios da companhia o mandem egualmente para a mesma embarcação. Depois de muitos requerimentos, ordena o governador que os padres jesuitas se conservem a bordo da nau, mas que Antonio Vieira seja transferido para um barco sardinheiro de Setubal, velho e mais proprio para naufragio que para viagem, e abandone quanto antes o estado do Maranhão.

Foi-lhe, todavia, apezar da situação de ruina do navio, prospera a fortuna, porque pode chegar ao reino sem perigo, dirigir-se a Lisboa, apresentar-se á Rainha regente, expôr-lhe suas queixas, e reclamar-lhe providencias.

Acolheu-o benignamente D. Luiza de Gusmão, e tratou, em conselho de ministros, de **ouvir** o Padre Vieira, e attender-lhes ás vozes e supplicas. Emquanto se estudava o assumpto, ordenou que Vieira prégasse um sermão na Capella Real, escolhendo o assumpto que lhe parecesse mais convir. Não faltou Vieira, e, em 1562, subio de novamente á tribuna, depois de cerca de seis annos de ausencia de Lisboa.

Aproveitando-se do assumpto da Festividade e Evangelho, que era a primeira conversão da gentilidade, trouxe á comparação os indigenas brazilicos, applicando a este o thema e as doutrinas do apostolo S. Paulo. Como podiam deixar de impressionar-se os animos dos espectadores, quando o orador, nos seus raptos eloquentes, descrevendo a perseguição dos indigenas, as violencias dos colonos, as injurias recebidas pelos missionarios, assim se exprimio :

« Quem havia de crer que n'uma colonia chamada de
» Portuguezes, se visse a Egreja sem obediencia, a cen-
» sura sem temor, o sacerdocio sem respeito, e as pessoas
» e logares sagrados sem immunidade? Quem havia de

» crer que houvessem de arrancar violentamente de seus
» claustros aos religiosos, e leva-los presos entre belle-
» guins e espadas núas pelas ruas publicas, e tê-los afer
» rolhados e com guardas até os desterrarem? Quem havia
» de crer que, com a mesma violencia e affronta, lanças-
» sem de suas christandades aos prégadores do evangelho,
» com escandalo nunca imaginado dos antigos christãos,
» sem pejo dos novamente convertidos, e á vista dos
» gentios attonitos e pasmados? Quem havia de crer que
» até aos mesmos parochos não perdoassem, e que che-
» gassem a os despojar de suas egrejas, com interdicto
» total do culto divino, e uso dos seus ministerios; as
» egrejas ermas, os bautisterios fechados, os sacrarios sem
» sacramento; emfim o mesmo Christo privado de seus
» altares, e Deus de seus sacrificios? Não fallo nos auctores
» e executores d'estes sacrilegios, tantas vezes, e por
» tantos titulos, excommungados; porque lá lhes ficaram
» papas que os absolvam. Mas que será dos pobres e
» miseraveis Indios, que são a presa e o despojo de toda
» esta guerra? Que será dos christãos? que será dos cate-
» chumenos? que será dos gentios? que será dos paes,
» das mulheres, dos filhos, e de tódo o sexo e edade? Os
» vivos e sãos sem doutrina, os enfermos sem sacramen-
» tos, os mortos sem suffragios nem sepultura, e tanto
» genero de almas em extrema necessidade sem nenhum
» remedio! Os pastores, parte presos e desterrados; parte
» mettidos pelas brenhas: os rebanhos despedaçados: as
» ovelhas, ou roubadas ou perdidas; os lobos famintos,
» fartos agora de sangue sem resistencia; a liberdade tro-
» cada por mil modos em servidão e captiveiro; e só a
» cobiça, a tyrannia, a sensualidade, e o inferno contentes.
» E que a tudo isto se atrevessem, e atrevam homens com
» o nome de Portuguezes, e em tempo de rei portuguez?

» Outro'ra sahiam pela barra de Lisboa as nossas naus
» carregadas de prégadores que voluntariamente se des-
» terravam da patria para pregar nas conquistas a lei de
» Christo; hoje entram pela mesma barra trazendo dester-
» rados violentamente os mesmos prégadores, só porque
» defendem nas conquistas a lei de Christo. Não se enver-
» gonhe já agora a barra de Argel de que entrem por ella
» os sacerdotes captivos e presos, pois o mesmo se viu
» em nossos dias na de Lisboa. Certo, bem empregado
» prodigio fôra n'este caso, se fugindo d'aquella barra o
» mar, e voltando atraz o Tejo, lhe podessemos dizer,
» como ao rio e ao mar da terra, que então começava a
» ser sancta: *Quid est tibi, mare, quod fugisti, et tu*
» *Jordanis, quia conversus es retrorsum?* Desengana-te,
» Lisboa, que o mesmo mar te está lançando em rosto o
» soffrimento de tamanho escandalo; e as ondas, com que,
» escumando de ira, bate as tuas praias, são brados com
» que te está dizendo as mesmas injurias que antigamente
» a Sydonia: *Erubesce, Sydon, ait mare.* »

Folgava Vieira de misturar o pensamento grave com o ligeiro, o triste com o alegre, o sublime com o espirituoso, affeiçoando os differentes espiritos á sua voz, e attrahindo a sympathia de todos. Depois das phrases ardentes, que pronunciara, passou a jogar a ironia, e a empregar a satyra, e improvisou uma parabola, para applica-la aos moradores do Maranhão, que o haviam tão affrontosamente maltratado e vilipendiado.

« A verdade e a mentira — exclamou — não podem
» andar juntas. A verdade está no prégador, a mentira nos
» ouvintes. Uma e outra cousa disse Jesus-Christo aos
» escribas e phariseus com quem fallava. Na antiquidade,
» em cada região influia e reinava uma divindade diversa.
» Nos povos modernos parece dar-se o mesmo espectaculo.

» Para vo-lo provar, citarei uma fabula dos Allemães:

» Cahindo um bello dia o diabo do ceo, se fez em pe-
» daços no ar, e estes foram dispersos, cada um em uma
» terra diversa, onde ficaram reinando os vicios corres-
» pondentes ao membro que lhes coube. Na Allemanha
» cahio o ventre, e d'ahi resultou serem os Allemães dados
» á gula, á meza e á taça. Na França cahiram os pés, e
» por isso são os Francezes inquietos, andejos e dançarinos.
» Os braços com as mãos e unhas crescidas, cahiram
» um na Hollanda, e outro em Argel, e d'ahi lhes vem
» serem corsarios. A cabeça tocou á Hespanha, pelo que
» são os Hespanhoes fumosos, altivos e arrogantes. Coube
» a lingua a Portugal, e os vicios da lingua são ahi tantos
» que já d'elles se formou um copioso abecedario. Repar-
» tiram-se as lettras do abecedario pelas varias provincias
» portuguezes. M quer dizer: murmurar; M, motejar;
» M, maldizer; M, malsinar; M, mexericar; M, mentir;
» M, Maranhão. No Maranhão coube assim a lettra M.
» No Maranhão até o sol é mentiroso, porque amanhecendo
» tempo claro e promettendo um formoso dia, de repente
» e dentro de uma hora, se tolda o ceo de nuvens, e co-
» meça a chover como no mais entranhado inverno. Onde
» o clima influe ocio, dá-se mentira a perder. Nasce,
» cresce, espiga, e de um não sei que, tamanho de um
» grão de milho, podeis colher mentiras aos alqueires.
» Os dois vicios do Maranhão são, pois, ocio e mentira.
» influencias do clima. Não ha terra no mundo que mais
» incline ao ocio ou preguiça, e é esta é a semente de que
» nasce tão má herva como é a mentira. »

Vingava-se, por este modo, dos seus inimigos, como era o seu costume, aproveitando-se da tribuna sagrada para açoutar os vicios, e flagellar os maus procedimentos dos que o tinham offendido. Na opinião publica de Lisboa

ganhara sua causa com este sermão admiravel, prégado em 1561; perante o governo conseguira egualmente vencê-la posto que conheceu que a fraqueza do poder, os sustos dos conselheiros da rainha, a anarchia que começava a raiar, por causa dos partidos e ambições individuaes que se levantavam, uns em favor do joven rei, por muitos considerado incapaz do governo, já pela sua pervertida indole natural, já pela impensada educação que recebia; outros anciosos de proclamarem chefe do estado o segundo principe D. Pedro.

Logo pois que alcançou algumas providencias e a nomeação de novo governador e de autoridades para o Maranhão e Pará, contentou-se com enviar para ali alguns Jesuitas habilitados para continuarem os trabalhos da cathequisação dos gentios; e resolveu conservar-se em Lisboa, no intento de acompanhar, aconselhar, animar, coadjuvar a rainha, quer na guerra em que se continuava ainda contra Hespanha, quer na administração interna do reino, visto que ella lhe patenteou desejos que lhe sorriram.

Começa ahi nova phase da vida politica do Padre Antonio Vieira, suspensa a que tivera occupado em missões e cathequeses de gentios brazilicos. Achava-se de novo o Padre Vieira no theatro de suas glorias e de suas ambições; seu caracter não se accommodava com o repouso; a luta aguçava-lhe o temperamento, imprimia-lhe forças, accendia-lhe a intelligencia, e prestava-lhe todo o desenvolvimento ás faculdades do espirito para expandir-se e engrandecer-se.

XII

Percebera com razão o Padre Vieira que os horizontes politicos estavam carregados de borrascas, no momento em que chegara a Lisboa, corrido do Maranhão. Attingira D. Affonso VI á edade de dezenove annos, e exigia tomar conta do governo, segundo as leis que vigoravam. Não se recusava a regente entregar a sua, mas temia-se das consequencias porque elle á indole depravada, a costumes corrompidos, a debilidade do espirito, juntava crassa ignorancia, e era dirigido por gentalha vil e particularmente por uns italianos Contis, de origem baixa e habitos muito viciosos. Dividiam-se em bandos a nobreza, o clero, o povo. Sustentavam uns a legitimidade do direito por principios ou por interesses, persuadidos de que lucrariam, tomando o partido de D. Affonso. Outros desejando governo serio e habilitado para o reino, preferiam commetter uma revolução em favor do infante D. Pedro, que a este transferisse o poder publico.

Unio-se o Padre Vieira aos da segunda facção, bem como o duque de Cadaval, o marquez de Gouveia, e diversos fidalgos importantes da epocha, que exerciam influencia sobre o espirito da rainha.

Convocou esta um conselho de estado para terminar a luta. Compareceu o Padre Vieira; durante o reinado de D. João IV, por vezes fôra chamado e ouvido, e não raro attendido em seus pareceres. Não percebeu Vieira o terreno preparado para mudar-se de soberano, e por isso opinou que se entregasse, conforme os usos e leis do reino,

o governo a Affonso VI, mas depois de se arredarem do pé d'elle aquelles italianos Contis e outros miseraveis, em cuja companhia mais se aprazia o joven monarcha. Aceito o alvitre, foi encarregado de redigir um memorial á rainha, propondo-lhe as precisas providencias.

Ordenou immediatamente a regente que se executasse a prisão e deportação dos Contis e seus companheiros, e obedecida que foi, chamou o filho á sua presença, e fez-lhe ler, pelo secretario do estado, o memorial explicativo de seu procedimento, diante dos tribunaes reunidos.

Desesperado D. Affonso, em vez de receber o governo das mãos da rainha, fugio do Paço, e recolheu-se a uma quinta, onde por si pretendeu empossar-se do mando. Felizmente ouvio os conselhos prudentes do conde de Castello Melhor que fôra sempre seu partidario, volveu a Lisboa, e regularmente ahi se procedeu ao acto da declaração de sua maioridade. Retirou-se a rainha a um mosteiro, e os primeiros annos do joven rei foram a deportação, para fóra de Lisboa, dos principaes conselheiros de sua mãe. Era tal a importancia do Padre Vieira, que figurou entre os desterrados, e teve de recolher-se ao collegio da cidade do Porto.

Começa d'ahi uma continuada correspondencia entre elle, Cadaval, Gonveia, D. Rodrigo de Menezes, e outros partidarios do infante D. Pedro. Não poupa o Padre Vieira a critica mais apurada contra os actos do novo governo, excitando os espiritos a revoltar-se, e vaticinando salvação e até prosperidades para Portugal, quando o infante governasse em nome do irmão ou ao seu proprio. Ora denomina o infante em suas cartas de Santelmo, ás vezes o appellida Corpo Santo. Communica a seus amigos que lhe annunciaram o exilio, ao principio para Angola ou Brazil, e depois para a India : « Tive aviso haverá quinze dias, — diz elle

» ao marquez de Gonveia, — que me estava reservado
» novo desterro. Estou pela sentença e irei para onde me
» mandarem, seja Asia, seja Africa, seja America, que em
» toda a parte ha terra para o corpo, e Deus para a alma, e
» lá nos acharemos todos diante d'aquelle tribunal, onde
» só testemunha a verdade, sentencia a justiça, e nunca
» é condemnada a innocencia. » Não se abate, portanto,
seu animo com os annunciados desastres, applica-se a escrever um livro sobre *Portugal, quinto imperio do mundo,* quando libertado do regimen do momento, lendo na marcha dos cometas, no curso dos astros e nas profecias de charlatães, a historia favoravel do futuro.

Não ha espirito nenhum, por mais atilado e desembaraçado de preoccupações, que seja de muito superior ás opiniões, abusões e superstições do seu seculo. Ha sempre uma nuvem densa que os obscurece, e uma impressão da epocha que os domina. Póde descobrir alguma cousa mais. pouco todavia. O Padre Vieira fôra dotado de perspicacia notavel, superior mesmo. Não podia, comtudo, ir muito alem dos seus compatriotas; e seu tempo se empregnava de superstições e abusões singulares, tanto mais acreditadas geralmente quanto ás desgraças por que Portugal passara durante o captiveiro dos sessenta annos, os sustos que preoccupavam ainda e atormentavam a nação pelo resultado da guerra da independencia que perdurava crespa e tenaz, geravam naturalmente preconceitos melancholicos e superstições malfadadas.

No meio de seus presagios felizes, desenhava ás vezes o Padre, como, porém, desconsolado, mas com precisão energica, as calamidades da situação que se atravessava: « Já me
» contentara, — diz elle, — que foramos a segunda Galiza
» com segurança: mas esta não sei nem vejo que fundamentos
» que o possam prometter. É necessario governarmo-nos com

» a espada sempre á cinta e com a balança na mão pesando
» os poderes de todos os principes, e fiando-nos só de nós.
» Não estamos em tempo d'El-Rei D. Manuel em que só
» os nossos astrolabios sabiam navegar, e só os nossos
» galeas tinham nome. Hollanda, Inglaterra, França, se
» tem feito potentissimas no mar, e por isso uns podem
» contractar e outros resistir á fortuna nos maiores apertos
» d'ella. São as armadas os muros de nossas conquistas,
» si as queremos sustentar e fazer prosperar. E não nos
» envergonhamos de se saber no mundo que hoje consta
» a nossa armada de tres fragatas? Só o commercio é que
» torna as nações opulentes. Porque não havemos de
» valer de nossa situação, dos nossos pontos, dos nossos
» mares, das nossas conquistas? O correio de Lisboa não
» trouxe mais novidades que a partida d'El-Rei á romaria
» de Santarem, para d'ahi passar a Salvaterra até outro lado.
» Não deixará de pasmar o mundo vendo que toda a
» potencia de Hespanha armada dá tão pouco cuidado ao
» nosso principe que lhe não tira o divertimento da caça
» nos mesmos mezes em que se preparam as campanhas.»

Temendo-se o governo de D. Affonso do repouso apparente de Vieira, entendeu que convinha precaver-se contra seus intentos, caso os meditasse, e ordenou que fosse transferido do collegio do Porto para o de Coimbra, e no Tribunal do Santo Officio respondesse á accusação contra elle intentada por causa de ideas e proposições escriptas e pronunciadas no pulpito e em conversações particulares, que pareciam contrarias á orthodoxia da Egreja romana, e á disciplina e dogmas do catholicismo que cumpria manter puro e illeso.

Recebeu a Inquisição a denuncia com prazer extraordinario, sabia quanto era infenso o Padre á instituição do tribunal; considerava-o inclinado á heresia por algumas

proposições que em escriptos e sermões enunciara. Decidio immediatamente que recolhesse aos edificios do Santo Officio.

Requereu o Padre Vieira o direito de defeza livre, considerado preso em casas da companhia, attentos os privilegios de que gozava como jesuita. Não pode o tribunal recusar-lhe o reconhecimento, ordenou todavia que diariamente comparecesse para responder á accusação intentada. Dois annos inteiros gastou Vieira em ir ao tribunal quotidianamente, acompanhado de alguns confrades, em ouvir e apresentar testemunhas, responder a inquirições, e discutir o valor das opiniões que se lhe imputavam. A argucia do Padre Vieira manifestou-se tão poderosa no debate que compellia ao silencio os accusadores, e lançava a duvida no meio de disputas renhidas e contradictorias. Foi-lhe necessario empregar toda a subtileza, toda a penetração do seu espirito abundantissimo em recursos. Teve que combater accusações de heresia, por se ter lembrado de propôr a D. João IV creação de companhias com capitaes de descendentes de Jerusalem; por haver dito que os christãos novos eram eguaes aos velhos; por ter pensado que se não deviam perseguir os israelitas; por haver anunciado que a religião não devia obrigar o bautismo a quem de coração o não quizesse aceitar; e por muitas outras proposições, que o tribunal julgou pouco consoantes com o dogma e a disciplina da Egreja catholica. Não conseguio, comtudo, Vieira, desassombrar-se das accusações; publicou o tribunal sentencia de pronuncia e prisão nos carceres do Santo Officio, aos quaes foi compellido por fim a recolher-se como criminoso.

Em sua sentença os juizes não especificam factos, e nem dão razões em que se fundam para a pronuncia e a prisão. Vaga e generica, declara ella apenas que notaram nos escriptos

do Padre Vieira proposições e denunciações contendo materia nova, perigosa e falsa, e que parecendo muito conveniente averigua-las com a maior madureza e circumspecção, e com segurança da pessoa do reo, o mandam recolher aos carceres da Inquisição, como pronunciado.

Gastaram-se ainda dois annos mais com o processo desde a pronuncia e prisão até seu remate, conservando-se Vieira nos carceres do Santo Officio, posto que tratado com o favor que não encontraram os outros infelizes reclusos, já pela sua reputação e prestigio de talento elevado e de jesuita celebre, já pelas duvidas que suscitavam as proposições escriptas ou falladas a respeito de sua orthodoxia, quando se tratava de um ecclesiastico illustradissimo nas escripturas sagradas, e do respeito que elle merecia á propria curia romana. A discussão foi prolongada, e por mais atilados que os accusadores se mostrassem, as argucias, as subtilezas, as contestações, a finura dos argumentos, a logica admiravel, a sciencia consumada do reo, deixavam perplexos os juizes. Foi preciso recorrer a Roma, e um breve de Alexandro VI cortou a questão, declarando que as proposições imputadas ao Padre Antonio Vieira não continham doutrina em tudo conforme ao dogma e á disciplina da Egreja. Bem não soubera Vieira da opinião do Summo Pontifice que apressou em aceita-la, e confessar-se em erro, porque á decisão do successor de S. Pedro nunca faltaria com a obediencia duvida.

Proclamaria a razão que se absolvesse o reo, quando se curvava á intelligencia da doutrina catholica competentemente fixada pelo Papa. Não resolveu assim a Inquisição. Ao findar o anno de 1667 condemnou o Padre Antonio Vieira á reclusão perpetua em um dos claustros da companhia que o geral do Santo Officio designasse; declarou-o privado para sempre de voz activa e passiva, e do direito

de prégar ; e coagido a assignar termo obrigando-se a não tratar mais das proposições por que fora arguido ; relevado de maior pena como merecia, em attenção á sua edade, molestias e protestos de obediencia.

Leu-se-lhe a sentença primeiramente no Santo Officio; levado Vieira depois para o collegio dos Jesuitas, ahi de novamente se procedeu á leitura diante de seus companheiros reunidos para assistir ao acto : communicou-se-lhe depois que cumpriria a pena de prisão perpetua no convento de Pedroso, distante dezoito leguas de Coimbra.

Felizmente que para o Padre Antonio Vieira marchava rapidamente a revolução politica que se tentava no reino. O infante D. Pedro, e seus partidarios, se haviam levantado emfim, prendido o rei D. Affonso VI, e proclamado uma regencia que governasse emquanto o soberano se não manifestasse mais habilitado e digno do throno. Convocadas Cortes immediatamente, Cortes que se diriam esquecidas de ha muito, estas declararam deposto o rei, e empossado da administração o infante, ratificando assim a revolta dos nobres.

Não se satisfez D. Pedro com o governo do paiz, embora o exercesse em nome do rei deposto ; temendo a conservação d'este no reino, embora preso, enviou-o para os Açores. Ennamorado ainda da cunhada, a rainha D. Maria Francisca de Nemours, alcançou fazer annular pelo tribunal da Nunciatura romana o casamento, e logo depois se consorciou com ella, podendo, portanto, dizer-se que D. Pedro roubou ao irmão a liberdade, a corôa, e a esposa. Não tardou egualmente em chamar para coadjuva-lo na administração os seus amigos : Cardaval, Gouveia e outros até então desterrados. O conselho geral da Inquisição de Lisboa passou logo instrucções para Coimbra afim de que Vieira se recolhesse ao collegio de Cotovia, se declarasse

suspensa a sentença pronunciada contra elle. No collegio de Cotovia considerou-se Vieira enteiramente livre e desembaraçado.

Acolhido Vieira pelo infante com as mais evidentes demonstrações de apreço, logo que foi admittido á sua presença, cuidou immediatamente de prégar, no intuito de manifestar que se annullara a sentença do Santo Officio de Coimbra que o condemnara a nunca mais servir-se do pulpito.

Desejava, todavia, Vieira, que se annullasse expressamente a sentença do Santo Officio de Coimbra que lhe parecia uma nodoa indelevel na vida: não conseguindo do infante regente que interpozesse sua influencia para que a Inquisição lhe accedesse ao pedido, mostrou-se degostoso, entendendo haver ingratidão de um principe que tanto lhe devia, e á cuja ambição se devotara. Posto que o regente o ouvisse em questões graves do estado, e lhe manifestasse apreço á pessoa e talentos, pensou o Padre Vieira que não gozava de D. Pedro e do seu governo a importancia e consideração, que havia adquirido de D. João IV, de seu filho D. Theodorio, e de D. Luiza de Gusmão. Pedio e obteve licença dos seus superiores para partir para Roma; requereu a D. Pedro recommendações para seu embaixador a fim de auxilia-lo em supplicas que pretendia dirigir ao Summo Pontifice, e anunciou que pretendia dirigir-se antes a Inglaterra, e de lá então passar-se ao continente.

Não lhe recusou D. Pedro algumas recommendações, que no parecer de Vieira não tinham valor e nem mostravam empenho de servi-lo efficazmente. D. Pedro conseguira paz com Hespanha, e reconhecimento da independencia do reino de Portugal por todos os governos de Europa, e abrira relações com a Curia romana, podendo portanto melhor favorece-lo, caso lhe conviesse. Recusou-lhe, po-

rém, a viagem por Inglaterra, marcando-lhe o itinerario pelo Mediterraneo. O duque de Cadaval recommendou-lhe instantemente que tratasse de seu casamento com princeza italiana, de casa illustre, e nobre stirpe.

Deixou, pois, Vieira, a cidade de Lisboa, magoado, offendido em seu amor proprio, e resolvido a acabar seus dias em Roma, abandonando por uma vez a patria.

Enganara-se quando se persuadira que concorrendo para a deposição de D. Affonso, que tão seu inimigo se mostrara, alcançaria o mesmo favor e influencia que anteriormente exercera: não o magoava ainda notar que os escriptores da sua epocha lhe não mencionavam quasi o nome nas suas publicações, quando a todos era elle superior como a aguia aos demais passaros que povoam o espaço? Não se resignava como Camões a egual falta de attenções da parte dos poetas seus contemporaneos, porque desgraçado e peregrinando sempre na miseria, sabia o grande cantor dos Lusiadas que só se distribuiam mutuos louvores as mediocridades, raladas de inveja diante dos grandes genios e dos elevados talentos. Constantemente se manifestam os homens os mesmos. Com a sua experiencia deveria-o saber o Padre Vieira, e despresar a paixão e interesses dos seus coevos, confiando ao futuro sua reputação e fama. O apreço, porém, que dava, aos applausos e lisongearias, e que o levava até a sacrificar no pulpito particularmente ao mau gosto litterario da epocha uma intelligencia e uma maestria tão superiores, despertava-lhe sentimento de despeito, e exasperava-lhe o animo.

Foi magestoso o acolhimento que o Padre Vieira em Roma recebeu dos seus socios jesuitas. Esperaram-no fora, a duas leguas de distancia, conduziram-no em triumpho á cidade dos Papas, e prepararam-lhe festas dentro do collegio da Companhia. O geral Oliva, cardeaes, principes

temporaes, sabios, personnagens illustres o visitaram e comprimentaram. Seu renome o precedera na viagem, e todos anciavam conhecer aquelle prégador admiravel, que extasiava o povo portuguez com sua eloquente palavra, conceitos espirituosos, e grande licção das escripturas sagradas.

Em louvor de Vieira cumpre dizer que se occupou antes de tudo de corresponder á amizade do duque de Cadaval, cumprindo a missão de que se encarregara, estudando-lhe a execução nas partes de Italia por onde passara até chegar á Roma. Escreveu-lhe pela seguinte maneira :

» Havendo examinado o que ha em Roma, Napoles,
» Milão e ainda Genova, os grandes senhores por estas
» partes muito difficultuosamente querem casar suas filhas
» por não diminuir a substancia das casas, cuja conser-
» vação e augmento é o seu principal cuidado; querendo-as
» antes muito grandes e opulentas que bem aparentadas.
» Quando se possa vencer esta difficuldade e se decidam
» os pais a apartar de suas filhas e ellas desterrar-se para
» paizes extranhos, onde não ha dinheiro não ha qualidade,
» e onde ha qualidade não ha dinheiro nem para a viagem.
» Casamento em França de nenhum modo pela experiencia
» de alguns senhores de Italia que de lá trouxeram mul-
» heres, todos para destruição de suas casas, pela liber-
» dade grande com que as senhoras francezas são creadas,
» pela largueza excessiva de seus gastos e appetites, e outros
» inconvenientes de maior reparo que em França não
» tiram credito e em Portugal não são toleraveis; e que-
» rendo vedar será sem paz e em perpetuo desgosto e
» muito mais sendo a pessoa de relevantes qualidades como
» convem para satisfação da patria a quem vai buscar
» mulher fora d'ella. Entendo, pois, que só em Castelha
» se póde encontrar a senhora que V. Ex.ª deseja. »

Não se esqueceu de dirigir-se egualmente á rainha de Inglaterra, filha de D. João IV, e irmã do rei D. Affonso VI e do infante D. Pedro, regente de Portugal, não só no intuito de desculpar-se por não ter ido receber em Londres suas ordens para Roma, como para queixar-se particularmente do irmão, que lhe não consentira os desejos de pratica-la.

» Senhora, — escreveu-lhe Vieira, — tem V. M. a seus
» reaes pés a Antonio Vieira n'este papel porque é tal a
» sua fortuna que o não póde fazer em pessoa por mais
» que o desejou e procurou. A quem me queixarei do
» principe D. Pedro meu senhor senão a V. M.? Por sua
» causa, depois do primeiro desterro padeci as indigni-
» dades que me não atrevo a referir, e quando para o re-
» paro d'ellas esperava o escudo de sua real protecção,
» nenhuma folha de papel para o seu embaixador pude
» conseguir em que lhe encommendasse me assistisse na
» Curia romana; e nem querendo eu fazer minha viagem
» para Londres para antes de morrer ter a consolação de
» ver a rainha da Grã Bretanha, minha senhora, me não
» concedeu que passasse, uma vez por amor de mim,
» aquelle mesmo canal de Inglaterra em que por sete vezes
» me vi perdido pela conservação da corôa portugueza
» sobre a cabeça de seus reis naturaes. Magua é maior
» que toda a paciencia e consideração de que experimente
» estes rigores em um filho d'El-Rei D. João IV e da
» rainha D. Luiza um criado tão favorecido de ambos que
» um o nomeou para mestre e o outro por confessor do
» mesmo senhor infante. Permitte, porém, Deus, que nos
» principes da terra se encontrem semelhantes galardões,
» para que só da sua grandeza e verdade se esperam os
» que não hão de ter fim. »

Supplicaram os Portuguezes residentes em Roma que o Padre Vieira se prestasse a prégar um sermão, e acce-

dendo o geral dos Jesuitas, não pode elle deixar de satisfazer-lhes os desejos. Fallou sobre Santo Antonio de Lisboa, preferindo tratar de um assumpto portuguez. Ainda que desgostoso da patria e dos seus, dava-lhe rebates o coração da saudade, e a alma se lhe não despegava da terra do seu berço, á qual o prendiam todos os affectos. Foram tão expressivos e explendorosos os applausos, que o Padre arrancou a seu auditorio, que cardeaes e principes romanos se empenharam ardentemente com o geral da Companhia para que elle prégasse na lingua italiana.

Resistio com força o Padre Vieira ao pedido; declarou que pronunciava mal o idioma italiano, e não podia deixar de tropeçar a todo o instante na grammatica e nas subtilezas da lingua. Insistio, todavia, o geral que gozava egualmente de creditos merecidos de excellente orador sagrado. e declarou ao Padre Antonio Vieira que não nutria o menor receio de que nem elle nem a Companhia perdessem de prestigio, quando fallasse italiano. Deu, por fim, ordem positiva para dissipar todos os escrupulos do Padre Vieira.

Prégou, portanto, Vieira, em italiano, e para assumpto de sua primeira oração escolheu a vida de S. Francisco das Chagas. A primeira nobreza, os officiaes mais elevados na jerarquia ecclesiastica, estrangeiros illustres, numeroso concurso de povo, encheram o templo. Ou pelas difficuldades vencidas em idioma extranho, ou pelos gestos majestosos, voz poderosa, figura imponente, olhar de aguia do orador; ou pela variada instrucção dos livros sagrados, e argumentação singular e vigorosa, que empregou, certo é que Vieira alcançou a maior victoria em terra e em lingua extranhas. arrancou estrepitosos applausos e ganhou a maior celebridade na mesma cidade, onde residiam em tão crescido numero, sabios, artistas, litteratos, theologos, prégadores, talentos da primeira plana. Foi ainda compel-

lido a prégar por vezes em italiano, e cada vez se augmentaram mais seus creditos de orador eloquente.

Convem dizer que nos sermões prégados em Roma e em italiano pelo Padre Vieira, e que foram traduzidos em castelhano, francez e portuguez, deparam-se todas as suas selectas e preciosas qualidades, e não se encontram aquelles trocadilhos e conceitos de que abundam os que pronunciara em Lisboa, Bahia e Maranhão, para agradar a seus compatriotas: prova evidentissima de que elle ahi procurava affeiçoar a sympathia dos onvintes, fallar-lhes ao gosto, e conseguir applausos calorosos.

Acolhido agradavelmente em todas as casas e sociedades de Roma, estimado pelos cardeaes e principes, bem aceito do Papa, recebeu egualmente o Padre Vieira da rainha Christina da Suecia expressivas demonstrações de apreço e admiração.

Depois de haver abdicado a corôa, esta mulher singular estabelecera-se em França, mas tendo ahi feito commetter actos reprovados, trocou a residencia de França pela de Roma, e a religião protestante em que fora creada pela catholica e apostolica. Litterata, philosopha, poeta, abrio em seu palacio sessões de controversia para os espiritos mais cultivados que se achassem na cidade do Tibre. Por uns censurada e até calumniada pelos actos de sua vida, por outros elogiada e divinisada pelos seus talentos singulares e maneiras agradaveis, certo é que a rainha Christina rodeiava-se em Roma de uma corte, não de fidalgos e criados palacianos, mas de personnagens illustres pela sua sciencia e pelas suas luzes. Pretendeu a rainha nomear seu prégador ao Padre Antonio Vieira, extasiada diante de seus talentos superiores. Recusou honra, todavia, o jesuita portuguez, mais, elle proprio o confessa, para não prestar motivos a indisposições do regente de Portugal, não

para recusar uma graça expontanea que lhe sorria ao orgulho.

Posto que, comtudo, gozasse o Padre Vieira da maior consideração em Roma, não conseguia o desejado resultado de sua viagem, e que se reduzia a alcançar do Papa annullação official da sentença do Santo Officio de Coimbra, pela qual fôra, além de condemnado á penas phisicas, despido da autoridade moral necessaria para expender doutrinas theologicas. Nem o regente o auxiliava por meio de seus embaixadores, nem os empenhos de amigos tinham forças perante o Summo Pontifice. Escrevia o Padre a varios intimos de Lisboa, queixando-se de ingratidões, lastimando sua sorte, e lamentando que sua patria e os seus o não apreciassem como deviam.

Ora dizia : « Mais gosto de ver em Roma as ruinas e os » desenganos do que foi do que a vaidade e variedade do » que é. » Referia-se ás vezes aos premios conferidos a indignos, quando se recusavam os bemmeritos : « Quando » as mercês não são prova de ser homem, — exclamava, — » senão de ter homem ; quando não significam valor, e só » valia, pouca injuria se faz a quem se não fazem. As » mercês feitas a indignos não honram os homens, affron- » tam as honras. As commendas em certos peitos não são » cruz, são vespa, e quando se vêem tantos ensanbenitados » de honras bem vos podeis honrar de não ser um d'elles. » Elle, que presava mais que tudo a politica ; que se habituara a tomar parte no seu movimento e direcção ; que a preferia ás lettras e ás sciencias, como theatro de maior gloria, agora despeitado dos politicos da sua terra que o não comprehendiam, não hesitou em proclamar que : « Houve tempo em que os demonios fallavam e o mundo » os ouvia ; mas depois que ouvio os politicos, tornou-se » peior o mundo. » Tratando de justificar sua pretenção

de annullar-se a sentença do Santo Officio de Coimbra, não trepidava em confessar que : « Havia cessado o escrupulo » de sua consciencia, mas não o do seu credito, que cada » hora parecia mais vivo quanto menos fresca a ferida, » que lhe tinham feito. » Fallando da ingratidão do infante a seu respeito, aconselhava seus amigos a fugir da intimidade dos reis, porque : « Si tendes pouco juizo e muito » coração, — exprimia-se, — podem-vos os reis matar » com um gesto carrancudo ou com um voltar de olhos. »

Cinco annos gastara já em Roma, e seu principal desejo não estava satisfeito, até que por fim o Summo Pontifice entendeu contenta-lo, lavrando e entregando-lhe um breve, pelo que o libertava de toda a acção do Santo Officio da Inquisição, tornando-o privilegiado por qualquer accusação para só responder perante a Curia romana ou ás autoridades ecclesiasticas por ella nomeadas juizes do feito.

Não se lhe apropriando á saude os ares de Roma, retirou-se a Albano : conhecendo ahi que só a athmosphera patria lhe seria favoravel, resolveu-se finalmente a voltar para Lisboa, e conseguio que o infante D. Pedro o reclamasse do geral dos Jesuitas. O coração humano é um abismo indecifravel, e tanto que ninguem póde tomar resoluções definitivas. Ao partir Vieira de Lisboa, fôra sua intenção acabar seus dias, sem ver mais a patria ; o amor, porém, que lhe consagrava era maior que a sua paixão e despeito, e apezar de considerar-se muito honrado em Roma e mais que na terra em que nascera, como sempre o affirmara, não queria agora senão voltar para seus lares nacionaes, e ahi acabar seus ultimos dias de vida, ainda que com menores demonstrações de affecto e apreço que entre os extranhos encontrara.

Mostrou-se-lhe D. Pedro affectuoso e amigo, recebendo-o ; e lembrou-lhe que era tempo de publicar seus sermões

para a posteridade, reunidos em uma collecção particular, e revistos com cuidado, porque muitos andavam traduzidos em castelhano muito adulterados ; outros em portuguez impressos com erros notorios; alguns passavam por alheias composições, e convinha para gloria sua e da patria restitui-la á sua pureza. Lisongeava por este feitio o amor proprio do autor, e quiçá occupando-o, lhe mitigava as queixas que se habituara a levantar contra a ingratidão do seu rei e dos seus compatriotas. Foi-lhe o conselho aceito, e em Lisboa entregou-se Vieira ao trabalho de corrigir e regularisar suas orações sagradas. Incumbido, no entanto, de dar pareceres, a respeito de assumptos politicos e administrativos, empregava o Padre sua actividade e zelo em servir ao principe, escrevendo relatorios, memoriaes, e papeis de pragmatica, em que eximio e admiravel se manifestava sobretudo o seu engenho, e brilhavam suas habilitações particulares.

Uma das memorias que excede em primor foi a relativa ao casamento da princeza real, herdeira presumptiva da corôa, com principe extrangeiro. As dynastias reinantes de Parma, Toscana, Baviera e Saboya aspiravam a sentar no throno portuguez, ainda que apenas como principe consorte, descendentes de suas casas. Dirigiam-se ao proprio Padre Vieira, recommendando suas pretenções, e supplicando-lhe sua opinião, como de valia e preponderancia. Orna-se o parecer de Vieira, incumbido pelo infante D. Pedro, de mais correcta linguagem, do estylo mais primoroso, de deducção mais corrente, de argumentação mais logica. Aprecia a questão sob todos os seus pontos de vista, historico, politico, vantajoso. Forma um trabalho habilmente elaborado, e patrioticamente esclarecido.

Continuava, comtudo, o Padre Vieira, em manifestar seus despeitos; ora dizia que o principe regente lhe não

mostrava affectos serios; ás vezes irritava-se contra a ingratidão dos Portuguezes, que o não apreciavam segundo seus meritos, serviços, experiencia dos negocios, e illustração do espirito. Reputava offendido o seu amor proprio, e não lhe parecia sufficientes os applausos e louvores dos que concorriam a ouvi-lo na tribuna sagrada.

Resultavam mais inconvientes que lhe attrahiam respeito ás suas lamentações repetidas. Animos invejosos de proposito ou lhe censuravam os escriptos ou os adulteravam, emprestando-lhe opiniões e erros, que elle não commettera, augmentando-lhe por este feito o despeito. Queimaram-lhe a estatua em Coimbra, em uma folia de estudantes e lentes, arrancando-a dos paços da universidade. Como se não magoaria, comparando o procedimento dos seus, e o dos extranhos? Em Roma, França e Hespanha era elogiado, admirado o seu nome; na universidade installada no Mexico collocára-se seu retrato entre os dos varões illustres. Repetira Christina de Suecia seu pedido para que aceitasse a nomeação de seu confessor, e se transferisse para Roma a fim de lhe illustrar a consciencia com seu saber profundo e raros talentos; publicara-se uma phrase do Summo Pontifice, que o honrava sobremaneira: « Tudo merece este Padre, — dissera o Papa, — demos » graças a Deus por faze-lo catholico romano, porque si o » não fôra, poderia dar muitos e serios cuidados e trabalhos » á sua Egreja. » Em Portugal soffreu no entanto despresos, que forças elle não teve para calar, e nem esquecer mais durante o resto de sua vida.

Vingava-se por vezes o Padre Vieira nos seus sermões, exprobando aos coevos a sua ignorancia e ingratidões, ao governo seus erros, ao proprio regente os seus descuidos, proclamando no pulpito as verdades mais duras, e ousando assim enunciar-se: — Tenho dito tantas verdades com

» tanta liberdade e a tão grandes ouvidos. » Faltava assim ao homem a isenção de espirito necessaria para desprezar os favores da corte, que entretanto proclamava sempre o prégador nos seus sermões com tanta eloquencia. No meio dos pensamentos, que o orador exprimia, fulguram alguns que provam quanto era elle superior ao seu seculo, quando levantando seu animo, quão livre e justa a sua consciencia. Sabia desembaraçar-se da obscuridade e prejuizos da epocha, em relação ás ideas moraes, e ao direito natural do homem, e ao de uma sociedade que tem pretenções á civilisada.

Como é admiravel o modo por que elle explica a justiça, a justiça universal, que o seu tempo ainda não comprehendia na theoria, quanto mais na pratica? Os philosophos Beccaria e Montesquieu do seculo XVIII não a descreveram melhor, procurando adiantar as ideas moraes e as luzes, que anciavam espalhar :

« Nenhuma cousa, — disse o Vieira, — destroe mais a
» monarquia nem deve temer-se mais que castigarem-se
» os innocentes, e por isso Christo ensina que é melhor
» ficar a sisania entre o trigo de que com o zelo de tirar
» a sisania perecer o trigo; e é mais santo e justo ficar o
» crime sem castigo que castigar-se o innocente. Assim o
» dispoem o direito que pesa mais para a perdição e con-
» demnação do juiz uma sentença injusta do que para
» livra-lo d'ellas muitas e muito justo. A razão é clara
» porque n'esta faz o juiz bem e como deve o seu officio,
» e n'aquella procede contra o que a elle deve. No primeiro
» caso fez julgador sua obrigação, no segundo pecca um
» peccador que não tem restituição. »

Como flagella os vicios e maus habitos do tempo, e particularmente dos frades, que não são levados á solidão e á vida dos claustros por vocação expontanea, sem porém,

pelo instincto de encontrar quem os alimente e honre, sem trabalho seu, sem incommodo de suas pessoas? O pulpito sobe então á altura de escola, e de licção moral, posto que não raro o Padre Vieira se sirva d'elle para o sarcasmo pungente, que deveria ser desviado do pensamento do prégador e do sagrado recinto da egreja.

« Os miseraveis, — exclama Vieira, — que não deixam
» e nem seguem são os que se mettem a religiosos como a
» qualquer officio para viver. Fica no mundo um moço
» sem pai, mal herdado da fortuna e menos da natureza,
» sem valor para seguir as armas, sem engenho para
» cursar as lettras, sem talento nem industria para gran-
» gear a vida por exercicio honesto: que faz? Entra em
» uma religião das menos austeras, veste, come, canta,
» conversa; não o penhoram pela decima, nem o prendem
» para sentar praça: não tem cousa que lhe dê cuidado, e
» nem elle toma: emfim é um religioso de muito boa vida,
» não porque a faz, mas porque a leva. Este tal nem deixa,
» porque não tinha que deixar, não segue, porem, não veio
» seguir a Christo, veio viver. Os fracos que deixam e não
» seguem são os que trazem á religião o enojo, o desar,
» a desgraça e não a vocação, porque olham para o mundo
» com dôr e não com arrependimento. Os bons são só os
» que deixam e seguem exaltados pela graça do mundo,
» e despejados das cadeias da terra. »

Principiou Vieira a manifestar desejos de deixar Lisboa e recolher-se a Bahia, onde irmãos e familia natural, e o instituto dos seus socios jesuitas lhe offeceriam maiores lenitivos e descanso. Allegava molestias, edade, clima superior ao de Lisboa para restabelecimento de sua saude. Começara a publicar a collecção completa de seus sermões, não os poderia mais em paz corrigir e aperfeiçoar na Bahia, remettendo-os de lá para a imprensa de Lisboa?

Fallou ao infante, requerendo-lhe as licenças necessarias, ou na persuasão de que não seria attendido, ou ancioso de mais descobrir-lhe os affectos a seu respeito. Confessa-se em uma carta magoado do modo por que lhe respondeu o principe : « O regente me concedeu logo, — ironicamente » se enuncia Vieira ao duque de Cadaval, — a grata licença, » a que se seguiram outras demonstrações, que não podia » esperar quem tanto tinha servido e padecido, como a » V. E.ª é presente. »

Não podia agora deixar de cumprir a viagem, fosse ou não sincera a intenção de effectua-la manifestada por Vieira. Mais o abate a dôr de conhecer assim que não eram apreciadas, como pensava deveremse-lo, suas habilitações, conselhos e serviços. Custava-lhe abandonnar Lisboa, separar-se da patria, posto que declarasse por vezes em seus escriptos que considerava o Brazil segunda patria pelos laços de gratidão e da familia. Comparava-se com Ovidio desterrado por Augusto, sem reparar que as margens do Danubio eram então desertas, povoadas apenas por barbaros, quando a Bahia lhe devia sorrir pelos afagos e carinhos do familia natural e dos irmãos da sociedade. Com difficuldade inaudita, e offendido no amor proprio, resolveu-se finalmente a executar a partida, dilatando, todavia, o mais que lhe foi possivel, o tempo necessario.

Quarenta annos haviam decorrido desde que elle resolvera voltar para a Bahia. Recebido com evidentes provas de estima e consideração, não quiz, comtudo, permanecer na cidade e no collegio, e recolheu-se a uma quinta dos Jesuitas, a pequena distancia, denominada do Tanque, para, dizia elle, gozar de mais descanso e tranquillidade.

Occupou-se ahi com a lima das suas obras que continuadamente remettia para Lisboa; e com uma correspondencia activa, que entreteve immediatamente com amigos de Lisboa, e

com consultas que se lhe dirigiam, algumas por parte do regente, ácêrca de assumptos politicos e administrativos. Não poderia pensar que á paz do corpo e do espirito o viessem arrancar occurrencias extraordinarias e desagradaveis, que avolumariam ainda as paginas tristes e infelizes da sua existencia, já tão adiantada nos annos, e tão longe do mundo activo e quasi de toda a sociedade humana.

Bernardo Vieira Ravasco, irmão de Vieira, exercia o emprego de secretario quando começara a governar a Bahia Antonio de Sousa Menezes, fidalgo velho, mas ignorante e violento. Pretendeu o governador, no anno de 1682, emendar o regimento regio, que fixava os direitos e obrigações do secretario. Oppoz-se-lhe Bernardo Vieira, allegando que só o rei o poderia modificar, ou conceder poderes especiaes ao governador para faze-lo em seu nome. Resultou d'este conflicto entre o governador e o secretario uma interrupta serie de lutas e acontecimentos lamentaveis. Foi o secretario suspenso de suas funcções pelo governador, e ordenada a prisão de dois de seus sobrinhos, sob o pretexto de que murmuravam da administração da colonia. Evadiram-se a tempo os dois mancebos, com que mais se incendiou o animo de Antonio de Sousa Menezes, por lhe escaparem as victimas de seu despeito. Servia-se Menezes de um braço de prata em logar do natural que perdera, e este defeito phisico era constantemente aproveitado pelos criticos da Bahia para o satirisarem. Grande parte do povo exasperava-se com seus despotismos, e applaudia os versos manuscriptos que se espalhavam pela cidade, motejando-o e ridicularisando-o. No numero dos vates de então sobresahia Gregorio de Mattos, nascido na Bahia, e dotado de veia poetica, mais aguçada pelo furor satyrico que inspirada por imagens agradaveis, ou preparada para assumptos serios e grandiosos. Não poupava

Gregorio de Mattos ao Braço de Prata, como appellidava o governador, e todas estas occurrencias mais exasperavam ainda os instinctos de Souza Menezes.

Emquanto se passavam estes factos um crime se praticou na Bahia. Foi assassinado um alcaide mór da cidade, partidario tenaz do governador. Manifestando cumprimento de dever, perseguindo e fazendo processar e condemnar os delinquentes, attribuio-o o governador á cumplicidade de Bernardo Ravasco, e ordenou se prendesse e se encerrasse em uma enxovia.

Geral descontentamento do povo provou-lhe a injustiça que praticara, porque, além de altivo como seu irmão, gozava Ravasco, assim que toda a familia Vieira, de creditos fundados e excellente nomeada. O senado da camara enviou a Lisboa um dos seus vereadores a queixar-se ao regente. Com elle e no mesmo navio partiram dois sobrinhos de Ravasco, levando cartas que no seu retiro solitario, ao saber dos acontecimentos, lhes entregara o Padre Vieira para varios fidalgos do reino e para o proprio regente, pedindo-lhe justiça e segurança para sua familia e para a Bahia.

Anticipara-se, todavia, o governador em communicar ao superior de Lisboa, a seu sabor e geito, os factos occorridos, de modo que prevenira de alguma sorte o regente contra as queixas levantadas pelos povos da colonia.

Bem quizera o Padre Vieira continuar socegadamente na quinta do Tanque. Mas seus parentes e amigos instaram com elle para fallar ao governador, e pelo respeito que devia impôr um personnagem tão celebrisado e estimado, conseguir lenitivo aos males que Menezes causava com suas arbitrariedades.

Dirigio-se Vieira ao palacio, e pedio ao governador se instruisse melhor dos acontecimentos, e pozesse termo ás paixões do momento. Não estava Menezes habituado a

conselhos mesmo prudentes, e nem a admoestracções as mais assisadas. Insultou grosseiramente ao Padre Vieira, e a todo o instituto dos Jesuitas, e despedio-o com brutalidade. O Padre Antonio Vieira, que tanto se fizera apreciar pelos reis de Portugal, pelo Summo Pontifice, pelas rainhas de França e de Inglaterra, por varios principes soberanos, e pelos politicos e mais elevados conselheiros dos monarchas da Europa, que fôra respeitado em Portugal e em cortes differentes por seus talentos primorosos, eximias qualidades e serviços eminentes ao estado e á religião, maltratado e expellido agora da casa de um governador de colonia, como si fôra um creado, que houvesse commettido acções condemnaveis! Não podia conter seu aggravo aquelle espirito altivo, e escreveu logo e directamentamente ao regente, implorando-lhe uma reparação condigna á injuria recebida!

Posto que o infante regente não prestasse ouvidos ás primeiras queixas dos povos, por se ter impressionnado pelas relações que Menezes lhe enviara com antecedencia, não pode deixar de examinar melhor as queixas de Vieira e dos moradores da Bahia, com os novos eventos. Conhecendo-lhes a razão, deu por terminado o governo de Sousa Menezes, mudou algumas autoridades na colonia, e enviou para ella o marquez das Minas afim de a governar com mais rectidão e justiça.

Já se adiantara, porém, o processo de Ravasco por causa de lhe ser imputada a morte do alcaide mór da Bahia, e n'elle fizera incluir o governador Menezes o nome do Padre Vieira como cumplice do crime, e a primeira sentença de juizes, receiosos do poder, e submissos escravos do governador, pronunciara Ravasco á prisão e livramento, e mandara que os Jesuitas fizessem castigar em seu collegio ao Padre Vieira, visto estar isento das justiças ordinarias

pelos privilegios de sua ordem, e breves pontificios que o favoreciam.

« Eu mandado — dizia Vieira indignado para Lisboa, —
» castigar para meus superiores que como testemunhas
» de minha innocencia e da dos meus parentes não lhes
» permittio a consciencia serem executores do que não
» permitte a justiça ! Só Deus que é superior a todos os da
» terra, me conserva ainda vivo e tão amante do meu
» rei que por elle lhe offereço todas as minhas orações e
» sacrificios. »

Pôz felizmente termo a todas as perseguições o marquez das Minas, Bernardo Ravasco foi absolvido, solto e restituido a seus empregos, e o Padre Vieira supplicado de prégar nas exequias da rainha D. Maria Francisca, cuja noticia do fallecimento chegara a Bahia, logo depois da morte de seu primeiro marido El-Rei D. Affonso, e da exaltação ao throno do infante, seu irmão, e até então regente, sob o titulo de Pedro II de Portugal.

Si estes acontecimentos perturbaram extraordinariamente a tranquilla existencia à que se condemnara na quinta do Tanque o Padre Antonio Vieira, não o deixaram mais socegadamente acabar os dias da vida seus superiores da companhia de Jesus. Nomeou-o o geral em Roma para provincial no Brazil, e encarregou-o particularmente de promover missões e cathaqueses de indigenas.

Alquebrado de corpo, que já contava mais de oitenta annos de edade, conservara-se, todavia, vigoroso no espirito e diligente e activo no cumprimento de seus deveres. Deixou a quinta do Tanque, e tomou conta do collegio da Bahia.

Alguns annos exerceu o cargo, manifestando zelo, que poucos jovens raramente attingem, e dedicação, que não pode ser excedida. Alliviado, por fim, da incumbencia,

por eleição de outro provincial, volveu á sua solitaria quinta.

Não se conservara, comtudo, ocioso o Padre Vieira. Apezar de quasi cego e perseguido de surdez, escrevia pouco, é verdade, mas dictava a copistas as obras, em que se occupara, e a correspondencia, que por cartas não cessava de entreter com amigos de Lisboa. No correr, porém, do anno de 1694, conheceu que a vida se lhe aproximava do termo fatal, e que era mister despedir-se do mundo. Por uma circular a muitas pessoas de Lisboa dirigio-lhes seus adeuses, e declarou-lhes que cessava todas as relações. Apertando a molestia, vio-se obrigado a abandonar a quinta do Tanque e a recolher-se ao collegio da cidade, para medicar-se mais facilmente.

Não desemparou o sitio da solidão sem despedir-se tristamente d'elle : « Emfim, — escreveu ainda, — me re-
» solvo a deixar este deserto querido e esta adorada quinta
» e ir para o collegio da cidade, ou para sanar como ho-
» mem com os remedios da medicina, ou para morrer
» como religioso entre as orações e braços de meus padres
» e irmãos. Adeus, Tanque, não vou buscar saude nem vida,
» senão um genero de morte mais socegado e quieto que
» é o memorial mais frequente que de muitos annos a esta
» trago diante de Deus. Não sei o que será, mas no que
» fôr peço á V. Rma se conforme com a vontade divina
» tão indifferentemente como si a vida ou morte fôra de
» ambos. »

Não tardou a despegar-se do mundo. Finou-se em 1697 no collegio da Bahia com oitenta e nove annos e meio de edade. Reluzio a estimação em que era tido nas honras funeraes, que lhe fizeram. Todas as autoridades, o povo quasi todo da colonia, manifestaram sua dôr e pezar, comparecendo a encommendação do seu cadaver ; a egreja

cheia, as praças e ruas atopetadas de gente; a tropa em alas, o sentimento espalhado em todos os semblantes, a cidade como que coberta de luto, foram manifestações ao grande talento, ás luzes abalisadas, ás qualidades primorosas do Jesuita celebrisado, que enchera um seculo com seus feitos e obras, e se tornara d'elle a imagem e a photographia em quanto fizera e escrevera, como seu mais genuino e fiel representante.

XIII

Apreciamos a importancia do Padre Vieira durante todo o seculo XVII como o representante mais completo da nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal, como o reflexo mais saliente da sociedade do seu tempo, na politica, nos paradoxos e abusões, nas aspirações e no gosto. Devemos accrescentar que foi superior a seu seculo e aos seus compatriotas, e por vezes levantou-se tão alto e adiantou-se tanto em ideas que deixa os seus coevos atrazadissimos.

Foi o espirito que animou e dirigio o governo de D. João IV e parte do da regencia de D. Luiza de Gusmão, na administração interna, nas relações diplomaticas, na guerra contra Hespanha, na defesa e restauração das colonias portuguezas, nas providencias neeessarios ao desenvolvimento progressivo do Brazil, na cathequese dos indigenas, para os arrancar á vida anomala e selvagem dos bosques e converte-los em cidadãos uteis á religião e ao estado.

Vida trabalhada, atormentada, longa e póde-se dizer dramatica: recebido com honrarias nos paços dos reis de sua terra e extranhos; introduzido nas sociedades mais doutas e elevadas de sabios, litteratos, principes, nobres e clero; ora influindo, dominando, pela palavra, pela penna, e pelos feitos; ora perseguido, maltratado, preso, desterrado, condemnado.

Dotado de pensamentos altivos, de designios patrioticos, de energia indomavel, de atilamento fecundo, póde-se appellidar verdadeiro politico. Devotado a seu instituto, procurou honra-lo sem empecer a marcha livre dos governos civis e nem obstar ao progresso da nação. Sacerdote da Egreja catholica, nunca se desviou um apice dos seus dogmas e doutrinas disciplinares, e quando uma vez reprovou-lhe o Papa proposições enunciadas, não hesitou em retira-las e declarar que errara; e pelas missões que promovera directa ou indirectamente no Brazil, conquistara muitas tribus de gentios para o seio da religião, fomentando por este modo a extensão do seu culto e dos seus proselytos.

Como politico comprehendia as necessidades do seu tempo, e adivinhava o futuro, por que muito conseguio fazer, e muito ainda desejava alcançar, e não pode; sustentou e defendeu a liberdade dos gentios, a egualdade dos christãos novos; ousou censurar a expulsão e perseguições dos Judeus, que se conservaram adhesos á sua religião e costumes, declarando que como homens laboriosos, dedicados a industrias proveitosas, eram uteis antes que prejudiciaes ao estado como se tinha pensado; apregou ainda doutrinas de direito, tolerancia e justiça que hoje são geralmente aceitas, mas que eram então ignoradas; e oppoz-se sempre a perseguições por erros de entendimento, pelo que se tornou alvo da Inquisição, e foi apontado por

ella como homem perigoso. Accrescia ainda que em seus sermões e escriptos profligava os despotismos dos reis, as arbitrariedades dos grandes, os vicios do clero, a venalidade dos empregados publicos, as extorsões dos magistrados, as vexações do povo, as proemencias do berço para a valia e honras em vez do merito, e suppria assim não raro a falta de liberdades da tribuna parlamentar moderna. Amador de applausos, vanglorias e popularidades, como orador sagrado particularmente, sacrificava a miudo para agradar aos contemporaneos e affeiçoar-lhes as sympathias, quer a sua convicção propria, quer o seu gosto puro e selecto, ás opiniões, superstições e gosto depravado e corrupto litterario do seculo, fallando em influencia dos astros, vaticinando futuros lidos no curso das estrellas, e enunciando paradoxos e subtilezas mysticas, empregando argucias e trocadilhos para advogar excentricidades. Deixava o ouro fino e de lei pelo ouro falso; não porque os confundisse por ignorancia, mas porque sabia que o falso lisongeava mais aos leitores e ouvintes, e mais lhe attrahia a admiração dos contemporaneos.

Como particular, conservou sempre caracter severo e costumes moralisados: nunca ousou a calumnia, que não raro o deprimia nas suas qualidades de politico e de litterato offende-lo nem ligeiramente na vida e habitos domesticos. Parece, todavia, que n'elle imperava a razão de preferencia ao coração, e que mesmo á Companhia dos Jesuitas se mostrava adheso e firme mais por propositos honrados que por affeição intima. Posto que folgasse com as pompas das cortes e caricias de principes, apresentava-se modesto e simples sempre, conservando sua roupeta de jesuita, e manifestando a maior pobreza, não em apparencia, mas na realidade, porque permaneceu constantemente pobre, e desapegado de desejos de fortuna.

Detenhamo-nos agora um pouco na apreciação de seus talentos como litterato, analysando suas obras e escriptos, que ora tem sido elogiados como verdadeiros primores de genio, ora criticados como inferiores á reputação de que gozaram, e gozam ainda entre portuguezes e extranhos.

Ninguem o excedeu, direi mesmo, ninguem o egualou quer antes, quer depois, até nossos proprios dias, no manejo da lingua, na maestria com que sabia empregar os vocabulos, em sua correcção, pureza, propriedade e brilhantismo. Seu estylo é grave e claro, faceto ou sublime, segundo a marcha da exposição ou a natureza do assumpto. Não possue, todavia, a doçura terna e melancholica de Luiz de Souza, os ademans cavalheirosos e poeticos de Fernão Lopes, o fogo e enthusiasmo de Thomé de Jesus, as galas classicas de João de Barros, a concisão pittoresca de Fernão Mendes Pinto: ahi encontra rivaes e ás vezes superiores. Mas na linguagem sobresahe a todos, mostrando-se tão conhecedor das finezas delicadas de seu idioma, que emprega constantemente e com tal geito as palavras que nenhuma exprime mais e nem menos do que elle pretende dizer, e uma particular clareza as torna de todos comprehendidas. Qualquer que seja o assumpto de que trate, e ás vezes o mesmo por differentes modos desenvolvido, usa da expressão technica das sciencias, dos officios, das profissões, como um mestre especialista, e a sua phrase é sempre pura e decorosa.

Cumpre ainda accrescentar que sua linguagem é a do seu tempo, sem archaismos ou termos obsoletos, sem innovações impertinentes, pagando á lingua vernacula como filho estremoso os mimos e delicadezas que ella lhe ministra. Basta para demonstração inteira d'esta nossa proposição que leiamos alguns trechos destacados de seus escriptos.

1° « O leão para quem toda a Lybia era pouca cam-
» panha ; a aguia para quem todo o ar era pouca esphera;
» o touro que não cabia na praça; o tigre que não cabia
» no bosque ; o elephante que não cabia em si mesmo. »

2° « Arde o odio, morde-se a inveja, escuma a ira,
» raiva a desesperação, grita furiosa a dôr, se desafoga
» sem nunca desafogar-se a vingança. »

3° « Cante-lhes aos homens o rouxinol, mas na sua
» gaiola; diga-lhes ditos o papagaio, mas na sua cadeia;
» vá com elles á caça o açor, mas nas suas piozes; faça-
» lhes bufonerias o bogio, mas no seu cepo; contente-se
» o cão de roer um osso, mas levado onde não quer pela
» trella ; prese-se o boi de lhe chamarem fidalgo, mas com
» o jugo sobre a cerviz puxando pelo arado e pelo carro;
» glorie-se o cavallo de mastigar freios dourados, mas
» debaixo da vara e da espora ; queiram os tigres e leões
» comer a ração de carne que não caçaram no bosque,
» mas presos e encerrados em grades de ferro. »

4° « Judith manda vir cheiros, joias, galas, espelhos:
» veste, comprime, enriquece, esmalta os cabellos, a gar-
» ganta, o peito, as mãos. »

5° « Ha-de se arar a terra, ha-de se semear e gra-
» dar o trigo, ha-de rega-lo o ceo, ha-de amadurece-lo o
» sol, hão-de colhe-lo os segadores; posto empareas na
» eira, depois de calcado e prompto, ha-de ser moido,
» amassado, levadado, e finalmente cozido até que se
» possa comer. »

Aonde, em que livro, em que escriptor, podereis encontrar propriedade mais completa e mais perfeitamente empregada de termos e vocabulos? Deparar mais opulencia e ao mesmo tempo clareza, phisionomia e sentido proprio das palavras?

Relativamente ao estylo, ás qualidades de escriptor, aos

caracteres do orador, á imaginação, ao pensamento, á inspiração, á sciencia, o elogio não póde ser o mesmo, porque apparecem defeitos sensiveis no meio de bellezas esplendidas, e o Padre Antonio Vieira sobe muitas vezes á eloquencia, mais não raro decahe e desespera com as subtilezas, argucias e excentricidades que lhe absorbem e dominam o espirito.

Como artista, manejando o instrumento, e um instrumento tão primoroso como é a lingua portugueza, é Vieira o primeiro; é a aguia que remonta á athmosphera, e lá paira altiva e soberba, desdobrando olhares orgulhosos, sem que a altura de seu vôo possam attingir os outros habitantes do espaço. Como litterato, isto é, na parte propriamente intellectual, pertence á classe dos talentos mais favorecidos da natureza, mais illustrados pela doutrina, mas não se póde considerar acima de muitos outros peregrinos genios portuguezes.

Dividem-se em tres especies os seus escriptos: cartas, opusculos de pragmatica, e oratoria.

Nas cartas nenhum portuguez o egualou, pela naturalidade do estylo, clareza na exposição do assumpto, desafectação concisa, com que parece que mais conversa que discute ou raciocina, e no entanto tudo diz de modo elegante e formoso sem que falte a nenhum desenvolvimento da idea que o occupa, sem que denuncie o menor indicio de trabalho ou meditação.

Pela sua mesma simplicidade, torna-se difficilima a redacção de uma carta, particularmente carta familiar; exige condições e requisitos, graças e lhaneza, que os doutos não attingem, por excederem os limites do genero, e os mediocres escriptores não percebem.

Razão é que se aponta entre os romanos Cicero, e em França M^me^ de Sévigné, como os mais distinctos escrip-

tores de cartas, e quasi os unicos que conseguiram brilhar na sua redacção, entretanto que nos demais generos e especies litterarias o numero dos autores é crescidissimo, e todos de valia.

Falla-se na lingua portugueza nas cartas excellentes do bispo Jeronymo Osorio, de D. Francisco Manuel de Mello, e nos tempos modernos, de Frey Francisço de São Luiz. Nenhum, porém, d'estes vultos importantes póde medir-se, na redacção de cartas, com o Padre Antonio Vieira.

Relativamente aos dois mestres, um romano e uma franceza, a que nos referimos, ha occasiões em que d'elles se aproxima muito o Padre Antonio Vieira, excedendo mesmo a Cicero na naturalidade e desaffectação, e a Mme de Sévigné no interesse dos assumptos, de que se occupou em suas epistolas, muitas das quaes se elevam a materias graves de politica e philosophia.

Não faltaremos tambem com encomios e talvez superiores ao Padre Vieira, especialisando seus opusculos de pragmatica, narrativas de viagens e relatorios de negocios publicos. São titulos incontestaveis da extensão do seu espirito, da variedade de suas ideas, do vigor do seu raciocinio, da amplidão de suas luzes, da experiencia e acume, resultantes de seus trabalhos, do methodo perfeito, com que soia tratar de um assumpto, e desfia-lo em todas as suas causas, effeitos, e contrariedades.

As memorias sobre os meios de praticar a guerra contra Hespanha, a respeito das finanças, conveniencia de relações diplomaticas, administração politica interna, melhoramentos do Brazil, situação das colonias africanas e asiaticas, e missões religiosas aos sertões das conquistas, podem-se considerar verdadeiros modelos no seu genero, porque á linguagem correcta, a estylo corrente, claro e elegante, junta um conhecimento amplo das questões, que

analysa, compara, desenvolve, apreciando-as sob todos os aspectos favoraveis e contrarios. A marcha das nações, o adiantamento da civilisação, as modificações de leis, costumes, tendencias e instituições dos povos, a organisação dos governos modernos, tem visto decahir este genero litterario, em que primara tanto Vieira como diplomatas celebrisados de Veneza e outros povos, e nuncios doutos e perspicazes pontificios, cujas communicações officiaes se tem tornado os mais importantes documentos historicos, patenteando a vida dos seculos anteriores e a politica dos governos de modo muito differente do que o narram e referem as historias e chronicas que se escreveram, despidas de conhecimentos particulares, exames escrupulosos, e mais peças rhetoricas que narrativas exactas.

Os relatorios e viagens a respeito das missões á Ilha de Marajó, e ás serras de Ipiapaba, tanto mais preciosas nos parecem, relativamente á luz que nos ministram a respeito dos indigenas brazilicos do Amazonas, quanto formam paginas historicas verdadeiras, fazendo sobresahir uma qualidade intellectual de Vieira, que não lhe foi jamais attribuida, a qualidade e capacidade de historiador. Que monumento litterario não seria a historia do seculo XVII em Portugal, si o Padre Vieira, que fôra d'elle o principal representante em todo o seu curso e successos, a redigisse e legasse á posteridade? Contaria a patria mais um historiador, que como Thucydides ou Cesar referiria o que vira com seus olhos, acompanhara com seus conselhos, auxiliara com seu talento, e servira com sua acção propria.

A gloria fundamental de Vieira, na opinião geral de seus posteros, repousa na eloquencia da tribuna sagrada. Não ha negar, é deslumbrante, e nenhum orador em Portugal e nem em Hespanha o conseguio egualar nas aptidões e elevação da intelligencia; e poucos em outras nações e

linguas se podem considerar rivaes, e raros superiores em eloquencia. Parece-nos, entretanto, que ahi peccou muito Vieira, manifestando muitas vezes defeitos que são indisculpaveis em um espirito tão vasto, profundo e elevado, e defeitos, que prégadores de menor merito e menos elevação de espirito souberam evitar cuidadosamente.

A oratoria não póde ser apreciada pelo mesmo methodo com que se ajuizam as composições litterarias de outros generos. A leitura meditada e fria não lhe descobre todas as qualidades; a primeira impressão prefere, por causa dos arrobos repentinos, do enthusiasmo que suscita; convem que o leitor se colloque no logar dos ouvintes, e na epocha do orador, com suas paixões, gosto e instinctos. Ao historiador cumpre um estylo castigado, e pertence ao gabinete. O orador falla ás massas populares, e deve nos gestos, na acção, no porte, no olhar, no som variado da voz, arrastar e extasiar os ouvintes; na linguagem clara, phrases expressivas, pensamentos rapidos e esplendidos, abundancia de conceitos, escolha de sentenças, graças espirituosas, affeiçoar os animos, commovê-los, e deixa-los absortos na admiração.

Demosthenes não póde ser analysado como Thucydides, Cicero como Tacito, ou Tito Livio; n'estes ha longo trabalho, aturadas vigilias que descobrir-se; no orador ancia-se encontrar uma espontaneidade, uma tal qual improvisação do momento, que são requisitos necessarios para sua influencia e valia. Nas orações de S. João Chrisostomo e S. Agostinho nota-se immediatamente uma fadiga estudiosa e uma demorada meditação. Santo Athanasio, S. Basilio e S. Gregorio dispoem de mais raptos de imaginação, de mais fogo e repentes preciosos no orador, entretanto que mais puros e correctos são aquelles como escriptores.

Vieira era orador, e grande e eloquente orador; ninguem

emprega mais singular dialectica, argumentação mais cerrada; ninguem persuade, convence melhor o auditorio e se mostra mais natural, fluente e insinuante. Podem os principios estabelecidos por Vieira ser contestados por inexactos e até não raro são paradoxaes e arbitrarios. Mas a logica que maneja é tão magistral que muda as opiniões contrarias á sua, si se lhe não accode logo ao começo, negando as premissas.

Seus primeiros sermões pregados na Bahia até 1640 são já de uma linguagem corrente, de vigorosos pensamentos, de raptos de eloquencia, mas excessivos na abundancia da seiva e do brilho, parecendo uma arvore coberta de galhos e folhas admiraveis á vista antes que capaz de produzir fructos sazonados. Melhorou, porém, e muito, com o estudo, a applicação, um theatro mais vasto e illustrado, e em Roma particularmente manifestou cabal conhecimento das litteraturas antiga e moderna, profana e sagrada, das escripturas e das obras dos padres da Egreja, e das doutrinas theologicas e canonicas.

Razão e sobeja tem aquelles que o censuram pelas extravagancias, quiproquos, sofismas ridiculos, e facecias de mau gosto, que empregava em suas orações ou para agradar a seus ouvintes, ou para desabafar-se dos indifferentes e dos adversarios, a pretexto de criticar-lhes os vicios, e applicar-lhes o ridiculo. Na maior parte de seus sermões deparam-se estes defeitos, que deslustram a gloria do grande litterato.

Ao lado, porém, das argucias, sofismas, subtilezas, e esdruxilidades, quantos thesouros de gosto, de eloquencia, de sublimidade! Quantas imagens admiraveis, quantas methaphoras formosas, quantas comparações feitas com decoro, quanta licção senteнciosa!

Falta, todavia, á imaginação poderosa e possante de

Vieira uma grande qualidade, um predicado necessario ao orador, é o dom de commover o auditorio. Convence e persuade mas não internece. Enthusiasma e arrasta mas não falla aos affectos intimos da alma. Dirige-se ao espirito dos ouvintes não ao coração. N'esta parte são lhe superiores Massillon e outros prégadores modernos extrangeiros. N'esta parte o excedem muito Cicero e Demosthenes, Athanasio, Gregorio e Basilio, apezar de que os discursos do romano e do grego, sendo perfeitas obras litterarias, primores de gosto, sentem e exhalam mais o estudo e o trabalho das vigilias, em quanto que em Vieira tudo bem como particularmente em Basilio e Gregorio parece corrente e como que improvisado, natural e expontaneo.

Para nós é fora de duvida que procede este senão intellectual de Vieira de defeito moral correspondente. Era homem de cabeça e não homem de coração. Cumpria seus deveres sociaes e de familia com zelo e rigor, mas não por devoção d'alma, não inspirado por sentimentos do peito. Todas as acções de sua vida provam esta affirmação.

Releva ainda accrescentar que posto que na maior parte das suas orações sagradas appareçam os senões, que temos apontado, ha algumas que primam pela ausencia d'elles, e estas são particularmente as de moral, em que o Padre Vieira egualou os mais sublimes oradores antigos e modernos, a das exequias de D. Maria de Atouguia, em que brilha um colorido melancholico, e uma suavidade doce, que talvez sómente n'ella, empregou Vieira, como para demonstrar que sabia tanger a corda terna e sentimental, quando a julgasse conveniente. O sermão prégado em Roma a respeito de Santo Ignacio póde reputar-se egualmente um modelo de deducção, narração e argumentação, abrilhantado com imagens deliciosas, e metaphoras mais decorosas e apropriadas.

Agrada-vos ouvir trechos de eloquencia elevada e audaciosa? Antes d'isto, começai por saber como entende e define o Padre Vieira o que é sermão para apreciardes o methodo pratico com que applica suas theorias.

« Uma arvore, — diz o Padre Vieira, — tem raizes,
» tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem
» flores, tem fructos: assim é o sermão!

» Ha-de ter raizes fortes e solidas, porque deve ser fun-
» dado no Evangelho. Ha-de ter um tronco, porque deve
» ter um só assumpto e tratar de uma só materia. D'este
» tronco hão-de brotar diversos ramos, que são diversos
» discursos mas continuados n'elle. Estes ramos hão de ser
» cobertos de folhas porque os discursos hão de ser vesti-
» dos e ornados de palavras: hão-de brotar flores que são
» as sentenças, e em remate de tudo, deve produzir fruc-
» tos que são o fim que se propoem. Si tudo são troncos,
» não é sermão, é madeira; si tudo são ramos, não é
» sermão, são maravalhas; si tudo são folhas, não é ser-
» mão, são versas; si tudo são varas, não é sermão, é
» feixe; si tudo são flores, não é sermão, é ramalhete.
» N'esta arvore, ha-de haver o proveitoso do fructo, o
» formoso das flores, o vestido das folhas, o estendido
» dos ramos, mas tudo nascido e formado de um só tronco. »

Arranco agora do seio de suas numerosas orações alguns especimens para ajuizardes do merito do afamado jesuita.

Eis como pinta a guerra e seus resultados e destroços:

« É a guerra aquelle monstro que se sustenta das fa-
» zendas, do sangue, das vidas; e quanto mais come e
» consomme, tanto menos se farta. É a guerra uma tem-
» pestade terrestre que leva os campos, as casas, os cas-
» tellos, as villas, as cidades, e sorve ás vezes monarchias
» e reinos inteiros. É a guerra uma calamidade composta
» de todas as calamidades, em que não ha mal algum que

» se não padeça ou se não tema; nem bem que seja proprio
» e seguro. O pai não tem seguro o filho, o rico não tem
» segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor,
» o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não
» tem segura a immunidade, o religioso não tem segura
» a sua cella, e até Deus não tem seguros os seus templos
» e sacrarios. »

Não é menos expressivo o quadro, que desenha com traços energicos do que é a necessidade, do como se inicia, e dos effeitos desastrosos que produz no mundo.

« Não ha cousa tão difficultosa, tão ardua, tão repu-
» gnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não
» renda, a que a não sujeite, não por vontade mas por
» força e violencia, a durissima e inviolavel lei da neces-
» sidade.

» A necessidade é que leva o soldado á guerra e a
» escalar as muralhas, onde vendo cahir uns a ferro e
» voar outros a fogo, avança comtudo e não desmaia. A
» necessidade é que engolfa o marinheiro nas ondas do
» oceano; ellas com os naufragios à vista, e elle com tal
» ousadia que mettido dentro de quatro tabuas se atreve
» não só com os ventos e tempestades mas com todos os
» elementos. A necessidade é que mette ou precipita o
» mineiro no mais profundo das entranhas da terra, e sem
» temer que as mesmas montanhas que tem sobre si,
» caiam e o sepultem, elle lhe vai cavando as raizes e
» sangrando as veias. Finalmente com mais ordinario e
» geral desprezo da vida e da saude, quem faz que o la-
» vrador não tema os regelos do inverno, nem o segador as
» calmas ardentes do estio, nem o pastor os dentes do
» lobo e do urso, e em muitas partes as unhas do leão e
» do tigre, senão a necessidade? E posto que uns e outros
» tantas vezes perecessem em tão conhecidos perigos, a

» mesma necessidade com implicação manifesta da propria
» conservação, é a que, para sustentar a vida, os obriga
» a perder a mesma vida. Até o pobre e atrevido ladrão
» que, desde o primeiro passo com que saltou os caminhos,
» começou a caminhar para a forca, si ao pé d'ella lhe
» perguntam quem o trouxe a tão miseravel estado, res-
» ponde com o laço na garganta que a necessidade. E para
» que ninguem se admire d'este grande poder da neces-
» sidade sobre todos, a razão é, diz o proverbio, porque
» todos os outros poderes são sujeitos ás leis e só a neces-
» sidade não tem lei. »

Notai agora como descreve ao vivo o que é uma desordem popular, como apparece ahi ás vezes nas cidades, sem que se lhe descubra a razão, mas que rebenta inesperada e apaixonadamente como que por instincto do vulgo ou instigações de espiritos atrabiliarios.

« Vistes o que cada dia acontece nos povos e cidades,
» principalmente grandes, levantar-se entre homens sedi-
» ciosos uma briga ou arruido subito que na campanha se
» podera chamar batalha? Todos puxam pelas armas e são
» armas tudo o que de mais perto se offerece ás mãos.
» Chovem os golpes, voam as pedras; uns ferem, outros
» caem; todos correm e acudem sem saber a quem ou
» contra quem ou a causa: uns incitados de odio e ira,
» outros sem ira nem odio, tudo em desordem, tudo em
» confusão. »

Onde deparareis um mais formoso painel, desenhado com a maior concisão, deslumbrante pela viveza das côres, e a energia e propriedade dos traços, do que na descripção de uma estatua, formada pelo genio da esculptura?

« Arrancou o estatuario uma pedra d'essas montanhas,
» tosca, bruta, dura, informe; e depois que desbastou o
» mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa

» a fazer um homem: primeiro, membro a membro, e
» depois feição por feição até á mais miuda; ondeia-lhe
» os cabellos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afilha-
» lhe o nariz, abre-lhe a bocca, avulta-lhe as faces,
» torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-
» lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos;
» aqui desprega, ali arruga, acolá recama, e fica um
» homem perfeito. »

E que preciosas licções de moral e de politica vos não offerece a leitura dos sermões do Padre Vieira, que se devem sempre estudar, quer para conhecimento das bellezas e finuras da lingua portugueza, quer pelos pensamentos elevados e arrojadas imagens?

« Nenhuma cousa destroe mais a monarchia, — diz elle,
» — que castigarem-se os innocentes. Jesus-Christo ensina
» que é melhor ficar a sisania entre o trigo do que o zelo
» tirar a sisania do trigo: e é mais santo e justo ficar o
» crime sem castigo que castigar-se o innocente. »

Não ha ahi uma resposta ás praticas horrorosas da Inquisição, que o Padre condemnava, e que lhe foi sempre desafeiçoada, sendo até a causa por que não conseguira fazer realisar pelo governo de D. João IV algumas providencias politicas que elle lembrava como necessarias ao estado, taes como a instituição de uma Companhia oriental maritima e commercial para salvar as colonias da Asia, e a transplantação de arvores indiaticas para o solo do Brazil? Não ha um contraste manifesto entre as ideas adiantadas do jesuita e as acanhadas e rachiticas da sua epocha, carcomida por abusões, superstições e fanatismo religioso, e que se deleitava com os autos da fé, e a erecção de fogueiras nas praças publicas para queimarem vivas as indiciadas victimas de heresia?

Não mostra o profundo conhecimento que do coração

humano tinha o Padre Vieira o trecho, em que elle explica o que é amor? Não manifesta quanto era sua razão superior aos affectos do coração?

« No mundo e entre os homens isto que vulgarmente
» se chama amor não é amor, é ignorancia. Pintaram os
» antigos ao amor menino, e a razão é que nenhum amor
» dura tanto que chegue a ser velho. Não se pense que
» esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacob e
» Rachel que durou sete annos, mas attingir a sete annos
» nunca é chegar á edade do uso da razão. Usar da razão
» e amor são duas cousas que não se ajuntam. A alma de
» um menino que vem a ser? Uma vontade com affectos e
» um entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar. Tudo
» conquista o amor quando conquista uma alma; porém,
» o primeiro rendido é o entendimento. Ninguem teve a
» vontade febricitante que não tivesse o entendimento
» phrenetico. O amor deixará de variar, si fôr firme;
» mas não deixará de tresvariar si é amor. Nunca o fogo
» abrazou a vontade que o fumo não cegasse o entendi-
» mento. Nunca houve enfermidade no coração que não
» houvesse fraqueza no juizo. Por isso os mesmos pintores
» lhe vendaram os olhos. »

É verdade que algumas facecias do Padre Vieira não merecem applausos; outras, porém, ha de gosto tão singular, que cita-las me parece dever rigoroso. Ao retirar-se pela primeira vez do Maranhão, despeitado contra as autoridades e colonos pelos obstaculos que oppunham a suas ideadas missões aos bosques e montanhas, onde se internavam tribus indigenas nomades, sem sociedade regular, e nem religião, e que os Jesuitas timbravam em tornar cidadãos portuguezes e catholicos, pinta o Padre Vieira os homens arrastados antes pelos vicios que por bons sentimentos quando lhes falta o freio da moral religiosa, e

comparando-os como os peixes dos mares e dos rios, assim se exprime, dirigindo-se aos habitantes das aguas.

Olhai, peixes lá do mar, para a terra, para a cidade,
» para os mattos. Vêdes vós todo aquelle bolir, vêdes todo
» aquelle andar, vêdes aquelle concorrer ás praças e cruzar
» as praças; vêdes aquelle subir e deseer as escadas; vêdes
» aquillo entrar e sahir sem quietação nem socego? Pois,
» tudo aquillo é andarem buscando os homens como hão
» de comer, como entre si se hão devorar.

» Morreu algum d'elles; verás logo tantos sobre o mise-
» ravel a despedaça-lo e a comê-lo. Comem-no os herdei-
» ros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legata-
» rios, comem-no os credores, come-o o medico que o
» curou ou ajudou a morrer, come-o a sua mulher que de
» má vontade lhe dá por mortalha o lençol mais velho da
» casa; come-o o que lhe abre a cova, e que lhe tange os
» sinos, e os que cantando o levam a enterrar; emfim ainda
» ao pobre defunto o não comeu o bixo da terra, e já o tem
» comido toda a terra. »

Deixando agora particularidades para remontarmo-nos a assumptos elevados, e apreciar a grande e esplendorosa eloquencia, não é um verdadeiro e primoroso orador o Padre Vieira, contrastado com os mais celebrisados prégadores estrangeiros? Poderá não possuir a pompa altiva de Bossuet, que paira sempre em alturas inaccessiveis, não commover como Massillon, todo terno, pathetico, doce e sentimental, não dizer sómente as verdades evangelicas como Bourdaloue, mas não se deixa avantajar por nenhum d'elles em raptos de imaginação, em arrobos de eloquencia, em correcção e pureza de linguagem, em estylo nobre e grave, em pensamentos e imagens agradaveis e encantadoras.

Animando os povos brazilicos a combater os Hollandezes,

invasores da America, apreciou a questão sob o ponto de vista patriotico ao mesmo tempo que religioso, a fim de arrastar os animos, e assim se exprime :

» Considerae, Deus meu, e perdoae-me se fallo inconsi-
» deradamente. Considerae a quem tiraes as terras do
» Brazil, e a quem as daes. Tiraes estas terras áquelles
» mesmos Portuguezes a quem escolhestes entre todas as
» nações do mundo para conquistadores da vossa fé, e a
» quem destes por armas, como insignia e divisa sin-
» gular, vossas proprias chagas. E será bem, supremo
» senhor e governador do universo, que ás sagradas quinas
» de Portugal, e ás armas e chagas de Christo succedam
» as hereticas listas de Hollanda, rebeldes a seu rei e a
» Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento
» victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas e ignominio-
» samente rendidas? E que fareis, ou que será feito de
» vosso glorioso nome em casos de tanta affronta?.....
» .... Assim fostes servido que entrassemos n'estes
» novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente; e
» assim permittis que saiamos agora com tanta affronta e
» ignominia...... Se esta havia de ser a paga e o fructo
» de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que
» foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre
» sangue n'estas conquistas? Para que abrîmos os mares
» nunca dantes navegados! Para que descobrîmos as
» regiões e os climas não conhecidos? Para que contras-
» tamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo,
» que apenas ha baixio no Oceano, que não esteja infa-
» mado como miserabilissimos naufragios de Portuguezes?
» E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças,
» depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias
» desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas das
» feras e monstros marinhos, — que as terras que assim

» ganhámos, as hajamos de perder assim?............

» Ganha-las para as não lograr, desgraça foi, e não
» ventura: possui-las para as perder, castigo de vossa
» ira, Senhor, e não mercê em favor de vossa liberalidade.
» Se determinaveis dar estas terras aos piratas da Hol-
» landa, porque lh'as não déstes emquanto eram agrestes
» e incultas, senão agora? Tantos serviços vos tem feito
» esta gente pervertida e apostata, que nos mandastes
» primeiro cá por seus aposentadores, para lhes lavrar-
» mos as terras, para lhes edificarmos as cidadcs. e depois
» de cultivadas e enriquecidas, lh'as entregardes?......
» Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenaes assim, fazei
» a vossa vontade. Entregae aos Hollandezes o Brazil,
» entregae-lhes as Indias, entregae-lhes as Hespanhas, en-
» tregae-lhes quanto temos e possuimos, ponde em suas
» mãos o mundo: e a nós, os Portuguezes e Hespanhoes,
» deixae-nos, repudiae-nos, desfazei-nos, acabae-nos. Mas
» só vos digo e lembro, que estes mesmos que agora des-
» favoreceis e lançaes de vós, póde ser que os queiraes
» algum dia, e que os não tenhaes............ Hollanda
» vos dará os apostolicos conquistadores que levem pelo
» mundo os estandartes da cruz. Hollanda vos dará os
» prégadores evangelicos que semêem nas terras dos bar-
» baros a doutrina catholica, e a reguem com o proprio
» sangue. Hollanda edificará templos, levantará altares,
» consagrará sacerdotes, e offerecerá o sacrificio do vosso
» santissimo corpo. Hollanda por fim vos servirá e hon-
» rará tão religiosamente como em Amsterdam, Melden-
» burgo e Flessingue, e em todas as colonias d'aquella
» fria e alagada terra. »

XIV

Observámos como durante o seculo XVII se reergueu a nacionalidade portugueza, quebrando o jugo castelhano, e restaurando sua independencia: como atravez de uma guerra que durou vinte oito annos, ella se foi firmando e solidificando, posto que a D. João IV succedesse o louco Affonso VI, que a este arrancado o governo da nação, e exercesse o infante D. Pedro durante a vida do rei desthronado na cathegoria de governador, e depois como soberano sob o nome de D. Pedro II: como no meio de dissensões e escandalos domesticos da familia regia, da desorganisação em que o paiz se estorcia doridamente, se conseguio o reconhecimento do reino de Portugal pela propria Hespanha que o considerava sua provincia adquirida pela conquista das armas, e fundamentada em especiosos argumentos de legitimidade hereditaria.

Notámos egualmente que durante esse seculo a lingua alcançara cultores de valia, e na prosa particularmente sustentou-se a litteratura com brilho, posto que na poesia não podesse apontar representantes que merecessem ser lembrados depois dos grandes vates do seculo XVI, considerados ainda resplendores de passadas glorias.

Convêm ainda accrescentar que deviam ter-se modificado necessariamente os costumes e tendencias dos povos, e instituições do reino. De Hespanha se transferiram para Portugal não só maior fanatismo religioso, e mais exageradas superstições e abusões vulgares, como ideas de uma

inteira submissão e supervivencia ao governo, que ali suffocara toda a aspiração á expontaneidade e iniciativa individual ou collectiva. Os reis de Portugal se apropriaram até o titulo de Magestade, desprezando o de Alteza, que prevalecera até o cardeal Henrique. A nobreza portugueza, posto que ainda com immunidades e privilegios de casta, tornou-se mais adhesa aos soberanos, preferindo formar-lhe a corte antes que conservar sua independencia no meneio de suas propriedades provinciaes e na cultura de suas terras de patrimonio.

Por outro lado, curvadas as classes medias, e reduzidas á miseria, a dos proletarios e trabalhadores do solo, já pelos pesados tributos que lhe negavam a substancia, já pelo recrutamento que lhes arrancavam dos seus lares para augmentar as fileiras dos exercitos hespanhoes, começou desde os fins do seculo XVI uma constante e ininterrupta emigração para o Brazil, unica colonia que se lhes affigurava dever escapar ás garras de Inglezes, Francezes e Hollandezes, que se iam apoderando das conquistas de Portugal.

Ao passo que se despovoava o reino europeu, diminuindo em seus recursos agricolas e industriaes, e atormentado pelo despotismo castelhano, enriquecia-se, todavia, o Brazil com uma colonisação importante, que lhe augmentava a olhos vistos o numero dos habitantes, e derrubando as florestas, atravessando os rios, e dobrando as montanhas, se internava pelo paiz, ganhava e cultivava terras desconhecidas, alimentava e fomentava a sua producção.

É de então em diante, que abandonadas cada vez mais as poucas conquistas asiaticas que ainda restavam a Portugal, e que se cifravam em alguns pequenos territorios, Timor, Goa, Diu e Macau, que unicos lhe haviam deixado os invasores durante o dominio castelhano, e as da Africa

por exclusivamente torridas e doentias, começou a America portugueza a engrandecer-se, e a ser contada, apreciada e respeitada na metropole.

Não se admire, pois, que já, durante o seculo XVII, o Brazil pesasse até na balança litteraria de Portugal; quando egualmente as naus, carregadas de suas mercancias, alimentavam egualmente os portos portuguezes para poderem communicar-se utilmente com os estrangeiros. Não se enumeram talentos brazileiros que rivalisem com o Padre Vieira, nem com Manuel Bernardes, D. Francisco Manuel de Mello e Freire de Andrade; em plano inferior se mostram, comtudo, merecedores de consideração e estima dos coevos e posteros, um orador agradavel como Antonio de Sá, discipulo querido do proprio Vieira; um poeta satyrico original, como Gregorio de Mattos Guerra; um didatico, com feições nacionaes e peculiares, como Manuel Botelho de Oliveira. Entre os politicos e militares, é honrosissimo para Portugal apontar os nomes de André Vidal de Negreiros, nascido na Parahyba do Norte, e de Salvador Correia de Sá e Benavides, no Rio de Janeiro, que a historia commemora por séus feitos valiosos na America e Africa.

Ao raiar assim o seculo XVIII, novos horisontes se deviam divisar, porque já concorriam juntas, e quasi com egualdade, a Europa e a America portugueza para o desenvolvimento da nacionalidade, lingua e litteratura da patria.

Nos primeiros annos do seculo fallecera D. Pedro II legando o throno a D. João V e as difficuldades de uma nova guerra em que loucamente se intromettera o finado rei, e que se travara entre França de um lado e Inglaterra e Austria de outro por causa da successão da corôa hespanhola, tendo morrido o ultimo rei da dynastia austriaca, Carlos II, sem deixar descendentes. Pedro II fôra dedicado

á Inglaterra, que impondo-lhe o desastroso tratado de Metwen, suffocara e extinguira a industria portugueza; acompanhou-a, pois, na luta contra França, posto que Inglaterra sustentasse a dynastia austriaca, que sempre se mostrara infensa a Portugal contra a Bourbonica, que pelo contrario o favorecera constantemente.

Conseguio felizmente D. João V retirar-se da guerra, e concentrar trabalhos e tempo em negocios e interesses internos do reino. Si até então a influencia hespanhola predominara em Portugal nos costumes, tendencias do espirito, habitos da corte e movimento litterario, começou a franceza a substitui-la com o novo seculo e o novo reinado. Conseguira Luiz XIV assentar no throno de Hespanha seu neto, D. Fellipe V, e preferir para governa-la sua dynastia á austriaca. D. João V tornou-se enthusiasta de Luiz XIV, e tentou imita-lo nos seus procedimentos publicos e particulares. Acompanhou-o sua corte, seguiram seu exemplo espiritos esclarecidos; a França foi considerada a primeira nação e a mestra do mundo, afrancezando-se os habitos e indole dos Portuguezes das classes medias e elevadas, e a pouco e pouco dos povos miudos.

Pompas cortesães, construcções de palacios, emprehendimentos de grandes obras publicas, ceremoniaes faustosos, gravidade e dignidade no porte, nos gestos, nas palavras do rei, que parecia honrar os subditos prostrados a seus pés, quando lhes dirigia perguntas insignificantes, tudo copiou D. João V de Luiz XIV de França, soberano sempre em publico e na intimidade, superior aos demais homens, subditos humildes e nunca eguaes segundo a natureza.

O rei apparecia, e todos se ajoelhavam, como si fôra o representante da divinidade na terra. Para o rei não havia lei politica, natural, moral, religiosa ou social, á que se submettesse. Querer equivalia a mandar, e procurava-se-lhe

até adivinhar a vontade quando elle a não manifestasse, na ancia de cumpri-la de modo que lhe fôra agradavel e lisongeiro.

Diante do rei desapparecera a nação, como succedera em França, e tudo dependeu d'ahi por diante da corôa. Não se convocaram mais Cortes, nem para formalidades de reconhecimento de principes e declaração de homenagens dos povos. Ainda sob D. João IV, pelo facto da revolução, trataram as Cortes de exercer influencia na direcção dos negocios publicos. As primeiras que elevaram ao throno o chefe da casa de Bragança, firmaram em suas actas principios politicos que subordinavam a corôa e o governo a suas deliberações, pareceres e voto. Perderam, porém, no proprio correr do reinado de D. João IV varias attribuições que se haviam reservado, e todas durante os governos successivos. Dispensou-as, por fim, inteiramente D. João V, entendendo que para governar só era proprio o rei, e a vontade de um homem bastava para dirigir utilmente as nações, que o reconheceram por soberano. Concentrou-se por assim dizer a historia da nacionalidade na do rei absoluto; e como a lingua e a litteratura acompanham necessariamente a nacionalidade, quaes reflexos d'ella, a litteratura e a lingua viveram e marcharam egualmente durante o reinado de D. João V, sob o influxo e a direcção official, que a continha, inspirava e dirigia a talante.

Referir portanto o que occorreu em Portugal sob todos os pontos de vista necessarios e interessantes durante o reinado de D. João V que encheu a primeira metade do seculo XVIII, equivale a estudar a grande figura do monarcha, que empunhava o sceptro e cingia a corôa.

Relativamente á litteratura desapparecera de todo a originalidade, a feição nacional, que constituira outr'ora a gloria de Portugal. Não se devia lamentar que durante o

seculo XVI prevalecesse o gosto classico nas lettras e na lingua, que então se firmara; fôra geral este facto para a Europa, desde que raiara a epocha da renascença, em que melhor se conheceram e mais cuidadosamente se estudaram os bellos primores litterarios dos Gregos e Romanos, que pareciam perdidos na noite da barbaria. Diante da perfeição das obras classicas, do gosto primoroso dos antigos, do conhecimento que haviam conseguido das sciencias, do grau sublime a que tinham elevado as artes, curvara-se o espirito resultante da edade media, posto que nacional e autonomo, e correspondente ás tendencias e costumes populares. O classismo victorioso assemilhara-se a educação, e enxertado no tronco original, infiltrara-lhe nova e succulenta seiva, extinguindo os seus traços caracteristicos. Ganhara a lingua, lucrara a litteratura, medraram as sciencias, aperfeiçoaram-se as artes, em methodo, gosto apurado, profundidade de vistas, regularidade de formas.

Emquanto dominara o jugo hespanhol, não se deturpara a lingua, porque varios litterarios portuguezes preferiram a dos seus visinhos, e os que continuaram a cultivar a vernacula, procediam de uma escola antiga, cujos fructos beneficos deviam pendurar ainda muito tempo. Mas o gosto se modificara, aceitando-se a influencia do gongorismo, emphases prolixos, alambicados pensamentos, e trocadilhos orientaes, que prevaleciam na litteratura castelhana, e por isso ainda durante o seculo XVII e nos melhores escriptores portuguezes se deparam vicios e defeitos resultantes do contacto e influencia, que os dominadores haviam exercido.

Introduzira-se o influxo francez sob o reinado de D. João V. De França receberam-se modas nas vestimentas, e começaram a introduzir-se em Portugal costureiras francezas, cabellereiros francezes, cozinheiros francezes, alfaiates

francezes. Estragou-se tambem a lingua com gallicismos adoptados, perdeu a phrase a sua correcção e indole alatinada, e que a tornavam mais sinthetica e portanto mais agradavel e luzida. Nada produziram no entanto os litteratos portuguezes, ou por que estasiados perante a formosura dos escriptores de França, quer na arte, quer no pensamento e inspiração, não ousaram commetter mais que traducções e imitações, ou porque a epocha se não mostrava adaptada a inspirações e arrobos do genio, e nem mesmo ao mais modesto balbuciar do talento.

Um só poeta e comico brilhou n'esse periodo, notavel pela originalidade, e por isso mesmo que nacional e livre, passou quasi desprezado pelos litteratos do seu tempo, posto que applaudido estrepidosamente no theatro pelas massas populares. É Antonio José da Silva, nascido no Rio de Janeiro, condemnado na flor da edade pela Inquisição, como pertencente á raça judia, e queimado nas fogueiras do Campo da Lãe, em um solemne auto da fé. Póde-se considera-lo o unico e verdadeiro successor de Gil Vicente, já pela abundancia de graças espirituosas, já pela pintura dos caracteres, já pelas situações dramaticas e interessantes de suas composições, já pelo interesse da intriga, em que repousam e se desenvolvem as suas comedias. Não admitte as regras classicas de unidade de acção, logar e tempo, em que os Francezes estreitaram e apertaram o genio, não pintando o homem com todas as paixões e instinctos, mas desenhando apenas scenas particulares de uma existencia atribulada. Muitos defeitos se deparam nas comedias de Antonio José da Silva, e mais notaveis são os trocadilhos e hyperboles campanudas, mais proprios do tempo que do proprio autor, que carecendo da protecção do publico, quando levava ao theatro suas composições, preferia corresponder-lhe ao gosto e indole : é, todavia, innegavel que

immensa veia comica, talento singular, e qualidades primorosas de espirito, graça e conhecimento da scena, possuia o judeu brazileiro.

Nenhum outro poeta refulge em toda essa primeira metade do seculo XVIII, que nos atraia a attenção e provoque a analyse. Mau gosto, depravadas metaphoras, copias informes de imagens gregas e latinas, uma afeminação da musa, eis o que se nota em quasi todos os livros de poesia. Dir-se-ia que eram só proprios os vates para manejar algum epigramma, ou despedir setas ironicas, posto que fossem applaudidos enthusiasticamente pelos seus coevos. Percorrei estas voluminosas collecções de versos então profusamente publicados, e o que notaes na Phenix renascida, nos Cristaes d'alma, no Carro de Apollo, no Olivio de Freitas, nas obras do travesso Dezembargador Caetano Souto Maior, denominado Camões do Rocio, no Pinto renascido de Pinto Brandão, e de tantos outros que os egualam nas metaphoras empoladas, nos trocadilhos affectados, nas filagranas e lentejoilas de madrigaes, acrosticos, silvas e glosas, quinta essencia da affectação litteraria ?

Relativamente tambem á prosa, quasi que se póde fazer excepção sómente de Luiz Antonio Verney, pela critica sensata; de Alexandre de Gusmão, nascido em Santos, solo brazileiro, e que se mostrou politico habil, diplomata perspicaz, administrador illustrado, e litterato de tão primoroso acume, que aconselhou por vezes aos seus patricios, que estudassem sua lingua, n'ella escrevessem com pureza e correcção, e se deixassem de só achar bom o que em França e no extrangeiro se publicava; e tambem da já algum tanto corrompida linguagem de Sebastião de Rocha, egualmente brazileiro. Cumpre dizer, todavia, que na historia portugueza, quer na sua parte politica, quer na ecclesiastica, já na estatistica e na litteraria, deixou a epocha materiaes importantes de

investigações, e trabalhos serios e profundos de homens como D. Caetano de Sousa, Antonio Carvalho da Costa, conde de Ericeira, Diogo Barbosa Machado, e Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Não ha um monumento historico, edificado, construido, completado, como se deveria desejar. Apparecem, porém, e em quantidade, escriptos litterarios, chronicas, memorias e analyses biographicas, bibliographicas, artisticas e ecclesiasticas, que muito podem coadjuvar o historiador para referir os successos da epocha, e mesmo os dos tempos passados.

Não nutria D. João V pensamentos que não fossem de acompanhar e imitar Luiz XIV. Pretendeu possuir tambem uma Academia official de historia civil, politica e ecclesiastica de Portugal, e instituio-a por decreto, dando-lhe estatutos, fixando-lhe as obrigações e direitos, nomeando os cincoenta membros que a deviam compôr, e presidindo ás suas sessões, como si bastara um aceno regio e um auxilio pecunario para fomentar a verdadeira sciencia, e abrir-lhe os horisontes do progresso. Não são as designações de sabios que em diplomas distribuem os governos aos seus dilectos que os fazem como taes aceitar pelos contemporaneos e menos pela posteridade. Não é aos esforços dos governos que medram as sciencias e lettras, porque o sopro official não passa de facticio, e o que as favorece, desenvolve, e faz marchar é antes a aura livre de uma athmosphera perfumada e natural, propria a prestar-lhes vida, enthusiasmo e inspiração. Na admiração popular, errada ás vezes, ha mais verdade e mais gloria permanente que nas graças das cortes e nos bafejos dos monarchas e governos.

Da Academia de D. João V resultou, todavia, um beneficio. Difficil, senão impossivel era publicarem-se livros, e particularmente historicos, bibliographicos, scientificos;

não se vendiam, e as despezas da impressão subiam a quantias excessivas. A Academia, auxiliada pelo governo, fez a expensas suas as publicações de varias obras importantes e de memorias estimadas, como a Bibliotheca Lusitana do abbade Barbosa, a Historia genealogica de Frey Caetano de Sousa, a Historia da America portugueza por Sebastião de Rocha Pita. Fez imprimir tambem a Academia, á sua custa, chronicas mais antigas, que serão sempre documentos necessarios para consulta dos estudiosos. As cartas de Alexandre de Gusmão e do diplomata D. Luiz da Cunha provam egualmente que havia n'aquella epocha distinctos politicos, e as memorias do infeliz Bartholomeu Lourenço de Gusmão, primeiro inventor dos balões aerostaticos, e que perseguido pela Inquisição, como Galileu, por seus descobrimentos scientificos, fugio e foi morrer em Hespanha na maior miseria, demonstram que as sciencias seriamente cultivaram alguns espiritos atilados no meio da ignorancia popular, e dos prejuizos e superstições que se apoderaram das massas vulgares.

Os trabalhos, pois, biographicos e bibliographicos, o estudo das antiguidades portuguezas, e o exame e a analyse das cartas e documentos da edade media lucraram, mas a linguagem tornou-se infelizmente em geral pesada e pedantesca. O livro é o retrato da civilisação do seu tempo, quer em prosa, quer em verso, já em assumptos de pura imaginação, já em investigações e conquistas do raciocinio e da intelligencia illuminada. Quereis fazer idea do gosto da epocha em poesia? Ler-vos-hei uns versos do Doutor Francisco de Castro, que ganharam a maior popularidade, e eram repetidos por toda a parte quaes primores esplendidos de poesia erotica:

Oppoz-se o sol á belleza
De Narcisa — alma do prado

Elle nos raios fiado,
Élla na sua dureza.
Cupido que n'esta empreza
Vio Narcisa, reforçou
Seu peito, com que mostrou
Que Narcisa defendia
Como o mesmo sol queria
Quebrar como emfim quebrou.

E o elogio que Costa Correia com toda a seriedade, não ironicamente, dirige a seu collega Pimentel, louvando-lhe os acrosticos :

Vendo, ó raro Pimentel,
Virgilio que tua alteza
Humilhou sua grandeza
Te poz aos pés o laurel ?

E estes outros, que terminam um bombastico soneto a uma dama :

Justo foi não violento que existisses
Sem manchas no explendor da formosura
Por que vestido o sol padece eclipses ?

Quando se pretender julgar da situação da epocha pela quantidade de publicações em verso e prosa, pelo apparato com que celebrava suas sessões a Academia real de Historia na sala do paço denominada da Gente, onde elogios e lisongearias ao monarcha eram repetidos em todas as memorias e phrases, como obrigação official; pela instituição de numerosas associações litterarias particulares, formando como que a corte necessaria á Academia official, com o titulo de conferencias eruditas, singulares, generosas, instantaneas e applicadas, o engano será certo, porque a apparencia escondia o corrompido e depravado da realidade, como vestes fascinadoras encobrem esqueletos que simulam vida.

Uma publicação da epocha descreve uma festa que os Jesuitas celebraram para manifestarem suas sympathias a um consocio vindo de Roma. É a imagem fiel dos seus sentimentos, suas paixões, suas tendencias, seu gosto litterario.

Figurava, na entrada da egreja, um portal com S. Paulo. cercado da Fé, da Esperança e da Caridade, de carne e osso porque eram representadas por tres mancebos jesuitas, que recitaram coplas apropriadas ás circumstancias. Dentro da egreja, appareciam outros noviços do instituto, sob a imagem do Zelo, da Prudencia, da Justiça, da Constancia e da Clemencia. Depois do sermão, surgiam o Lethes e Pastores do Douro cantarolando louvores á personnagem ecclesiastica, que merecia as honras da recepção.

Transferido o cortejo ao collegio e ao pateo das escolas da Companhia, póde-se dizer que passou do sagrado para o profano, porque cumprimentaram ao heroe da festa a Poesia, a Historia, a Philosophia e a Grammatica, guiadas por Mercurio, e acompanhadas por satyros, que dansavam ao som de alaudes e guitarras, modelando musicas suaves. Seguia-as por ultimo a Rhetorica, rodeada de suas respectivas figuras, os Tropos, Hyperboles, Metaphoras, Gerundios e Supinos, ensinando as bellezas de dicção, e as formosuras da lingua.

A superstição, por seu lado, tomara posse tão inteira dos animos que não havia regimento ou batalhão de soldados, que não tivesse um santo por patrono, e santos havia tão bemventurados, como S. Antonio e S. Jorge, que pertenciam a muitos corpos do exercito e recebiam soldadas como militares de numero. Pagava-se ainda ao santo uma pensão cobrada pelo superintendente encarregado de havê-la dos soldados, officiaes e cabos. Destinavam-se essas sommas ás despezas do culto do santo e ás festas que periodica-

mente se celebravam em seu nome. Admiravam-se-lhe, os milagres, que se inscreviam na sua fé de officio, para assim ficarem exarados em attestados e documentos officiaes. Em um regimento de infantaria de Lagos, durante a regencia do infante D. Pedro, se assentou praça a S. Antonio como soldado raso; mas a pouco e pouco foi subindo em honras, e D. João V o elevou ao posto de tenente, em vista de uma representação do coronel e officiaes, assegurando que o santo os havia guiado em marchas militares, apparecendo entre nuvens para lhes mostrar o caminho, que contra elle não havia nota de ter sido açoutado, preso, e nem mesmo admoestado por seus superiores, visto que cumprira sempre com galhardia seus deveres, de que podia dar por fiador a Rainha dos Anjos.

Não ha razão de motejarmos d'esta tendencia dos espiritos para as superstições. Tocou ella a toda a Europa e a todos os povos antigos e modernos, em certas e determinadas epochas, em situações particulares. Arrasta-se o povo com abusões e crenças extravagantes contanto que sejam sobrenaturaes e extraordinarias sempre que soffre presente assustador e teme desastres futuros; entrega-se, simulando tranquillidade e fé a sonhos e illusões. Não sabemos que até o seculo XVI, em França, accreditavam as massas populares nas excommunhões que os bispos e ecclesiasticos lançavam ás toupeiras e lagartas de Laon, e aos gorgolhões de Autun, na Suissa ás sanguexugas e nas Asturias aos ratos? Não conta o Padre Manuel Bernardes que no Maranhão se sentenciaram á morte as formigas por infestarem um convento de franciscanos? Não se acreditava por toda a parte em tantas lendas e milagres, que a civilisação tem destruido? Não fôra, em 1499, em Hespanha, condemnado á forca um touro por ter morto um mancebo? Um gallo, em Bale, sentenciado a ser queimado vivo por ter posto

um ovo? e enforcada, em Falaise, uma porca por ter despedaçado um menino, nos seculos XV e XVI?

Ostentava D. João V o mais esplendido fausto de monarcha; instituio uma opera italiana ao lado do seu palacio; mandou contractar uma companhia de cantores, para alegrarem o publico e a corte de Lisboa com as melodias musicaes dos artistas primorosos de Italia. Não se admittia ainda que mulheres subissem ao pateo musico, e vozes artificiaes de homens suppriam os doces sons das harmonias femininas. Ao rei acompanharam as classes elevadas aos espectaculos artisticos. Nas egrejas as grandiosas harmonias dos genios italianos se faziam ouvir egualmente pelos cantores italianos, sempre que se celebravam festas religiosas que o rei prezava excessivamente, e a que não deixava de assistir com toda a sua corte.

Emquanto se ostentavam estas exterioridades religiosas, a Inquisição perseverava e cada vez mais cruenta em levantar fogueiras e queimar victimas, em grande parte, innocentes; os Jesuitas influiam poderosamente no governo civil da nação, e dirigiam a seu prazer a instrucção publica, que como que monopolisada continuava em suas mãos, decahida a Universidade de Coimbra abaixo da de Evora, estabelecidos lyceus de ensino secundario e primario nos collegios da Companhia, preferidos aos das ordens monasticas pela maior capacidade dos Jesuitas, e ao mesmo tempo que não desapparecia o fanatismo, que é pelo menos a exageração de uma idea religiosa, erguia-se poderosa a superstição, que não passa de instincto, produzida mais pela fraqueza da intelligencia, ou terror dos que tem menos religião verdadeira; os costumes particulares, os habitos de vida, os sentimentos, a moral, emfim, tanto privada como publica, haviam soffrido as maiores decadencias e deteriorações.

É que o exemplo partira de cima. Do rei tudo dependia: a chuva, o sol, o calor, o frio, a ventura, a desgraça. Ao rei imitavam os cortesãos, a estes as classes medias, e ás classes medias o povo miudo. Os escandalos da familia real nos tempos de D. Affonso VI e de D. Pedro II, produziam impressão no publico, e o arrastavam egualmente para o abismo da demoralisação, conservando apparencias de religiosidade sem praticar os seus principios sãos e os seus dogmas valiosos. D. João V tornara-se o prototypo, e corifeo d'estas ideas, e posto que ouvisse todos os dias missa, se confessasse continuadamente, assistisse sempre aos sermões, festas e sacramentos que se celebravam, animasse a instituição de irmandades, indagasse diariamente quanto rendiam as esmolas para salvação das almas dos finados, rodeasse o clero do maior prestigio, despendesse em Roma sommas fabulosas para obter da Santa Fé o titulo de monarcha fidelissimo, uma patriarchal com as honrarias da purpura cardinalicia para a cidade de Lisboa, e a canonisação de alguns santos que figurassem ao calendario, apezar de toda a pompa de corte e ostentação de rei poderoso, entregava-se particularmente a uma vida desregrada de paixões e immoralidades, e uma devassidão de costumes, que nem poupava os proprios mosteiros de freiras consagradas ao serviço de Deus. Notavam-se correrias de fidalgos pelas ruas de Lisboa, commettendo desordens, assaltando casas particulares de familias, e travando lutas, uns capitaneados pelo proprio infante D. Francisco, irmão do rei, outros pelo duque de Cadaval, varios marquezes e condes, e n'ellas se iniciou então um varão, depois celebrisado pelos seus feitos de estadista, Sebastião José de Carvalho e Mello, aproveitando-se da falta de policia rondante e de illuminação da cidade! Era um costume que iniciara o louco Affonso VI, e que durara sob o reinado de

D. Pedro II. Com D. João V desenvolveu-se estrepidosamente, e ás noites em Lisboa tudo era sustos e terror.

Servia muito a Portugal o ouro, que se extrahia abundante das minas do Brazil, os diamantes preciosos que se tinham ahi egualmente descoberto, não para encher os cofres publicos, que para elles se não transferiam, mas para despezas grandiosas, algumas uteis como o aqueducto das aguas livres, outras desnecessarias como o convento e egreja de Mafra, o das Necessidades, a capella do palacio, as capellas de S. João e S. Roque e dos Paços, a Patriarchal, e varios outros edificios religiosos. Um historiador avalia em mais de cento e oitenta milhões de cruzados as sommas remettidas para Roma em presentes á Curia, por meio de compras, e as que se fizeram com as embaixadas faustosas por cortes extrangeiras.

Resultava d'essa situação material e moral uma nacionalidade faustosa, admirada até no extrangeiro, que se decide pela apparencia das decorações theatraes, que se desprendem para illudir os olhos incantos, posto que falseada e enfraquecida em seus fundamentos. Poderiam os povos visinhos formar outra idea de Portugal, quando notavam um rei cercado de pompas magestaticas, iniciador de grandes obras e monumentos publicos, enviando embaixadores pela Europa, que ostentavam fausto extraordinario, influindo em Roma com dinheiro e preponderancia, mostrando o ouro e diamantes do Brazil, sua colonia, para offuscar o brilho das riquezas e thesoiros alheios, enviando frotas e armadas para coadjuvar estados italianos contra Turcos?

E, todavia, no coração do paiz não passavam desapercebidas dos espiritos previdentes as prostrações e ruinas da agricultura, da industria e do commercio, bases fundamentaes da grandeza e prosperidade das nações; a pobreza,

miseria e soffrimentos das classes proletarias, que gemiam no abandono; a decadencia do espirito publico, que unico póde levantar uma nação do abismo, em que se acha precipitada; a falta de instrucção e atrazo de luzes, que por toda a parte se sentia, e que é uma das maiores calamidades do povo; o abastardamento e corrupção da lingua, que se não estudava, e de que sempre resulta, como então se divisava, uma consequencia importantissima, que é a nullidade de uma litteratura vigorosa, expressão da vida e da alma nacional, que lhe salve a memoria, e a cubra de honra e gloria.

Portugal em vez de crescer em riquezas reaes, em população, como devia ser a ordem natural das cousas, diminuia e se reduzia não paulatina mas apressadamente. Não podendo o povo miudo supportar o peso dos impostos, arcar com as necessidades da existencia, conservar-se na inacção e miseria, faltando-lhe as Indias que até 1580 lhe sorriam como sonho dourado pelas conquistas e fortuna, virou-se para o Brazil, e o descobrimento de minas de ouro e pedras preciosas na capitania de Minas Geraes, concorreu mais que nenhum outro instincto para exaltar-lhes a ambição e cobiça.

A emigração dos povos do reino europeu para as colonias americanas tomou taes proporções, sobretudo apoz o descobrimento de minas do ouro nos fins do seculo XVII, e de diamantes logo depois, que o proprio governo se assustou, e começou a providenciar no sentido de obsta-la. Não era tão illustrado que percebesse serem as medidas convenientes melhorar a situação interna de Portugal, modificar as condições de trabalho, proporcionar meios ás classes pobres para preferirem conservar-se antes que expatriar-se. Entendeu, porém, que a violencia e o terror bastariam, expedientes proprios de governos arbitrarios e

ignorantes, e d'aquelles tempos calamitosos. Prohibio concessão de passaportes para o Brazil, como si a necessidade não induzisse os desgraçados a frustrar a execução das leis, com subterfugios e astucia.

Foi o que succedeu; embarcavam-se clandestinamente, e amontoavam-se a bordo das frotas e caravellas, que seguiam de Portugal. Ordenou-se então que se procedessem a buscas rigorosas nos navios, quer na sua sahida dos portos europeus, quer na sua chegada aos americanos; que se prendessem, castigassem e multassem os proprietarios, mestres e pilotos, como cumplices. Não foi ainda sufficiente a resolução, porque a emigração, posto que contida ao principio, continuou, simulando pescarias em pequenas lanchas, no alto mar transferindo-se para os galeões partidos do reino, e desembarcando pelo mesmo modo nas costas brazileiras, antes de entrarem as embarcações nos portos a que se destinavam,

Não esmoreceu o governo: determinou que para do Brazil regressarem, os subditos requeressem previamente em Lisboa novos passaportes. Pensou que a difficuldade de obtê-lo assim, e os sustos de se exilarem por uma vez da patria, sem mais poderem revê-la, conseguiriam o resultado de não ousarem abandonar o reino os que pretendessem refugiar-se na America.

Apezar de todas estas providencias, e posto que com menos força, perseverou a emigração, illudindo a viligancia das autoridades, e procurando refugio, trabalho e fortuna fora da terra em que se arrastava miseravel e quasi esfomeadamente, além de soffrer constantes perseguições e violencias.

Não se lhes escrevia do Brazil que ali se ganhava muito dinheiro na agricultura, porque era uberrimo o solo, branda a athmosphera, faceis os recursos de vida, e livre

o trabalho? Não lhes exaltava ainda este quadro formoso de prosperidades a noticia de que se encontrava o ouro espalhado com a areia, os diamantes derramados pelo seio dos rios e as pedras preciosas em aluvião mostrando-se á flor da terra? Não era o Brazil habitado por Portuguezes, muitos conhecidos e amigos, e que fallavam a mesma lingua, professavam a mesma religião, entretinham os mesmos costumes e habitos, e obedeciam ao mesmo rei e patria?

Ha ahi um erro e grave espalhado por essas historias denominadas do Brazil que se tem publicado, e consiste em declarar-se que a America portugueza fôra povoada por degradados, sahidos das cadeias da metropole, e sentenciados pelos tribunaes para os presidios americanos.

Não é por espirito patriotico que ratificamos este engano e desmentimos esta inexactidão historica. Que importa que degradados formassem e iniciassem a população brazileira? Não foi Roma nos seus principios um covil de salteadores escapos das povoações visinhas, e que se refugiaram ás ribas do rio Tibre e junto ao monte do Capitolio? E não se converteu em grande nação, em dominadora e civilisadora de quasi o mundo inteiro?

Ha, porém, uma observação a fazer-se. Percorram-se, estudem-se as leis penaes portuguezas, quer as contidas no livro V das Ordenações do reino, quer nas resoluções avulsas, complementarias da jurisprudencia estabelecida. A pena do degredo era quasi geral para todas as especies de delictos, desde os mais graves e infamantes até as acções mais mesquinhas da vida, que o seculo reprovava e estigmatisava, embora se incluissem no foro interno da consciencia, e quando muito se podessem acoimar de indecentes e irregulares. Tirar cartas de jogar para adivinhar futuros; ler nas palmas das mãos o destino de cada um; descobrir sortes no espelho, em agua, no cristal, na folha

da espalha; occupar-se em feitiçarias; vender homem alfeolas e obeias, officio privativo de mulheres; dar casa para couto; abraçar e beijar em publico; a molicia, a sodomia, a bestialidade, a alcoviteria; tudo eram crimes, e não menos de duzentos e cincoenta enumerados e identicos, cuja penalidade se fixava no degredo.

Que copia de degradados não resultaria da applicação d'essa legislação singular da epocha? Difficilmente poderia qualquer denunciado escapar de uma sentença judiciaria, por actos menos regulares da vida. Fossem esses os degradados para o Brazil e poderiam ahi formar e organisar sociedades trabalhadoras, activas, industriosas, morigeradas, sem que ao paiz resultasse desar e antes elle obtivesse vantagens assignaladas.

Não ha duvida que durante o seculo XVI, o do descobrimento do Brazil, muitos degradados para ali se remetteram, e alguns infames e abjectos. Note-se, porém, que Pedro Alvares Cabral o avistou e tomou posse da terra em 1500; que até 1530 foi abandonado e desprezado, porque as Indias monopolisavam as vistas e cuidados do governo portuguez e de todo o seu povo; que de então em diante para se lucrar com a nova conquista é que se dividio o solo em doze capitanias, concedidas por serviços civis e militares a fidalgos e varões illustres, calculando cincoenta leguas de costa pouco mais ou menos para cada uma com todo o sertão que se descobrisse para o Occidente, a fim de que elles ahi organisassem feudos e propriedades como suseranos particulares, apenas obrigados a pagar foros determinados á corôa.

Os donatarios começaram a utilisar as concessões, enviando-lhes casaes de gente pobre do reino e dos Açores, mercenarios e infelizes desprovidos de soccorros e meios de vida: necessariamente aproveitariam degradados e vi-

ciosos. Alguns dos donatarios foram em pessoa collocar-se a frente das suas emprezas; outros delegaram em pessoas de familia ou de confiança a missão de representa-los.

Foram, infelizmente, victimas quasi todos, ou morreram á frexadas de gentios selvagens, com quem laboraram em guerras francas, ou em surprezas e trahições dos primitivos donos do solo, ou em naufragios; ou os que escaparam com vida, perderam as fazendas e bens que haviam applicado á suas propriedades.

Quasi ao findar o seculo ainda era um deserto o Brazil para os conquistadores da Europa, e raros e mesquinhos alguns presidios e sociedades insignificantes, aqui e ali se notavam, em distancias e espalhadas pela costa maritima, infructuosos como tinham sido todos os trabalhos, estudos e valor que empregavam os invasores do solo.

Vio-se então a corôa compellida a recuperar as terras e annullar as concessões para poder aproveitar o paiz; remio uns a dinheiro, outros com premios e honrarias, outros por decisões arbitrarias; e collocou-se á testa da colonisação, mandando governadores e expedições militares para garanti-la. Data de então a remessa de degradados. Mas com a emigração espontanea, que principiou antes de acabar o seculo, assustados os moradores do reino com o jugo e despotismos do governo dos Fellipes de Hespanha, se foram assentando e organisando sociedades e nucleos de importancia, que adquiriram direitos, e alcançaram privilegios da metropole.

Houve cidades brazileiras que no correr do seculo XVII e sob o reinado de D. João IV, obtiveram representação em Cortes, e algumas privilegios e prerogativas identicas ás da cidade do Porto, que após a de Lisboa, mais largas possuia e exercitava.

Desde que se realisou o facto de se ir creando, progre-

dindo e prosperando as povoações brazileiras com as familias emigradas do reino, suscitou-se na colonia uma opposição vigorosa contra a remessa de degradados para a America, e representações sobre representações se dirigiram ao governo da metropole, lembrando-lhe que para castigo de crimes devia preferir a Africa, e poupar o Brazil já povoado por gente boa e morigerada. Não foram votos perdidos, porque desde os primeiros annos do seculo XVIII os degredos judicarios se fixaram para as costas africanas, e, em 1720, se prohibio que no Brazil se introduzissem degradados, particularmente condemnados por crimes infamantes, e os que já ali existiam, fossem retirados das populações de beira mar e concentrados em colonias militares de Goyaz e Matto Grosso.

Assim organisada a colonia americana desde o seculo XVI, não ha que admirar que ella progredisse em riquezas, crescesse em população, conseguisse pesar na balança dos destinos e do governo da metropole, e se tornasse emfim parte ou provincia tão importante e valiosa do reino, que o coadjuvasse, auxiliasse poderosamente em sua existencia e negocios, e misturasse com os nascidos em seu solo a familia e grupos de espiritos elevados e instruidos, que augmentaram o numero dos homens de lettras e de sciencias da metropole.

Sua situação, durante o seculo XVIII, foi imagem fiel da de Portugal. Habitavam-no classes diversas de sociedade, discriminadas pela legislação, que egualmente regia na porção europea da monarquia.

Houve nobreza, procedida não propriamente do sangue, mas das posições, empregos e honrarias sociaes; peões, judeus, degradados e gentios cathequisados e aldeiados, que se consideravam livres; houve escravos indios, pretos da Africa e descendentes d'estes, que se empregavam na

cultura das terras, trabalhos de minas e serviços domesticos; havia egualmente indigenas selvagens que se reputavam inimigos e que apanhados em guerras determinadas pelo governo se constrangiam ao captiveiro egualmente. Na administração se deparava o mesmo espectaculo que em Portugal; clero influente e importante, posto que subsidiado pelo thesoiro publico, e sem direito a dizimos, que a corôa monopolisava na colonia; exercito, milicias, ordenanças militares, capitães móres, camaras municipaes, tribunaes de relações, ouvidores, juizes de fora, conselhos de fazenda e cada uma classe se investia de direitos e deveres particulares, como no reino; o governo supremo era representado por autoridades superiores, com o titulo de governadores e capitães geraes, que cada um administrava independente e soberanamente no territorio que lhe fôra designado, bem que um d'entre elles se denominasse vice-rei, mais elevado unicamente na jerarquia, egual, porém, nas attribuições aos outros.

É pena que o espirito acanhado do governo portuguez, promovendo os progressos materiaes do Brazil, ás vezes erradamente, mas inspirado quasi sempre por intenções excellentes, não cuidasse da instrucção publica na colonia. Verdade é que na metropole ella atrazadissima andava egualmente. Faltava-se lá com este alimento ao povo, mais necessario que outros de ordem material. Decadente estava a Universidade de Coimbra, curvada ao influxo dos Jesuitas; a da companhia em Evora esmerava-se antes em assumptos theologicos e canonicos que propriamente scientificos, e prejudicial era o methodo escolastico, que adoptaram sempre os Jesuitas, contrariamente ao da observação e da liberdade, de que patenteara a preferencia o celebre São Bernardo, o luzeiro da Egreja franceza, em opposição a Abeilard e aos sectarios de Aristoteles, cujos escriptos

os Arabes haviam feito conhecer na Europa. As humanidades ou estudos secundarios, em que varias ordens monasticas se haviam nobilitado, estavam monopolisados agora pelos Jesuitas, que preponderaram egualmente na instrucção primaria. O ensino official mostrava-se, pois, acanhado e quasi nullo, já na Universidade de Coimbra, já em algumas poucas aulas scientificas e litterarias que estipendiava, já nas primeiras lettras, de que nem escolas possuiam villas e povoações importantes do reino, servindo os claustros de auxiliares para a educação da mocidade.

Como censurar-se a metropole porque desprezava o ensino na colonia? Não o comprehendia o governo como dispensavel no proprio reino? Eram assim raras as aulas de ensino secundario no Brazil sustentadas pelo governo, e poucas de instrucção primaria. Entendia-se que para toda a monarquia bastava uma universidade para assumptos superiores, quando Hespanha, além das de Salamanca e outras celebrisadas, que cultivavam o estudo superior na peninsula, instituira uma no Mexico, outra em Bogotá, uma terceira em Santiago e uma quarta em Quito.

Na colonia brazileira se não podiam tomar graus academicos; tornava-se mister para seus filhos, anciosos por si, ou inspirados pela vontade paterna, atravessar os mares, e matricular-se em Coimbra.

As ordens monasticas, e particularmente os Jesuitas monopolisavam, portanto, toda a instrucção primaria e secundaria, e com ella a educação e direcção dos espiritos jovens, que guardam sempre, com o correr dos annos, doces reminiscencias e saudades dos tempos mais agradaveis da vida, que são os da primavera da edade humana.

Vegetou, pois, na ignorancia e na superstição, a sociedade portugueza da primeira metade do seculo XVIII,

durante o longo reinado de D. João V, apezar das pompas deslumbrantes, e apparencias faustosas e enganadoras, que manifestava a nacionalidade; apezar do ouro e diamantes do Brazil que trouxeram uma ficticia prosperidade á metropole, mostrava-se deturpada a formosa lingua de Camões e de Vieira, e como decahente e nulla a litteratura, que mais na essencia e verdade exprimiam o estado da nacionalidade que nas decorações theatraes, com que os olhos se illudiam.

Duas cartas de Alexandre de Gusmão pintam ao vivo essa epocha de podridão moral, esse periodo de superstições e exterioridades religiosas, esse tempo de prostração da lingua e da litteratura. esse governo monastico-civil, apparatoso e deslumbrante aos olhos, da primeira metade do seculo XVIII e do reinado de D. João V.

Não é contestar que apparecessem na administração varões de capacidade, notaveis talentos e experiencia dos negocios publicos. El-Rei fora servido por Alexandre de Gusmão, D. Luiz da Cunha, Diogo de Mendonça, e chamou até no principio de seu governo para seus conselhos o marquez de Castello Melhor, que se mostrara habilissimo ministro e politico de D. Affonso VI, e vivera no desterro durante a regencia e reinado de D. Pedro II. Fôra o estadista que dirigira as ultimas phases da guerra contra Hespanha, conseguira as ultimas victorias portuguezas, tão decisivas que D. Pedro II póde pactear pazes, tratando de egual a egual com El-Rei de Castella, e fazendo reconhecer por elle a independencia de Portugal, logo que tomou conta das redeas do governo, sem ter tido mais que laborar em lutas militares.

Ouvia-os de certo D. João V. Mais pesavam, todavia, em seu animo e resoluções os avisos fradescos, e conselhos acanhados do cardeal da Motta e de Frey Gaspar da

Encarnação. Escrevera D. Luiz da Cunha, em 1747, quando diplomata em Pariz, a Alexandre de Gusmão, que era escrivão de puridade, cargo equivalente na monarquia portugueza, n'essa epocha, ao de secretario de estado, pedindo-lhe concorresse para que D. João V se apresentasse arbitro nas contendas da Europa, assegurando-lhe que seria aceito, conseguiria conciliar os belligerantes, extinguir as guerras, e ganhar para si e para Portugal influencia e renome.

As respostas de Alexandre de Gusmão são documentos preciosos para a historia do seu tempo :

« Excellentissimo senhor, — dizia, — ainda que eu já » sabia quando recebi a carta de V. E.ª que não havia de » vencer o negocio em que V. E.ª se empenhou, comtudo, » por obedecer e servir á V. E.ª sempre á S. M. e aos » ministros actuaes do governo. Primeiramente o cardeal da Motta me respondeu que a opinião de V. E.ª era » inadmissivel em razão de poder resultar d'ella ficar » El-Rei obrigado ao comprimento de tratados novos, o » que não era conveniente. Emquanto fallamos na mate» ria, se entreteve o secretario do estado seu irmão, na » mesma casa, em alporcar os craveiros que até isto fazem » ali fora do logar e tempo. Procurei fallar á S. R^{ma} mais » de tres vezes primeiro que me ouvisse; e o adiava con» tando a apparição de Sancho a seu asno, que traz o Padre » Causino na sua corte santa, cuja historia ouviram com » grande attenção o Duque de Lafões, Ternão Freire e outros. » Respondeu-me por fim que Deus nos tinha conservado » em paz, e que V. E.ª queria metter-nos em arengas, o » que era tentar a Deus. Finalmente fallei a El-Rei. Seja » pelo amor de Deus, que estava perguntando ao prior » da freguezia quando rendiam as esmolas pelas almas e » as missas que se diziam por ellas. Disse-me S. M. que

» a proposição de V. E.ª era muito propria das maximas
» francezas com as quaes V. E.ª se tinha conaturalisado,
» e que não proseguisse mais. Si V. E.ª cahisse na mate-
» rialidade, de que está bem livre, de querer instituir
» algumas irmandades e me mandasse fallar n'ellas,
» haviamos de conseguir o empenho e ainda conseguir
» algum premio. »

Não esmorecera, todavia, Alexandre de Gusmão, ácêrca do assumpto. Repetindo as instancias, nada consegue por fim El-Rei, e dá por terminada sua tarifa, assim escrevendo a D. Luiz da Cunha.

« Nem a proposição do marquez de Alorna e nem a de
» V. E.ª merecera a menor aceitação. A primeira foi emfim
» tratada na presença d'El-Rei com o cardeal, o prior de
» S. Nicolau, Monsenhor Moreira e dois Jesuitas, a quem
» já se tinha communicado. Resolveu-a El-Rei com mais
» facilidade do que uma jornada das Caldas; porém, não
» obstante, sempre os conselheiros votaram que era ella
» dictada pelo espirito da soberba e da ambição, com que
» foi bem salgada. A segunda mereceu convocação de
» junta maior, mas foi tambem para maior castigo. Ali se
» acharam os tres cardeaes, os dois secretarios de estado,
» S. Rma e eu, e mais gente intima. Desencadernaram-se
» as negociações, e se baralharam com a superstição e
» a ignorancia, fechando-se a decisão com o seguinte
» adagio: guerra com todo o mundo, paz com a Ingla-
» terra, cuja santa alliança nos é muito conveniente;
» e finalmente que V.E.ª não era muito certo na religião,
» pois se mostrava muito francez. Acabado isto se fallou
» no soccorro da India, que consta de duas naus e tres
» navios de transporte. — O Motta disse a El-Rei : Esta
» esquadra hade atemorisar a India, — S. Rma accres-
» centou : Hade fazer muita bulha na Europa. — O reitor

» de S. Antão terminou : Tomara ver já os progressos
» escriptos pelos nossos padres da Companhia. — É o que
» se passou na junta, e excusa V. E.ª de molestar-se em
» propôr negocios á nossa corte, porque perderá o tempo
» que empregar n'ellas. Como V. E.ª me pede novidades,
» ahi vão finalmente. Devemos ao Exᵐᵒ cardeal da Cunha
» o alliviar-nos de raios, tempestades e trovoadas, que des-
» terrou das folhinhas do anno com pena de lhes negar as
» licenças. Devemos a S. Rᵐᵃ o haver proposto a El-Rei
» que conseguisse do Papa o livrar-nos de espiritos mali-
» gnos e de feitiços, que causam n'este reino tanto damno,
» e não ouvia que os sofressem outras nações. Os membros
» da Inquisição deram conta a El-Rei que lhes cahira em
» poder uma verdadeira feiticeira, e creio que será este
» negocio o maior de estado do nosso governo. Antonio
» de Saldanha (o mar e guerra) descompoz o cardeal da
» Motta e na pessoa d'este a nosso amo. O dezembargador
» Francisco Galvão da Fonseca disse a Pedro da Motta que
» os diabos o levassem. O conde de Villanova disse aos
» criados de um e outro que fossem passear. O Encerra-
» bodes não sabendo a quem devia pedir sua carta cre-
» dencial, pelo jogo de empurra em que se vio, disse que
» o nosso governo era hermaphrodita. Isto não são contos
» arabicos, mas factos certos, acontecidos dentro da Europa
» culta. Não tenho mais tempo. Fico para servir a V. E.ª a
» quem Deus guarde. Lisboa, 11 de Fevereiro de 1748. »

Como poderia deixar o longo reinado de D. João V de arruinar moral e phisicamente o paiz? Como poderia a monarquia resistir a acontecimentos tão perniciosos e destruidores de toda a vida nacional?

XIV

A D. João V, fallecido em 1750, succedeu na coròa seu filho D. José. Ou por insinuações de sua mãe, D. Catherina d'Austria, que favorecia a sua compatriota, consorte de Sebastião José de Carvalho e Mello, por duas vezes empregado na alta diplomacia de D. João V, e depois atirado ao esquecimento; ou por conselhos de D. Luiz da Cunha, muito considerado pelo principe como varão experimentado; ou por sua propria inspiração, confiou D. José, apenas rei, a secretaria vaga de negocios extrangeiros e de guerra aquelle fidalgo. Sebastião de Carvalho e Mello, conhecido pelos titulos que El-Rei posterioramente lhe concedeu, de conde de Veiras e marquez de Pombal, attingira já a cincoenta e um annos, vivia no isolamento, e pertencia á segunda nobreza do reino.

D. João V tivera secretarios de estado e um escrivão de puridade, que era na maior parte das occasiões o orgão principal das regias resoluções. Fôra o ultimo n'este emprego particular, Alexandre de Gusmão. Mas D. José não continuou o mesmo sistema, e nomeou tres secretarios de estado, pelos quaes dividio a administração publica, e que unicos se incumbiram de transmittir e fazer executar suas ordens. Ouvia-os juntos ou separadamente e deliberava.

Pombal dedicou-se ao estudo da situação e das necessidades publicas. Conhecedor da Europa, onde viajara proveitosamente, inspirado na politica ingleza, relacionado com os encyclopedistas francezes, applicado ás questões economicas, resolveu-se a transformar a nação portugueza, que elle considerava rebaixada e decadente. Os cinco pri-

meiros annos da sua administração, gastou-os em impôr-se aos collegas pelo talento, instrucção e caracter; em ganhar a confiança do rei, provando-lhe a superioridade do seu espirito, e a perspicacia do seu engenho.

Um desastre lamentavel, succedido em 1755, abateu o paiz, mas elevou o ministro em consideração. A 1° de Novembro, começou a sentir-se em Lisboa, pelas nove horas da manhã uma commoção da terra, um abalo do solo, em direcções oppostas. As egrejas estavam repletas de povo a ouvir missas. As casas particulares, os palacios publicos, os templos, os mosteiros, se foram desconjuntando, cahindo em pedaços; primeiro, os andares superiores, as torres, os campanarios, as cupolas, os telhados, depois as paredes e os proprios alicerces. Apoderou-se do povo um susto enorme, um panico geral. Precipitaram-se uns das egrejas e das casas para as ruas e praças, afim de escaparem ás ruinas; ali mesmo os edificios lateraes, despenhando-se em ruido, submergiam os transeuntes, e deixavam mortos ou feridos os que apanhavam.

Correr para as ribas do Tejo pareceu salvação para outros, mas o rio se revolucionou egualmente como a terra; ou o mar encapellado e furioso, penetrando em seu leito, levantava-lhe as ondas, ou a desordem da terra arrancava-o do seu curso regular, e ei-lo que rola em gemidos plangentes, galga e despedaça os caes, penetra pela cidade a dentro, inunda as ruas e praças, e com ruidoso tremor invade as casas e edificios. Ahi se quebram as amarras das pequenas embarcações, ali se escapam das ancoras os navios maiores, e é tudo rejeitado em pedaços nas margens. Parte do povo as vagas atiram para diante, de encontro aos edificios, parte, recuando enfurecidas, carregam de novo para o seio das ondas, e as submergem, A athmosphera cobre-se de uma nuvem de pó, que a escurece, e por toda a parte

horrorosas scenas, desabamentos estrepitosos de muros, gritos pungentes de moribundos, cadaveres de homens e de animaes, redomoiando nas poças de sangue, montões de ruinas, roncos da terra que se diriam trovões. Para augmentar os horrores, o fogo accrescenta os sustos; pegam as luzes nos altares incendio aos templos, e ás casas e edificios as chaminés acesas. O medo endondece. Mulheres, homens, velhos, crianças, rotos, nús, correm, tropeçam, ali coxeam mutilados, ahi cahem dilacerados ou mortos, uns sobre outros, tombando e ensanguentando-se, sepultam-se debaixo dos destroços, no meio de ais, imprecações, preces e gemidos. Suffocava-se em fumo, em pó, em ondas do rio na cidade baixa, em escolhos e ruinas na parte superior de Lisboa. As labaredas cresciam, o incendio lavrava, o Tejo horrorisava com seus furores imprevistos; dir-se-ia um castigo do Ceo !

Calcula-se que morreram n'este celebre terramoto entre doze e quinze mil pessoas ! E a cidade soffreu torturações tão crueis e repetidas, que em mais de dois terços das suas ruas, praças, casarias, palacios, templos, hospitaes, conventos, monumentos, theatros, tudo foi destroço, ruina, aniquilação.

Felizmente que o rei, a familia real, os ministros, e principaes e os altos funccionarios publicos, se achavam todos fora da cidade, e lá os foi apanhar a noticia da desgraça !

Dirigiram-se para Lisboa, e ninguem sabia que fazer, no meio da horrorosa confusão, augmentada pelos criminosos escapos dos ergastulos e carceres pela ruina dos edificios, e pelos escravos pretos que eram ainda numerosos, e que todos assaltavam as moradias, roubavam e saqueavam o que encontravam, commettiam crimes horrorosos contra as pessoas inermes e abandonadas, e pareciam senhores da situação por se mostrarem despidos de medo e terrores.

Provou-se então o genio, demonstrou-se a decisão, a energia de caracter de Pombal. Unico a lembrar alvitres, a tomar providencias, a dirigir os meios de salvação possiveis, a preparar os recursos necessarios. El-Rei autorisou-o a obrar livre e absolutamente, entregou-lhe toda a sua confiança, cedeu-lhe todo o poder e força.

Lisboa podia appellidar-se um acampamento, e em hóras de cataclismo parecia que Pombal desse a medida do seu espirito. Fê-lo e foi o seu procedimento n'esta calomitosa conjuntura que conquistou-lhe para sempre a vontade do rei, e se tornou por este considerado como o homem necessario e illustrado a quem devia dedicar-se inteiramente.

Durante os dez primeiros dias de Novembro ardeu sempre Lisboa, e continuaram os desabamentos de casas e edificios ; grande parte da população fugio para fora, para os campos, e os que não encontraram alvergue e pouso, entregaram-se ás intemperies do ar de preferencia a voltar ao seio da cidade destroçada e ainda ameaçadora : dos que se conservaram por impossibilitados no meio das ruinas, morreram muitos á penuria e á fome, e não faltava quem comesse cães, gatos, ratos, raizes, hervas, e cascas de arvores afim de alimentar-se.

Ordenou Pombal que entrasse força militar na cidade, deixados os seus quarteis em outras localidades. Fez por ella correr as ruas, praças, casas e edificios, arrancar os feridos, os sãos, os moribundos, para salva-los, enterrar os mortos, abrir caminhos afim de communicar suas ordens a todos os pontos, apagar os incendios, e fazer desapparecer os germens de peste e de epidemia que podessem resultar dos destroços. Mandou levantar choças e accommodações para recolher os que não tinham moradia; trazer para Lisboa mantimentos, cereaes, carnes, e dis tribui-los pelo povo necessitado, fixando as localidades

para os celleiros e depositos, distribuição de soccorros, vendas a preços determinados aos que podiam pagar, e fiscalisação severa na administração. Ordenou que todos os ladrões e assassinos apanhados em flagrante, ou provados de terem commettido crimes, fossem suppliciados, sem processo e nem sentença judiciaria. Determinou que se recolhessem os objectos salvados para serem entregues a seus donos legitimos. Fez assim em pouco tempo voltar a população a Lisboa, e estabelecer-se a ordem publica. Examinados depois os planos de reconstrucção da cidade, não tardou em começa-los a executar, e não foram precisos muitos annos para se levantarem novas ruas e praças, e edificios mais regulares, sahindo das cinzas de Lisboa enterrada uma nova cidade mais regular e formosa, mediante providencias adequadas, privilegios e isenções que animaram as reedificações e conseguiram commettê-las com a maior celeridade,

Não foi sómente a cidade de Lisboa que supportou as consequencias do terrivel terramoto de 1750; muitas povoações em Portugal e em Hespanha; a Andalusia e Valencia participaram de suas calamidades senão tão grandes, bastante destruidoras todavia.

Principiou então Pombal a dominar absolutamente tudo, convicto da confiança inteira do rei, e conhecedor da força que lhe provinha de sua posição elevada. Lançando suas vistas sobre o estado geral e particular do paiz, apreciando-lhe com firmeza a situação, prescrutando os vicios de suas instituições, leis, costumes e tradições, e estudando suas necessidades, para o arrancar da abjecção, em que jazia, encetou uma administração vigorosa, tenaz, constante em toda a esphera de interesses civis, sociaes e politicos, parando unicamente quando a morte do rei, no fim de vinte e sete annos de governo, o fez tombar do fastigio

e da grandeza, e o rolou no exilio, em que foi constrangido a acabar seus dias de existencia.

« Encontrei uma monarquia, — déclarou-o elle em um
» manifesto, — esgotada de cabedaes, perturbada por
» vitas occultas, e empobrecida pelas suas proprias ri-
» quezas : um povo sujeito ás mais grosseiras snper-
» stições, uma nação cujos costumes eram muito seme-
» lhantes aos dos barbaros, e um estado governado por
» usos quasi asiaticos, não tendo de europeu mais que o
» nome, de monarquia a forma, e de potencia a sombra. »

Ha de certo exageração na pintura; sombrias e carregadas são por demais as côres; Pombal tinha interesse em exaltar seus feitos, e por isso desenhava o solo como o mais ingrato para lavrar-se e produzir fructos. A realidade, todavia, apresentava vicios profundos, e o abatimento do reino, resultante do captiveiro castelhano dos sessenta annos, e por causa dos maus governos subsequentes, que o debilitaram e prostraram mais que trataram de seu desenvolvimento e progressos, si não assemelhava ao retrato traçado por mão interesseira, deve-se pensar que em feições desgraçadas se lhe aproximava.

E nã era só Portugal que lhe devia attrahir os cuidados, quando vivia da seiva e da riqueza do Brazil: esta colonia que, com seus productos agricolas, seu ouro e seus diamantes, alimentava a metropole, exigia attenção, para ser aproveitada, e não deixar seccar-se a fonte, d'onde derivava a unica prosperidade do momento.

Em vez de continuar no sistema de D. Pedro II e de D. João V que haviam prohibido a emigração de Portugal para o Brazil, o marquez não trepidou em abolir as leis existentes e restrictivas, e em conceder plena liberdade aos povos de irem para o Brazil e de voltarem para a metropole, conforme lhes parecesse. Revogou egualmente

os alvaras que só permittiam a navegação entre o reino e a possessão americana em certas epochas e em comboyos, determinando que de então em diante cada um armador podesse enviar seus navios de commercio isoladamente, e em qualquer estação do anno. No intuito de poupar-lhes depredações maritimas, concordou com o rei de Marrocos ceder-lhe a praça de Mazagão na Africa que de nada servia a Portugal com a condição de ficarem seus subditos prohibidos do exercicio de pirataria contra as embarcações mercantes portuguezas. Alterou o imposto cobrado sobre o ouro extrahido das minas do Brazil, trocando o sistema do quinto que devia reverter á corôa pelo da capitação, que pagariam os mineiros por cada um trabalhador que empregassem nas explorações metallurgicas. Proclamou a liberdade inteira dos indigenas, mandando cessar o captiveiro dos que se consideravam escravos. Facilitou os regimentos ácêrca do trafico de pretos de Africa para o Brazil no intuito de augmentar a população productiva da America, e desenvolver os recursos e riquezas agricolas da colonia portugueza. Instituio duas poderosas companhias organisadas com capitaes particulares para o desenvolvimento da navegação entre Portugal e o Pará e Maranhão, Pernambuco e Parahyba, para os progressos do commercio e da agricultura da parte septentrional do Brazil, locupletando-as com privilegios, attrahindo com blandicias e galardões honorificos a classe dos mercadores, que elle tratava de nobilitar, mas constrangendo-os a empregar fundos na cultura do solo e na melhoria dos productos da terra. Ordenou a Gomes Freire de Andrade, governador e capitão geral do Rio de Janeiro que partisse á frente de forças militares para o Sul, afim de curvar os gentios Guaranys levantados pelos conselhos dos Jesuitas, e reunir aos estados americanos da corôa portugueza os territorios de mis-

sões, situados á esquerda do rio Uruguay, que Hespanha cedera a Portugal em 1750, em troca da colonia do Sacramento fundada no Prata. Declarou egualdade de direitos e deveres dos subditos, quer vivessem na metropole, quer na colonia americana, para todos os empregos, profissões, e misteres publicos e particulares. Commettia, por este modo, uma verdadeira revolução no Brazil, promovendo-lhe com força e decisão os progressos, melhoramentos e grandeza, e tornando sua sociedade semelhante em tudo á do reino, sem distincção de metropole e colonia.

Virando, logo depois, os olhos para Portugal incitou uma serie ininterrupta de providencias, que o transformassem. Nenhum animo mais despotico que o do marquez, nenhum espirito mais compenetrado da idea de que só o governo de um, e absoluto, serve ás nações. No preambulo de suas leis exprime-se sempre assim: « A alta e inde-
» pendente soberania do rei recebe o seu poder immedia-
» tamente de Deus : em virtude d'este poder, o monarcha
» manda aos seus vassallos sem outra razão mais do que
» assim o quer e decreta de sciencia certa, motu proprio,
» poder real e absoluto. » Não tardou que se collocasse superior aos seus collegas do ministerio, trocando a repartição da guerra pela da fazenda e negocios interiores, e unico entendendo-se e tratando com o rei, de modo a constituir-se o logar tenente do soberano, o echo das ordens regias para as administrações dos companheiros, e até seu superintendente e fiscalisador, como si elle reunisse todas as partes politicas e administrativas, e fosse o unico ministro.

Modificou a legislação commercial, creou depositos e celleiros para a venda dos trigos, restringindo privilegios dos negociantes inglezes; mandou levantar pharoes em varios logares da costa maritima; instituio companhias de pesca,

e uma privilegiada para as vendas e compras dos vinhos do alto Douro; e persuadido de que incitaria o emprego de capitaes e braços em varios e differentes generos de cultura agricola, dividio as zonas territoriaes de Portugal em especiaes para a uva, especiaes para os trigos e fromento, especiaes para as oliveiras, e especiaes para amoreiras e outras producções do solo, prohibindo que em cada uma d'ellas se plantasse o que se lhe não reservara, e mandando arrancar á força as parreiras que se quizeram conservar nos districtos que lhes não eram designados.

Facil é de pensar que algumas d'estas providencias suscitaram descontentamentos, murmurios e calumnias dos interessados. O marquez patenteava a maior actividade; superior na intelligencia ás condições geraes da sua nação; comprehendia, comtudo, mal ás vezes as necessidades moraes da natureza humana, e ora lhes dava satisfações apropriadas, ora as offendia de frente com orgulho impio, porque seu genio não se prendia por medida ou freio, e não aceitava, nem de Deus, e nem dos homens, limites á suas ideas e vontade. Os habitantes do Porto ousaram resistir á instituição da Companhia dos vinhos do Douro, porque uns perdiam a liberdade de vender e comprar, outros a de plantarem a vinha, colherem a uva, e fabricarem á vontade o seu vinho, inexoravel manifestou-se o marquez com os oppositores a seus decretos. Tropa, alçada extraordinaria de magistrados crueis e subservientes, processos, tormentos e torturas, sentenças, prisões e cadafalsos, castigaram mais de duzentas pessoas envolvidas nas denuncias, suspeitas com ou sem razão, nas devassas, e o facto assombroso de tão dura punição deveria servir de exemplo a quantos recalcitrassem ás ordens do secretario de estado. O copioso sangue derramado nos patibulos, os ergastulos c calabouços, os desterros para Africa, a jus-

tiça summaria e á vontade e capricho, mostravam o que deviam esperar os que se não mostrassem submissos á publica administração.

Um dos erros mais condemnados actualmente foi o uso constante do monopolio; mas o marquez adoptava as ideas subministradas pelos encyclopedistas francezes, e as licções que colhera em suas viagens em França, Inglaterra, Allemanha e Hollanda, aonde o sistema do monopolio, do privilegio, do desenvolvimento industrial á conta do governo, era ainda o geralmente preconisado, e por isso Pombal o applicava em sua legislação e reformas, convencido de que acertava. Tratou assim de levantar a industria em Portugal, instituindo fabricas de sedas, de louça, de algodoarias, de chapeos, de vidros, de cutelaria, de tinturias, e de varios objectos, para as quaes attrahio capitaes particulares remunerados com honras e condecorações; fez vir de Inglaterra, França e Italia operarios intelligentes, e concorreu com subsidios do thesoiro publico. Parte d'estas providencias produzio excellentes resultados; muitas, porém, d'ellas tiveram duração ephemera, e desapparecido do poder aquelle que fôra seu autor, se nullificaram instantaneamente, porque não tinham razão de ser, e haviam sido meros productos do absolutismo, que tentara semear na areia, quando o solo lhe não offerecia bases seguras para formar alicerces duradoiros. Em geral, apezar dos pessimos principios estabelecidos, do sistema brutal da violencia, o paiz ganhou e muito com algumas das resoluções de Pombal. O districto do Douro vio melhorados e augmentados extraordinaria e progressivamente seus vinhos, que reganhavam a perdida reputação de qualidade, pureza, virtudes e perfume, e a riqueza publica e particular que ali se desenvolveu serve de tropheo permanente á gloria do marquez. Algumas industrias egualmente, embora im-

provisadas e impostas ao paiz conservaram-se, prosperaram e honraram-lhe a fama. E si varias de suas medidas legislativas se revogaram posteriormente, ou mesmo cahiram em desuso pela impossibilidade de execução, muitas se consideram ainda hoje reformas sabias e proveitosas, e causaram incalculaveis beneficios á nação portugueza.

Tinha Pombal altanado e sobranceiro o espirito, dotado de vistas largas, de vôos caprixosos. Suas reformas, em geral, produziram salutares revoluções economicas, civis, politicas e sociaes. Errava, desgraçadamente, na exageração das ideas, porque não raro foi além do possivel na epocha; seu maior defeito foi ainda no modo de decretalas, na barbaridade e tyrannia da execução, na violencia atroz que empregava, sem recuar mesmo diante de razoaveis obstaculos. Concebido seu plano, devia-se praticar, fossem quaes fossem as consequencias. Para o adoptar, não se fiava só em sua superioridade, cumpre fazer-lhe justiça; convocava os homens que lhe pareciam mais habilitados, ouvia-os, interrogava-os miudamente. Assentada a resolução, incumbia-lhes o trabalho, e com o olhar d'aguia que possuia o mandava rigorosamente cumprir-se.

Não parara na esphera dos interesses economicos civis, elevou-se a dos interesses sociaes, e assim modificando a legislação existente, offendeu classes existentes, incitou opposições surdas, e levantou legião de inimigos, que nunca lhe perdoaram.

Custava grandes despezas annuas ao thesoiro a constante concessão de commendas pensionadas pecuniariamente, quer vacantes, quer novas a titulo de remuneração de serviços. Pombal prohibio que se provessem as que vagassem, e ahi cortou largamente na despeza publica. Eram de direito hereditario os officios publicos da admi-

nistração, da magistratura, dos serviços forenses, do exercito; extinguio o Pombal. Livre seria o governo em da-los aos que considerasse dignos de exercê-los. Andava confusa a repartição da fazenda, e nem se podiam tomar contas pela desordem e anarquia dos serviços. Reorganisou-a inteiramente, instituio o tribunal do real erario para a superintender, e o juizo dos feitos para seus processos privativos; modificou o sistema de imposições, regularisou a sua fiscalisação e cobrança; tornou real a responsabilidade dos funcionarios: obrigou o clero e nobres a pagarem os mesmos direitos de alfandegas e territoriaes, que os populares, e com estas providencias harmonicas elevou a receita publica a algarismos muito superiores. Fundou a policia para prevenção de crimes e captura facil de criminosos, collocando um intendente geral em Lisboa, que tivesse ás suas ordens delegados em todas as localidades, e força publica para poder manobrar com segurança, e praticar rondas incessantes. Tanto mais necessaria se mostrava esta medida, quanto nenhuma cidade do mundo offerecia então mais do que Lisboa perigos e terror ás sombras da noite. Fidalgos, ecclesiasticos, plebeus, até pessoas regias, commettiam desordens constantes, andavam aos bandos e armados, assaltavam casas particulares e conventos de freiras sem o menor rebuço e nem sustos. Desde o tempo de D. João V ninguem ousava de noite sahir á rua, as portas trancavam-se com cuidado, e mortes e esbordamentos se praticavam sempre. Os proprios principes, e até mesmo a acreditar-se a tradição popular, o marquez de Pombal em edade mais verde, se collocavam á testa de creados, e não trepidavam em executar façanhas escandalosas e culpaveis, que mereciam severos castigos.

Nivelador decidido de quantos elementos formavam a sociedade, o marquez decretou que se não distinguissem

mais os descendentes de Judeos dos de christãos antigos, pois que todos eram eguaes, e nem se deveria perseguir ou insultar por qualquer forma os primeiros, condecorando desde logo a alguns reconhecidamente de origem israelita com ordens honorificas, afim de testemunhar-lhes o apreço do governo. Notando a quantidade de escravos pretos existentes em Portugal, e occupados particularmente nos serviços domesticos e nos trabalhos agricolas do Alemtejo e Algarves, subindo ao numero de cerca de trinta mil, declarou que quantos nascessem d'ahi por diante na metropole europea fossem considerados livres, seccando assim a fonte do augmento, bem como na prohibição de mais importar-se africanos captivos em Portugal, e deixando ao tempo acabar com a morte os que a propriedade legal ainda possuisse. Na legislação civil mostrou-se philosopho, prohibindo disposições testamentarias em favor da alma, numero illimitado de missas, legados pios a capellas, confrerias e mais ordens religiosas. Modificou o que diz respeito a bens de amortisação e avoengas, de vinculos e morgados, comprehendendo perfeitamente que as leis se apegam mais fortemente á sociedade, e melhor se fixam no seu amago e costumes que as politicas, e que fundindo em novo molde as tradições e o espirito nacional, e infiltrando-lhe nas veias novo sangue, alcançaria mais facil e seguramente regenera-la. Extinguio os privilegios das ordens militares, que davam á nobreza supremacia odiosa ao povo, e abrogou as juridicções que ainda ella exercia nos seus coutos e honras, o direito que lhes assistia a alguns impostos, e as nomeações que podia fazer de auditores e de officiaes de ordenanças em suas terras.

Não deve surprehender-nos que os animos dos nobres e dos ecclesiasticos se exasperassem de odio contra o audaz revolucionario, que se aproveitava do poder e confiança

do rei para abatê-los, e nivela-los em egualdade com todas as classes da sociedade. Já não eram forças imponentes perante o throno absoluto; mas podiam ainda estorvar-lhe a acção livre muitas vezes com os privilegios que as tradições lhes conservavam, posto que de muitos o marquez os esbulhara. Quando não ousassem conjurar, sua sympathia ficava decerto adquirida a quantos pudessem liberta-los do jugo do trahidor, que, sahido da aristocracia, contra ella dardejava o gladio, e tentava extermina-la; da autoridade do atheo, que perseguia a religião catholica nos seus monopolios, na sua riqueza, e na sua esphera temporal, que lhe adiantava o prestigio moral e ecclesiastico: do atrevido ministro, que publicara constituir crime qualquer censura de palavras, qualquer pensamento analytico a respeito dos actos do governo.

Em vez de arrancar força ao marquez, maior prestaramlha alguns fidalgos, que se atreveram a vingar seus proprios e os aggravos da aristocracia e do clero. Na noite de 3 de septembro de 1758, pelas onze horas, ao subir a carruagem do rei a calçada da Ajuda, onde existia o palacio de sua residencia, e ao dobrar a esquina da quinta do meio, tres tiros de espingarda ou claveiros, se dispararam contra ella. As balas penetraram pelas portinholas e feriram o braço direito de D. José. O cocheiro assustado com o evento, temeu continuar seu caminho, fez voltar os animaes á toda a pressa, e galopar para traz a chegar á casa do marquez de Angeja na Junqueira, e ahi El-Rei passou o resto da noite, fazendo em segredo chamar facultativos para o curarem, e communicar o que se passara ao marquez de Pombal. Só no dia seguinte, conservado sempre o sigillo, foi que D. José se recolheu ao palacio da Ajuda.

Quasi tres mezes gastou Pombal em averiguações reservadissimas para descobrir os malfeitores, escondendo

sempre o acontecimento, negando-o quando n'elle se fallava em rumores e conversações, aparentado e transferindo a todos a maior tranquillidade de espirito. De repente fez prender e encarcerar o duque de Aveiro, as marquezas e marquezes de Tavora, o conde de Áttouguia, alguns padres Jesuitas, ecclesiasticos, e numero crescido de nobres. Não tardou em nomear um Tribunal excepcional com o titulo de Inconfidencia, funccionando sob sua presidencia e com assistencia dos outros secretarios de estado, para o fim de summariamente e sem appellação, aggravo ou recurso, tomar conhecimento da conjuração urdida contra a vida de D. José. O processo foi secreto, não se concedeu aos reos direito de escolherem advogados ou defensores, ouviram-se cerca de vinte testemunhas, procedeu-se a interrogatorios e acareações dos accusados no meio de torturas e ameaças terriveis, arrancando-se-lhes ás dôres phisicas as confissões que se pretenderam. Em um mez deu o tribunal sua sentença a respeito dos reos, condemnando á morte os fidalgos já referidos por seus nomes, e mais alguns parentes d'elles e creados, com excepção da joven marqueza de Tavora, D. Theresa, da qual não falla a sentença, e que foi mandada administrativa e particularmente para o convento dos Grillos. Vinte quatro horas depois executou-se a decisão ; em um patibulo levantado na praça de Belem perderam a vida os condemnados, depois de soffrerem alguns flagicios e torturas antes da morte que lhes foi infligida. Na sentença se declarou que o crime de conjuração dos Aveiros e Tavoras fôra incitado pelas insinuações dos padres Jesuitas, dos quaes não tomara o tribunal conhecimento por falta de competencia ecclesiastica.

Emquanto os referidos nobres padeceram no cadafalso, numero extraordinario de outros, e de ecclesiasticos, foi mandado recolher ás prisões e fortalezas do reino, fazendo

companhia aos demais presos, emquanto se lhes não instaurava processo como cumplices da conjuração condemnada, conforme o marquez de Pombal appellidara o attentado contra D. José. Houve, porém, deveras, uma conjuração de nobreza e do clero ?

Hoje que o processo se acha publicado; que possuimos documentos importantes a respeito, e que se contrariam mutuamente; que estamos sobranceiros, pelo espaço de tempo decorrido, as paixões e prejuizos da epocha, podemos apreciar com liberdade e decidir escrupulosamente.

Não póde haver duvida de que o attentado contra a vida do rei foi realmente commettido, e que alguns dos condemnados se constituiram seus autores e cumplices. Mas conjuração, propriamente, da nobreza e clero não se póde fundar em vestigio nenhum valioso. Prova-se que Aveiro e Tavoras se combinaram para matar El-Rei, mais por queixas e injurias particulares que por espirito politico. O duque, principal autor do crime, exasperara-se contra D. José por lhe não conceder as commendas da casa antiga dos Aveiros, e licença para casar-se um filho seu com a filha mais velha do duque de Cadaval, no intuito de reunir as riquezas das duas casas. Jurara vingar-se d'El-Rei, e annexara a seus planos a velha marqueza de Tavora, egualmente despeitada por se não dar importancia na corte a seu marido, depois do esbulhado do vice-reinado das Indias, e por ser mulher de animo varonil e odiento, capaz de tudo commetter afim de desforrar-se de injurias suspeitas. Accresce ainda que a joven marqueza de Tavora, casada com seu filho primogenito, passava na opinião commum por entreter relações intimas com El-Rei, conjecturando muitos que os passeios nocturnos e solitarios de D. José, que só se recolhia tarde á Ajuda, não tinham outro fim senão o de encontrar-se com D. Theresa. Como quer que seja, toda

a familia Tavora foi condemnada, sem que contra alguns que morreram apparecessem provas no processo, e nenhuma palavra n'elle se encontra a respeito da joven marqueza, que recebeu ordem confidencial de asilar-se no convento dos Grillos. Os brios do marido offendido não o levariam a participar dos planos de vingança de Aveiro e da velha marqueza? Ressentimentos secretos e honrosos de familia não concorreriam para o crime?

Não transparece ahi a verdade tanto mais que a haver verdadeira conjuração politica mais contra o marquez que contra o rei deveria ser dirigida e planeada?

D. João V dizia que não empregava mais o marquez por ter cabellos no coração, e não ser bom catholico. Mas o marquez sabia aproveitar-se habilmente de todas as occurrencias para reforçar seu prestigio, proclamar sua autoridade, tornar-se temido, e vingar-se de quantos lhe desagradavam, quer inimigos politicos, quer desaffectos por uma critica, uma pequena satyra, uma palavra offensiva, sem que lhe importasse o que a seu respeito se pensava intimamente.

O attentado foi por elle portanto elevado á cathegoria de conjuração; a nobreza, o clero e os Jesuitas cahiam agora a seus pés, confundidos com os criminosos de 3 de septembro de 1758. Encheram-se os carceres de gente nobre, luzida e illustre; atulharam-se os ergastulos com bispos, monsenhores, clerigos distinctos, jesuitas e frades; não poderam as fortalezas conter numero tão extraordinario de pessoas de todas as classes, recolhidas ás suas negras marmorras como cumplices e coujurados. Posto que se não instauraram processos e nem appareceram tribunaes para os julgar, nas prisões se atiraram, e ahi ou feneceram, ou só depois que terminou o governo do marquez, foram mandados soltar e restituir á liberdade,

muitos decrepitos, outros enlouquecidos, estes desmemoriados, aquelles já pelas familias e parentes considerados mortos!

Livre o campo de qualquer estorvo, marchou o marquez para diante em suas reformas politicas, que até então não ousara realisar. Tiveram primasia os Jesuitas, contra quem elle se mostrara sempre desgostoso por considera-los instigadores da opposição e guerra dos gentios Guaranis das missões da margem direita do rio Uruguay. Já os havia feito anteriormente despedir do Paço, e exonerar de confessores do rei e da familia regia. Pedio ao Santo Papa autorisação para faze-los processar e a todos os ecclesiasticos por tribunaes civis em crimes que não fossem espirituaes e religiosos. Negou-lha o Pontifice, mas para o accommodar, determinou ao patriarcha de Lisboa tomasse providencias sobre factos que se imputavam aos Jesuitas, de abusar dos segredos das confissões, e negociar em mercadorias da America. O Patriarcha, para agradar a Pombal, prohibio aos Jesuitas a faculdade da confissão e censurou-os pelos seus procedimentos. Apertou o marquez com a Curia romana, para realisar seus designios, e é singular que elle diga em um officio ao embaixador portuguez que: « combata o suborno dos Padres observando » quem são os cardeaes e pessoas mais importantes e » comprando-os por todos os meios possiveis sem se expôr » a ser sacrificado por elles: vale mais e custa menos fazer » a guerra com dinheiro do que com exercitos. » Não alcançando do Papa deferimento, resolve-se por si, em relação nos Jesuitas. Por um golpe de autoridade civil, declara-os expulsos do reino de Portugal e de seus dominios, visto se haverem convertido em incitadores de conjurações contra o rei, de revoltas contra o governo, e de perturbação da ordem publica. Sequestra e incorpora nos

bens da corôa todas as propriedades da Companhia. Manda-os prender todos que existissem em Portugal e colonias, embarcar em transportes, que os levem a Leorne e Civita-Vecchia, e ahi os despejem em terra. Declara lei do paiz a prohibição de entrar qualquer membro da Companhia. E apenas publicadas as resoluções, não se fez demorar a execução. Os bens e propriedades da Companhia annexaram-se á corôa. Os Jesuitas foram todos presos em Portugal, Brazil e Indias, e conjuntamente com os que se achavam já nos carceres, e que foram d'elles tirados e remettidos ao seu geral em Roma, como animos perversos, que se não podiam admittir no reino, e seu numero aproximava-se ao de trezentos. Só um Jesuita permaneceu nos ergastulos da Junqueira, o padre Gabriel de Malagrida, louco, visionario, septuagenario, que sonhava com os Santos e a Virgem, revelava milagres, escrevia obras misticas incomprehensiveis, e fôra confessor da familia Tavora. Em vez de seguir o destino dos consocios, foi remettido ao tribunal da Inquisição, que o condemnou a ser queimado vivo como herege e sacrilego, e que cumprio sua sentença em solemne auto da fé do Santo Officio, felizmente o ultimo auto da fé que se celebrou nos dominios portuguezes.

Queixou-se o Summo Pontifice ao orbe inteiro do insulto praticado pelo rei de Portugal. Aproveitou logo o marquez uma circumstancia sem importancia para mandar passaportes ao nuncio de Sua Santidade, fazê-lo seguir para Hespanha, acompanhado de soldados até a fronteira, ordenar que o embaixador portuguez abandonasse Roma, prohibir todo o commercio e relações entre subditos romanos e portuguezes, e ordenar que estes se retirassem da cidade eterna. Rotas assim as relações entre a Curia e a Corôa Fidelissima, affoitamente cuida o marquez das

reformas relativas á Egreja e ao estado, que desejava sempre resolver, e para o que esperava momento propicio.

Declarou restaurada e em pleno vigor a legislação antiga, que não permittia leitura, publicação e menos execução de lettra, breve, bulla, ou qualquer rescripto do Papa, mesmo sobre materia puramente espiritual, sem o *placet* da corôa; restabeleceu recurso á corôa contra decisões de quaesquer juizos e tribunaes ecclesiasticos, autoridades e bispos, a respeito de excommunhões de funccionarios publicos, inexequiveis emquanto não providos. Reformou a Inqulsição, tirando-lhe o caracter ecclesiastico, e convertendo-o em tribunal civil, com attribuições exclusivamente contra erros da fé catholica. Prohibio-lhe execução de sentença sem approvação especial regia, uso de tormentos e polés contra os accusados, processos secretos, censura de livros e impressos em index particulares, e espectaculos e autos da fé, que apenas depois d'esta disposição legislativa pode o Santo Officio executar poucas vezes na monarquia portugueza.

Inaugurou um tribunal de Meza censoria, unico competente para organisar index de livros, cuja leitura se devia prohibir aos Portuguezes, abolidos os expurgatorios publicados pela Curia romana e pela Inquisição. E como o marquez tanto detestava o ultramontanismo, como o livre pensamento e a philosophia encyclopedista, porque ambos contrariavam seu sistema absoluto de governo; pois que a religião não era para elle mais que um instrumento de interesses e fins civis e de preeminencia da autoridade temporal, e nunca um lenitivo espiritual; e a philosophia dos encyclopedistas não passava de um meio de extirpar superstições e fanatismos, e de abater a força moral da Egreja, o primeiro index formado pela Meza censoria, condemnou varias obras de Jesuitas e de Padres celebrtsados

ao lado dos escriptos de Lord Chesterfield e das fabulas de Lafontaine!

Dissolveu varias congregações religiosas e entre ellas a dos Agostinhos, tomando-lhes as propriedades, e reunindo seus membros a outras: não permittio ordens sacras, e nem admissão em conventos a quem não recebesse autorisação particular regia. Prohibio sermões chamados de missões, exercicios espirituaes, orações mentaes ou em congresso, vias sacras pelas ruas, exorcismo por excommungados, e misturou assim na competencia civil as abusões, prejuizos e extravagancias espirituaes, com a vara de ferro, com que varria as contrariedades, curvava os animos, e castigava os refractorios de seu poder absoluto.

Tão vasto era o seu genio de estadista quanto pequenino e vingativo o seu coração, e quão despotico e barbaro o seu sistema de governar. O pacto de familia envolvera França e Hespanha em guerras, procurou Pombal conservar-se neutro. Mas Hespanha invadio-o com um exercito, Portugal estava desprovido de tropas, pois que a paz duradoira desde o principio do seculo descoutumara a povo a serviço militar, e o governo a manter e disciplinar exercito. Não se descurou o marquez da defeza. Com inauditas violencias formou um exercito de sessenta mil praças; baldo de officiaes, contractou em Inglaterra, e na Allemanha um general em chefe, o conde de Lippe, e officiaes superiores, e regimentos allemães e suissos, com que póde responder victoriosamente á Hespanha, expellir do solo os invasores, formar um exercito para o futuro, armado, disciplinado, moralisado e commandado por officialidade intelligente, publicar ordenanças militares modificando as leis anteriores, e fortificar praças fronteiras e presidios, para não ser mais o reino apanhado em fraqueza e incuria. Aproveitou-se egualmente das circumstancias para cuidar da

marinha de guerra, restaurar e melhorar o material da armada e os arsenaes, e colloca-los em conveniente estado.

Não lhe bastavam ainda estes fructuosos trabalhos; a instrucção publica reclamava todas as suas vistas. Haviam sido os Jesuitas os principaes promotores do ensino; possuiam uma universidade propria, a de Evora, que Pombal dissolvera quando os expellira do reino; governavam o collegio das artes que preparavam os estudos secundarios; influiam sobre a direcção da universidade de Coimbra, desde a reforma que a aprazimento seu e proposta resolvera-lhes a gosto Fellipe II de Hespanha; monopolisavam as humanidades nos collegios que nas principaes localidades da monarquia haviam estabelecido e costeavam; rivalisavam senão excediam as outras ordens religiosas na instrucção primaria, e na da lingua latina. Com sua partida não ficara tudo ao abandono? Não cumpria acudir-lhe com soccorro prescripto e efficaz?

Não perdeu o marquez tempo para esse fim. Mandou vir mathematicos, naturalistas e sabios de Italia. D'estes provem as familias Vandellis, Franzinis, Cierras, Dellabellas, etc. Formou uma commissão geral e commissões especiaes para estudarem a questão e propôr-lhe soluções satisfactorias. Assentou-se em augmentar o numero das faculdades da universidade, além da de theologia, canones, direito civil e medicina, com as de sciencias naturaes, philosophicas e mathematicas. Mandou ouvir o celebre medico portuguez, Nunes Ribeiro, empregado na Russia. D. Francisco de Lemos, brazileiro, redigio os novos estatutos para a faculdade de theologia; João Pereira Ramos, brazileiro egualmente, a de canones; Pascual José de Mello, Pereira de Figueredo e José de Seabra incumbiram-se de direito muito mais locupletado de estudos; os

professores italianos cuidaram das de mathematicas e sciencias naturaes e philosophicas, conjuntamente com José Monteiro da Rocha; e Pedro Nunes Ribeiro da medicina. Publicaram-se os Estatutos. Organisam-se os laboratorios de anatomia, museus, observatorios astronomicos para ornarem a universidade e aperfeiçoarem o ensino theorico, imitadas de preferencia as organisações francezas e italianas, muito adiantadas então sobre as hespanholas, que se estorciam ainda nos sistemas caducos aristotelicos, e sujeitos á influencia jesuitica.

Partio o marquez para Coimbra, com as honras de logartenente do rei. Inaugurou no meio de festas estrepitosas a nova universidade, e nomeou por seu reitor a D. Francisco de Lemos, bispo eleito de Coimbra.

Fixado o ensino superior tratou do secundario e primario. Organisou aulas de commercio, fundou o collegio dos nobres, reformou o das artes. Cerca de cento e cincoenta cadeiras regias das linguas latina, grega, logica, rhetorica, philosophia, e mais de quatrocentas de instrucção primaria, espalhou pela metropole e pelas colonias, instituindo para custeio e despezas um imposto sufficiente com o titulo de subsidio litterario. Creou ao mesmo tempo a typographia nacional, reunindo para seus trabalhos prelos e instrumentos os mais aperfeiçoados, e determinou-lhe a reimpressões dos autores classicos dos seculos XVI e XVII, para espalhar o gosto da lingua e da litteratura.

Não basta para gloria de um homem a memoria de tantas providencias utilissimas, embora algumas se evaporassem no correr dos tempos? A sua reforma da universidade de Coimbra recebeu os encomios enthusiasticos dos proprios seus mais exaltados inimigos; muitas de suas resoluções legislativas foram abraçadas com jubilo. Pelo despotismo plantara a egualdade de todos perante a lei, e por meio

d'ella, e sem o suspeitar, o predominio da liberdade politica. Pela violencia preparara um futuro benefico, posto que o seu presente fosse torturado com crueldade e barbaria execravel!

Como a tantas e tão superiores qualidades e dotes da intelligencia se annexou uma tyrannia tão desenvolvida, um caracter tão cruento e implacavel? Porque á sympathia espiritual se não póde ligar a sympathia moral?

Dir-se-hia que em todos os assumptos tocara, e mais ou menos acertara nas providencias; um lhe faltara, e elle o quiz satisfazer, mas não conseguio-o pela razão de que ahi lhe falhavam aquelle animo bondadoso, aquella alma franca e aberta a todos os instinctos nobres e elevados, aquelle sentimento de estima e admiração pela superioridade alheia, que elle não podia supportar!

Não sabia o marquez escrever e nem redigir agradavelmente. Era seu estylo pesado, e havia-o herdado da epocha de D. João V e dos escriptos dos membros da Academia de Historia, a que pertencera, mais illustrados que litteratos de gosto. Preparava o desenvolvimento da instrucção publica pela reforma dos estudos, e via em torno de si a lingua deturpada, a litteratura prostrada, as sciencias abandonadas, as artes em desprezo!

Affeiçoava-se sómente aos que o lisongeavam, admirando-lhe o governo, e saudando-o em occasiões de festas. Não lhe sorria a liberdade do pensamento, e os verdadeiros homens de lettras e sciencias se não podem despojar d'este dom precioso e divino. Não estava ahi o seu despotismo para os amedrontar e coagi-los ao silencio? Como cantariam as Muzas, quando sua voz harmoniosa podia ser abafada pelo sopro da tyrannia cruel, que pairava por cima de tudo, e tudo prostrava por terra?

Apezar d'isso, o desembargador Diniz da Cruz e Silva,

que com o marquez entretinha relações agradaveis, lembrou-se de instituir uma sociedade litteraria, destinada a apurar a lingua, que andava corrupta com a adopção de gallicismos desnecessarios e inuteis, e o gosto que desapparecera desde a morte de Bernardes e Vieira, e que nem D. Luiz da Cunha e nem Alexandre de Gusmão tinham conseguido restaurar.

Approvou-lhe o marquez a idea, e Diniz de accordo com Reis Quita, o desembargador Negrão, Garção e Basilio da Gama fundaram a Arcadia, modelada pela Romana, tendo por sede o monte Menalo, e pastores por socios, trocando assim cada um dos membros o seu nome por outro classico latino.

Honrava o marquez algumas das sessões com sua presença, sem favorecer efficazmente a associação, e nem auxiliar seus membros. Dois unicos lhe obtiveram as graças, Diniz e Basilio da Gama. Deixou fenecer na pobreza Reis Quita, e porque lhe não agradara a altivez de Garção, o mandou recolher aos carceres, de onde só morto póde escapar. Como poderia sustentar-se a Arcadia, diante do despotismo, e balda de protecção! Coube-lhe necessariamente curta existencia, e definhou-se quasi que na infancia.

Cumpre, todavia, reconhecer que serviços importantes prestou a Arcadia á lingua e á litteratura na sua pequena e miserrima duração. Publicaram seus socios escriptos de critica e analyse que coadjuvaram e apuraram o gosto, e promoveram o estudo dos classicos dos seculos anteriores, cujas licções são tão necessarias á cultura do espirito. Mostraram os perigos de abandonar-se a vernaculidade e formusura de um idioma que não carecia de perverter-se com vocabulos e phrases extranhas. Levantando egualmente o amor da boa poesia, deixaram alguns monumentos gloriosos pelo pensamento e pelo estylo, que honram a

epocha, posto que imitassem exageradamente o classismo latino, e considerado por seus membros a ultima expressão do bello e sublime. Da Arcadia e das obras de seus socios derivam os poetas do reinado de D. Maria I : Francisco Manuel do Nascimento, Bocage, Durão, Padre Caldas, Tolentino; bem como do movimento imprimido ao estudo das sciencias em Coimbra procederam os grandes vultos de José Bonifacio, Alexandre Ferreira, Conceição Villoso, e de tantos sabios e naturalistas, que illustraram o seguinte periodo, e deixaram paginas gloriosas á historia litteraria portugueza, no utilissimo campo das sciencias.

Primou Garção pela melodia e pela forma. São seus versos musica suave e aeria, e a Cantata de Dido perfuma-se com tanta formusura que na lingua e na poesia portugueza, só anteriormente nas vozes sublimes de Camões, e depois em uma ou outra composição de Bocage e Gonzaga, encontra rivaes em mimo e doçura. Sobe á maior altura de phantasia e de imagem, Diniz da Cruz e Silva, mas não se lhe assemelha na arte da expressão. O Hissope de Diniz pertence á galeria de Pope e de Boileau, e não desmerece diante de seus modelos em graças e espirito. Quita nobilitou-se no genero bucolico; Basilio da Gama elevou-se no romance em verso, arrancando ao seu ceo natal americano as côres diaphanas, que o matizam, a limpidez pittoresca que o caracterisa. Apezar da tyrannia de Pombal, os seus vinte sete annos de governo, brilharam mais pela lingua e pela boa litteratura do que os cincoenta de D. João V, cuja epocha fora exclusivamente impregnada de beatismo e superstições, mais gosto de pompas apparentes com um findo corrupto e degradante. Nos primeiros setenta annos do seculo XVIII não se encontra em Portugal vulto litterario e poetico que se possa memorar, ao mencionar-se Diniz, Garção, Basilio da Gama e Quita.

Constitue, pois, o tempo de Pombal um dos mais importantes periodos da historia de Portugal e Brazil. A nacionalidade refulgia brilhante e respeitada no interior e no extrangeiro. Com Hespanha, com França, com a Curia romana, com a Inglaterra, mostrou o marquez a independencia e hombridade de seu paiz, que até se curvara vergonhosamente a influencias e caprichos alheios. Reviveu-se a lingua, com galas e ademans dos tempos, em que ella se exaltara e attingira á perfeição invejada. E uma litteratura, ainda que não original na sua inspiração, e que com alguma razão, póde ser acoimada de imitativa, acompanhando o classismo latino, formou-se, desenvolveu-se todavia com garbo e gloria, e produzio no seu tempo, e na geração seguinte, um gosto mais aperfeiçoado e puro, que a da decadencia em que a epocha de D. João V a precipitara, satisfazendo por este feitio a uma palpitante necessidade para o coração e o espirito.

Oxalá que o quadro historico e grandioso de Pombal não fosse nodoado por tantas e tão sombrias e ensanguentadas nuvens! A humanidade geme attonita, e a sympathia foge do estadista famoso, posto que sempre se conserve a admiração pelo seu genio possante! Muito conseguio, pretendendo destruir o passado, reconstruir o seu presente e preparar o futuro. Dir-se-ia, porém, uma crise, um cataclismo extraordinario, uma revolução, e pois a reacção não podia deixar de irromper, destruindo entre sonhos irrealisaveis acurvados pela força invincivel de uma situação fatal, variadas ideas proveitosas, que só muito depois poderiam rebentar do solo, em que se sepultaram!

Feitos gloriosos, que collocam Pombal ao lado de Colbert, de Richelieu, de Cromwell, de Sixto V, de Frederico II de Prussia. Actos barbaros, violentos, atrozes, que o

aproximam de Cesar Borgia! O homem, porém, pertence á sua epocha, e não póde ultrapassar a atmosphera moral que o rodeia. Não commetteram egualmente atrocidades: Sixto V, Frederico II, Cromwell, Innocencio III, Richelieu, Izabel de Inglaterra, vultos heroicos e admiraveis?

Temia-se Pombal de toda a concurrencia; detestava a superioridade do espirito; invejava as posições elevadas. Os fidalgos de seu tempo e nação, os proprios principes reaes de Palhavan, os officiaes e funccionarios supremos da Egreja, os genios altivos, prostrava a seus pés, esmagando os mais audazes. Si ergueu-se na estima nacional, e na dos posteriores, por tantas providencias proficuas, reformas necessarias e energia governativa; si reorganisou a instrucção publica em Portugal, e adiantou por este feitio a marcha das sciencias; si desenvolveu os progressos e grandeza do Brazil, preparando-o a destinos futuros e proprios; si instituio, elle primeiro que ninguem, exposições industriaes, e fundou estabelecimentos e fabricas, que ainda duram; si aniquilou o fanatismo, e prohibio á Inquisição autos da fé, que escandalisam a consciencia; si expellio de Portugal os Jesuitas, e em accordo posterior com França, Hespanha, Napoles e Parma, alcançou do veneravel Ganganelli a extincção total da ordem; si fez respeitar e admirar pelo extrangeiro a monarquia portugueza; si logrou o florimento da agricultura em um paiz, que encontrou produzindo vinhos mal preparados, e comprando cereaes para se sustentar, e o deixou em uma tal qual prosperidade e abundancia, promovida pela cultura de outros generos de necessidade; si reorganisou a administração publica, introduzindo-lhe methodo e ordem; si finalmente deixou, ao cahir do poder, as arcas do thesoiro publico repletas de dinheiro, quando as achara tão exhauridas que nem havia com que pagar as despezas do

enterro de D. João V, que memoria triste e enluctada legou aos coevos e nos vindouros com seus despotismos, cruezas, tyrannias, violencias e barbaridade! Como se desculpará dos cadafalsos do Porto e Belem, do auto da fé de Malagrida, dos degredos, prisões e tormentos infligidos á tão extenso numero de pessoas, muitas innocentas, do incendio ao arraial da Frafaria, para se vingar das miseras familias de pescadores que prestaram asilo aos fugitivos do recrutamento?

Morto D. José, em 1777, tombou o marquez de Pombal da autoridade e do fastigio do governo, e acabou no exilio, processado, condemnado por seus feitos! Parece-se sua historia a uma lenda, e o povo que o applaudia enthusiasmado, quando poderoso ministro, insultou-o desapiedado e selvagem apenas remettido! Passados tempos, é o povo quem d'elle guarda mais agradaveis tradições, porque abatera a nobreza e clero, e pelo absolutismo e força preparava o regimen das liberdades publicas, e da influencia democratica! Esquece-se dos crimes, relembra os serviços emquanto que a justiça severa da historia saúda o genio portentoso e os serviços assignalados, e estigmatisa ao mesmo tempo as atrocidades commettidas!

XV

Attingira a monarquia portugueza durante o dominio de Pombal a um brilho de nacionalidade, que poucas vezes conseguira antes, e que desde D. Sebastião parecia milagre. A um só homem o devia, despota e inexoravel; por isso

mesmo foi occasional e temporario, porque sahira das proporções regulares e das condições em que o paiz se achava. Apenas desapparecido D. José da scena do mundo, e investida do governo sua filha D. Maria I, casada com o irmão do finado rei, que em honra da consorte tomou o titulo de Pedro III; iniciou-se uma espantosa reacção, e Pombal cedeu a inhabeis e inexperientes successores a direcção dos negocios politicos e administrativos.

Tornou-se a transformar a situação do paiz: governo fraco, influido de novo pela nobreza e pelo clero: o odio e a animadversão das duas classes superiores contra o marquez e contra quanto elle praticara, manifestando-se agora poderosas: o povo, que sauda sempre o sol nascente, excitado ainda, nas suas variações de sentimento, pela vista de um numero extraordinario de pessoas que se soltaram das prisões e fortes, onde jaziam sem sentenças e nem mesmo processos, e que se lhe apresentaram aos olhos, velhos, decrepitos, macilentos, enlouquecidos pelos tormentos, de modo a que nem os proprios parentes os conheciam, e pelas noticias dos que nos ergastulos haviam muitos acabado a desastrada vida, e homens de valor e reputação: tudo conspirara para que não podesse erguer-se resistencia á reacção, que irrompia de toda a parte, e obrigou o governo a arrasar o forte da Junqueira por ter sido aquelle que encerrara maior numero de inimigos de Pombal, e levou a populaça a arrancar da estatua equestre de D. José o busto do ministro, que a fizera levantar no meio da praça mais importante de Lisboa.

Era virtuosa a rainha, extremamente caritativa, mas offendia-lhe a corôa á cabeça como si fôra de espinhas; não fôra talhada para o governo, mas para a vida intima do lar domestico. Devota, e arrastada ao fanatismo pelo marido e pelos confessores, não póde sustentar sua razão

por muito tempo, e antes que o seculo findasse, já o filho, D. João, assumira a administração, ao principio, como governador e em nome d'ella, e logo no periodo seguinte, como regente e em seu proprio nome. D. Maria I fôra mais victima que reinante. Debil de animo, aprehensivo de sustos, curvava-se tambem D. João aos acontecimentos, mais paciente e resignado que capaz de comprehender-lhes o caracter e apreçiar-lhes a importancia. Que esperar dos dois soberanos que governaram apóz D. José, quando nem encontraram estadistas para os coadjuvarem e aconselharem na difficultosa tarefa, e quando houvessem, não souberam attrahi-los, imprimir-lhes força moral, e anima-los a desenvolver a nação?

A fidalguia atirou-se sobre os cargos publicos, como ave faminta; o clero conseguio restaurar muitas faculdades, que o marquez de Pombal lhe arrancara; a Curia romana, reatadas as relações diplomaticas com Portugal, desfez, uma a uma, as liberdades temporaes, e recuperou a pouco e pouco e com o geito ecclesiastico quantas immunidades, privilegios e supremacias gozara nos tempos de superstições e fanatismos. Inglaterra impoz-se de novo como protectora mais que como alliada, e Hespanha e França arrancavam-lhe a todo o momento concessões que lhes interessavam, assustando o governo portuguez com ameaças e pretenções mais duras ainda, e submettia-se a tudo a monarquia dos Braganças, posto que contrariada, e contentava-se de pensar que mais tarde nullificaria o que praticara de sua vontade.

A reacção destruio grande parte das obras do marquez de Pombal; suspendeu o curso de muitas providencias salutares; desbaratou as finanças publicas, onde o genio do secretario de D. José se mostrara mais severo e escrupuloso; si não logrou tudo desmoronar, é porque as ideas

do povo, e até os costumes e tendencias se haviam modificado com o impulso vigoroso de Pombal; resistio, pois, alguma cousa, ou porque se escondeu aos olhos para reapparecer mais tarde e em occasião propicia, ou porque impossivel era desfazer o que já se enraizara no coração nacional. Escapou a Universidade de Coimbra com suas reformas portentosas, mas desappareceu a Meza censoria, instituição meramente politica, para dar logar a outra confiada ao influxo de ecclesiasticos, e que se incumbisse da prohibição dos livros e escriptos sobre a religião, não reputados conformes as regras e normas da Curia romana. Por outro lado, exagerados os principios de protecção industrial, tanto se pretendeu desenvolver desacertada e privilegiadamente a portugueza europea, que ao Brazil que o marquez tratava com egualdade de direitos se prohibiram industrias de ourives e outras para não concorrer com a metropole, e ser constrangido a receber seus productos, embora os podesse conseguir no proprio solo.

Pretenderam volver para Portugal os Jesuitas, e si não fôra a Hespanha que reclamou, elles conseguiriam do governo de D. Maria I formar novos institutos, e talvez recuperar suas antigas propriedades: assim mesmo tiveram ingresso no reino, como ecclesiasticos isolados e se derramaram de novo pelo territorio, posto que extincta a Companhia por Clemente XIV. Os que com a morte de D. José, foram arrancados aos carceres, receberam honras e consideração do governo, ad instar das que se consagraram ao bispo de Coimbra, e a outros altos funccionarios da Egreja, que Pombal conservara tantos annos nos ergastulos e prisões do estado.

A propria Inquisição, que se reduzira a tribunal civil e instrumento politico, com a perda de suas largas e antigas attribuições, e com a mudança do pessoal ecclesiastico

para magistrados temporaes, pretendeu reerguer-se e recuperar faculdades, appellando para os pios sentimentos e para a fé acrisolada da rainha, e o conseguio em parte, manifestando logo ao publico a sua valentia e robustez restauradas. Não se dirigio contra Judeus e nem christãos novos que haviam sido suas victimas de outrora, a lei lho vedava, e os costumes e opiniões se denunciavam outros; atacou-se aos vultos importantes dos litteratos, attribuindo-lhes principios de heresia, despreso dos dogmas religiosos e tendencias á philosophia e ao atheismo. E ahi foi a messe abundante, porque com o governo de Pombal reabriram-se melhor as communicações de ideas com a Europa civilisada, e os encyclopedistas francezes encontraram faceis adeptos em Portugal para suas doutrinas de liberdade e egualdade, e para a ruina das superstições ecclesiasticas.

Abriram-se de novo as portas dos carceres da Inquisição, e instauraram-se processos de heresia. José Anastasio da Cunha, o grande mathematico; Francisco de Mello Franco, medico brazileiro de alta nomeada; Feliz de Avelar Brotero, naturalista conhecido; o poeta mavioso, Manuel Maria Barbosa do Bocage, pertencem ao numero dos que se lançaram nos ergastulos do Santo Officio, e soffreram condemnações á prisão temporaria; alguns passaram por autos da fé, cobertos de carocha e sanbenito, mas si foram dados em expectaculo á curiosidade publica, não os abrazaram as chamas da fogueira, que haviam sido extinctas pelo marquez de Pombal, e que não conseguio mais a Inquisição fazer accender no Campo da Lãe.

Dois escriptores celebrisados escaparam com felicidade ás garras do Santo Officio, logo que lhes deu rebate a noticia de que elle os procurava. Para o extrangeiro se dirigiram, procurando asylo, Francisco Manuel do Nascimento, e Hipolito José Soares da Costa. Embora soffressem em

França e Inglaterra a penuria e a misería, e aprendessem quanto é duro comer o pão amargo do desterro, e subir e descer as escadas de poderosos para saciar a fome, que não raro lhes atormentou a existencia, preferiram ser mendigos a se deixarem encarcerar nas sombrias e tenebrosas cellas da Inquisição.

Sob Pombal os governadores e capitães geraes das colonias se temiam de castigos, quando aos ouvidos do poderoso ministro soassem queixas e reclamações contra seus desmandos. Com o governo de D. Maria I e regencia de D. João, cada uma autoridade e funccionario publico, praticava o que lhe aprazia, e ninguem lhes tomava contas contanto que se mostrassem inimigos de Pombal, bem que morto e sepultado. Anarquia na administração geral e particular do estado; despotismos e arbitrariedades mais pungentes, por isso que de muitos; erros e crueldades de quantos exerciam um atomo de poder official, sem que refulgisse um superior, a quem se pedir auxilio. As proprias inquirições, que pelos regimentos acompanhavam os governadores das capitanias do Brazil, e lhes eram instauradas apenas deixavam a autoridades, ficaram esquecidas, desprezadas e aniquiladas.

E era injustiça clamorosa mudar a politica em relação ao Brazil, que continuava com a sua prosperidade e riqueza a alimentar a metropole, que se exhauria particularmente a olhos vistos e de novo, logo que lhe foi faltando o braço robusto e a illustrada acção de Pombal. Não era uma parte da monarquia, e a de mais progresso e futuro? Desde D. Pedro II, não concorrera com suas mercadorias e productos agricolas, seu ouro e diamantes, a locupletar a monarquia? Si não fôra sua opulencia como resistiria D. João V ao fausto espantoso e luxo asiatico que commettia? Como conseguiria Pombal restaurar e melhorar

as finanças, elevar as receitas publicas, e deixar em cofre sommas que parecem fabulosas, apezar das grandes despezas de guerra, de marinha, de instrucção pnblica, de melhoramentos materiaes, de auxilios á industria, que teve de praticar?

Não produzia sómente o Brazil mais que Portugal em generos agricolas e productos auriferos e pedrarias; auxiliava a monarquia com poetas, publicistas, homens de estado, litteratos, sabios, que rivalisavam e se confundiam com os nascidos na metropole, e a honravam perante o mundo. Não havia estudos superiores, nem secundarios regulares, si quer, na colonia americana; mas os filhos da terra de Santa Cruz, atravessavam jovens os mares, mandados por suas familias, e nas escolas da Universidade de Coimbra provavam habilitações singulares, que os elevavam nos cargos publicos e nas funcções politicas, e nas sciencias e nas lettras lhes abriam caminhos gloriosos.

Na guerra e nos conselhos politicos do estado não ganhavam nomeada, no seculo XVII, Salvador Correia de Sá e Benavides, Francisco Rolim de Moura e André Vidal de Negreiros; nas lettras humanas e divinas durante o seculo XVII, Sebastião da Rocha Pitta, Gregorio de Mattos, Antonio de Sá, Eusebio de Mattos; nas sciencias, Jacob de Andrade Vellosino? No correr da era XVIII não se patenteara unico discipulo de Gil Vicente, o infeliz Antonio José da Silva, queimado em auto da fé da terrivel Inquisição? Não inventara o balão aerostatico Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que fallecera miseravelmente em Sevilha para se livrar das garras do Santo Officio, que por esse descobrimento o capitulara de feiticeiro? Não honrara as lettras e a politica o escrivão da puridade de D. João V, Alexandre de Gusmão? Não coadjuvaram poderosamente ao marquez de Pombal nas suas reformas da legislação

civil e da Universidade de Coimbra, João Pereira Ramos, e o bispo D. Francisco de Lemos? Não honrara á Arcadia erigida por Diniz o cantor suave e terno, José Basilio da Gama? Nos progressos que, sob o proprio governo de D. Maria I e regencia de D. João, obtiveram a lingua, a litteratura e as sciencias, pelo impulso que lhes fôra dado durante a anterior administração, não se enumeram com orgulho os nomes de Santa Ritta Durão, de Thomaz Gonzaga, de Claudio Manuel, do sublimado Padre Souza Caldas, do bispo d'Elvas, D. José Joaquim Azevedo Continho, de José Bonifacio, de Alexandre Rodrigues Ferreira, de Conceição Vellono, dos dois Camaras, de Madre de Deus, de Ayres do Casal, de Hipolito José Soares da Costa, de Antonio de Moraes e Silva, socios todos ou quasi todos da Academia real de sciencias, que instituira em Lisboa o illustrado duque de Lafões?

Os restos do seculo XVIII, sob a direcção de D. Maria I e do principe D. João, ou para mais correctamente nos exprimirmos, sob a influencia e governo de bispos confessores, e fidalgos inhabeis, constituem epocha desastrada para a nacionalidade portugueza, que voltou á prostração, em que a encontrara e debuchara tão carregada e sombria o marquez de Pombal ao defender-se dos seus perseguidores, que nem o descanso dos ultimos annos da velhice lhe queriam consentir na sua quinta retirada do mundo. Embora um dezembargador Penna Manique, ministro de talento como Seabra e Martinho, educados na escola de Pombal, e preparados por elle para a administração publica, e que tão ingratos e adversos se lhe manifestaram, apenas cahido do poder, no intuito de continuarem a gozar posições elevadas, e conservarem importancia politica, tentassem oppôr barreiras á reacção das ideas e á destruição das boas instituições e obras realisadas, nem tudo

lograram salvar, e foram coagidos a acompanhar o movimento destruidor, que arrastava a monarquia á uma perda lamentavel.

Para Portugal e Brazil, felizmente, a lingua, as lettras e as sciencias encontraram cultores excelsos, que lhe contiveram os desvios a que os arrastassem a direcção politica e a ruina visivel da nacionalidade. É a unica gloria que resta aos ultimos annos do seculo XVIII, no meio do naufragio que a sociedade portugueza supportava.

Imbuido o celebrisado marquez das ideas e doutrinas dos encyclopedistas e philosophos, e espiritos livres de França, visto que á sua acção e autoridade não oppunham obstaculos, como o praticavam os principios ultramontanos e pretenções da nobreza, deixava-as atravessar o firmamento, infiltrar-se na sociedade portugueza, alimentar e enthusiasmar os animos dos litteratos, que se elevavam com sua leitura e estudo acima da athmosphera, em que a nação respirava e se abafava. Por mais que os ministros e funccionarios de D. Maria I, os bispos, clero e nuncios pontificos, preponderantes nos objectos e assumptos temporaes, se esforçassem em publicar novos indices de obras prohibidas aos Portuguezes, litterarias, philosophicas, scientificas e historicas, publicadas nos paizes extrangeiros, as ideas corriam o mundo, devassavam o espaço, imprimiam sua luz atravez das densas nuvens agglomeradas para lhes negar passagem, e, como o sol ardente e poderoso, rasgavam caminhos, e illuminavam, mau grado dos governos obnoxios ao progresso da civilisação. Quando o despotismo decreta a fé e o pensamento como cunha e fixa a moeda, ao excesso da oppressão responde o vigor da resistencia.

Não nos admiremos, portanto, que succedesse á Arcadia de Diniz e Garção, extincta ainda nos tempos felizes de

Pombal, uma segunda Arcadia, mais ou menos organisada segundo seus estatutos, e que esta se povoasse de escriptores que lutassem ardentes e enthusiastas pela pureza e correcção da lingua, e pelo aperfeiçoamento do gosto litterario. Vigorava sempre o sentimento classico e apertado nas regras e na copia dos latinos e gregos. Quer na forma quer no fundo mais que nenhum escriptor, o padre Francisco Manuel do Nascimento se conservara fiel ao culto em que se educara. Nicolau Tolentino, Durão, Gonzaga, Maximo Torres, José Agostinho de Macedo, seguiram a mesma escola. Bocage e o padre Caldas ousaram, todavia, abrir as azas a novos horisontes, adivinhar ideas e imagens modernas, e entregar-se aos raptos da imaginação. Na lingua, porém, trataram todos de perpetuar as tradições da primeira Arcadia, e procuravam conservar os ademans, formosura e propriedades dos classicos portuguezes. Não pode existir muito tempo esta segunda Arcadia, pelas dissensões e brigas particulares e ciumentas dos consocios, posto que como os pastores do Menalo, que se appellidavam Corydon, Elpino e Alcinio, os novos arcades se cognominassem egualmente Philinto, Alfeno, Elmano, Dirceo, Elmiro, Glauceste.

Que desenvolvimento glorioso conseguiram as sciencias! José Anastasio da Cunha mostra aos seus compatriotas as sublimidades mathematicas, ao mesmo tempo que se illustra pelos dotes de imaginação e pelo gosto litterario. Brotero, Conceição Velloso, José Bonifacio, ensinam os segredos da botanica e da mineralogia. Rodrigues Ferreira, depois de atravessar o mundo magestoso do Amazonas, desdobra na Academia memorias importantissimas. Monteiro da Rocha acompanha os vôos de Newton. Correia da Serra aprofunda a critica e a philologia. Escriptos historicos, criticos, philologicos, se começam a publicar, desdobrando os quadros do

passado sem prejuizos nem prevenções. Pascual José de Mello, Lobão, Abade Serra, Pedro Ribeiro rivalisam com o bispo d'Elvas, D. José Joaquim de Azevedo Coutinho e com o brazileiro Dr Mello Franco. Custa decerto a crer que ao lado de uma nacionalidade que se definha, erga-se a sciencia com magestade, e as lettras patenteem um impulso proficuo.

Não emmurchecem as glorias de Diniz, de Garção, de Quita e de Basilio de Gama, as palmas colhidas por Francisco Manuel, Gonzaga, Bocage, Tolentino, Durão: mais se encarecem mesmo porque dos primeiros partira o impulso salutar, que ennobrece o pensamento.

Ao poemeto caustico, espirituosamente attico do Hissope de Diniz correspondem as satyras finas e jocosas de Tolentino; á correcção perfeita, á pureza do metro, á linguagem castigada, á arte espantosamente bella de Garção, que despreza a rima, para aproximar a versificação portugueza á latina, e attrahe a admiração pela melodia concisa da phrase e robustez e graças do estylo, Bocage e Thomaz Gonzaga oppoêm canticos opulentissimos na riqueza e harmonia, na soada musical e na suavidade dos affectos. As estrophes gregas, e por vezes duras e exageradas, de Diniz, contando os heroicos feitos de Duarte Pacheco e Affonso d'Albuquerque, arremette com apreciavel felicidade, Francisco Manuel do Nascimento com vôos altivos das suas odes aos novos Gamas, á liberdade da America, e ás glorias da lingua e da nação portugueza. As eglogas e bucolicas, em que Quita rivalisara com Rodriguez Lobo, não trepidam Curvo Semedo e Bocage em porfiar juntos, sem receio de vencimento. Patenteava Basilio da Gama aos olhos europeus um panorama novo e abrilhantado, de incognitas côres, ousando, primeiro que nenhum outro poeta do mundo, pintar a natureza brazilica, esboçar scenas da historia americana, opulentar o painel com as [illegible],

os passaros, o perfume das flores e o diaphano do ceo d sua patria, e escrever um romance em verso a respeit de acontecimentos verificados nas margens do rio Uruguay e nas saudosas missões Guaraniticas, seguindo os exemplo de Cortereal, Quevedo, Ercilla, Rodrigues Lobo e de outro poetas antigos, que não dispondo de genio para poema epicos e heroicos, se satisfaziam em derramar poesia e narrações em verso. Santa Ritta Durão colloca-se quasi seu lado, recontando o descobrimento da Bahia, os amore de Caramurú e Paraguassú, e os usos e costumes, lutas guerras dos Tupinambas contra os Portuguezes descobri dores do solo brazileiro. Não tange tão deliciosamente lyra artistica, mas orna sua composição de bellezas apro priadas e dignas de apreço. Diniz da Cruz, residindo ultimos annos de sua vida no Rio de Janeiro, chanceller d Relação, pretendeu americanisar-se, iniciando nova poesi com as lendas brazilicas; ahi tambem Claudio Manuel d Costa lhe rouba o segredo, mais susceptivel de ser adi vinhado na natureza por um filho do proprio solo que p um extranho, que o pinta mas não o sente como aquel que o tem no coração, e lega a posteridade a sua Villa Rica

Refulge uma seiva de inspiração na quantidade de poet do fim do seculo, uns didaticos, outros epigrammatico estes imitadores, aquelles procurando novas athmosphera Acima de todos, todavia, paira como aguia pela elevaçã do pensamento, e pela unção mystica, o padre Antoni Pereira de Souza Caldas, orador sagrado, que na su epocha só depara rivaes em frey Francisco de São Carlo seu compatriota, e ás vezes com José Agostinho de Maced desigual nos vôos, mas instruido, e eloquente nos se momentos felizes.

Prendia-se esta litteratura ao seculo XVI, pelas suas tr dições e tendencias; pelas necessidades em que se achav

firmamento, a que nos conduzem Basilio da Gam
Durão, desconhecido até então, e que deve na nova po
inspirar mais originalmente, e opulentar os horisontes
imaginação?

Quem se não extasia diante do seguinte trexo de Gar
que imita a maneira de Horacio, não lhe ficando infe
em valentia e perfeição, ao resistir á sorte dura e c
que o persegue, carregado de familia, e ameaçado
masmorra?

Assim, assim, a misera pobreza
A contraria fortuna
Deve immovel soffrer uma alma grande,
O Sousa esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide;
Dorme no duro chão tão descançado,
Como no leito brando,
O intrepido varão que do destino
Prova os fataes revezes.

Com que doçura e melodia descreve Garção as dôre
Dido na famosa cantata, que não encontra rival na li
portugueza!

Já no rouxo oriente branqueando
As prenhes velas da troyana frota
Entre as vagas azues do mar doirado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ululando,
C'os torvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.

Só ermas ruas, só devastas praças
A recente Carthago lhe appresenta.
Com medonho fragor da praia núa
Fremem de noite as solitarias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cupolas soberbas
Piam nocturnas, agoureiras aves.

Pombal, uma segunda Arcadia, mais ou menos organisada segundo seus estatutos, e que esta se povoasse de escriptores que lutassem ardentes e enthusiastas pela pureza e correcção da lingua, e pelo aperfeiçoamento do gosto litterario. Vigorava sempre o sentimento classico e apertado nas regras e na copia dos latinos e gregos. Quer na forma quer no fundo mais que nenhum escriptor, o padre Francisco Manuel do Nascimento se conservara fiel ao culto em que se educara. Nicolau Tolentino, Durão, Gonzaga, Maximo Torres, José Agostinho de Macedo, seguiram a mesma escola. Bocage e o padre Caldas ousaram, todavia, abrir as azas a novos horisontes, adivinhar ideas e imagens modernas, e entregar-se aos raptos da imaginação. Na lingua, porém, trataram todos de perpetuar as tradições da primeira Arcadia, e procuravam conservar os ademans, formosura e propriedades dos classicos portuguezes. Não pode existir muito tempo esta segunda Arcadia, pelas dissensões e brigas particulares e ciumentas dos consocios, posto que como os pastores do Menalo, que se appellidavam Corydon, Elpino e Alcinio, os novos arcades se cognominassem egualmente Philinto, Alfeno, Elmano, Dirceo, Elmiro, Glauceste.

Que desenvolvimento glorioso conseguiram as sciencias! José Anastasio da Cunha mostra aos seus compatriotas as sublimidades mathematicas, ao mesmo tempo que se illustra pelos dotes de imaginação e pelo gosto litterario. Brotero, Conceição Velloso, José Bonifacio, ensinam os segredos da botanica e da mineralogia. Rodrigues Ferreira, depois de atravessar o mundo magestoso do Amazonas, desdobra na Academia memorias importantissimas. Monteiro da Rocha acompanha os vôos de Newton. Correia da Serra aprofunda a critica e a philologia. Escriptos historicos, criticos, philologicos, se começam a publicar, desdobrando os quadros do

passado sem prejuizos nem prevenções. Pascual José de Mello, Lobão, Abade Serra, Pedro Ribeiro rivalisam com o bispo d'Elvas, D. José Joaquim de Azevedo Coutinho e com o brazileiro Dr Mello Franco. Custa decerto a crer que ao lado de uma nacionalidade que se definha, erga-se a sciencia com magestade, e as lettras patenteem um impulso proficuo.

Não emmurchecem as glorias de Diniz, de Garção, de Quita e de Basilio de Gama, as palmas colhidas por Francisco Manuel, Gonzaga, Bocage, Tolentino, Durão: mais se encarecem mesmo porque dos primeiros partira o impulso salutar, que ennobrece o pensamento.

Ao poemeto caustico, espirituosamente attico do Hissope de Diniz correspondem as satyras finas e jocosas de Tolentino; á correcção perfeita, á pureza do metro, á linguagem castigada, á arte espantosamente bella de Garção, que despreza a rima, para aproximar a versificação portugueza á latina, e attrahe a admiração pela melodia concisa da phrase e robustez e graças do estylo, Bocage e Thomaz Gonzaga oppoêm canticos opulentissimos na riqueza e harmonia, na soada musical e na suavidade dos affectos. As estrophes gregas, e por vezes duras e exageradas, de Diniz, contando os heroicos feitos de Duarte Pacheco e Affonso d'Albuquerque, arremette com apreciavel felicidade, Francisco Manuel do Nascimento com vôos altivos das suas odes aos novos Gamas, á liberdade da America, e ás glorias da lingua e da nação portugueza. As eglogas e bucolicas, em que Quita rivalisara com Rodriguez Lobo, não trepidam Curvo Semedo e Bocage em propôr justas, sem receio de vencimento. Patenteava Basilio da Gama aos olhos europeus um panorama novo e abrilhantado de incognitas côres, ousando, primeiro que nenhum outro poeta do mundo, pintar a natureza brazilica, esboçar scenas da historia americana, opulentar o painel com as arvores,

os passaros, o perfume das flores e o diaphano do ceo da sua patria, e escrever um romance em verso a respeito de acontecimentos verificados nas margens do rio Uruguay, e nas saudosas missões Guaraniticas, seguindo os exemplos de Cortereal, Quevedo, Ercilla, Rodrigues Lobo e de outros poetas antigos, que não dispondo de genio para poemas epicos e heroicos, se satisfaziam em derramar poesia em narrações em verso. Santa Ritta Durão colloca-se quasi a seu lado, recontando o descobrimento da Bahia, os amores de Caramurú e Paraguassú, e os usos e costumes, lutas e guerras dos Tupinambas contra os Portuguezes descobridores do solo brazileiro. Não tange tão deliciosamente a lyra artistica, mas orna sua composição de bellezas apropriadas e dignas de apreço. Diniz da Cruz, residindo os ultimos annos de sua vida no Rio de Janeiro, chanceller da Relação, pretendeu americanisar-se, iniciando nova poesia com as lendas brazilicas; ahi tambem Claudio Manuel da Costa lhe rouba o segredo, mais susceptivel de ser adivinhado na natureza por um filho do proprio solo que por um extranho, que o pinta mas não o sente como aquelle que o tem no coração, e lega a posteridade a sua Villa Ricca.

Refulge uma seiva de inspiração na quantidade de poetas do fim do seculo, uns didaticos, outros epigrammaticos, estes imitadores, aquelles procurando novas athmospheras. Acima de todos, todavia, paira como aguia pela elevação do pensamento, e pela unção mystica, o padre Antonio Pereira de Souza Caldas, orador sagrado, que na sua epocha só depara rivaes em frey Francisco de São Carlos, seu compatriota, e ás vezes com José Agostinho de Macedo, desigual nos vôos, mas instruido, e eloquente nos seus momentos felizes.

Prendia-se esta litteratura ao seculo XVI, pelas suas tradições e tendencias; pelas necessidades em que se achava

de apurar a lingua corrompida da primeira metade do seculo XVIII, abastardada com vocabulos e enxertias extranhas, que lhe roubavam o lustre e galas antigas; pela educação latina e grega, que, posto robustecesse e aperfeiçoasse o gosto, tendia a afugentar a originalidade do pensamento, produzindo não raro a mistura das imagens do polyteismo com as clarões brilhantes das crenças christães, e uma confusão lamentavel, sempre que ás imitações classicas se procurava ligar a idea moderna, para comprehensão dos coevos. Constituia, pois, uma anomalia, e devia desapparecer ao despontar o seculo XIX, restando como historica, bem que digna de memorar-se pela suas bellezas e galas. As litteraturas são expressões das suas epochas respectivas; a da ultima metade do seculo XVIII representa mais uma transição que a imagem da sociedade, em que se desenvolvera; fôra um clarão, um meteoro, no meio de uma nacionalidade prostrada, um aborto inesperado e facticio que prestou, no entanto, relevantissimos serviços, exterminando o gosto depravado de conceitos e influencias de Hespanha que, na monarquia portugueza, nullificara o culto das lettras e o conhecimento do verdadeiramente bello e do verdadeiramente sublime.

Quer isto dizer que não devemos ler os livros litterarios de era tão notavel debaixo d'esse ponto de vista? Não, mil vezes não. N'elles se despara uma licção importantissima de lingua e gosto correcto e admiravel, ainda que elles pareçam pertencer a outra epocha, a outro espirito inspirador, a outras circumstancias e athmosphera. Quanto se não lucra com o atticismo e perfeição artistica de Garção, com as misticidades sublimadas do padre Caldas, com as maximas e doutrinas doutamente expostas, engenhosamente deduzidas, correctamente esboçadas de Francisco Manuel do Nascimento? Quanto nos não agrada esse livro

firmamento, a que nos conduzem Basilio da Gama e Durão, desconhecido até então, e que deve na nova poesia inspirar mais originalmente, e opulentar os horisontes da imaginação?

Quem se não extasia diante do seguinte trexo de Garção, que imita a maneira de Horacio, não lhe ficando inferior em valentia e perfeição, ao resistir á sorte dura e cruel que o persegue, carregado de familia, e ameaçado da masmorra?

Assim, assim, a misera pobreza
A contraria fortuna
Deve immovel soffrer uma alma grande,
O Sousa esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide;
Dorme no duro chão tão descançado,
Como no leito brando,
O intrepido varão que do destino
Prova os fataes revezes.

Com que doçura e melodia descreve Garção as dôres de Dido na famosa cantata, que não encontra rival na lingua portugueza!

Já no rouxo oriente branqueando
As prenhes velas da troyana frota
Entre as vagas azues do mar doirado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ululando,
C'os torvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.

Só ermas ruas, só devastas praças
A recente Carthago lhe appresenta.
Com medonho fragor da praia núa
Fremem de noite as solitarias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cupolas soberbas
Piam nocturnas, agoureiras aves.

Do marmoreo sepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvio as frias cinzas
Do defunto Lichencom debeis vozes,
Suspirando chamar: — Elisa! Elisa!

Que reminiscencia admiravel do poeta de Tibur o trecho seguinte da pintura do homem forte!

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes,
Ouça afiar na pedra o curvo alfange,
Soffra no potro asperrima tortura,
Não perde a côr do rosto.

Francisco Manuel, o mestre, o mais erudito dos cultores da lingua portugueza, e que ás vezes pecca por faze-la voltar muito atraz do seu seculo, e restaura-la como na era do seculo XVI, sublima-se entretanto em varios canticos, enternece-se e melancholisa-se em outros, critica e satyrica não raro com uma graça correcta e aprimorada. Ha tanto que aproveitar nos seus livros originaes ou traduzidos, que se lhe deve applicar leitura demorada e estudo escrupuloso. Como é arrebatador no cantico que dedicou á morte de Bocage, quando lhe ferio os ouvidos a nova do infeliz evento!

Elmano, ó vate! A abelha em teu moimento
Sempre o seu mel componha:
Manná dos ceos e balsamos d'Arabia
Ali distillem, louros inverdeçam,
Heras, nevados lirios!
Basto rosal com mil botões o abraze!
Mangerona, tomilho e a flor vermelha
Que anuncia em queixumes
De Ajaz a dor, n'um ai tinto em seu seio!
Do lado as nymphas, nymphas do aureo Tejo
E as indicas Nereas
Com lagrimas a campa lhe humedeçam!

Como se eleva na ode á Liberdade!

Por insolitos mares,
Calçando insanos medos,
D'além Colombo, d'aqui o inclito Gama,
Vão tremular occidentaes bandeiras
Entre povos que ajoelham
Ante homens numes, do trovão senhores.

Eis já, Cabral, descobres
Os Brazís não buscados:
C'os salgados vestidos gotejando
Pesado beijas as douradas praias
E aos povos que te hospedam
Ignaro do vindouro, os grilhões lanças.

O que mais espanta em Francisco Manuel do Nascimento é que por causa de passar por adverso a frades e traductor do Tartuffo de Molière, a Inquisição lhe decretasse a prisão. Não havia perigo de fogueira, já não devia temer-se de tormentos e torturas, mas amedrontavam ainda a masmorra e os processos. Ao esbirro que se lhe apresentou em casa, em 1778, com a ordem do tribunal, resiste Francisco Manuel com um punhal, e foge. Quatorze dias esteve escondido até embarcar-se, sob as vestes de marinheiro, em navio francez que seguia para o Havre. Medonha tempestade ameaçou-o de arribar ao Porto e cahir nas mãos dos inimigos. Chegou felizmente á França. Viveu em Pariz e Hollanda, pobre, indigente, mendigo, ás sopas da beneficencia, algumas vezes soccorrido pelo duque de Marialva e por Antonio de Araujo quando diplomatas portuguezes em França. Quarenta annos de exilio supportou sem mais voltar a Portugal, em 1818 expirou em Pariz. Como pode cultivar tão esmeradamente a lingua, como lhe não corromperam o fallar, o dizer apropriado e vernaculo portuguez?

Datam de París quasi todas as suas composições litte-

rarias, e a sua poesia, echoando em Portugal, conservava o fogo sagrado dos seus discipulos, e o tornava o primeiro e principal representante das lettras patrias no genero grego-romano, continuando as tradições de Garção e de Diniz, e propagando a missão da primeira Arcadia.

Com excepção de Bocage, e em um assumpto, de Diniz, Durão e Basilio da Gama; deixado de parte o padre Sousa Caldas, que se constituira o apostolo encarregado de ferir as cordas da lyra religiosa, e de commover a alma com as reminiscencias biblicas e a pintura da alma abrazada em mysticismo, antes que Chateaubriand e Lamartine echoassem harmonias celestes e inspiradas n'essa nova expansão da poesia ; todos os vates e litteratos portuguezes e brazileiros da segunda metade do seculo XVIII, pertencem á escola classica, e não descobrem bellezas fora das regras de Aristoteles, e menos além do circulo traçado ao pensamento e á imaginação pelos latinos, cuja leitura os deliciava. Vibra uma imagem mais ou menos terna e melancholica, refulge um raio de luz sublime, que parece destacar-se da athmosphera em que giram, mas a formula ahi se revela tão vigorosamente que quasi desapparece o original, e apparece a copia, posto que matisada de infinitas bellezas, que hão de ser admiradas sempre que se fallar a lingua de Vieira, de Camões, de Luiz de Sousa e de Ferreira.

Não consideravam a poesia senão como arte, e sob este ponto de vista a formula não passava de uma só, adoptada e aceita geralmente. Á ella cumpria curvar-se a idea, sujeitar-se o pensamento, accommodar-se a imagem, sem liberdade para o arrojo e nem para o devaneio. Não admittiam que as sociedades se transformam, os usos e costumes se modificam e a humanidade caminha progressivamente, nada deixando de estavel no estadio percorrido.

Era sómente defeito de Portuguezes e Brazileiros? Não, porque não se differençavam no sistema os vates de França, Inglaterra, Italia e Hespanha durante o seculo XVIII. O revolucionario Voltaire apertava seus heroes e heroinas tragicas, arrancadas á historia moderna, em tãoa pertados grilhões artisticos, que se confundiam com os dos dramaturgos gregos, sem que se lhes aproximassem em formusura e graças; e o democrata Alfieri convertia Saul em grego, e Fellipe II em romano, tanto se deixava subjugar pelo gosto classico!

Considerar-se-ia Bocage o primeiro poeta da lingua, si não fôra arrebatado e exagerado nos improvisos, que espantam pela expansão livre e agradavel; si não subira e descera com rapidez nas composições mais trabalhadas, e que revelam, entretanto, inspiração poderosa, e um sentimento por vezes melancholico e arrebatador. O publico mais o applaudia, porque se extasiava diante de seus versos repentistas, suas imagens empoladas, suas satyras pungentes, seu sceptico pensamento. Uma desgraçada escola deixou, que o imita nos vicios e defeitos, e não possue, todavia, os dotes elevados de sua imaginação fecunda. Razão tinha quando ao expirar, soltou as endeixas do adeus em phrases tão repassadas de tristeza e arrependimento.

Não mais, ó Tejo meu, formoso e brando
A margem fertil de gentis verdores,
Verás d'alta Ulissea um dos cantores,
Suspiros no surco metro modulando

Rindo não mais verás, não mais brincando
Por entre as nymphas e por entre as flores
O choro divinal dos nús amores
Dos Zefiros azues o affavel bando.

C'o a fronte já sem myrto e já sem louro
O arrebata de rojo a mão da sorte.
Ao clima salutar, á margem d'ouro.

Ei-lo em fragas de horror, sem luz, sem norte!
Sôa d'aqui, d'ali piado agouro:
Sois vós, desterro eterno, ermos de morte.

Meu ser evaporei na lide insana
Do tropel de paixões que me arrastava,
Ah! cego eu cria: Oh! mesmo eu pensava
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que immensos sões a mente ufana
Existencia em fallar me não dourava!
Mas eis succumbe a natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem damna.

Prazeres socios meus e meus tyrannos!
Esta alma que sedenta em si não coube
No abismo vos sumio dos desenganos.

Deus! Oh Deus! Quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Eu me arrependo: a lingua quasi fria
Brade, em alto pregão, á mocidade.
Que atraz do som phantastico corria.

Outro Aretino fui! A santidade
Manchei..... Oh! si me creste, gente impia,
Rasga meus vozes? Crê na eternidade!

Na ternura, na melancholia corre pareas com Bocage Thomaz Antonio Gonzaga. Que serie de infelicidades e desventuras percorrem a maior parte dos mais excelsos vates da epocha! Garção morre no carcere, Francisco Manuel do Nascimento no exilio, Basilio da Gama volve á patria natural, arrasta-se na penuria de meios, e soffre a prisão no Rio de Janeiro, quando demittido de seus empregos, ao perder Pombal o poder, teve de deixar Lisboa. Bocage, depois de vagar pela India perseguido e mendigo, já nas masmorras da Inquisição, e deve sua salvação a um poderoso e admirador de seu talento. José Anastacio da Cunha é arrancado da sua cadeira de professor na

Universidade para provar a escuridão dos ergastulos do Santo Officio. Thomaz Gonzaga acaba em desterro em Moçambique, quasi sinão de todo enlouquecido, por se lhe imputar crime de lesa magestade, de levantamento da capitania das Minas Geraes, elle magistrado, elle dezembargador já nomeado para a Relação da Bahia.

Já se me vai, Marilia, branquejando
Louro cabello que circula a testa
Este mesmo que alveja vai cahindo.
E pouco já me resta.
As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza de meus olhos,
Tudo se vai mudando.
Si quero levantar-me as costas vergam,
As forças de meus membros já se gastam,
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pezam-me os pés e arrastam.
Si algum dia me vires d'esta sorte,
Vê que assim me não põem a mão dos annos;
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos
Fazem meus damnos.

Leu-se-me emfim a sentença
Pela desgraça firmada:
Adeus, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia
Que farei? Irei morrer.

Que vá para longas terras
Intimaram-me eu ouvi!
Por deixar os patrios lares
Não me fere o sentimento,
Porém, suspiro e lamento,
Por tão cedo te perder!

Ainda entoara queixumes amarguradas nas cadeias de Rio de Janeiro, mas que poderiam inspira-lo os horridos areaes da costa oriental da Africa, os immensuraveis desertos de pretos selvagens, onde tinha de acabar seus dias pela terrivel sentença de desterro perpetuo em Moçambique?

É contrastavel, como assumpto curioso, a situação de Portugal nos ultimos vinte annos do seculo XVIII com a da Europa, onde raiava, desordenada, turbulenta, ameaçadora, tempestuosa uma era extraordinaria, mas que levantava os animos para grandes commettimentos!

A America do Norte erguera-se e proclamara uma republica democratica. Em Inglaterra o governo livre já funccionava, e o Parlamento echoava todas as vozes e reclamações do paiz, e unico legislava ao passo que fiscalisando o poder executivo o continha, e ás vezes, o fazia passar de um para outro partido politico. França ouvia e lia com avidez os escriptos e livros de seus philosophos, que preparavam a revolução social e religiosa, que não tardou em rebentar estrepitosa e convulsamente, e que alastrou todo o solo de destroços e ruinas. Havia no ar, pairavam na athmosphera de Allemanha, de Italia, nuvens carregadas de tormentas, e os espiritos se dispunham a resistir ao extraordinario cataclismo, ouvindo roncar ao longe o trovão, e scintillar o raio.

Hespanha e Portugal dormiam, entretanto, tranquillamente, não pensando no futuro e só cuidando de seus santos, de seus conventos, de suas reliquias, de suas festas ecclesiasticas, de seus costumes atrazados. Portugal, apezar do impulso vigoroso de Pombal, que o accordara do dormir soturno, e que durante vinte e sete annos caminhou parecendo regenerar-se e retemperar-se em novas ideas e aspirações, recahio de repente no seu antigo lethargo, apenas faltou-lhe o braço de ferro do energico e despotico ministro de D. José, que o alçara ousado e violento, e lhe mostrara o futuro!

A corte portugueza voltara a seus exercicios de devoção e beatismo, povoada de novo de frades, confessores e fidalgos pobrissimos e ineptos. A rainha entregava-se a

orações mysticas, e posto que respeitadora da memoria de seu pai, diante das ameaças espirituaes, que dirigiam a sua timorata consciencia, assignava quantas resoluções lhe eram exigidas, annullando as providencias de Pombal, e desfazendo os progressos que fôra a nação adquirindo. Não passara seu consorte e tio, D. Pedro III, de um fanatico, instrumento cego do clero, que poderosamente coadjuvava empregando a influencia sobre D. Maria I. Em todas as salas do palacio notavam-se nichos de santos, e murmuravam-se terços com velas e lampadas accesas: repozeram-se nos altares as imagens dos jesuitas do calendario, que o marquez ordenara se retirassem d'elles; accrescentava-se por decreto regio o posto de Santo Antonio, elevado a major adjudante do regimento de Lagos, e dobrada a sua gratificação, porque attestava o coronel que elle era o defensor do reino, e ensinava aos soldados o caminho do ceo! Prohibiam-se que mulheres subissem aos palcos dos theatros, e entretinham-se, todavia, com grandes despezas, multidões de castrados para entoarem canticos das egrejas. Cinco duzias de açafatas commandadas por um frade, rancho de sopranos castrados, viveiro de musicos, grande numero de cavallos e muares, uma negrinha anãa por nome D. Rosa, vestida sempre de encarnado, copia de fidalgos cobertos de insignias, de frades com seus habitos pretos e brancos, de bispos e confessores, formavam o sequito inseparavel e permanente da rainha quando ia a Salvaterra á caça, ou banhar-se ás Caldas. Processões sobre processões de irmandades se restauraram para os passeios nas ruas, formando o prestito como o do Grão Mogol das Indias, com as casas, janellas e portas tapiçadas e cobertas de colchas, o chão entulhado de folhas de arvores, fileiras numerosas de padres vermelhos, frades pretos e brancos, fidalgos carregados de plumas, tropas,

salvas de artilheria, foguetes, mendigos, leprosos, e crianças gritando no meio do povo agglomerado. Nas grades dos conventos de freiras repetiam-se os improvisos de versos e quadras, mostravam-se papagaios e canarios que voejavam soltos, chilreando, pombinhos com fitas coloridas ao pescoço, e depois de cima cahiam confeitos, estalos e doces a regalar o confessor seraphico que animava as festas dos espectaculos, e incitava a veia dos poetas: havia ahi uma mistura de usos africanos de Marrocos, e de requinte devoto e sensualmente fanatico. Espalhando-se que o diabo entrara no claustro feminino de Alcantara, por uma janella sobre o rio, ás sombras da noite, o arcebispo mandou que as freiras todas seguissem para a Inquisição, e fossem sujeitas a processo, que se entaipasse a janella accusada, e que em toda a parede se pintassem cruzes vermelhas para que o diabo não tivesse tentações de voltar, depois de se benzer, incensar e molhar em agua sagrada todas as cellas das monjas, refeitorios, cozinhas e aposentos.

A ternura da rainha para os representantes da Egrega se apurava tão energicamente que augmentou o numero das ordens religiosas femininas, para melhor alcançar premios na eternidade. Entretanto, nunca Lisboa foi tão povoada e assaltada de ladrões, que não poupavam as noites aos transeuntes, que arrombavam casas particulares, egrejas, edificios, e roubavam tudo quanto achavavam, assassinando quando deparavam resistencia! Não havia governo, não havia politica, não havia segurança: faltava a presença de um Pombal para impôr susto aos maus e aos bons, e conserva-los tranquillos e obedientes.

Assim terminou para Portugal, convertido em joguete das tres nações extranhas, França, Inglaterra e Hespanha, um seculo, que se deveria esperar progressivo e civilisador, a não se ter opposto á acção energica de Pombal uma

reacção não menos robusta de seus successores, que na maxima parte destruio pela base o edificio que o marquez levantara, e coagio o paiz a volver a usos, tendencias, costumes, superstições e fanatismos de tempos idos, e que se não coadunam com a evolução das ideas que transformam constantemente as sociedades humanas !

FIM.

Pariz. — Typ. P. DUPONT (Cl.).182.10.1883